

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

**O SERTANEJO ALÉM-MAR:
IDENTIDADE REGIONAL E IMIGRAÇÃO GOIANA NA REPÚBLICA DA IRLANDA**

Tese de Doutorado

Reijane Pinheiro da Silva

Porto Alegre, Dezembro de 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

**O SERTANEJO ALÉM-MAR:
IDENTIDADE REGIONAL E IMIGRAÇÃO GOIANA NA REPÚBLICA DA IRLANDA**

Reijane Pinheiro da Silva

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de doutor (a) em antropologia social.

Orientador: Dr. Ruben George Oliven

Porto Alegre, dezembro de 2011

O Sertanejo Além-Mar: identidade regional e imigração goiana na República da Irlanda

Tese de Doutorado em Antropologia Social
Reijane Pinheiro da Silva

Aprovada em: _____

Banca examinadora

Professor Dr. Álvaro Heidrich - UFRGS

Professor Dr. Ari Pedro Oro - UFRGS

Professora Dra. Bela Feldman-Bianco - UNICAMP

Professor Dr. Ruben George Oliven (Orientador) - UFRGS

Porto Alegre, Dezembro de 2011

Agradecimentos

Quatro anos se passaram desde que ingressei no doutorado em antropologia na UFRGS. Deixei minha região, onde o inverno significa simplesmente chuva, para passar uma temporada por aqui. Boa temporada, diga-se de passagem. Como “migrante” fui acolhida com carinho no PPGAS e a todos os alunos, professores e funcionários serei sempre grata por esse acolhimento.

Em especial agradeço ao professor Ruben George Oliven, meu orientador. Nossa convivência me fez ter a certeza de que títulos, prêmios acadêmicos e reconhecimento internacional não são incompatíveis com simpatia, simplicidade e generosidade. Conhecê-lo pessoalmente e tê-lo como interlocutor foi um grande privilégio. Obrigada por ter sido meu guia nessa “trilha”. Volto para as terras Cavalcante, mas levo comigo os bons momentos em que pude ouvi-lo durante as aulas, durante nossas conversas de orientação e nos almoços no restaurante do Campus. Goiás e Tocantins ficam “logo ali”. Tenha a certeza de que será muito bem-vindo e bem tratado na nossa terra. “Acolhido como um parente”, como é próprio do jeito sertanejo de ser.

Obrigada Rose Feijó pela eficiência, atenção e responsabilidade. Obrigada, principalmente, pelas conversas agradáveis, pelo sorriso sincero e pela gentileza constante. À professora Cornélia Eckert, cuja atuação frente à coordenação do programa criou as condições necessárias para que pudéssemos desenvolver nossas pesquisas, obrigada pelo profissionalismo, respeito e seriedade com que nos trata.

Aos meus amigos-irmãos: Eneida, Fernanda, Fernando, Ana Rita, Prim, Dudu, Eleusa, Gisely Leonard e Maria Eunice, obrigada pela amizade e pelo carinho. Tê-los ao meu lado, ainda que às vezes algumas estradas se coloquem entre nós, é uma das melhores certezas que carrego comigo. Amo todos vocês, por todas as nossas histórias, nossas viagens, nossos sonhos em comum e nossos projetos. Vocês são os melhores amigos do mundo.

Cristian Salain (Cris, Nêgu Jobis, *He Man*, Mano Lima), meu querido amigo, valeu por todas as forças *He Man*: por ter ido até Gravataí me buscar naquele hospital, por ter ouvido minhas lamúrias em momentos difíceis e por todas as gargalhadas. Aguardo-lhe no Tocantins. O Jalapão e os quilombolas lhe esperam. Você se perderá por lá, uma vez que é “Nêgu” como nós..rsrsr. Promessa é dívida. Como disse Saint Exupéry: “Tu te tornas eternamente...”. HAHAAHAHA.

Silvana Marzulo (Sil), não esquecerei os cuidados pós-cirurgia, os almoços no campus, os cinemas e as confidências. Você fez parte dos meus melhores e mais difíceis momentos em Porto Alegre. Obrigada por ser minha amiga e por se alegrar e chorar comigo. Nossos jantares chiquérrimos com salmão e vinho sempre terminavam em muitas risadas. Valeu por tentar transformar uma sertaneja simples em alguém mais sofisticada, por tudo isso e por todo o apoio, minha amizade sempre.

Rosana Pinheiro Machado (Rô), admirável Rosana, querida Rosana. Um das antropólogas mais inteligentes e dinâmicas que conheço. Merecedora de todo o reconhecimento e sucesso. Meu exemplo de disciplina e criatividade. Obrigada pelas festas de aniversário na sua casa, pelas infindáveis despedidas, que na verdade eram só desculpas pra gente ficar junto. Obrigada a você e a Rosária Pinheiro Machado por terem me recebido na sua casa. As portas do meu rancho estão abertas para vocês.

Cris, Sil e Ro vocês voltam comigo, de primeira classe, no meu coração.

Querida amiga e minha orientadora no mestrado Nei Clara de Lima, e querida Selma Sena, vocês são as maiores responsáveis pelos caminhos teóricos que tenho trilhado. Sou-lhes grata por me fazerem perceber a força do sertão como categoria e sentido. Esse sertão que nos escapa e se impõe, que nos aproxima e nos afasta e que se mantém como um desafio teórico e de vida. Minha gratidão, reconhecimento e admiração.

Agradeço ao CNPq e à CAPES por terem me concedido o apoio financeiro para a realização da etnografia e permanência em Porto Alegre. Apoio sem o qual a finalização desse trabalho não seria possível.

Aos meus informantes meus agradecimentos especiais, minha admiração e respeito. Obrigada pela confiança e simpatia, obrigada principalmente pela interlocução. Sem vocês essa tese não existiria. Desejo que ela seja um veículo eficiente de informação sobre as suas alegrias, conquistas e desafios.

Agradeço ao embaixador do Brasil na Irlanda, Pedro Fernando Brêtas Bastos, e a toda a equipe da embaixada por terem me recebido com atenção, pelas entrevistas e pelo apoio.

A John O'Reill, o John Goiano, meu amigo querido, meu professor de cultura irlandesa. "O anjo dos brasileiros na Irlanda". Nossas caminhadas "etnográficas" pelas ruas de Dublin foram maravilhosas. Vou admirá-lo sempre e acredito que você é merecedor da gratidão de todos os brasileiros que vivem na Irlanda.

Aos casais Vanildo e Dila Lima, Ricardo e Livia Rocha meu reconhecimento pelo excelente trabalho que desenvolvem à frente da Apoio Internacional e sinceros agradecimentos pelo acolhimento e orientação na Irlanda. A Batoré e Adriana, meu muito obrigada pela imensa contribuição durante o trabalho de campo. Espero um dia e de alguma forma retribuir parte do carinho com que vocês me trataram.

Ao Ciaran Leonard e família agradeço por terem aberto as portas da sua casa para me receber. Conviver com vocês durante esses anos de pesquisa foi uma grande alegria, contem sempre com minha amizade e gratidão.

Meus queridos amigos da UFT, obrigada por tudo. Agradeço especialmente a Josiley Carrijo, pelo incentivo para que eu buscasse os meus direitos à licença; professor Antônio Miranda, pela gentileza e incentivo, Célia Albiero, Gisely Tamarozzi, Adriana Garcia, Layana Giordana e Celso Acker pela amizade; Villian,

Sônia, Gessi e Odair Giralдин pelos projetos em comum, pelo carinho e apoio incondicional.

À banca examinadora, professora Bela Feldman–Bianco e professores Ari Pedro Oro e Álvaro Heidrich pela disposição de contribuírem através da leitura e avaliação desse trabalho. Tê-los na banca é uma honra, um privilégio e uma grande alegria.

Aos meus amigos Xerente de Tocantínia: vocês me deram um novo nome e me receberam como irmã. Fizeram-me perceber a vida através de outras dimensões. Com vocês aprendo todos os dias e por isso tenho me tornado uma pessoa melhor. Vilmar Xerente, Alexandre, Pedro, Antônio Samuru, Elizabeth, Eliete e João Xerente, Severo Xerente, meus irmãos, meus amigos queridos, perto de vocês me sinto em casa. Obrigada.

Meus alunos da UFT, meus companheiros do dia-a-dia: essa tese é também por vocês e para vocês.

As últimas palavras reservei para as pessoas mais importantes da minha vida: obrigada mãezinha linda por ser minha companheira, pelo apoio, amor incondicional e pela vida; minhas irmãs, Zizi e Rose, irmãos, sobrinhas e sobrinhos, meu afilhados amados: Nayara, Erick e Arthur pelo carinho e cuidados, Héryka e Lipe pelas orações e carinho, Sany e Lucas meus companheiros de cinema e passeios; minha prima Bianca, minha irmã mais nova, sua alegria e alto astral me ajudam sempre a manter a equilíbrio;

Andries Kempers, *schat*, meu amor, meu amigo, meu companheiro, obrigada por me suportar durante a elaboração dessa tese, pelo apoio nos momentos de “crise” e pela paciência. Obrigada ainda pelas contribuições com o inglês e com o “novo” português, pelas revisões e pela leitura do trabalho, por não se cansar de me ouvir ler e reler trechos e pelas boas críticas. Você foi o meu suporte nesses últimos meses, repartiu comigo os medos e as alegrias. Suportou com coragem uma gestante terminando tese. Isso é puro heroísmo. Beatriz, mesmo antes de chegar

você me trouxe uma imensa alegria e deu um sentido novo para a minha vida.
 Obrigada meu anjinho.

É no apoio e no amor de todos vocês que encontro a força para levar meus
 projetos adiante, obrigada por existirem e por fazerem parte da minha história.

*Para Anaídes,
Andries e
Beatriz.*

Resumo

A partir da análise de um fluxo emigratório de brasileiros de Goiás em direção à República da Irlanda, esta tese tem como objetivo compreender como os elementos da identidade regional desses imigrantes são reforçados, negociados ou negados no contexto da vida no exterior. Procurei, ainda, entender como essa experiência impacta as leituras que esses sujeitos fazem do lugar ao qual pertencem e dos lugares pelos quais transitam. A etnografia e a coleta de dados foram realizadas no Brasil e na Irlanda, entre 2009 e 2011, nas cidades de Anápolis, GO, e Tullamore, Kilbeggan e Gort, Irlanda, e teve um caráter multissituado. Considerando que as estimativas da emigração internacional no Brasil, apresentadas pelo IBGE e MRE, mostram que desde a década de 1980 o estado de Goiás se destaca como exportador de trabalhadores para o exterior, tentei identificar os elementos que alimentam a duração desse processo que, além de estar inserido no âmbito do fluxo emigratório de brasileiros na mesma década, sugere a formação de uma cultura emigratória no estado. A etnografia evidenciou que a centralidade dos elementos rurais na vida goiana permanece configurando os sentidos que os indivíduos atribuem ao mundo que os cerca, mesmo quando se deslocam para outros espaços geográficos ou se deparam com outras formas de viver e pensar o mundo. Nesse sentido, a região permanece como uma referência central da vida. Ao levarem sua música sertaneja, a comida típica, as festas de quadrilha, o berrante e as danças *country* para a Irlanda, esses imigrantes colocam no jogo das negociações identitárias sua regionalidade, evidenciando a diversidade que nos faz brasileiros.

Palavras-chave:

Emigração Internacional, República da Irlanda, Identidade Regional, Identidade Goiana.

Abstract

From the analysis of an emigratory flux of Brazilian people from Goiás to the Republic of Ireland, this thesis aims to understand how the elements of the regional identity of these immigrants are reinforced, negotiated or denied in the context of living abroad. I've tried also to understand how is the impact of that experience in the reading that these individuals make of the place they belong and those where they transit. The ethnography and the data collection were made in Brazil and in Ireland, between 2009 and 2011, in the cities of Anápolis (GO – Brazil) and Tullamore, Kilbeggan and Gort (Ireland), showing a multi-situated feature. Considering the Brazilian international emigration estimates, presented by IBGE and MRE, showing that since the 1980's the state of Goiás points out as an exporter of workers to foreign countries, I've tried to identify the elements that feed the duration of that process, which, besides of being inserted in the Brazilian emigratory flux scope (that started in the same period), suggests the development of an emigratory culture in the state. As evidenced by ethnography, the centrality of the rural elements in the "vida goiana" keeps forming the senses that the individuals ascribe to the world surrounding them, even when they go to another geographic areas or face different ways of living and thinking the world. In that sense, the Region stays as a central reference of life. By taking their "sertaneja" music, typical food, "quadrilha" parties, "berrante" and country dances to Ireland, these immigrants include their region identity in the play of identity negotiations, evidencing the diversity that makes us Brazilian.

Keywords:

International emigration, Republic of Ireland, Regional Identity, Identidade Goiana.

SUMÁRIO

Introdução	14
1 Caminhos teóricos e congruências: uma revisão da perspectiva multidisciplinar sobre as migrações	22
1.1 O Brasil e os fluxos emigratórios da década de 1980	28
1.2 Brasileiros no exterior: contexto, particularidades e experiências	34
1.3 O Governo brasileiro e os imigrantes: entre tentativas de aproximação e a manutenção dos distanciamentos	51
2 A etnografia em trânsito: seguindo o fluxo dos imigrantes brasileiros para a República da Irlanda	62
2.1 Os movimentos iniciais do fluxo Goiás-Irlanda	68
2.2 A passagem pela imigração: a loteria	71
2.3 Tullamore (Cond. de Offaly), Kilbeggan (Cond. de Westmeath)	83
2.4 Gort, Galway: <i>Little Brazil</i> na Irlanda	89
2.4.1 A Pedra	99
2.5 Anápolis: mecanismos locais da emigração e as conexões internacionais	104
2.5.1 Vila Fabril	111
3 A República da Irlanda: emigração, imigrantes e <i>boom</i> econômico	120
3.1 Great Famine e Diáspora Irlandesa: batata, velórios e viagens	124
3.2 A abertura econômica e ingressos na EU (<i>European Union</i>)	132
3.3 Os imigrantes descobrem o Tigre Celta	135
4 A identidade regional goiana: sertão, sertanejos, caipira e <i>country</i>	148
4.1 O Goiânia <i>Country</i> : a identidade em disputa	156

4.2 O rodeio em Goiás: a masculinidade na arena	161
5 Vivendo a Irlanda na carne: os brasileiros nos frigoríficos irlandeses	170
5.1 A etnografia entre sangue e vísceras e a antropóloga fora do lugar	176
5.2 “Boi na terra alheia é bezerro”: sonhos, decepções e transformações na vida dos trabalhadores brasileiros na Irlanda	182
5.2.1 Os sindicatos, os preguiçosos e os <i>hard workers</i>	188
5.2.2 A lei como coisa perdida e outros usos para a faca	193
5.2.3 O jeito goiano na terra do outro: interações culturais no cotidiano dos imigrantes	206
5.3 A Igreja para os imigrantes e as Igrejas dos imigrantes	214
5.3.1 As Igrejas pentecostais	218
6 As mulheres imigrantes: agências e interpretações	237
6.1 Interpretações e narrativas femininas sobre a experiência da imigração na Irlanda: em busca de uma vida melhor para a família	241
6.1.2 Os desafios, experiências e aprendizados das imigrantes ilegais	251
6.2 Os filhos da Irlanda	258
Considerações Finais	267
Notas Finais	274
Referências	276

Introdução

A década de 1980 no Brasil, denominada década perdida por um grupo de analistas econômicos, foi o palco dos primeiros fluxos emigratórios de brasileiros para os Estados Unidos, Japão e Europa. Entender esse movimento a partir das possibilidades que nos oferecem as ciências sociais implica em considerar as múltiplas faces que o caracterizam. As migrações de trabalhadores foram exaustivamente associadas às necessidades e rearranjos do capital, que tem nesses movimentos um dos aspectos mais significativos da sua faceta global. Especificidades da vida desses imigrantes nos espaços para os quais emigram também têm sido analisadas pelos cientistas sociais.

A minha aproximação com o tema se deu antes do ingresso no curso de ciências sociais e de qualquer contato com a antropologia. As emigrações atingiram significativamente meu núcleo de amigos em Goiânia, no final da década de 1980 e no início de 1990. Muitos dos meus melhores amigos decidiram, motivados pelos exemplos de sucesso dos que voltavam, deixar o país rumo ao velho sonho de “fazer a América” ou de experimentar as possibilidades oferecidas e alardeadas pelas imagens da qualidade de vida no Velho Mundo. Ao ver meus amigos migrarem, deixando tudo o que tinham no sentido pleno da palavra, ou seja, as amizades do bairro, a vizinhança, os colegas de infância, os familiares, as paisagens conhecidas, sempre me perguntei por que alguns foram e outros ficaram, uma vez que as crises econômicas afetavam a todos de forma democrática. Somava-se à falta que faziam os questionamentos de como estariam vivendo em climas tão diferentes, como estariam se adaptando à alimentação e se já teriam aprendido a língua do lugar. As cartas enviadas enfatizavam a dureza da rotina de trabalho e as diferenças culturais. Em uma delas uma amiga relatava seu cotidiano de faxineira em Luxemburgo, descrevendo as rotinas que tinha que cumprir e a relação

tumultuada com os padrões, que mantinham vigilância constante, alimentando um clima de ameaças quando havia desentendimentos.

As fotos retratavam os primeiros contatos com a neve e as belas paisagens do inverno, realidades tão distantes para quem nasceu e cresceu nas regiões quentes do Brasil. Os relatos de privações, humilhações e estranhamentos não condiziam, nos meus despreziosos julgamentos, com a insistência de permanecer no exterior. Posso afirmar, assumindo o risco das generalizações, que todos nós goianos conhecemos alguém, amigo ou parente que foi trabalhar em outro país. Como apontado anteriormente os que foram deixaram saudades e perguntas. Quando voltavam, sempre por pouco tempo, a força das experiências fora do Brasil estabelecia entre os que foram e os que ficaram algo como uma distância insuperável. Sugiro que se tornaram os Ulisses do mundo globalizado, sujeitos marcados por experimentarem novas terras e ansiosos pela volta para casa; as mudanças recíprocas, no entanto, fazem com que “a casa” não seja mais a mesma, assim como os sujeitos que a deixarem ou os que nela permaneceram.

Recebi ofertas de ajuda para também emigrar, no mesmo esquema de redes já utilizado, onde o empréstimo para a passagem e os arranjos de trabalho são organizados pelos amigos ou parentes imigrantes para outros amigos e parentes. Não arrisquei. Talvez o engajamento no movimento social e o ingresso na Universidade tenham sido suficientemente fortes para que eu permanecesse. Certo é que a decisão de emigrar ou permanecer, para além das motivações econômicas, é complexa e envolve mais do que uma simples escolha racional, que avalia perdas e ganhos. Diz respeito também, à busca por mudanças, à crença de que algo pode ser encontrado além mar.

O *american or european way of life*, a “busca do ouro”, chance de recomeçar, ou *save money to buy a house*, sejam quais forem os motivos conscientemente apontados, migrar implica abrir mão do familiar em direção ao estranho e em todos os sentidos é um movimento desafiador. A começar pelo trajeto que implica no enfrentamento dos espaços impessoais e grandiosos dos aeroportos internacionais, as dificuldades com a língua, o clima e as diferenças culturais provocam uma sensação de deslocamento, como constatei nas narrativas desses imigrantes. A segunda metade dos anos 1980 e primeira metade de 1990 trazem à memória os amigos que deixaram Goiás em busca de melhores oportunidades fora do Brasil e as

conversas sobre as possibilidades que a emigração poderia nos oferecer. Naqueles tempos de redemocratização as esperanças de que o país poderia melhorar desapareciam diante das crises inflacionárias e dos altos índices de desemprego. Muitos dos nossos amigos, alimentados pelas histórias de sucesso dos goianos que voltavam e certos de que valeria a pena tentar, arriscaram o que tinham, mobilizaram empréstimos de outros que já estavam fora, venderam algo de valor e investiram na viagem. Alguns construíram suas vidas com novos casamentos, novos namoros e com certeza novos amigos.

A Tese: motivação, objeto, objetivo e forma

Como é possível concluir, as motivações que me levaram a investigar a emigração de goianos para a República da Irlanda estão diretamente associadas à convivência com as histórias dos que emigraram. Além disso, em minha primeira visita ao país em 2007, em atenção ao convite de uma amiga goiana que emigrou com a família em 2000, me impressionou a expressiva quantidade de brasileiros vivendo e trabalhando em Dublin. Todos os irlandeses e brasileiros com os quais eu partilhava meu espanto me diziam coisas como “você não viu nada, em Gort há muito mais brasileiros, eles tomaram conta da cidade. Você precisa ir ao interior, em Tullamore e Gort tem muito goiano trabalhando nos frigoríficos de lá”. Em 2007 não fui à Gort nem a Tullamore, mas a permanência na capital me colocou diante da realidade e cotidiano de muitos imigrantes, o que me fez pensar sobre as possibilidades de uma pesquisa que priorizasse o olhar desses sujeitos sobre os desafios que o ato de migrar impõe. As formas de interação com os nacionais, a vulnerabilidade a que estão expostos os ilegais, além dos arranjos que os permitem emigrar e viver fora me sugeriram a possibilidade de entender que a empreitada implica em impactos para além dos objetivos diretamente apontados pelos agentes que, em geral, indicam que emigraram para “comprar a casa própria, juntar dinheiro e começar um pequeno negócio”. Nessa direção, o objetivo dessa tese é compreender como elementos da identidade regional dos imigrantes são reforçados, negociados ou negados no contexto da vida no exterior e como essa experiência impacta as leituras que esses sujeitos fazem do lugar ao qual pertencem e dos lugares pelos quais transitam.

Dessa forma, ouvi-los é o grande desafio desse trabalho. Os diálogos acerca das suas experiências, à luz das contribuições das ciências sociais, é o caminho metodológico escolhido. Entender como esses sujeitos leem aspectos do mundo que experimentaram, as relações que estabeleceram, sejam elas de amizade ou trabalho, contribuirá para que as discussões em torno de categorias como local e global possam ser ampliadas. Dado que o movimento denominado globalização é o contexto em que ocorrem as emigrações, estudar o empreendimento emigratório desses sujeitos do interior de Goiás, considerando suas agências e leituras, mesmo que não nos traga respostas definitivas sobre o que se convencionou chamar globalização, pode nos desafiar com mais perguntas.

O que a princípio pode parecer um tema novo de pesquisa, uma vez que para a minha dissertação de mestrado pesquisei as representações da identidade goiana no chamado movimento *country*, na verdade demonstra a recorrência do tema identidade regional na minha trajetória de pesquisadora. Se durante o trabalho de campo para o mestrado etnografei as festas agropecuárias e os rodeios, frequentei bares de temática *country*, analisei propagandas e letras de música sertaneja, durante a etnografia na Irlanda assisti a apresentações de dança *country*, participei de churrascos ao som das duplas sertanejas, e me vi sempre às voltas com homens de chapéu de abas largas, cintos com fivelas prateadas e botas de bicos pontiagudos. Visitar um frigorífico¹ e deparar-me com bois e currais, obviamente em contextos e com objetivos distintos, me fizeram pensar mais especificamente, como abordo no capítulo cinco, sobre a força da identidade rural nos processos culturais e econômicos e na constituição do que seria a identidade regional goiana (Silva, 2001).

A pesquisa que resultou na tese que agora apresento envolveu diretamente alguns conceitos densamente abordados no âmbito das ciências sociais em geral e no âmbito da antropologia em especial: migração, identidade regional, local e global estão estabelecidos como temas clássicos nas nossas ciências e motivam as mais variadas interpretações de fenômenos sociais contemporâneos, a exemplo dos fluxos migratórios de brasileiros para o exterior. Um grande desafio que se apresenta

¹ Frigorífico Friboi JBS, localizado na Avenida Matadouro, Vila Fabril, Anápolis, GO. A mão-de-obra dispensada do antigo Bordon, atual Friboi, foi contratada por frigoríficos irlandeses a partir de 1999, o que deu início ao movimento emigratório de anapolinos para a República da Irlanda.

em qualquer pesquisa é analisar as oportunidades que os conceitos e as análises nos oferecem para que os fenômenos que pesquisamos sejam mais bem compreendidos. Acredito como propõe Peirano (1995), que o caminho é submeter os conceitos a um diálogo constante com os dados etnográficos. Assim, mais do que registrar a polifonia presente no campo, nossos textos serão construídos a partir dos diálogos que travamos com os nossos informantes. Nesta tese o registro das interpretações nativas tem esse objetivo, qual seja mostrar que as leituras da antropóloga e dos “nativos” contribuem para que a complexidade e particularidade do fenômeno “goianos na Irlanda” sejam mais bem compreendidas. É claro que como “dona da escrita” desse texto, reconheço o privilégio e o poder da minha condição, por outro lado também reconheço que o confronto com os olhares dos informantes garante a fecundidade das reflexões que a tese propõe.

A forma como este trabalho está estruturado reflete o caminho que percorri em busca de alcançar o objetivo da pesquisa. A expectativa do começo meio e fim ou o desafio de apresentar um texto linear esbarra em uma condição inerente ao processo que analiso: os imigrantes ou ex-imigrantes que encontrei estão em movimento, acompanhei-os na Irlanda, em Goiás e literalmente em trânsito, pois pude também acompanhá-los durante as viagens de ida e volta ao país. Realizei uma etnografia multissituada, como apresento no segundo capítulo. Nesses moldes, o texto reflete esse ir e vir das observações, bem como o ir e vir das interpretações dos imigrantes. Reflete, ainda, a busca pelos sentidos que os sujeitos em questão atribuem ao mundo ao qual pertencem e ao mundo que conheceram. Nesse sentido este texto é um quadro, uma composição feita a partir das experiências dos imigrantes goianos na Irlanda. Por outro lado, como texto antropológico, ele só se realiza sustentado nos diálogos com os textos de outros antropólogos e cientistas sociais. Dessa forma, no primeiro capítulo dessa tese apresento uma breve revisão de algumas perspectivas teóricas adotadas nas pesquisas sobre migração no âmbito das ciências humanas. Considero autores que abordam a temática no contexto de consolidação do modelo capitalista de produção no século XIX, como Ravenstein (1885) e Thomas e Znanieck (1994), autores contemporâneos da sociologia, economia e psicologia, além de Appadurai (1988, 1990, 1996, 2009), Hannerz (1997, 1998), Bauman (1997, 2005, 2007) e Hall (2000, 2006), cujas análises sobre

globalização e fluxos tornaram-se base para um debate sobre os nossos tempos.

Ainda no primeiro capítulo abordo as pesquisas realizadas sobre “brasileiros no exterior”, a fim de contextualizar o fluxo migratório de brasileiros para a Irlanda dentro de um processo mais amplo que teve início do Brasil na década de 1980. Nesse capítulo defendo a ideia de uma abordagem multidisciplinar sobre o tema das migrações internacionais e aponto as particularidades próprias das migrações de brasileiros para o exterior, a partir de pesquisas realizadas no âmbito das ciências humanas e sociais. Considerando que as motivações e as articulações de cada processo migratório possuem características diversas, considero importante diferenciar as migrações de brasileiros para os Estados Unidos das migrações para o Japão, Espanha, Portugal e Paraguai.

No segundo capítulo, a partir de considerações sobre o trabalho de campo (Malinowski, 1976; Peirano, 1995; Appadurai 1988), analiso as oportunidades e limites da pesquisa multissituada que realizei, bem como mostro o percurso que segui durante a realização da etnografia, apresentando as cidades onde a etnografia foi realizada e as conexões que se estabeleceram no Brasil, especificamente em Anápolis, GO, tornando o fluxo de imigrantes goianos constante.

No terceiro capítulo, aspectos da história e as transformações vividas pela Irlanda nos últimos anos, além das condições econômicas que reverteram a tradição emigratória do país tornam-se a base para a compreensão dos motivos que o levaram a se tornar uma alternativa atraente para trabalhadores emigrantes de várias partes do mundo. Neste capítulo busquei as contribuições de autores clássicos como Engels (2007) e Tocqueville (2000), além de historiadores, sociólogos e antropólogos irlandeses contemporâneos. A identidade regional goiana é o tema do quarto capítulo. A apresentação das discussões sobre Goiás e a recorrência às representações de estado rural, caipira, sertanejo e mais recentemente *country* constituem-se fundamentais para que o lugar de origem dos imigrantes seja situado e para que se compreendam os traços principais do jeito de ser comum a esse grupo. Nas discussões sobre identidade regional, autores como Oliven (2006), Alem (1996), Lima (2006, 2003), Sena (2003), Holanda (1999) e Sahlins (2003), além de clássicos da historiografia e da literatura nacionais, compõem a base teórica das reflexões.

No capítulo cinco, o foco são as experiências dos trabalhadores goianos na Irlanda e a forma como vivenciam elementos da identidade regional nas linhas de produção dos frigoríficos, nas igrejas que estruturaram no país e no cotidiano das comunidades que estabeleceram. As interpretações que esses imigrantes elaboram acerca do processo de interação como os nacionais cumprem um papel fundamental nessa tese, qual seja o de elucidar a força que as referências culturais do local de origem exercem sobre a experiência internacional, ou melhor, o lugar da identidade regional desses sujeitos no processo de interação social em contextos de imigração internacional. No quarto e quinto capítulos me apoio também nas contribuições de Feldman – Bianco (2009, 2001, 2007, 2000), Oro (1997, 2002), Bourdieu (1992), além de autores que estudaram as categorias caipira, sertão, sertanejos e especificamente a cultura goiana.

No capítulo seis o registro das leituras femininas sobre a imigração apresenta outro tipo de capital a ser conquistado. Além dos desejos de adquirir a casa própria ou ter dinheiro para iniciar um pequeno empreendimento no país de origem, muitas imigrantes consideram, contrariando os objetivos iniciais do projeto migratório, permanecer na Irlanda a fim de que os filhos concluam o ensino superior em um país europeu. Nesse sentido, o capital cultural, da forma como o concebe Bourdieu (1992), torna-se o bem mais importante que essas mulheres pretendem relegar aos filhos. Aspectos relacionados ao lugar social que ocupam no Brasil e na Irlanda também pesam na decisão dessas mulheres de voltar ou permanecer.

As abordagens contemporâneas sobre o conceito de identidade permitem a consciência de que identidade é uma referência que em certa medida pode ser negociada. Seu caráter dinâmico e os processos que envolvem “identificar-se” apontam para a impossibilidade de uma concepção essencialista. Por outro lado, considerar que as referências identitárias estão completamente submetidas à fluidez e flexibilização não corresponde ao que a etnografia me apresentou. A pesquisa de campo trouxe evidências da força das referências regionais na reelaboração da vida dos imigrantes goianos na Irlanda.

Ao longo da tese mostro que as formas de interação dos imigrantes com os nacionais, com os colegas de trabalho e com os conterrâneos são mediadas pelas referências do local de origem, pela sociabilidade conhecida, e não pela adesão a um individualismo predominante nos centros cosmopolitas (Hannerz, 1997). Esses

sujeitos movimentam-se, observam, interpretam, relacionam-se e vivem entrelaçamentos culturais, experiências que os impactam, mas o lugar ao qual pertencem continua como referência sólida e organizadora do mundo. A partir das considerações de Appadurai (1996), direcionei minha preocupação para as relações e para os processos conduzidos pelas agências dos imigrantes. Dessa forma procurei identificar, a partir da etnografia, as formas como eles conduzem o seu movimento migratório, bem como as formas como lidam com as novas realidades com as quais se deparam.

Caminhos teóricos e congruências: uma revisão da perspectiva multidisciplinar sobre as migrações

Do ponto de vista geral a produção teórica clássica sobre as migrações tem como referência fundamental a obra do geógrafo e cartógrafo inglês Ernest G. Ravenstein: *The laws of migration* (1885). O autor dedicou-se a explicar os intensos fluxos internacionais que marcaram a passagem entre os séculos XIX e XX, deduzindo suas explicações do recenseamento britânico de 1881. Esse trabalho caracteriza-se pela proposta do autor em identificar as leis da migração, tornando-se referência fundamental na constituição das explicações teóricas posteriores. Classificações fundamentais emergiram da obra de Ravenstein, tais como a de imigrante temporário, imigrante de curta e média distâncias, migrações por etapas, regiões de atração e repulsão (*push-pull*), efeito da distância, contra corrente e ação de estímulos econômicos. A teoria do *push-pull*, que considera que há para os migrantes fatores de atração e repulsão (Jackson, 1969), largamente utilizada nas ciências econômicas quando se ocupam da temática, é sem dúvida inspirada nas contribuições de Ravenstein.

A base dessa teoria é a concepção de que o indivíduo, de posse das informações relativas à sua condição econômica, elabora cálculos racionais levando em conta as vantagens e desvantagens do ato de migrar. Este seria, portanto, um agente racionalmente orientado. Os fatores a ele externos teriam seu papel no processo de decisão, mas atuariam sobre um agente dotado de motivação racional. No contraponto das teorias sociológicas estruturadas no século XIX, sustentadas em leituras holistas e macroestruturais, diretamente vinculadas a Karl Marx, Émile Durkheim e T. Parsons e mais especificamente aos estudos de população por Thomas Malthus, cujo foco era a relação entre crescimento populacional e fome (Roll, 1962), Ravenstein inova ao propor que se considere o agente como

responsável pela decisão de migrar ou permanecer. Para os clássicos citados, as migrações estariam diretamente vinculadas ao desenvolvimento do capital e da sociedade industrial e seriam inerentes ao expansionismo que caracteriza esse modelo produtivo. As expulsões de trabalhadores que resultavam do cercamento dos campos comuns, a pauperização dos artesãos e o êxodo rural impulsionariam os trabalhadores europeus a buscarem alternativas nas migrações. Para Malthus, o crescimento populacional teria como consequência direta a migração, uma vez que o espaço e produção de alimentos se tornariam insuficientes para suprir as necessidades do contingente populacional. Durkheim aponta em seus trabalhos que a substituição dos laços tradicionais de solidariedade das comunidades rurais por vínculos baseados na organicidade da vida industrial causaria conflitos que só cessariam com os ajustes necessários para que o indivíduo se integrasse à nova ordem moral.

O tema migrações impõe-se aos pesquisadores das ciências sociais quando no século XX se intensificam os movimentos de pessoas para os Estados Unidos, principalmente oriundos do leste europeu e da Irlanda. O trabalho de Thomas e Znanieck, *The Polish Peasant in Europe and America* (1984), torna-se a referência clássica do século XX, antecedido em importância apenas por Ravenstein. Esse trabalho torna-se referência fundamental por apresentar os incômodos causados pela presença dos imigrantes nas sociedades nacionais, quebrando laços tradicionais de solidariedade social. A escola de Chicago foi muito influenciada pelo trabalho desses autores. O tema “cidades”, central nas pesquisas do grupo, conseqüentemente os levou a estudar a conformação dos estrangeiros imigrantes ao espaço urbano (Park, Burgess, Mackenzie, 1967). Boa parte dos trabalhos desse grupo sugeria que esse processo seria de gradativa assimilação, ideia sintetizada no conceito de *melting pot*. Duramente criticado pelas teses que defendiam a afirmação étnica dos grupos de migrantes, essa possibilidade teórica não correspondia à realidade de conflitos étnico-raciais que marcaram as relações entre nacionais e estrangeiros nos Estados Unidos do início do século XX.

No âmbito da sociologia econômica, constituíram-se propostas de interpretação sinteticamente associadas ou à macrossociologia, cujos melhores exemplos são as explicações estrutural-funcionalistas e marxistas, ou a uma microssociologia, orientada pelos princípios teóricos da sociologia weberiana da

ação. Para a macrosociologia importa identificar as forças sociais estruturantes, a exemplo das propostas histórico-estruturais que consideram o movimento do capital como motivador do movimento de pessoas. Na direção dessas teorias as migrações em questão devem ser compreendidas como associadas à reestruturação produtiva que ocorre no âmbito da globalização internacional do capital (Patarra, 2006). Nas análises microsociológicas, o privilégio analítico é dado ao agente individual. É a racionalidade individual, que diante de um contexto econômico ou social, orienta as decisões, onde custos e benefícios são avaliados.

No final da década de sessenta, Jansen (1969, p. 60) sugere a impossibilidade de que o tema migração seja compreendido por um único viés analítico ou teórico. A defesa da complexidade do tema e da necessidade de que ele seja tratado de forma interdisciplinar fez com que o autor o apontasse como de múltiplo interesse, considerando sua complexidade. A migração é para ele um problema demográfico, uma vez que influencia a dimensão das populações na origem e no destino. Sua faceta econômica está vinculada ao fato de que os desequilíbrios econômicos entre áreas podem impulsionar o movimento de pessoas. O caráter político das migrações reside nas restrições de circulação de pessoas postas pelas fronteiras entre os países.

A dimensão psicológica envolvida na experiência da migração tem ocupado muitos pesquisadores preocupados com as implicações subjetivas de viver fora de casa, experimentando a “alteridade” no sentido mais amplo da palavra. Ferreira (2005) mostra como a experiência de ultrapassar fronteiras geográficas pode significar a “desarticulação do eu”, buscando o familiar para retomar sua integridade e reconstruir os sentidos que organizam sua estada no mundo. Como psiquiatra, o autor acompanhou trabalhadores nordestinos da construção civil em São Paulo vítimas de surtos psicóticos e concluiu que a “estranheza” com a cidade os violentava, uma vez que, alheios a tudo que os cercava, passavam a viver a dura experiência da solidão e da ausência dos laços afetivos. O surto seria segundo Ferreira uma reação ao estranhamento, uma tentativa de expulsar o outro, o estranho materializado na construção civil e na rotina estafante de longas jornadas de trabalho, “destituídos de lazer e de relações familiares” (p. 157). Rollemberg (2005, p. 211) defende a ideia de que o exílio ocupa na cultura ocidental um lugar privilegiado de representação da história da humanidade, estruturando arquétipos e

mitologias em torno do homem errante que vive experiências dolorosas em terras estrangeiras.

Ulisses, impedido de voltar a Ítaca pela fúria de Poseidon, deus do mar, viveu os mais inusitados sofrimentos até conseguir, vinte anos depois da partida, o regresso tão desejado. Em casa não foi reconhecido; esperavam-no invasores, usurpadores, guerra. Édipo, impedido de viver em seu reino, na inútil tentativa de alterar o destino, encontrou no caminho o incesto, a desgraça, a escuridão. Loth, ao partir para o exílio, viu sua mulher transformar-se em estátua de sal ao olhar para trás, desobedecendo as orientações divinas, no momento em que sua cidade, Sodoma, era destruída. Ruth, descendente de Moabe, fruto incestuoso de Loth, estrangeira e estranha à linhagem judaica, foi reconhecida como ancestral e matriarca do povo escolhido. Jesus e sua família deixaram Belém, fugindo do massacre comandado por Herodes. Adão e Eva, os primeiros homem e mulher expulsos do paraíso, os primeiros exilados. Os exemplos não têm fim. São emblemáticos, trazem a marca do exílio.

Viver longe da terra de origem seria, para a autora, uma referência estruturadora da história da humanidade, que também é a história das migrações. Por outro lado, tanto a condição de exilado como a de imigrante adoeceria o indivíduo, submetido à esquizofrenia de viver os duplos pertencimentos. Para a autora, a psicanálise seria ela própria fundada no outro, uma vez que o inconsciente é algo desconhecido por nós, um estrangeiro, a alteridade que desconhecemos. Marandola e Dal Gallo (2010) analisam a insegurança do imigrante ao se deslocar do espaço ao qual pertence e onde se encontra sua “referência identitária essencial”. Nesses espaços, o imigrante reinventaria “lugares próprios” a fim de restabelecer-se como sujeito pertencente e recuperar a segurança ontológica perdida no processo emigratório. A relação com o território, segundo os autores, é constitutiva do “ser”. As redes sociais, nessa direção, seriam fundamentais para esse processo: “Identificar-se com um território implica tornar-se parte de determinados círculos sociais e redes de lugares e itinerários e partilhar um sentimento coletivo em relação a signos, códigos e práticas culturais” (p. 10).

As dimensões sociológicas e psicológicas dos fenômenos migratórios estão associadas aos processos de tomada de decisão individual, à personalidade do indivíduo capaz ou não de se adaptar ao novo contexto, à estrutura social e ao sistema cultural dos lugares de origem e de destino desses sujeitos.

Apesar dos caminhos teóricos parecerem rigidamente delimitados, é comum nas explicações contemporâneas as propostas de conciliação analítica entre esferas macro e micro, como acontece nas teorias das redes sociais. As redes seriam

resultado de laços estabelecidos através de movimentos e contatos de pessoas que alcançam duração, como sintetiza Boyd (1988, p. 639, apud Bilac, 1995, p.70):

Representam a maturidade das correntes migratórias estimuladas pelas redes sociais baseadas em laços familiares e domésticos de amizade e comunitários. Ligando migrantes e não migrantes em uma complexa teia de relações sociais e interpessoais, tais redes conduzem informação, assistência social e financeira. Elas também modelam os efeitos da migração – desde a não migração, a imigração, a migração de retorno e a continuidade dos fluxos migratórios.

Além da análise que considera os cálculos individuais, como defendia Ravenstein, os movimentos recentes também podem ser compreendidos como resultado da inserção das pessoas em redes sociais, o que explicaria ainda o caráter duradouro dos fluxos. As discussões contemporâneas sobre as migrações têm apontado que as redes sociais microssituadas são centrais para que os movimentos migratórios se estruturam (Portes e Barocz, 1989). Vinculados aos grupos sociais pelo parentesco, amizade, trabalho, religião, os imigrantes informam-se das possibilidades em questão e optam apoiados nas sociabilidades que construíram nos espaços dos quais fazem parte. Todo o contexto em que o sujeito está inserido, bem como as possibilidades e habilidades de que dispõe, são fundamentais nos processos decisórios. O lugar que ele ocupa nas redes, o capital social no sentido apontado por Bourdieu (1992), permite-o negociar sua ida e fazer crer que cumprirá os acordos previamente estabelecidos, como por exemplo o pagamento de empréstimos e o envio de dinheiro para os familiares.

Para uma aproximação dos significados dos deslocamentos contemporâneos, especialmente no que se refere às migrações de trabalhadores no contexto denominado globalização, autores como Hall, Bauman, Hannerz, e Appadurai, apresentam contribuições fundamentais no âmbito das ciências sociais. As discussões que esses autores propõem consideram principalmente as relações interculturais nos espaços de intenso fluxo de pessoas, além de ampliarem o foco sobre temas como globalização, modernidade, identidade e cultura global. Para Hall (2000), por exemplo, as identidades não podem ser consideradas como referências cristalizadas; ao contrário, elas estariam submetidas a um processo radical de dinamismo. O autor afirma que está em curso no mundo contemporâneo uma desconstrução completa das perspectivas identitárias, possuindo em comum a crítica à idéia de uma identidade integral, originária e unificada. Segundo ele, em

todas as áreas disciplinares esse processo tem se manifestado. A identificação passa a ser vista como algo nunca completado: “Ela não é nunca completamente determinada no sentido de que se pode, sempre, ganhá-la ou perdê-la; no sentido de que ela pode ser sempre sustentada ou abandonada” (Hall, 2000, p.106). O autor considera, ainda que as identidades “não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação” (p.108).

Essa concepção de que a identidade é marcada pelo dinamismo também perpassa as concepções de Bauman (2005), cujas teses sobre o mundo contemporâneo apontam a instabilidade como inerente a vários aspectos da vida social na modernidade. Para ele “o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (p.17). Viveríamos uma “era líquido-moderna” em tempos de fluidez; não haveria mais referências sólidas e duradouras nas esferas da identificação ou das relações.

Diante do interesse específico desse trabalho, a contribuição de Hannerz (1998), ao discutir a “cultura global” e a diferenciação que o autor apresenta entre grupos cosmopolitas e locais, faz-se fundamental para uma aproximação sobre os sentidos do comportamento dos imigrantes nos lugares de trânsito internacional. Para o autor, a cultura global é marcada pela diversidade (1998, p. 251):

Existe atualmente uma cultura global, porém seria melhor que nos certificássemos de procurar entender o que isto significa. Esta cultura está assinalada por um organismo de diversidade e não por uma repetição de uniformidade. Não ocorre nenhuma homogeneização de sistemas de significados e de expressões, e nem parece provável que haverá esta homogeneização dentro em breve. No entanto, o mundo se transformou numa rede de relações sociais, e entre as suas diversas regiões existe um fluxo de significados, bem como de pessoas e de mercadorias.

O reconhecimento de que no mundo contemporâneo há rede de relações e fluxos que envolvem significados, pessoas e mercadorias, não leva o autor a sugerir que há em curso um processo de diluição das referências; pelo contrário, ele considera que a “homogeneização de sistemas de significados e de expressões” não ocorre e provavelmente não ocorrerá.

Appadurai (1996), num contexto teórico em que a globalização era considerada um fenômeno quase que exclusivamente associado à economia, constata que falar de globalização implica necessariamente considerar as dimensões culturais envolvidas no estreitamento das distâncias e na consequente circulação de capitais, bens, pessoas e significados. O autor aponta que um olhar cuidadoso para os fluxos culturais globais traz à tona as irregularidades e os impedimentos inerentes a eles. Há formas variadas de circulação e conseqüentemente um acesso desigual por parte das pessoas a esses circuitos. Nessa direção Appadurai critica os discursos verticais sobre a globalização e propõe a observação dos movimentos das coisas, das pessoas e das mercadorias, com foco nos aspectos mais específicos da circulação em si, bem como nas interações que esses processos operam. Essa proposta teórica indiretamente sugere a conciliação de leituras macroestruturais com a análise de movimentos localizados, ou sustentados em redes informais.

1.1

O Brasil e os fluxos migratórios da década de 1980

O período entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX foi marcado por uma grande movimentação migratória no continente europeu. As disputas entre as potências emergentes, os conflitos colonialistas e as duas guerras mundiais podem ser considerados como algumas das causas que impulsionaram sessenta milhões de europeus a deixarem seu continente. O Brasil recebeu, segundo Stravrianos (1968), 5,1 milhões desses imigrantes, a grande maioria trabalhadores rurais, jovens do sexo masculino ou grupos familiares. Graças às políticas de incentivo do governo brasileiro, essa emigração se caracterizou por ser documentada e apoiada por políticas de incentivo, como a doação de terras e contrato prévio de trabalho. As representações sobre a imigração no Brasil são muito positivas. O imigrante é apresentado como parte dos que contribuíram para a construção do país, tanto nos espaços de difusão da história oficial como na literatura e nos meios de comunicação em geral. Na escola aprendemos que brancos, negros e indígenas formaram a população brasileira, um caldeirão de “raças” e mestiçagem positiva. Uma pesquisa recente corrobora essas

representações ao apresentar que os brasileiros são os que veem a imigração de forma mais positiva. O instituto de pesquisa *Ipsos Mori*, após ouvir dezessete mil pessoas, constatou que 49% dos brasileiros consideram que a imigração traria vantagens para o Brasil, além de torná-lo mais interessante².

O Brasil é o país que vê os imigrantes de maneira mais positiva, segundo uma pesquisa global que ouviu 17 mil pessoas em 23 países. Quase metade dos brasileiros (49%) ouvidos pelo instituto de pesquisa Ipsos Mori disse que os imigrantes tornam o País um lugar mais interessante de se viver, enquanto 47% acreditam que a imigração traz benefícios para a economia do Brasil. Outras nações que veem os imigrantes com bons olhos são Austrália, Índia e Canadá. Por outro lado, 38% dos brasileiros disseram acreditar que a presença de imigrantes tornou mais difícil conseguir emprego. A questão, no entanto, preocupa muito mais pessoas ouvidas em países como Rússia (75%), África do Sul (64%), Grã-Bretanha (62%) e Argentina (61%). A pesquisa também perguntou aos entrevistados sobre seu grau de satisfação com os níveis de imigração em seus países. Enquanto 41% dos brasileiros ouvidos disseram que há um excesso de imigrantes no País, o número de pessoas insatisfeitas com a presença de estrangeiros foi consideravelmente maior em alguns países europeus, como Rússia (77%), Bélgica (72%), Grã-Bretanha (71%), Itália (67%) e Espanha (67%). Os japoneses são a nacionalidade mais satisfeita com seu atual nível de imigração, que é historicamente baixo, com apenas 15% dos entrevistados dizendo que há estrangeiros demais no país. A pressão extra sobre os serviços públicos causada pela imigração gera grande preocupação na Grã-Bretanha, onde 76% dos entrevistados afirmaram que saúde, transporte e educação sofreram um impacto negativo devido à necessidade de atender pessoas de outros países. Na Espanha, Bélgica e Estados Unidos, foram encontrados índices semelhantes (70%, 68%, 66%), enquanto no Brasil, apenas 37% disseram acreditar que os serviços públicos estão sendo prejudicados. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo IBGE, em 2009 havia 682,085 estrangeiros morando no Brasil. Os países que fizeram parte da pesquisa foram Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, França, Grã-Bretanha, Alemanha, Hungria, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Polônia, Rússia, Arábia Saudita, África do Sul, Coreia do Sul, Espanha, Suécia, Turquia e Estados Unidos.

O período após a Segunda Guerra Mundial foi significativo em número de entradas no Brasil, que se mantiveram constantes até a década de 1960. A partir de 1980 os pesquisadores constatarem que há a intensificação de um movimento até então tímido de emigração de brasileiros para o exterior. Essa constatação levou demógrafos como Oliveira (1996) e Carvalho (1996) a tentar traduzir em números esse movimento, estimando o saldo migratório entre 1980 e 1991, o que foi possível através da comparação entre os censos demográficos realizados nos respectivos anos. Carvalho concluiu que entre um milhão e dois milhões e meio de pessoas haviam deixado o Brasil na década de 1980. A falta de documentação e registro

² Brasil é o país que vê imigrante de forma mais positiva: Disponível em: www.noticias.uol.com.br/bbc/2011/08/05/brasil. Acesso: 20 de setembro de 2011.

impede uma maior precisão nesses números, mas o autor constatou, em pesquisas posteriores, que a saída de brasileiros se manteve intensa.

Os dados do Ministério das Relações Exteriores (Brasil, 2009) reafirmam esses números e indicam que as migrações para o exterior se mantiveram em crescimento ao apontar que, no ano de 2008, havia cerca de 3.040,993 mil brasileiros vivendo fora do país. No *site* “Brasileiros no Mundo”, do Ministério das Relações Exteriores, o ministro Celso Amorim comentou os levantamentos estimativos realizados em 2008, apontando o surpreendente número da “diáspora” nacional.³

Estima-se que três milhões de brasileiros residam hoje no exterior. Embora se trate de valor aproximado, esse contingente vem crescendo a um ritmo relativamente constante nas últimas duas décadas. O Ministério das Relações Exteriores tem entre as suas principais preocupações proteger os interesses e garantir os direitos dos nossos compatriotas que vivem longe de casa. O crescimento das comunidades brasileiras no mundo foi acompanhado de mudança no perfil da assistência consular prestada pelo Governo brasileiro, que passou a atuar de forma mais ativa. Desde o início do Governo do Presidente Lula, foram criadas 16 novas representações consulares brasileiras na América do Sul, na América do Norte, na Europa, na Ásia, na África e no Oriente Médio. Para melhorar os serviços de assistência à diáspora brasileira, o Itamaraty tem revisto seus métodos de trabalho e realizado verdadeira modernização e integração do Sistema Consular, tanto em Brasília como em sua malha consular. Outro indício da crescente importância que o Itamaraty atribui ao assunto foi a criação, em dezembro de 2006, da Subsecretaria-Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior dentro da estrutura do MRE, com as atribuições de cuidar dos temas relativos aos brasileiros no exterior e aos estrangeiros que desejam ingressar no Brasil, incluindo-se a cooperação judiciária internacional. Com o objetivo de propiciar uma inédita troca de experiências entre os representantes das comunidades brasileiras espalhadas no mundo, foi realizada, em julho de 2008, no Rio de Janeiro, a primeira Conferência das Comunidades Brasileiras no Exterior. À luz da grande utilidade do exercício, a realização da segunda edição da Conferência ocorreu em outubro de 2009 na mesma cidade. O Itamaraty tem se preocupado em garantir que os brasileiros que residem no exterior ou que se encontram de passagem em países estrangeiros recebam um tratamento digno em todos os momentos. Para isso, tem intensificado os contatos políticos com Governos de países onde existam contingentes significativos de brasileiros, ou por onde transitam viajantes e estudantes brasileiros. O Governo brasileiro acredita que a condição de estrangeiro não pode, em hipótese alguma, servir de pretexto para a supressão de direitos e garantias das pessoas de quaisquer nacionalidades. Os desafios subjacentes à maior presença de brasileiros no resto do mundo exigem um esforço sistemático de divulgação das informações de interesse da diáspora brasileira. A partir desta data, o Ministério das Relações Exteriores buscará cumprir essa tarefa, por meio do envio regular de boletim de notícias, contendo informações úteis para associações, lideranças e membros das comunidades brasileiras no exterior. O Itamaraty espera que essa iniciativa possa construir mais um vínculo entre o Brasil e os brasileiros que vivem longe da nossa terra.

Os quadros de estimativas abaixo, apresentados pelo Ministério das Relações Exteriores (Brasil, 2009), têm como base consultas realizadas respectivamente no

³ Disponível em www.brasileirosnomundo.mre.gov.br. Acesso: 20 de setembro de 2010.

final de 2008 e 2010 às embaixadas e aos consulados no Brasil sobre a presença de brasileiros em suas jurisdições.

Brasileiros no mundo – estimativas por continente
Fonte: Ministério das Relações Exteriores, 2009

África	36.852
Ásia	289.557
América Central	5.037
América do Sul	513.800
América do Norte	1.325.100
Europa	816.257
Oceania	22.500
Oriente Médio	31.890
Total:	3.040.993

Brasileiros no mundo – estimativas por continente
Fonte: Ministério das Relações Exteriores, 2011

África	28.824
Ásia	241.608
América Central	6.821
América do Sul	406.923
América do Norte	1.433.146
Europa	911.889
Oceania	53.014
Oriente Médio	40.588
Total:	3.122.813

Como sabemos, a ilegalidade é avessa à formalidade das instituições. Os ilegais temem qualquer registro da sua presença por parte dos órgãos governamentais, pois essa identificação pode colocar em risco os investimentos empreendidos para a emigração e resultar em deportação. Considerando a impossibilidade de levantamento exato desse contingente, uma vez que a maior parte dos imigrantes brasileiros vive na ilegalidade, o CENSO 2010 inseriu no questionário uma questão cujo teor é a indicação de membros de famílias brasileiras que vivem no exterior. No item três do questionário da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD), (IBGE, 2010), com a referência emigração internacional, consta a pergunta: “alguma pessoa que morava com vocês estava morando em outro país em 31 de julho de 2010?”, com o espaço para indicação do nome dos migrantes, do sexo, do ano de nascimento, ano da última partida para morar em outro país e país de residência em 31 de julho de 2010. A intenção é subsidiar o governo brasileiro com números mais exatos sobre a emigração, o que poderá orientar a elaboração das políticas de assistência. Os dados acerca da emigração internacional foram divulgados no dia 16 de novembro de 2011 e surpreenderam ao apontar que as mulheres são a maioria entre os brasileiros que emigraram:

Brasileiros residem em 193 países estrangeiros

O número estimado de brasileiros residentes no exterior chegou a 491.645 mil em 193 países do mundo em 2010, sendo 264.743 mulheres (53,8%) e 226.743 homens (46,1%); 60% dos emigrantes tinham entre 20 e 34 anos de idade em 2010. Este resultado não inclui os domicílios em que todas as pessoas podem ter emigrado e aqueles em que os familiares residentes no Brasil podem ter falecido. O principal destino era os Estados Unidos (23,8%), seguido de Portugal (13,4%), Espanha (9,4%), Japão (7,4%), Itália (7,0%) e Inglaterra (6,2%), que, juntos, receberam 70,0% dos emigrantes brasileiros. A origem de 49% deles é a região Sudeste, especialmente São Paulo (21,6%) e Minas Gerais (16,8%), respectivamente primeiro e segundo estados do país de onde saíram mais pessoas (106.099 e 82.749, respectivamente). Os EUA foram o principal destino da população oriunda de todos os estados, especialmente de Minas Gerais (43,2%), Rio de Janeiro (30,6%), Goiás (22,6%), São Paulo (20,1%) e Paraná (16,6%). O Japão é o segundo país que mais recebe os emigrantes de São Paulo e Paraná, respectivamente 20,1% e 15,3%. Portugal surge como segunda opção da emigração originada no Rio de Janeiro (9,1%) e em Minas Gerais (20,9%). As pessoas que partiram de Goiás elegeram a Espanha como o segundo lugar preferencial de destino, o que representou 19,9% da emigração. Esse país aparece como segunda ou terceira opção de uma série de outras unidades da federação, o que permite inferir que a proximidade do idioma estaria entre as motivações da escolha. Goiás foi o estado de origem da maior proporção de emigrantes (5,92 pessoas para cada mil habitantes), seguido de Rondônia (4,98 por mil), Espírito Santo (4,71 por mil) e Paraná (4,39 por mil). Sobralia, São Geraldo da Piedade e Fernandes Tourinho, todas em Minas Gerais, foram as cidades brasileiras com maiores proporções de emigrantes (88,85 emigrantes por mil habitantes; 67,67

por mil; e 64,69 por mil, respectivamente). Entre as capitais, Rio Branco (AC) destaca-se com uma proporção de 12,82 emigrantes por mil habitantes, estando em 42º lugar no ranking nacional. Em seguida, Macapá (AP), com 4,30 por mil (37ª posição), Boa Vista, com 3,42 por mil (38ª posição), e Brasília, com 2,89 por mil (41ª posição).

A assombrosa diferença entre os números apontados pelo MRE e pelo IBGE é a prova de que aferir número acerca das migrações internacionais no Brasil é um desafio complexo. Outro elemento que deve ser considerado nas tentativas de levantamento do número de brasileiros vivendo fora do país é a dupla nacionalidade de muitos que emigram. Durante a pesquisa identifiquei alguns brasileiros que possuíam passaportes italianos e portugueses, nacionalidades apresentadas diante das autoridades imigratórias do país, a fim de garantir direito de permanência e trabalho. Considerando a densidade de imigração italiana no Brasil e a colonização portuguesa, além das levas migratórias de portugueses direcionadas a todo o litoral brasileiro, o número de brasileiros com dupla nacionalidade e que se utiliza dessa possibilidade para emigrar e viver na Europa pode aumentar em muito os dados sobre a emigração de brasileiros para o exterior.

O fato de o Brasil ter se tornado um dos exportadores de mão-de-obra para os Estados Unidos e Europa nos leva a questionar se esse movimento de inversão migratória tem produzido impactos nas configurações identitárias locais e nas economias. As migrações para o Brasil foram motivadas por incentivos governamentais, iniciativas institucionais, empresariais ou religiosas como empreendimentos necessários à ocupação e administração do país, especialmente quando a mão-de-obra imigrante foi considerada fundamental na substituição da mão-de-obra escrava, com a abolição da escravatura em 1888. As migrações em questão são iniciativas desvinculadas dos incentivos governamentais e, em certa medida, desestimuladas, uma vez que expõem seus agentes a condições de vulnerabilidade, pelo fato que a grande maioria permanece ilegal nos países aos quais se destinam e alguns se aventuram em travessias arriscadas, caso das tentativas de entrada nos Estados Unidos. A exigência de visto para o país faz com que muitos tentem a fronteira com o México, cuja travessia do deserto que separa os dois países vitima muitas pessoas todos os anos, pelo calor, sede, fome, pela violência das milícias americanas que “caçam” imigrantes e pelas tentativas dos traficantes de drogas de aliciá-los para os cartéis mexicanos.

A instabilidade econômica que caracterizou a década de 1980 no Brasil, marcada pelo descontrole inflacionário, pelos planos econômicos infrutíferos e pelas altas taxas de desemprego, pode ser identificada, a priori, como uma motivação consistente para as migrações de brasileiros para o exterior. Essa nova realidade se apresenta como um desafio interpretativo para várias áreas do conhecimento. Geógrafos, antropólogos, sociólogos, economistas e pesquisadores das relações internacionais têm se ocupado da temática, resultando numa vasta produção bibliográfica recente acerca do tema.

Podemos citar como exemplos os estudos sobre o movimento *dekassegui*⁴, sobre o fluxo de emigração para os Estados Unidos, os estudos sobre os “brasiguaios”⁵, as pesquisas sobre emigração para Portugal e Espanha, entre outras. Muitos pesquisadores brasileiros têm se deslocado para realizar pesquisas no exterior em experiências etnográficas junto às comunidades brasileiras na Inglaterra, Estados Unidos, Portugal, entre outros países. Há nesse sentido uma contribuição dos estudos migratórios para a constituição de intercâmbios entre pesquisadores e universidades, bem como para a inserção de pesquisadores brasileiros nos debates internacionais sobre o tema.

1.2

Brasileiros no exterior: contextos, particularidades e experiências

As pesquisas apontam que os Estados Unidos foram o destino preferencial dos brasileiros no início da década de 1980, à exceção dos *dekassegui*. Vale ressaltar que já na metade da década de 1980 há um número considerável de brasileiros que passam a escolher a Europa como destino. Entre outros motivos para essa escolha apontamos a propagandeada qualidade de vida europeia e a não exigência de visto para entrada em alguns países do continente. A autorização para a entrada na República da Irlanda, por exemplo, é concedida quando o viajante

⁴ Termo referente a estrangeiros que trabalham no Japão.

⁵ Os brasileiros que vivem no Paraguai são chamados de “brasiguaios”, o que poderiam indicar uma dupla identificação desses indivíduos. Ver Albuquerque (2009).

chega ao país e apresenta documentação indicada. Esses documentos e toda a orientação estão apresentados no site da embaixada⁶:

Cidadãos brasileiros que viajam para a Irlanda com um passaporte brasileiro não necessitam de visto para entrar na Irlanda. No entanto, é importante notar que a entrada no país depende da avaliação do Oficial de Imigração no momento da entrada no país. Recomendamos seriamente que o cidadão brasileiro ao viajar para a Irlanda apresente, no mínimo, os seguintes documentos originais para as autoridades de imigração:

- Passagem de volta;
- Confirmação da reserva do hotel ou carta-convite de amigos;
- Comprovação de fundos suficientes para se manter no país durante a estadia no país (favor notar que o cartão de crédito somente não é suficiente, uma vez que não há nenhuma prova de que os recursos estão disponíveis). Apresente também extratos que comprovem que o limite e os recursos estão disponíveis;
- Passaporte válido por seis meses a partir da data pretendida de saída do país.
- Comprovação de obrigação para regressar ao país de residência.

De acordo com a divisão de populações da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2005 existia em torno de 200 milhões de migrantes internacionais, mais do que o dobro indicado em 1980. Em relatório publicado em 2005, a comissão mundial sobre as migrações internacionais, articulada pela ONU, afirma que as migrações internacionais são uma das prioridades da agenda política mundial e que devem ser consideradas mais como oportunidades de desenvolvimento do que ameaça. O que o grupo define como migrante internacional diz respeito às pessoas que vivem há mais de um ano fora do seu país de origem, independente dos motivos que as fizeram migrar. No entanto, o foco das políticas internacionais para as migrações deve considerar, na orientação do relatório, os movimentos migratórios que acontecem nas regiões em desenvolvimento, direcionados para os países industrializados. As causas apontadas para a migração estariam associadas às dinâmicas de população, à política administrativa adotada e ao desenvolvimento econômico, elementos intimamente relacionados e que formam, segundo o relatório, os “3Ds” (ONU, 2005, p.12):

As migrações internacionais são habitualmente uma resposta às diferenças e disparidades. De um modo geral, as pessoas decidem emigrar porque querem fugir às limitações e inseguranças com que se deparam no seu país de origem, e porque consideram que existem melhores condições e oportunidades noutra sítio. No mundo contemporâneo as principais forças que conduzem as migrações internacionais devem-se aos “3Ds”: diferenças no desenvolvimento, na demografia e na democracia. A comissão concluiu que, pelo fato de estas diferenças se estarem a acentuar, o

⁶ Brasileiros Viajando para a Irlanda. Disponível em: www.dfa.ie/home. Acesso: 21 de novembro de 2011.

número de pessoas a querer migrar continuará a aumentar no futuro. As políticas migratórias terão de ter em conta esta tendência, assegurando que o aumento das migrações irá trazer um benefício real aos países de origem, aos países de destino e aos próprios migrantes.

Apesar do movimento de brasileiros para o exterior ter tido seu impulso inicial na década de 80, é a partir de 90 que ele ganha repercussão nacional, principalmente em função da intensificação do controle das fronteiras dos Estados Unidos e da Europa e do combate à permanência de imigrantes ilegais. O número de brasileiros deportados aumenta e o país passa, com frequência, a ter que lidar com situações de mortes ou delitos envolvendo os cidadãos que se encontram fora das fronteiras nacionais, além dos casos de prisão ou inadmissão. As ações do Estado brasileiro nesse período indicam que não havia uma política de assistência estruturada para lidar com a nova realidade da “diáspora brasileira”. As mortes de brasileiros no exterior, por exemplo, e o pagamento de despesas com os traslados dos corpos, só eram atendidos depois que os familiares apelavam junto à imprensa, não havendo ainda hoje nos consulados orçamento previsto para a repatriação de corpos. Por outro lado, só recentemente o governo tem articulado ações de combate ao tráfico de pessoas, situação que pode facilmente envolver os imigrantes ilegais, considerando a condição de marginalidade e vulnerabilidade em que se encontram.

O decreto presidencial de número 5.948, de 26 de outubro de 2006, aprovou a criação da Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil, que vitima principalmente profissionais do sexo, mulheres e transgêneros. No que se refere especificamente às políticas de combate à emigração ilegal, o governo tem priorizado uma campanha informativa por parte do Ministério das Relações Exteriores, cujo foco é o esclarecimento sobre os caminhos legais para a emigração e os riscos da ilegalidade. O estado de Goiás, em função de se destacar em número de emigrantes deportados e de ser a principal rota do tráfico de mulheres brasileiras para o exterior, foi escolhido para o lançamento do projeto “Itamaraty itinerante”, no ano de 2009:

Aproximar o Ministério das Relações Exteriores (MRE) da sociedade, contribuindo para aprimorar a assistência prestada pelo Estado aos cidadãos brasileiros no exterior. Esse é o objetivo principal do projeto Itamaraty Itinerante, lançado hoje (10/12) em Goiânia, no I Colóquio Atuação Consular Brasileira: Migração e Tráfico de Pessoas, realizado no auditório do Palácio Pedro Ludovico Teixeira. Promovido pelo Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas de Goiás (NETP-GO), em parceria com a Assessoria para Assuntos Internacionais do governo do estado, o evento

serviu como painel de apresentação das ações que vêm sendo realizadas pelo Itamaraty no apoio aos brasileiros no estrangeiro a partir da criação, em 2007, da Subsecretaria-Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior.⁷

Goiás possui uma assessoria de assuntos internacionais, entidade que tem como objetivo específico a articulação de parcerias econômicas entre o estado e os países europeus. Boa parte da agenda do secretário, no entanto, tem sido ocupada, desde a criação da assessoria, com a resolução de demandas envolvendo a comunidade goiana no exterior:

A Chefia da Assessoria de Assuntos Internacionais tem como objetivo projetar Goiás no cenário internacional atraindo investimentos estrangeiros institucionais e privados, articulando a catalisação das ações do governo de Goiás na área internacional, bem como atenção e resguardo da comunidade goiana no exterior. São suas competências: Formular as diretrizes e as políticas internacionais junto às Secretarias de Estado em Goiás; Articular as ações dos órgãos estaduais com entidades governamentais e não governamentais internacionais no que tange à celebração de acordos e/ou convênios; Articular ações em nível internacional, destinadas a programas e projetos do setor público estadual; Articular e avaliar as negociações junto a organismos governamentais e não governamentais estrangeiros relativas aos financiamentos de projetos públicos; Desenvolver as ações estratégicas de atuação e de acompanhamento da execução dos projetos em nível internacional, objetivando a promoção de investimentos; Promover a comunicação contínua com o Ministério das Relações Exteriores e Embaixadas; Coordenar as ações e atividades da Câmara de Promoção de Investimentos; Coordenar e supervisionar as atividades das gerências; Coordenar a assistência à comunidade goiana no exterior; Promover a implementação e suporte técnico e administrativo ao Fundo de Auxílio Funerário aos goianos vitimados no exterior; Coordenar e supervisionar a elaboração da agenda de viagens oficiais do Governo do Estado; Coordenar a recepção de autoridades estrangeiras em visita ao Estado de Goiás; Outras atividades correlatas.⁸

As pesquisas acadêmicas relativas às emigrações recentes no Brasil, além de indicar o início do movimento na década de 1980, em geral apresentam a importância das redes sociais nesse processo. Além disso apontam para o fato de que essas migrações não se dão de forma aleatória. As escolhas de destino são determinadas pelos grupos articulados que precedem os indivíduos que emigram, viabilizam a viagem e o acolhimento inicial, muitas vezes até a vaga de trabalho no país para o qual emigram. Outro aspecto dessas pesquisas ressalta as particularidades dos fluxos; entre esses temos o de brasileiros para o Japão, as

⁷ Projeto Itamaraty Itinerante é lançado em colóquio promovido pelo NETP-GO. Disponível em: www.mpe.go.gov. Acesso: 15 de agosto de 2010.

⁸ Secretaria de planejamento do estado de Goiás (SEPLAN), 2010. Assuntos internacionais: objetivos e competências. Disponível em: www.seplan.gov.br. Acesso: 16 de agosto de 2010.

migrações de fronteira como as que ocorreram para o Paraguai, as migrações para os Estados Unidos, Portugal e Espanha.

No caso das migrações para o Japão, por exemplo, destaca-se o fato desse movimento envolver diretamente os descendentes de imigrantes das comunidades japonesas no Brasil e na América Latina em geral. As características do movimento migratório desses descendentes, a começar pela definição *dekassegui*, distinguem-se das de outros brasileiros, em primeiro lugar pelo destino preferencial, por ter se iniciado nas comunidades japonesas e por contar, a partir de 1990, com a mudança da lei da imigração no Japão, quando se deu a regularização do trabalho do estrangeiro descendente de japoneses, bem como de seus cônjuges. O início do processo, no entanto, é apontado por Sasaki, (2006, p.105) como facilitado por ter sido protagonizado por isseis:

As primeiras notícias sobre a ida de brasileiros nipo-descendentes para trabalhar temporariamente no Japão apareceram nos meados da década de 1980, apresentando um movimento tímido quanto ao volume. Em geral, eles não tiveram grandes problemas burocráticos para entrar no território japonês, pois tinham origem japonesa; eram das primeiras gerações – *issei* (primeira geração ou os próprios japoneses nascidos no Japão) e/ ou *nissei* (segunda geração ou os filhos dos imigrantes japoneses nascidos fora do Japão) -, logo, muitos tinham nacionalidade japonesa ou dupla nacionalidade (podendo ingressar no Japão como japoneses); grosso modo, eram homens de idade avançada; chefes de família; casados; sabiam falar japonês e tinham pretensões de estada temporária no Japão.

Como a maioria dos emigrantes brasileiros, esses trabalhadores afirmavam a intenção de que sua estada no Japão fosse temporária, o que segundo a autora nem sempre acontece, pois ocorrem interferências mil que acabam ampliando o tempo desses imigrantes no país, a exemplo do que ocorre com os outros brasileiros. Outra particularidade apontada pela autora é a crença destes migrantes de que estariam fazendo uma migração de retorno, que o fenótipo japonês e a familiaridade com a língua e cultura japonesas os permitiriam usufruir de acolhimento e integração no país de seus ancestrais. Um grande equívoco, apontado por algumas pesquisas realizadas sobre o movimento *dekassegui*, tais como Kawamura (2003), Nakagawa (2001) e Sasaki (1999). Apesar de a ascendência japonesa ser um aspecto importante na avaliação do visto de trabalho, no dia-a-dia esses trabalhadores são percebidos e tratados como estrangeiros, um distanciamento cultural muito significativo e que apresenta um drama identitário para esses indivíduos, que no Brasil são vistos como “japas” e no Japão como estrangeiros imigrantes. Segundo

Sasaki, os brasileiros seriam classificados como trabalhadores de baixa qualificação, o que na estratificada e competitiva sociedade japonesa reforça estereótipos e preconceitos. Com a crise de 2008 e o desemprego que atingiu milhares de trabalhadores no mundo inteiro, os brasileiros que vivem no Japão se articulam junto ao governo brasileiro para terem direitos reconhecidos e para que se estruture a assistência aos imigrantes brasileiros no país. Uma das reivindicações aponta que os planos de permanência temporária, anunciados pela grande maioria dos imigrantes, estendem-se muito, a ponto de que a aposentadoria destes trabalhadores se torne uma preocupação significativa, como aponta a reportagem abaixo, com o título: “Brasileiros que vivem no Japão pedem mais apoio do governo” (O popular, 2011):

Representantes dos cerca de 254 mil brasileiros que vivem no Japão querem que o governo brasileiro negocie a criação de escolas bilíngues no país (em japonês e em português), acelere a tramitação do Acordo da Previdência, que aguarda aprovação nos parlamentos dos dois países, e busque meios para permitir que eles atuem como autônomos nas cidades japonesas. Os brasileiros querem mais apoio do governo. A comunidade brasileira fez os pedidos ao ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, que está em Tóquio. Na reunião com o chanceler, os brasileiros afirmaram que muitos dos que estavam no Japão se veem obrigados a retornar ao Brasil por causa da crise que o país enfrenta atualmente. Um dos principais motivos de preocupação dos brasileiros é com a Previdência Social. Pelo acordo negociado no ano passado, todos os residentes no Japão, japoneses ou estrangeiros que estiverem inscritos nos sistemas de Seguro e Previdência do país, contribuindo regularmente, terão direito a receber a pensão básica, no futuro, se permanecerem no Japão. O texto estabelece que a contribuição deva ser paga até o contribuinte completar 65 anos de idade. No caso de doença ou acidente que o deixe inválido pelo resto da vida, o contribuinte tem direito de receber a pensão básica enquanto estiver no Japão. O assunto foi tema também da reunião de Patriota com o ministro das Relações Exteriores do Japão, Takeaki Matsumoto. No encontro, o chanceler lembrou a Matsumoto que os brasileiros representam o terceiro maior grupo estrangeiro no Japão - atrás apenas dos chineses e coreanos. Patriota foi ao Japão para levar a mensagem de solidariedade da presidenta Dilma Rousseff ao povo e ao governo japoneses devido à tragédia ocorrida em março no país, provocada pelo terremoto seguido por tsunami. Tanto com o chanceler japonês quanto com os brasileiros, ele se disse orgulhoso "pela maneira desprendida e solidária" com que a comunidade do Brasil ajudou nesta tragédia. Não há registro de brasileiros entre as vítimas, mas pelo menos 777 viviam nas áreas consideradas de risco. O último levantamento, divulgado pela Agência Nacional de Polícia do Japão, informou que a tragédia provocou 13.456 mortos e 14.867 desaparecidos. Segundo a agência, aproximadamente 139 mil pessoas ainda estão em abrigos provisórios nas regiões de Miyagi, Iwate e Fukushima. Na conversa com Matsumoto, Patriota relembrou a história das relações entre os dois países, que se tornaram mais intensas em 1908, com o início da imigração japonesa no Brasil. Nas cidades brasileiras está a maior comunidade japonesa no exterior, com cerca de 1,5 milhão de pessoas. A maior parte dos imigrantes chegou ao Brasil depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

O início da emigração de brasileiros para o Paraguai está associado à construção da usina hidrelétrica de Itaipu, no período que corresponde ao final da década de 1950, e entre 1960 e 1970. Segundo Albuquerque (2009, p. 139):

Os imigrantes brasileiros no Paraguai fazem parte de dois amplos processos migratórios no interior do Brasil: um movimento vindo do Rio Grande do Sul em direção à Santa Catarina, Oeste do Paraná e Mato Grosso do Sul; um outro fluxo vindo do Nordeste e Minas Gerais em direção ao Estado de São Paulo, Norte e Oeste do Paraná. Essas migrações eram fundamentalmente compostas por famílias de camponeses. As famílias dos dois fluxos migratórios ocuparam geralmente posições sociais diferentes, tanto no Oeste do Paraná, Mato Grosso do Sul, como no Leste do Paraguai nos ciclos do café, da menta e da soja. Os nordestinos e mineiros se tornaram principalmente peões, arrendatários e posseiros nessas frentes de expansão nacionais, enquanto que os sulistas se constituíram majoritariamente como colonos, pequenos e médios proprietários, especialmente em território paraguaio.

Os conflitos envolvendo os imigrantes brasileiros, segundo Sprandel (2006), podem ser atribuídos ao fato de que as interpretações acerca do fenômeno “brasiguaios” ganham versões completamente distintas em cada um dos lados envolvidos. A autora constata que enquanto no Brasil os brasileiros que vivem no Paraguai seriam apresentados como um grupo social formado por “centenas de milhares de camponeses, expulsos da terra pela monocultura” (p. 137), no Paraguai são vistos como “empresários ricos, imperialistas, atraídos pelos baixos preços das terras e pela abolição da proibição de compra de terras por estrangeiros”, além de associados ao agronegócio e aos transgênicos.

As diferenças fundamentais entre a emigração brasileira para o Paraguai e as migrações de outros brasileiros para o hemisfério norte, de acordo com a autora, poderiam ser sintetizados em dois pontos (Sprandel, 2006, p. 145):

Vem acontecendo há cerca de trinta anos para países limítrofes e os emigrantes são basicamente agricultores ou pessoas que realizam atividades acessórias ao mundo camponês (...). Pode-se dizer, entretanto, que os brasileiros no Paraguai (assim como aqueles que vivem ou transitam por territórios de países limítrofes) configuram uma espécie de “brasileiros no exterior” de segunda categoria, cujo valor é mais numérico (segundo o Itamaraty, é o segundo maior grupo de brasileiros no exterior, suplantado apenas pelos brasileiros que vivem nos Estados Unidos) do que político. As poucas iniciativas de defesa de interesse de “brasileiros no exterior” ou de criação de políticas públicas para o atendimento de suas necessidades são pensadas, sobretudo tendo em vista os brasileiros do Hemisfério Norte.

As migrações para os Estados Unidos têm sido relativamente constantes desde o século XIX e nos períodos durante e pós a primeira e segunda guerras mundiais no século XX. Grosso modo podem ser atribuídas aos problemas

econômicos e políticos acarretados por esses grandes eventos bélicos, mas também pelo posto de potência econômica capitalista ocidental que o país conquistou e mantém até os nossos dias, apesar da crise econômica que o atingiu em 2008. A imagem da “América” como a terra da liberdade e da livre iniciativa mobilizou milhares de europeus a migrarem e se estabelecerem no país formando comunidades coesas e prósperas, entre os quais se destacam ingleses, alemães, italianos e irlandeses. Os conflitos inerentes ao choque cultural que essas presenças estrangeiras causavam foram analisados especialmente pelos teóricos da chamada escola de Chicago que defendiam a tese do *melting pot*, assimilação cultural que se daria gradativamente formando um “caldeirão de raças”, para uma tradução aproximada do termo. As migrações com origem na América do Sul e América Central para o país são muito significativas e se caracterizam pela postura oscilante dos governos americanos, que ora flexibilizam e ora endurecem o controle dos movimentos oriundos dos países do continente. A migração mexicana merece destaque no país, pois, ao contrário do que ocorreu com os migrantes europeus ao longo do tempo, a entrada de mexicanos nos Estados Unidos se dá de forma predominantemente informal, através da longa faixa de fronteira que separa os dois países. Cerca de três mil quilômetros separam os mexicanos pobres do “sonho americano”.

A inserção desses imigrantes no mercado de trabalho e na sociedade americana se mostra paradoxal, uma vez que a mão-de-obra barata é interessante aos empresários, mas o acesso desses trabalhadores à cidadania plena não é garantido, o que os faz, ainda que estabelecidos por gerações, cidadãos de segunda classe. Os *Wetbacks*⁹, como são conhecidos os imigrantes mexicanos, são fortemente representados como foras da lei e estigmatizados como propensos a delitos, além de incapazes de alcançar ascensão econômica e social. Tentativas de barrar definitivamente a entrada dos mexicanos ilegais esbarram nas articulações informais estruturadas entre os dois países e nas cidades mexicanas e americanas próximas à fronteira.

O personagem mais conhecido do empreendimento de travessia da fronteira entre o México e os Estados Unidos é o *coyote*, nome dado aos traficantes de

⁹Os imigrantes mexicanos ficaram conhecidos como *Wetbacks* pelo fato de, em geral, chegarem molhados ao atravessarem a fronteira que separa os dois países, depois de atravessarem o rio e entrarem de costas para a fronteira, a fim de assegurar que não estariam sendo perseguidos.

imigrantes. Para atravessar o imigrante ele recebe entre 10 e 30 mil dólares a fim de conduzir a entrada e oferecer transporte em parte do trajeto. Esse caminho se tornou a alternativa não somente para mexicanos, mas também para um grande número de sul americanos que migram todos os anos para o país e, não raro, morrem durante o trajeto. O assassinato de 72 imigrantes que tentavam cruzar a fronteira, em agosto de 2010, deixou claro que além das barreiras instituídas legalmente, eles precisam enfrentar os cartéis do narcotráfico, que praticam o aliciamento desses indivíduos para as atividades do tráfico na região. Segundo a Comissão Nacional de Direitos Humanos no México (CNDH), a cada mês cerca de 1.600 estrangeiros são sequestrados durante a travessia.

O equatoriano Luis Freddy Lala Pomavilla foi o único sobrevivente da chacina. O seu relato permitiu que as autoridades mexicanas identificassem o local onde ela ocorreu, além de apresentar um quadro dramático, resultado da vulnerabilidade a que são expostos os trabalhadores que tentam cruzar a fronteira por esse caminho (Revista Istoé, 2010, p. 94).

O primeiro sinal do massacre foi emitido na manhã de segunda-feira 23, quando o equatoriano Luis Freddy Lala Pomavilla, 18 anos, chegou ferido à bala num posto de controle da marinha mexicana. Seu relato de que era o único sobrevivente de um ataque do narcotráfico foi recebido com reserva pelos militares. Horas depois, porém, um grupo de reconhecimento aéreo detectou indícios da violência. No dia seguinte, após o enfrentamento que culminou em quatro mortes, os militares entraram no galpão, onde os corpos de 58 homens e 14 mulheres foram encontrados, com as mãos atadas e os olhos vendados. Pelo relato do sobrevivente, o comboio com os imigrantes ilegais, originários do Brasil, do Equador, de El Salvador e de Honduras, foi abordado pelos traficantes numa estrada. Diante da recusa do grupo em atuar para o cartel, um dos líderes ordenou a chacina. Ainda segundo o sobrevivente, os narcotraficantes se identificaram como integrantes de *Los Zetas*, o cartel que controla a cidade de San Fernando.

O embate interno entre defensores de uma legislação que criminaliza os imigrantes e outros que defendem a legalização dos trabalhadores já estabelecidos reflete a forma como a temática é tratada nos Estados Unidos. O país convive com a necessidade da mão-de-obra em questão e com a rejeição desse trabalhador que, assim como outros imigrantes estrangeiros, colocaria em risco a “integridade cultural da nação americana”. Essas posturas são sintomáticas de uma cultura que é marcada pelo medo de uma grande ameaça, seja à sua hegemonia econômica ou à sua segurança política. O ex-presidente George W. Bush, na campanha presidencial de 2002, anunciava que *El sueño americano es para todos*, com vistas

a alcançar os votos do eleitorado de origem latina. Essa postura poderia assinalar que haveria tolerância e garantias aos imigrantes de língua espanhola, entre eles os mexicanos, o que nem de longe se confirmou. O mesmo Bush afirmou categoricamente, depois de eleito, que um dos objetivos do seu governo seria deportar todos os que entram e permanecem ilegalmente no país. Segundo Reis (2006), o tema imigração ganhou contornos preocupantes no país após os atentados de onze de setembro de 2001 e após a constatação de que os terroristas responsáveis estavam vivendo legalmente. Reforçaram-se as teses de criminalização dos ilegais e surgiram mais barreiras burocráticas para a concessão de visto. Após os ataques terroristas, o controle e as decisões relativas à imigração passaram a ser de responsabilidade do *Department of Homeland Security (DHS)*, órgão responsável por assuntos de segurança nacional. A autora constata que os discursos e tentativas de estabelecer barreiras aos imigrantes, apesar de reforçados em 2001, sempre foram recorrentes na agenda americana, como também mostra Feldman-Bianco (2009, p. 37) ao apontar que antes dos eventos de onze de setembro de 2001 o processo de criminalização de imigrantes nos EUA já ganhava forma de lei.

Essa nova legislação, caracterizando imigrantes como ameaça à segurança nacional, começou a ser implementada nos Estados Unidos em 1996, cinco anos antes do malfadado 11 de setembro. Além de restringir acesso aos benefícios sociais, a nova lei tornou imigrantes que cometiam pequenas infrações suscetíveis à deportação, mesmo se casados com cidadãos americanos ou se progenitores de filhos nascidos nos Estados Unidos.

Outro complicador da situação dos imigrantes nos Estados Unidos ou em qualquer outra localidade são as crises econômicas. Durante a crise da bolsa de valores norteamericana, em 1929, muitos mexicanos foram deportados. Nesses momentos o argumento de que os imigrantes ocupariam o lugar dos nacionais nos poucos postos de trabalho ganha força, a exemplo do que acontece em outros países. Outro argumento sempre em pauta é a sobrecarga que eles causariam aos serviços públicos de assistência. Na contramão dessas teses, as organizações de imigrantes ressaltam o quanto esses trabalhadores são importantes para a vida econômica norteamericana, articulando-se em resposta aos discursos e tentativas de criminalizá-los. A manifestação chamada de o “Dia Sem Imigrantes”, que ocorreu em primeiro de maio de 2006, foi uma tentativa de mostrar à sociedade

norte-americana como seria a vida se todas as leis em discussão fossem aprovadas. Como apresenta Reis, (2006, p. 64):

A população imigrante, sobretudo a de origem latina, tem organizado, ao longo dos últimos anos, movimentos sociais e campanhas com o objetivo de reivindicar o reconhecimento da sua contribuição à sociedade norte-americana. Organizações como o *National Council of La Raza (Nacra)*, fundado em 1968, e a *League of United Latin American Citizens (Lulac)*, que é mais antiga, mas que passa a se envolver diretamente com a questão migratória na década de 1970, vão se destacar na luta pelos direitos dos imigrantes, ao lado de associações de cunho mais geral, como a *American Civil Liberties Union (Aclu)*, cuja existência remonta ao movimento pelos direitos civis na década de 1960.

Um dos projetos, já aprovado em 2005, considera criminosos os imigrantes ilegais e prevê que eles sejam detidos e deportados, além de punir com cinco anos de prisão quem facilitar e acobertar a presença de ilegais no país. Em vigor, essa lei impediria que eles pudessem trabalhar, pois o empregador seria duramente punido. Em agosto de 2010 a governadora do Arizona, Jen Brewer, do Partido Republicano, assinou a lei que é considerada o mais duro golpe contra os imigrantes dos Estados Unidos. A *Senate Bill 1070* determina que as pessoas mostrem comprovantes de sua residência legal no país sempre que abordados, o que pode ser feito a qualquer momento e de acordo com a decisão e suspeita da polícia. Muitos estão comparando a nova lei às perseguições nazistas aos judeus no período da Segunda Guerra, que também eram obrigados a levar documentos, além de serem constantemente abordados de forma injustificada. As pessoas que não portarem documentação poderão ser detidas por até seis meses e serão multadas em U\$ 2.500 (dois mil e quinhentos dólares). Considerando o cenário de preconceito e violência contra os imigrantes, a lei institucionaliza o preconceito ao autorizar abordagens injustificadas, que serão motivadas, sem dúvida, pelo fenótipo, o que configura certa legitimidade ao racismo e um desrespeito aos direitos civis. Com 30% da população composta por imigrantes, estima-se que existam 460 mil imigrantes ilegais no estado do Arizona. As perspectivas de que essa lei seja implementada e seus fundamentos se alastrem para outros estados têm acirrado o mal-estar entre nacionais e imigrantes no país, além de reforçar discursos xenófobos e radicalismos que associam os imigrantes aos criminosos e traficantes, como afirmou a governadora do Arizona:

Não podemos sacrificar nossa segurança por causa da ganância dos narcotraficantes. Não podemos ficar parados vendo sequestros e violência comprometerem a nossa qualidade de vida. Não podemos esperar enquanto a

destruição que está acontecendo ao sul de nossa fronteira internacional começa a penetrar ao norte¹⁰.

No âmbito institucional a nova lei tem mobilizado representantes do partido Democrata, como Raul Grijalva que, em carta ao presidente Barack Obama, solicita ao governo que não viabilize sua implementação, uma vez que há um desrespeito aos limites entre o estado e a federação, bem como reações do judiciário norteamericano. Barack Obama afirmou que a lei ameaça destruir tudo o que foi conquistado no que se refere às noções básicas de justiça, o que pode abalar a própria segurança norteamericana. Esse cenário de endurecimento é o encontrado por quem migra para os Estados Unidos, neste momento, e problemático para quem já está estabelecido no país. Sales (2006, p. 78) constatou que na cidade de Framingham os imigrantes brasileiros são frequentemente discriminados e acusados de *raped* a cidade, algo como saquear a cidade, ou mesmo estuprá-la, como afirmou um dos fundadores do *Concerned Citizens and Friends of Immigration Law Enforcement*, em 2003. Em 2009 Michal Hansberry foi preso por xenofobia quando flagrado em episódio de racismo contra brasileiros na cidade:

A polícia de Framingham, Massachusetts, prendeu na sexta-feira (6) o americano Michael Hansberry, 46, acusado de crime de xenofobia (aversão a estrangeiros). Segundo o policial Gregory Reardon, ele teria agredido física e verbalmente dois brasileiros residentes no mesmo condomínio onde ele mora, o Jefferson Hills. Segundo o site brasilcomz.com, os dois brasileiros carregavam uma cômoda para o apartamento de um deles, morador novo do local, quando Hansberry começou a gritar. De acordo com o jornal Boston.com, o americano xingava as vítimas com palavras repugnantes e mandava-as voltar para o país delas. Conforme Reardon, o agressor chutou e empurrou os brasileiros. Um dos agredidos ficou com as pernas marcadas pelos chutes. Hansberry ainda tentou dar socos nos homens. Por sorte, nenhum dos dois foi atingido. “Ele também fez vários outros comentários sobre o ódio dos dois homens, por serem brasileiros, e ficou bravo comigo porque fiquei do lado brasileiro”, declarou o policial. De acordo com o boletim de ocorrência, Hansberry acusa os brasileiros de tomarem conta do edifício, onde já mora há 8 anos. Segundo o policial Reardon, as palavras repulsivas foram repetidas por cerca de 20 a 25 vezes, enquanto o acusado era transportado para a delegacia. O americano também estaria cheirando a álcool, segundo o policial. O crime de ódio cometido pelo acusado não é frequente, segundo o Tenente Craig Davis, embora admita outras ocorrências semelhantes no passado. “Vimos este tipo de coisa antes? Sim. É frequente? Não”, disse ele. Em Framingham, o grupo CCFIILE, criado pelos irmãos Rizzoli, costuma atacar os brasileiros. O programa de um canal local, comandado pelos gêmeos Jim e Joe Rizzoli, mostra bem o sentimento racista e anti-imigrante. Os dois brasileiros tiveram os nomes preservados por serem vítimas de um crime. Durante a audiência na corte, realizada na segunda-feira (9), a procuradora Felicia Sullivan disse que Hansberry insistiu para que os brasileiros voltassem para o país deles. Segundo os documentos da corte, o réu agiu como se quisesse se suicidar, pois a cela dele continha roupas próprias, e que estariam sendo usadas para formar uma força.

¹⁰ Lei no Arizona almeja deter imigrantes ilegais. Disponível em www.Brasileirosnos Estados Unidos.com. Acesso: 16 de setembro de 2010.

Hansberry recebeu duas acusações de crime de ódio, duas acusações de ataque e agressão, uma acusação de ataque e agressão com uma arma perigosa – neste caso, as botas – e conduta desordeira. Ele negou as acusações, alegando que agrediu os brasileiros em legítima defesa. O réu disse ainda que não ia tentar o suicídio. A polícia descobriu que Hansberry tem uma extensa ficha criminal, além de muitas ordens de restrição. Ele ainda está sendo acusado de tentativa de agressão a um policial, quando este entrou na cela para evitar que ele tirasse a própria vida. Por este motivo, o policial deu três socos no rosto dele. Hansberry agora exhibe os dois olhos completamente roxos. Não é a primeira vez que Michael Hansberry é acusado de agressão. Em 1998 ele foi condenado a dois anos por ter agredido alguém. O homem pagou \$500 de fiança e está em liberdade condicional, mas já tem data agendada para voltar à corte: dia 4 de dezembro.¹¹

Segundo Sales (2006, p. 79) há um movimento anti-imigrante brasileiro na cidade e “os brasileiros ali residentes têm lidado em seu dia-a-dia com esse fantasma de forças contrárias que estão à espreita em plena luz do dia”. Não é possível afirmar que esse movimento exista em todo o país, considerando as diferenças e particularidades culturais de cada região norteamericana. As pesquisas sobre os imigrantes brasileiros nos EUA pontuam as especificidades das vivências desses imigrantes nas muitas cidades que ocupam. A presença brasileira em Massachusetts e as organizações não governamentais brasileiras foram pesquisadas por Sales (2006); Mitchell (2002) pesquisou os impactos das políticas migratórias do país sobre os brasileiros; Ribeiro (1998) apresentou elementos do cotidiano de brasileiros em São Francisco, destacando as atividades de trabalho e a presença dos goianos e Fleischer (2000) estudou as faxineiras brasileiras em Boston.

Apesar dos estudos em geral apontarem a cidade de Governador Valadares como polo inicial das migrações para o país, muitos pesquisadores citam a expressiva presença de brasileiros oriundos de Goiás e ressaltam a constituição de comunidades por origem regional, claramente estruturadas a partir das redes sociais que impulsionam as migrações. Entre os imigrantes brasileiros, os indocumentados são a maioria e há uma equivalência entre homens e mulheres. As principais ocupações de trabalho dos imigrantes brasileiros no país, indicadas por pesquisadores como Ribeiro (2000), Salles (1999) Martes (2000) e Margolis (1993), são as atividades domésticas de limpeza e cozinha, o trabalho de garçom, a entrega de pizza e a entrega de jornais.

¹¹ Americano é preso acusado por crime de ódio contra brasileiros. Disponível em www.Brasileirosnos estadosunidos.com. Acesso: 16 de setembro de 2010.

Segundo quadro estimado pelo MRE (2009), há 1.280,000 (um milhão duzentos e oitenta mil) brasileiros nos Estados Unidos. As cidades com maior concentração são Boston e Nova York, com 350 mil brasileiros, Miami com 300 mil, Atlanta com 80 mil, Los Angeles com 52 mil, Houston com 50 mil, São Francisco com 45 mil e Washington com 26 mil. Essas estimativas foram elaboradas com base nas jurisdições dos consulados gerais do Brasil em funcionamento em 2008.

As migrações de brasileiros para Portugal podem tanto ser compreendidas como lusófonas, situando-as entre os movimentos comuns de populações das ex-colônias portuguesas para o país colonizador, como associadas às novas migrações para Portugal, oriundas do leste europeu (Machado, 2006). Acreditamos, além dessas constatações, que as migrações para Portugal foram também impulsionadas no Brasil pelo movimento migratório da década de 1980, momento a partir do qual o país passou a integrar a União Europeia (EU) e, conseqüentemente, apresentar avanços econômicos significativos e atrativos para os imigrantes. Entre as pesquisas sobre brasileiros em Portugal destacam-se a problematização de temas como identidade e relações Brasil/Portugal, colonialismo e pós-colonialismo (Feldman-Bianco, 2001), além do movimento de valadarenses para o país, (Machado 2000, 2003, 2006, 2007), as particularidades identitárias das comunidades brasileiras em Portugal e a construção de uma “hierarquia das alteridades”. Feldman-Bianco (2001, 2009) também analisa as políticas do Estado português em relação aos imigrantes brasileiros argumentando que uma suposta irmandade lusófona, elemento presente nos discursos do governo, contribui para mascarar políticas notadamente avessas aos imigrantes, instituídas com base em uma ideologia de reconfiguração dos laços de dominação colonial. Ao constatar que há em Portugal um denso universo simbólico de representações sobre o Brasil, Machado (2006, p. 120) identifica que essas representações contribuem para obscurecer as diferenças entre os brasileiros, dado que se sustenta em estereótipos fortemente associados às reminiscências da ideologia colonial, que se manifesta em um discurso étnico-político que exotiza e reifica a subalternidade das identidades imigrantes.

Entre os destinos procurados pelos emigrantes brasileiros, a Espanha se destaca nas estimativas do MRE, segundo as quais havia aproximadamente 125 mil cidadãos brasileiros vivendo no país em 2008. Diferente do que ocorre com Portugal, Estados Unidos e outros destinos, a referência “brasileiros na Espanha” é

frequentemente associada aos casos de prostituição noticiados pelos meios de comunicação social. As informações da Polícia Federal de que há uma rota de tráfico de mulheres para prostituição, entre Goiás e Espanha, faz com que no estado as trabalhadoras que não são profissionais do sexo, mas que emigraram para o país, sejam vistas com desconfiança. Na realidade a existência de quadrilhas de tráfico de mulheres e a pertinência dos casos de assassinatos e de submissão a situações análogas à escravidão produziram no estado de Goiás um imaginário consideravelmente negativo sobre a presença brasileira na Espanha, se comparado a outros países. Enquanto nos Estados Unidos a dramatização ocorre em função dos riscos da travessia da fronteira, a presença na Espanha é associada à violência dos traficantes de mulheres, aos riscos de morte, envolvimento com drogas, escravidão sexual e, mais recentemente, aos casos de deportação.

A desarticulação de uma quadrilha de prostituição masculina em setembro de 2010 foi apresentada pelos meios de comunicação como uma novidade em um universo onde predominam o tráfico de mulheres. O portal Terra, em 31 de agosto de 2010, apresentou informações sobre as condições de aliciamento e o cotidiano de violência e exploração desses imigrantes:

Espanha desarticula rede de prostituição que explorava homens brasileiros

A Polícia espanhola desarticulou pela primeira vez uma rede dedicada à exploração sexual de homens, que saíam do Brasil e recebiam cocaína, *popper* (uma droga para estimulação sexual) e *viagra* "para se prostituírem 24 horas por dia", segundo comunicado. Ao todo, a rede pode ter trazido à Espanha quase 80 pessoas do Maranhão, dos quais 80% eram homens e os demais travestis e mulheres, na mesma proporção, informaram hoje os responsáveis pela operação em entrevista coletiva. Parte das vítimas, com idades entre 22 e 29 anos, sabia que vinha para trabalhar com prostituição, embora acreditassem que o fariam em outras condições, enquanto outros desconheciam e acreditavam que seriam contratados como "gogoboy", dançarinos e modelos. Sob ameaças de morte, os meninos ficavam disponíveis 24 horas para prostituírem-se e para poder manter relações sexuais continuamente. Os responsáveis pela rede forneciam a eles "popper" (uma droga para estimulação sexual), *viagra* e cocaína, informaram os agentes. As vítimas viviam amontoadas em apartamentos - em um pequeno quarto com dois ou três beliches dormiam entre quatro e seis -, que contavam com um pequeno salão, onde se apresentavam para os clientes, na maioria homens com idade entre 20 e 65 anos, com os quais depois mantinham relações sexuais. Por seus serviços, cobravam 60 euros (US\$ 75), embora a metade do dinheiro ficasse com os chefes da rede. Ainda precisam pagar 4 mil euros (US\$ 5 mil) relativos aos custos da viagem até a Espanha. Os jovens deviam entregar ao dono do apartamento ou ao encarregado 50% dos lucros, além de 200 euros cobrado pelo alojamento e manutenção. A organização fornecia às vítimas uma bolsa de viagem e o bilhete de avião, que era comprado com cartões clonados, e para não levantar suspeita antes de virem à Espanha passavam por outros aeroportos de países como França e Itália. Na operação foram detidas 14 pessoas, entre eles o líder da rede, de origem brasileira, além das vítimas que estavam na Espanha em situação irregular, explicaram os responsáveis pela

operação da central de Redes de Imigração. A rede contava com cinco apartamentos em diferentes províncias espanholas, mas havia vítimas que trabalhavam em casas de prostituição. As investigações sobre a rede, que atraía os clientes por meio de anúncios na seção de contatos de jornais locais e em diferentes sites, onde postavam fotografias dos meninos disponíveis, começaram em fevereiro, quando um deles denunciou os fatos. Além dos delitos contra os direitos dos cidadãos estrangeiros, relativos à prostituição, contra os direitos dos trabalhadores e formação de quadrilha, os chefes da rede serão acusados de proporcionar droga e outras substâncias ilegais tanto aos clientes quanto às próprias vítimas.¹²

Alguns pesquisadores da emigração brasileira para a Espanha se ocuparam da elaboração de um perfil dos imigrantes (Fernandes et al, 2008) e da análise das políticas migratórias do governo espanhol (Vidal, 2009). Fernandes aponta que 80% dos brasileiros que vivem em Madri estão na ilegalidade. Indica, ainda, que 70% têm segundo grau completo e 18% possuem ensino superior. A faixa etária desses imigrantes está entre 27 e 28 anos para os homens e 26 e 27 anos para as mulheres, que são 63% do contingente brasileiro no país. Esse movimento migratório é possível perceber um dos mais recentes e intensos entre os exemplos citados, se considerarmos que o MRE aponta número estimado de 125 mil brasileiros vivendo no país. O Instituto Nacional de Estatísticas da Espanha (INE) indica que em 1997 viviam legalmente “empadronados”¹³ apenas 629 brasileiros. Em onze anos o governo brasileiro estima o surpreendente crescimento indicado.

A atitude do Estado espanhol em relação aos imigrantes entre 1996 e 2007 foi de relativa tolerância e flexibilidade (Vidal, 2009), uma vez que promoveu regularizações de ilegais em 1985, 1991, 2000 e 2001. As deportações e inadmissões veiculadas nos meios de comunicação nos últimos dois anos devem ser compreendidas em consideração ao contexto da crise econômica mundial que atingiu o país de forma intensa, em 2008. O aumento da animosidade da população com os imigrantes faz com que o governo se sinta pressionado a reforçar as fronteiras, restringindo as políticas de regularização. O contexto de crise e desemprego resultou em medidas abruptas e ações injustificadas como a não admissão de brasileiros e outros viajantes. No mês de fevereiro de 2008, 452 brasileiros foram barrados no aeroporto de *Barajas*, em Madri. Após o impedimento da entrada de dois universitários em março do mesmo ano, o governo brasileiro

¹²Espanha desarticula rede de prostituição que explorava homens brasileiros. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias>. Acesso: 31 de agosto de 2010.

¹³ O termo se refere aos imigrantes que se identificam junto às prefeituras de onde moram a fim de serem atendidos pelos serviços de saúde e terem acesso à educação.

adotou o princípio da reciprocidade, restringindo a entrada de espanhóis no Brasil, o que foi considerado uma crise diplomática entre os países. Dois estudantes pós-graduandos do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Pedro Luiz Lima e Patrícia Rangel, foram barrados quando faziam escala em Madri. Juntamente com outros 30 brasileiros, eles permaneceram presos até voltarem ao Brasil como não admitidos. Apesar de possuírem toda a documentação comprobatória de que iriam participar de um congresso em Portugal, os estudantes foram impedidos de entrar na Espanha, episódio interpretado pelo governo brasileiro e por instituições acadêmicas do Brasil como injustificado e merecedor da adoção do princípio de reciprocidade. Esse acontecimento reforçou o imaginário negativo da presença brasileira na Espanha, provocando comentários que demonstram certo mal-estar nacional diante da realidade dos cidadãos brasileiros que circulam ou vivem em espaços estrangeiros.

No que se refere às pesquisas realizadas e em andamento, é fato que elas ressaltam as particularidades do fenômeno “brasileiros no exterior”, ao mesmo tempo em que permitem perceber que os espaços em que as migrações ocorrem, muitas vezes considerados “globalizados”, possuem elementos que não são passíveis de generalização. Japão, Paraguai, Estados Unidos, Portugal e Espanha são os países em que se encontram o maior número de brasileiros, conforme estimativas do MRE, 2009 e 2011. Na Irlanda, em 2009, as estimativas apontaram 15 mil brasileiros; já em 2011, 18 mil. As condições desses imigrantes nesses países se caracterizam por relações submetidas aos contextos políticos sociais e culturais específicos, e dependem de inúmeros fatores para serem compreendidas. Os imigrantes brasileiros no Japão e os imigrantes brasileiros na Irlanda vivem em contextos completamente distintos, enfrentando problemas de adaptação completamente diferentes.

Brasileiros no mundo – Estimativas

Fonte: Ministério das Relações Exteriores, 2009

<i>Estados Unidos</i>	1.280.000,00
<i>Japão</i>	280,000,00
<i>Paraguai</i>	300,000,00
<i>Portugal</i>	137,600,00
<i>Espanha</i>	125,000,00
<i>Irlanda</i>	15.000

Brasileiros no mundo – Estimativas

Fonte: Ministério das Relações Exteriores, 2011

<i>Estados Unidos</i>	1.388.000
<i>Japão</i>	230.552
<i>Paraguai</i>	200.000
<i>Portugal</i>	136.220
<i>Espanha</i>	158.761
<i>Irlanda</i>	18.000

1.3

O governo brasileiro e os imigrantes: entre tentativas de aproximação e a manutenção dos distanciamentos

A criação do Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior (CRBE) e as conferências realizadas anualmente no Brasil, desde 2008, se apresentam como as iniciativas mais significativas do governo brasileiro em relação aos cidadãos que vivem no exterior. Segundo o embaixador do Brasil na Irlanda, Pedro Brêtas, a relação do governo brasileiro com os imigrantes avançou muito significativamente nos oito anos do governo Lula, superando uma distância grande entre o governo e os cidadãos que vivem além das fronteiras nacionais. “No governo militar quem vivia

fora era exilado e a concepção de João Figueiredo, por exemplo, era a de que lugar de brasileiro é no Brasil". As iniciativas efetivamente assumidas estão sintetizadas na carta abaixo, publicada no site do portal Brasileiros no Mundo, do Ministério das Relações Exteriores:

Carta aberta da SGEB à comunidade brasileira ¹⁴

Nos últimos meses o Ministério das Relações Exteriores tem implementado uma série de medidas acordadas por ocasião da III Conferência Brasileiros no Mundo (dezembro de 2010) e na I reunião de trabalho SGEB-CRBE (maio de 2011). Essas medidas constam da Ata Consolidada de demandas da comunidade brasileira e do Plano de Ação MRE-CRBE 2011/12...As ações executadas ou em andamento incluem, entre diversas outras: 1) projetos-piloto de criação de Conselhos de Cidadania com membros eleitos pela comunidade em Zurique, Genebra, Londres e Atenas (em andamento); 2) capacitação de professores de língua portuguesa (recentemente realizada em São Francisco e com nova edição planejada para ocorrer em Washington nas próximas semanas); 3) realização de "Semanas do Trabalhador" em Boston (setembro/11) e em Caiena (novembro/11); 4) implementação do projeto "Espaço do Trabalhador Brasileiro" no Japão, em Hamamatsu (em andamento); 5) projeto-piloto de "workshop" para os veículos brasileiros de mídia comunitária em Nova York e Londres (data a definir); 6) mapeamento das comunidades brasileiras no exterior (em andamento); 7) revisão da Cartilha "Brasileiros e Brasileiras no Exterior- Informações Úteis" (em andamento); 8) criação da matrícula consular "online" (em andamento); 9) divulgação de novas cartilhas, a exemplo da recém-lançada Cartilha de Orientação Jurídica aos Brasileiros no Exterior; 10) negociação de acordos para facilitar o reconhecimento da carteira nacional de habilitação brasileira no exterior (negociações em andamento com Japão e Itália); 11) negociação de novos acordos previdenciários (negociações em andamento com França e Moçambique, entre outros); 12) finalização do novo Portal das Comunidades Brasileiras, que irá permitir maior interatividade e terá novas ferramentas tecnológicas como vídeos e fóruns de discussão (lançamento em breve); 13) publicação de informações que facilitem as remessas de bens e valores do exterior para o Brasil (foram divulgadas informações da Receita Federal e do Banco Central a respeito); 14) simplificação dos procedimentos referentes à concessão de autorização de viagem para o exterior de menores brasileiros e ao recrutamento militar dentro do esforço de desburocratização dos serviços consulares (ação permanente); 15) publicação do catálogo dos desenhos vencedores do II Concurso "brasileirinhos no exterior" (em andamento); 16) mapeamento dos serviços de saúde em outros países (em andamento); 17) mapeamento dos consulados honorários e avaliação de sua atuação (em andamento); 18) ampliação do calendário de consulados itinerantes para novas regiões como norte da Inglaterra, Bolívia, Guiana Francesa, Dubai, territórios palestinos, etc (ação permanente); 19) envio de 23 mil livros didáticos doados pelo Ministério da Educação aos consulados e associações brasileiras no exterior (em andamento); 20) realização de projeto-piloto de assistência psicossocial às mulheres em Milão, Londres e Beirute (em andamento); 21) realização de jornadas de familiarização de imigrantes brasileiros recém-chegados em Zurique e Berlim; 22) discussão de medidas de facilitação migratória com governos de países de destino de imigrantes brasileiros como EUA, França, Espanha, Portugal, Reino Unido, Bélgica, Japão e Suriname; e 23) realização de missões consulares no Brasil visando a divulgar os serviços consulares às famílias dos emigrantes brasileiros e a envolver os Governos estaduais e municipais no apoio a esses grupos, tendo já sido realizadas

¹⁴ Carta aberta do SGEB à comunidade brasileira. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.mre.gov.br/pt-br/News.xml>. Acesso: 23 de agosto de 2011.

edições em Minas Gerais, Goiás e Amapá (ação permanente). Trata-se de lista extensa, compreendendo atividades de caráter permanente e serviços consulares de 2ª geração. Resultam das primeiras edições da Conferência Brasileiros no Mundo (CBM) já realizadas, que tinham por objetivo ouvir as lideranças brasileiras no exterior, conhecer suas demandas, registrá-las e buscar atendê-las. Passou-se, agora, a uma nova fase, que tem como prioridade implementar o maior número de ações, avaliar seus resultados, proceder aos necessários ajustes e verificar possibilidades de ampliação. O principal objetivo da IV Conferência Brasileiros no Mundo será justamente esse. Face, no entanto, ao estado de desenvolvimento ainda inicial da maioria dos projetos listados, decidiu-se adiar a realização da IV CBM para 2012. As datas serão definidas em comum acordo entre a Subsecretaria Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior e o Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior. Assinalo que é a intenção do Governo brasileiro continuar a receber nas Conferências Brasileiros no Mundo número expressivo de lideranças engajadas em projetos em prol dos brasileiros no exterior. Essa aspiração viu-se comprometida face aos cortes orçamentários de 50 bilhões de reais realizados pelo Governo brasileiro para assegurar controle da inflação e a continuidade do crescimento econômico, bem como à decisão governamental de reduzir em 50% despesas com passagens aéreas e hospedagem. A SGEB continuará empenhada em dar seguimento aos projetos previstos na Ata Consolidada e no Plano de Ação MRE-CRBE, para que a IV Conferência Brasileiros no Mundo possa apresentar, como todos desejamos, o máximo possível de resultados concretos.

Cordialmente,

Eduardo Gradilone

Subsecretário-Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior

Nos dias 14 de maio e 04 de junho de 2011 participei, em Dublin, do primeiro e do segundo encontros dos brasileiros na Irlanda, com a presença de um dos representantes do CRBE eleito pela Europa e Reino Unido, Laércio da Silva. Fui convidada por Vanildo Lima e Daniele Bueno, respectivamente proprietário das empresas Apoio Internacional e Laptop Fix. Eles solicitaram que eu coordenasse a mesa de debates, o que a princípio achei interessante, uma vez que poderia participar também dos bastidores da reunião, o que contribuiria para uma compreensão mais ampla do processo inicial de articulação. No primeiro encontro fizemos uma reunião prévia a fim de combinar a condução do evento. Nessa reunião percebi que não havia nenhuma clareza por parte dos organizadores locais acerca do papel do CRBE. Os organizadores do evento em Dublin foram Daniele Bueno e o proprietário da escola de Inglês *Euro College*, José Amaral. No início da reunião percebi que havia uma disputa entre os representantes das empresas presentes, a maioria escolas de inglês, empresas de transferência de dinheiro, venda de passagens, empresas de produtos alimentícios e do setor de serviços de bares e restaurantes.

Na reunião prévia o primeiro a se manifestar foi o proprietário do *Euro College*, que solicitou que a reunião não se tornasse um espaço de divulgação publicitária das empresas presentes. Só compreendi o contexto do comentário quando, durante a reunião, percebi que a grande maioria dos convidados estava envolvida com algum empreendimento voltado aos brasileiros na Irlanda e a maioria das manifestações em plenário foram feitas por eles. A reunião, que deveria ter como objetivo a articulação das comunidades brasileiras na Irlanda a fim de que se estreitassem os laços entre essas comunidades e o CRBE, na verdade se tornou um espaço de disputas comerciais, pois o representante do conselho foi identificado pelos empresários brasileiros que atuam na Irlanda como um potencial concorrente, uma vez que poderia usar o cargo que ocupava para buscar espaço para sua empresa na Irlanda. Havia poucos representantes do interior, com exceção de Roscomonn e Tullamore. Constatei, durante a pesquisa, que os imigrantes que vivem em Gort, Kilbeggan e Tullamore pouco ou nada sabem sobre o conselho e, principalmente, não acreditavam que ele pudesse trazer benefícios concretos aos brasileiros. As discussões em torno das dificuldades que eles viviam giravam em torno da embaixada brasileira e das críticas aos serviços prestados pela equipe consular. Nos momentos em que mencionei as iniciativas do governo referentes aos imigrantes, eles de imediato reclamavam do tratamento recebido na embaixada, a exemplo do que disse Andréia, 32, que emigrou de Goianópolis, pequena cidade que fica entre Anápolis e Goiânia, para Gort, onde vive com a mãe, as duas filhas e o marido:

É muito difícil pra quem vive no interior ir até Dublin para resolver problemas de documentação na embaixada brasileira e ser maltratado. Em primeiro lugar é caro ir à capital. Quem não tem carro, precisa pegar o ônibus e o trem e chegar no horário que a embaixada atende, pois eles só abrem durante duas horas para o atendimento. Muita gente, que tem pressa com algum documento, paga para alguém que tem carro levar até Dublin e isso não sai por menos de duzentos euros, pois além do carro, o motorista conta como um dia de trabalho dele. A gente às vezes quer preencher um documento e não sabe como. Se você perguntar para os atendentes, eles dizem: “tá tudo no site”. Esquecem que nem todo mundo sabe acessar internet e nem sempre o que tá escrito fica claro pra gente. Um dia eu perdi a paciência com uma moça lá, disse muita coisa pra ela. Imagina, eles trabalham pra gente e nos tratam como lixo.

Entre os imigrantes, as informações de que estava em curso a articulação de um conselho para representá-los, junto ao MRE, não faziam sentido e nem provocavam interesse. As perspectivas desses brasileiros se mostravam muito

pragmáticas e o que o governo poderia fazer concretamente era melhorar os serviços prestados pela embaixada e pelo consulado na Irlanda. As dificuldades citadas por Andréia são comuns aos brasileiros que vivem no interior. Em primeiro lugar muitos não gostam de ir a Dublin - a dimensão da cidade os assusta, uma vez que além de serem originários do interior de Goiás, vivem no interior da Irlanda, em pequenas cidades, cujas populações raramente ultrapassam 16 mil habitantes. Quando a necessidade de ir à embaixada se apresenta, muitos se organizam em grupos para dividir os custos da viagem e se apoiarem mutuamente ou delegam tarefas a outros imigrantes mais acostumados com a cidade e com os caminhos da burocracia do órgão. Segundo Vanildo Lima, proprietário da Apoio Internacional:

Todas as vezes que vou à embaixada resolver problemas pessoais, os brasileiros me abordam solicitando ajuda no preenchimento dos documentos. Ao invés de ficar meia hora por lá, às vezes fico toda a manhã ajudando. Fico com dó, pois os funcionários, que eu sei que são poucos, deveriam ter mais paciência com as pessoas.

As dificuldades dos imigrantes em lidar com a cidade e com a burocracia, seja ela na embaixada ou em qualquer outra instituição do estado, revelam o incômodo que espaços formais causam aos brasileiros, especialmente aos goianos em questão. Em todo o Brasil, como mostra DaMatta (1986), a figura do despachante se constituiu para a intermediação entre os sujeitos comuns e o mundo dos “papéis”: complicado, impessoal e muitas vezes inacessível. Na Irlanda essa tarefa também é assumida por alguns imigrantes que, obviamente, lucram com o trabalho. Os que os contratam, no entanto, se livram dos apertos que tanto o trânsito e as distâncias da cidade podem proporcionar, bem como dos constrangimentos de ter que identificar e preencher documentos de acordo com as exigências formais do governo.

Recentemente o governo brasileiro tem usado o contexto favorável de desenvolvimento econômico, vivido pelo Brasil entre 2007 e 2010, para incentivar os imigrantes a retornarem ao Brasil, que agora estaria se tornando um país de oportunidades para todos. Uma propaganda do governo brasileiro, veiculada em 2010, apresentava o depoimento de um trabalhador da Petrobrás que teria emigrado para o Japão e que, ao voltar, se impressionou com as mudanças pelas quais o país passava. A tese central era de que o Brasil que o expulsou agora o acolhia com trabalho e oportunidades de prosperidade. A carta do Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, publicada em 07 de setembro de 2010, sintetiza algumas ações

e finaliza convidando os imigrantes a voltarem, sugerindo que aqui encontrarão novamente as oportunidades que foram buscar no exterior:

Mensagem do Senhor Presidente da República aos Brasileiros no exterior¹⁵

Há oito anos, quando ainda era candidato à Presidência da República, redigi a “Carta aos brasileiros que vivem longe de casa”. Ao comemorarmos, hoje, nossa Data Nacional, estou feliz em constatar que os compromissos então assumidos foram plenamente cumpridos. De um lado, buscamos assegurar condições de vida digna no Brasil com a criação de milhões de novos postos de trabalho e, de outro, criamos normas e desenvolvemos projetos concretos em benefício dos que decidiram viver no exterior. Criamos no Itamaraty uma unidade para implementar ações para oferecer atendimento adequado aos emigrados brasileiros. Com isso, foi possível fortalecer os Conselhos de Cidadãos no exterior, implantar programas de regularização migratória na América do Sul e assinar acordos previdenciários com grande número de países. No Japão, inauguramos a Casa do Trabalhador Brasileiro em caráter experimental e lançamos projeto-piloto para permitir saque do FGTS. Melhoramos o atendimento aos brasileiros no exterior com a informatização e a reforma do sistema consular, inclusive para a prestação de serviços nas áreas de educação, previdência, trabalho, saúde e cultura. Essas ações derivam também de processo de consulta permanente que estabelecemos com nossas comunidades no exterior. Abrimos diferentes canais de comunicação direta, como o Portal Consular, o Portal das Comunidades, e a Ouvidoria Consular, que recebe todo tipo de sugestões e críticas para aprimorarmos o serviço. Mais importante, lançamos o processo das “Conferências Brasileiros no Mundo” e, em junho passado, promulguei o Decreto nº 7.214, que estabelece diretrizes para uma política governamental voltada aos brasileiros no exterior. Com ele foi instituída a “Ata Consolidada” de reivindicações da comunidade e criado um Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior. Esses representantes, eleitos pelas próprias comunidades no exterior, tomarão posse em dezembro, no Rio de Janeiro, por ocasião da III Conferência Brasileiros no Mundo. Estou certo de que, com a sua colaboração, o trabalho da Conferência adquirirá maior eficácia e dinamismo, com melhor articulação em defesa dos direitos dos brasileiros que vivem fora do país. Saúdo a todos e manifesto a certeza de que a cada ano teremos motivos para celebrar avanços e para nos orgulhar, seja aqui ou no exterior, deste Dia, que é o dia de todos os brasileiros. Nesse momento de celebração não posso deixar de registrar um pensamento por aqueles que deixaram suas vidas ou têm vivenciado situações de penúria na busca de realizações pessoais em outros países. Estamos construindo um país de oportunidades para todos os brasileiros e brasileiras. O Brasil os espera de volta.

Nas palavras do presidente Lula as oportunidades estariam sendo construídas no Brasil e os brasileiros poderiam voltar para aproveitá-las. Durante a campanha presidencial de 2010, o programa de televisão da então candidata à presidência pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Dilma Roussef, também utilizou a tese do bom momento econômico em que vive o Brasil para convidar os brasileiros a voltarem ao país.

¹⁵ Brasileiros no mundo. Disponível em: www.brasileirosnomundo.mre.gov.br. Acesso: 16 de setembro de 2010.

As emigrações de brasileiros para o exterior, apesar de terem em comum a década de 1980 e os percalços econômicos que o país enfrentava, precisam ser consideradas em suas particularidades. Os grupos de imigrantes, os motivos que os levam a emigrar, as perspectivas, objetivos e as articulações de apoio, as regiões brasileiras de onde saem e os países que escolhem, fazem com que suas experiências sejam vivenciadas de forma específica, o que nos faz sugerir que o termo “brasileiros no exterior” se mostra insuficiente para a complexidade das experiências em questão. Paralelo ao fluxo emigratório de trabalhadores braçais, por exemplo, estruturou-se um fluxo de trabalhadores do sexo; muitos ingressaram nas redes ludibriados por quadrilhas de traficantes de pessoas. Dados do governo de Goiás apontam a rota Goiás-Espanha como o principal caminho¹⁶ para as atividades de tráfico e aliciamento de mulheres.

Além da mudança dos discursos diante dos rumores de que o Brasil melhorou e dos índices econômicos favoráveis, movimentos migratórios de cidadãos latinoamericanos para o Brasil têm se intensificado, como apontam os estudos sobre bolivianos em São Paulo (Silva, 1997) e as notícias recentes sobre a entrada de imigrantes ilegais apoiados pela atuação de coitotes. Segundo a coordenação geral de polícia de imigração da polícia federal, esses imigrantes utilizam principalmente as fronteiras do Peru, Bolívia e Paraguai para as entradas. Chegam a pagar dez mil dólares para entrar ilegalmente e em geral passam a viver em grandes centros, como São Paulo, e muitos são encaminhados para empregos insalubres em condições análogas à escravidão.

Diante do dinamismo que marca os cenários econômicos contemporâneos, não é possível qualquer especulação sobre o “futuro” da emigração internacional. Se o Brasil se apresenta hoje com uma escolha interessante para muitos estrangeiros, como aconteceu com a Irlanda na década de 1990, esse contexto pode mudar rapidamente, uma vez que como aponta Giddens (1991), estamos todos sujeitos a movimentos e decisões que nem sempre estão ao nosso alcance. Apesar das decisões de emigrar ou permanecer, nos casos em questão, sofrerem influência

¹⁶ Segundo a assessoria especial para assuntos internacionais do governo de Goiás, 250 mil goianos vivem fora do País, entre estes aproximadamente 210 mil vivem ilegalmente e, portanto, em condições de vulnerabilidade. As mulheres, especialmente, expostas às quadrilhas internacionais de tráfico de pessoas e prostituição, frequentemente são vítimas de falsas promessas de contratos de trabalho e têm seus passaportes apreendidos pelos aliciadores. Cerca de três mil goianas viveram da prostituição em outros países no ano de 2009, segundo a pesquisa da assessoria, e 15 morreram em função das condições de violência. A média de brasileiras mortas no exterior é de 20 por ano.

direta das informações que circulam entre os imigrantes, o peso das transformações econômicas interfere significativamente nos processos de atração e expulsão de trabalhadores. Os primeiros trabalhadores goianos a emigrar para a Irlanda, por exemplo, o fizeram através da ação de agentes dos frigoríficos irlandeses no processo de arregimentação de profissionais brasileiros, ação essa sintomática de um processo amplo de interações transnacionais entre capitais, empresas e pessoas. O fluxo que se estabeleceu após a contratação desses trabalhadores, no entanto, deve ser considerado à luz das redes sociais (Boyd, 1989). As redes, para aqueles que não foram selecionados pelos agentes das empresas internacionais ou nacionais que atuam no exterior, representam a possibilidade de articular o empreendimento emigratório. A base dos laços que as sustentam pertencem ao campo da personalidade e desafiam as impossibilidades dadas pelas estruturas amplas que se materializam nas barreiras financeiras e nas fronteiras entre os países. Nesse sentido as redes têm, ainda, como matéria prima, o capital social dos sujeitos que nelas se engajam (Bourdieu, 1992). Quem emigra primeiro se sente na obrigação de ajudar a quem ficou e esse por sua vez, mantém o ciclo ajudando a outros.

As redes são, ainda, fontes de informação sobre os lugares e as oportunidades que podem ser encontradas. As informações obtidas são, sem sombra de dúvida, as fontes de maior influência para os imigrantes que acompanhei. Ouvi de muitos deles que os amigos “falaram da Irlanda” e agora “o povo diz que lá não tá bom pra ganhar dinheiro mais não”. “Tem muita gente indo pra Austrália, lá pelo jeito tá melhor”. As constatações nas quais os trabalhadores se apoiam são testadas pelos amigos, parentes ou conhecidos e por isso são confiáveis. Nas palavras de um informante “a gente confia em quem tá lá né, ele tá vivendo lá e sabe como as coisas estão”. A confiabilidade das fontes de informação dos imigrantes se apoia nas relações pessoais, a proximidade dada pelo parentesco ou amizade se mantém central, como é próprio da vida comunitária e dos laços tradicionais rurais que predominam nas cidades do interior do Brasil.

De acordo com essas considerações, as contribuições teóricas apresentadas se tornam fundamentais para que a complexidade que marca o movimento de pessoas no contexto contemporâneo seja compreendida. Os embates entre as macro e microanálises não se mostram frutíferos quando estão em questão

processos que tanto resultam de forças macroestruturais, a exemplo dos arranjos e realocações do capital, como de articulações locais, como as redes que sustentam os fluxos de imigrantes. É preciso uma perspectiva conciliadora, que considere tanto os aspectos mais amplos do fenômeno como aqueles mais particulares.

Contudo, a ideia de que a globalização faz com que as populações das antigas colônias europeias possam ter acesso ao ocidente desenvolvido, “situado apenas à distância de uma passagem aérea” (Hall, 2006, p.81), esbarra no fato de que as fronteiras permanecem e são até, em certa medida, reforçadas. Os descendentes de terceira ou quarta geração de imigrantes permanecem classificados como “estrangeiros” em muitos países europeus, mesmo que os documentos os identifiquem como nacionais. Há fronteiras que não se diluem a despeito do que afirmam alguns teóricos que defendem a instabilidade dos nossos tempos. Como mostra Appadurai (1996), há impedimentos inerentes aos movimentos globais, diferente do que aparece nos discursos de um mundo diluído. Esses impedimentos se tornam também fronteiras, que podem ser definidas pelo fenótipo, pelos sotaques, hábitos alimentares ou pelos lugares que alguns sujeitos ocupam na geografia do espaço urbano. Essas barreiras ou limites são reforçados muitas vezes pela ação ou ausência do Estado, a exemplo da França, cujo tratamento aos franceses imigrantes repercute negativamente na imagem externa do país e gera conflitos constantes, desencadeando inclusive movimentos violentos como os que ocorreram em 2005, após a morte de dois adolescentes franceses descendentes de imigrantes africanos.

As primeiras percepções acerca da globalização se direcionavam para a tese da flexibilização das barreiras entre as nações, o que facilitaria a circulação de pessoas, capitais e referências culturais. O que se percebe, no entanto, é que todas as fronteiras têm sido reforçadas, sejam elas geográficas, que se manifestam nas preocupações com o território, físicas ou as identitárias, que estabelecem os sentidos que permitem aos indivíduos construir seu pertencimento. A materialização das barreiras contra os imigrantes retomam a estratégia medieval de construção de muros nas divisas entre países a fim de impedir as “invasões bárbaras” contemporâneas. Num tempo em que a queda do muro de Berlim se tornou o símbolo da conquista definitiva do direito de ir e vir entre os povos, esses novos muros testemunham a ilusão da tese de que o ocidente teria conquistado a

liberdade definitiva, coroada pela livre iniciativa e livre circulação (Appadurai, 1996). Os muros, associados a outras políticas anti-imigração, indicam a criminalização da categoria. Na fronteira dos Estados Unidos com o México foi aprovada, em 2006, a construção de um muro de 1,2 mil quilômetros de extensão, incluindo os estados da Califórnia e do Texas. A separação entre a União Europeia e a África seria garantida por uma cerca feita de metal, com seis metros de altura e envolvida por arame farpado, construída em Ceuta e em Mellila, antigas colônias espanholas na África, na região do estreito de Gibraltar. Os africanos que tentam deixar a condição de miséria para tentar emprego na União Europeia enfrentam a vigilância constante da polícia espanhola. O muro entre Israel e Palestina, apesar de ter sido construído por motivações não associadas diretamente à imigração, também compõem o quadro geral de construção de barreiras físicas para conter os indesejados. O argumento do governo de Israel é o de que o muro serviria ao propósito de defesa do território contra a expansão demográfica árabe. (Comparato, 2009).

É inegável que a globalização nos oferece o contexto em que ocorrem essas migrações; resta-nos compreender o que realmente esse contexto pode nos esclarecer acerca desses movimentos, uma vez que acreditamos que eles também devem ser compreendidos como plurais, particulares, resultado de condições específicas e localizadas. No caso dos brasileiros na Irlanda, o evento desencadeador foi o fechamento de um frigorífico e a contratação dos trabalhadores desempregados para trabalharem em frigoríficos irlandeses. No caso de goianos e brasileiros de outras regiões e suas respectivas migrações para os Estados Unidos, Espanha, Portugal ou Japão, cabe considerar que as motivações para a estruturação do movimento foram outras, diversas entre si. Aponto que mesmo dentro de Goiás existem particularidades em cada movimento, o que não nos impede de afirmar que se formou uma forte cultura emigratória no estado. Essas particularidades permanecem quando consideramos as migrações de valadarenses para os Estados Unidos, de descendentes de japoneses para o Japão, dos brasileiros que vivem nas fronteiras com o Paraguai ou dos brasileiros que escolhem Portugal como destino.

Na direção do que propõe Hannerz (1998), acreditamos que é preciso periodizar o movimento chamado de globalização e exorcizar os conceitos a ele associados a fim de situar as reais possibilidades interpretativas que ele nos oferece.

O autor afirma, ainda, que se a cultura global existe ela está marcada pela “diversidade e não por uma repetição de uniformidade” (1998, p. 251). O que ocorre é o “entrelaçamento de culturas locais diversificadas”. Nessa perspectiva, o processo em que as pessoas se dispõem ao deslocamento espacial pressupõe também um deslocamento dos sentidos que esses indivíduos carregam consigo. O espaço contemporâneo é, portanto, marcado pela multiplicidade de formas de ocupação, interpretações e experimentações não homogêneas, uma vez que é um espaço de fluxos.

II

A etnografia em trânsito: seguindo o fluxo dos imigrantes goianos para a República da Irlanda

“O senhor me ouve, pensa e repensa e rediz.
O senhor me organiza?”
(Rosa, 2001: 79 e 277).

Realizar uma etnografia multissituada apresentou-se como a melhor possibilidade de acompanhar os trajetos dos migrantes goianos entre Goiás e Irlanda. A princípio temi os riscos da superficialidade, uma vez que fui treinada nos moldes da etnografia clássica e nesses moldes fiz a pesquisa para a minha dissertação de mestrado, sobre a identidade regional em Goiás. A propósito, foi a partir da leitura da obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (Malinowski, 1976), durante a graduação em ciências sociais, que decidi ser antropóloga, tão fascinada que fiquei pelas possibilidades de uma pesquisa que desafiasse em alguma medida o cartesianismo dominante em toda a academia ocidental. Para Malinowski, só a presença constante junto aos nativos permitiria ao etnógrafo identificar as sutilezas do convívio social. Para isso o antropólogo deveria deixar o conforto e a segurança do seu gabinete e se lançar à aventura antropológica. Durante o tempo em que estive vivendo entre os nativos das Ilhas *Troband*, no Pacífico Ocidental, Malinowski realizou a etnografia do Kula, um sistema de trocas inter-tribal responsável por estabelecer laços de parceria entre pares de indivíduos através da troca constante de braceletes e colares feitos de conchas de caramujo. Ao ler a descrição do evento pude imaginar o ir e vir dos braceletes e colares, a partir das trocas, que ocorrem sempre entre parceiros fixos das tribos que ocupam o extremo leste do continente da Nova Guiné, que, por sua vez, não devem reter os objetos, mas mantê-los em fluxo.

Malinowski faz uma descrição envolvente desse sistema de trocas mostrando que no sentido horário seguem os colares feitos de conchas vermelhas, denominados *Soulava*, e no sentido anti-horário os braceletes de conchas brancas, chamados *Mwali*. Um colar sempre será trocado por um bracelete e vice-versa. Segundo o autor, os nativos não teriam a consciência do sistema de trocas como instituição, pois não podem vê-lo de fora, uma vez que estão envolvidos nele. Caberia ao etnógrafo, através da observação rigorosa e sistemática, apreender o sentido do evento. É isso que faz o autor, descrevendo detalhadamente o Kula e, ao mesmo tempo, construindo as bases clássicas do trabalho de campo na antropologia. O que aos olhos de um desavisado poderia parecer um sistema simples de escambo, aos olhos cuidadosos do etnógrafo se revelou uma instituição responsável por articular e sintetizar relações, sentimentos e status. O Kula satisfaz necessidades estéticas e emocionais, fazendo circular, junto aos colares e braceletes, sentimentos associados à posse, crenças e cumplicidade. Esses objetos estão carregados de uma simbologia que os torna sagrados. Carregam as histórias dos lugares em que foram feitos e dos indivíduos que os permutaram. Carregam um valor histórico.

A partir da imersão em campo, o autor chama a atenção para o que ele denomina de fatos imponderáveis da vida real, que estariam associados a uma ética do convívio diário que muito poderia revelar sobre os laços entre clãs, aldeias, tribos, contribuindo para identificar as leis que regem a vida social:

Pertencem a essa classe de fenômenos: a rotina do trabalho diário do nativo; os detalhes de seus cuidados corporais; o modo como prepara a comida e se alimenta; o tom das conversas e da vida social ao redor das fogueiras; a existência de hostilidade ou de fortes laços de amizade, as simpatias ou aversões momentâneas entre as pessoas; a maneira sutil, porém inconfundível, como a vaidade e a ambição pessoal se refletem no comportamento de um indivíduo e nas reações emocionais daqueles que o cercam (1976, p. 33).

Ao insistir na importância da imersão prolongada entre os nativos e ao indicar com precisão as posturas adequadas de abordagem, coleta e análise dos dados, Malinowski apresentou um roteiro que se constituiu central na produção do texto etnográfico na antropologia. A observação metódica e rigorosa, as dificuldades, as vantagens, as estratégias de aproximação e de coleta de dados, bem como toda a

sistemática que deve orientar a presença do pesquisador entre os grupos pesquisados, transformaram definitivamente os caminhos da nossa ciência.

Diante das considerações apresentadas, o desafio de etnografar um movimento migratório se apresenta simultaneamente como oportunidade e risco. Oportunidade de apreender as expectativas, inseguranças e enfrentamentos inerentes aos trânsitos dos imigrantes. Risco de perder os fios que a permanência prolongada me permitiria identificar, uma vez que nesse caso o olhar do etnógrafo precisa fluir para acompanhar o processo. No início da pesquisa, em 2009, quando estive em Anápolis, GO, percebi imediatamente que a experiência de emigrar, viver como imigrante, voltar ao Brasil e emigrar novamente tinha se tornado a regra para a maioria dos trabalhadores que encontrei na cidade. Dessa forma, para entender a dimensão dessas experiências, viajei até a Irlanda acompanhando trabalhadores que retornavam, morei com grupos de imigrantes em duas cidades irlandesas e acompanhei o retorno de alguns ao Brasil. Acredito que o fato de ser goiana me permitiu uma aproximação significativamente mais rápida, quando comparada às pesquisas em sociedades “estranhas”. Quando me apresentei como pesquisadora e goiana fui acolhida com muita simpatia, tanto em Anápolis como na Irlanda. Participei da rotina dos imigrantes, cozinhei junto com eles, participei das conversas durante o jantar, me inteirei das relações de amizade e dos conflitos e tive acesso aos sonhos de consumo de muitos deles. Tudo isso fez do meu trabalho de campo uma grande oportunidade de viver elementos da imersão proposta por Malinowski, apesar do caráter multissituado da pesquisa.

Fui vista como semelhante e isso me permitiu ter acesso aos sonhos, dramas e alegrias desses meus conterrâneos. Percebi, como sugere Malinowski, que o ato de emigrar não é apenas resultado de respostas mecânicas às necessidades econômicas, mas envolve uma complexa rede que também se manifesta por um vocabulário de sentimentos.

Depois das balizas teóricas propostas por Malinowski e do impacto da proposta de “descrição densa” de Geertz¹⁷, o debate denominado pós-moderno trouxe

¹⁷ Geertz, adotando a perspectiva Weberiana, apresenta o significado como elemento central do seu conceito de cultura. Essa perspectiva semiótica considera a cultura como uma teia de significados tecidos e partilhados pelos membros de um grupo, que deve ser interpretada como um texto. Cabe ao etnógrafo elaborar uma descrição densa e identificar as estruturas de significação em operação, à forma do que faz o crítico literário.

contribuições importantes para as reflexões acerca dos limites da etnografia, a exemplo da reflexão sobre a autoridade do etnógrafo (Clifford, Marcus, 1986). Trouxe ainda a identificação de que a produção da etnografia se dá a partir de relações de poder e de lugares de fala desiguais. A constatação da polifonia na contemporaneidade e a crítica à ausência dessa polifonia na etnografia clássica, bem como os questionamentos em relação às condições da escrita e da tradução, são apresentadas como centrais na discussão da produção do saber antropológico. O fato dos antropólogos confrontarem constantemente suas ideias e interpretações com as ideias e interpretações nativas (Peirano, 1995), impõe à antropologia uma postura fundamentalmente autocrítica, a ponto de questionamentos sobre o fazer antropológico e os sentidos da etnografia tornarem-se pauta de acalorados debates teóricos no início da década de 1990. Não é mais possível produzir etnografia sem considerar os poderes envolvidos no processo do falar e escrever sobre o outro, desconsiderando a polifonia e as negociações comuns ao campo. Considerar o outro como agente e intérprete de si mesmo não impede, no entanto, que a etnografia se mantenha como uma possibilidade fecunda do fazer antropológico. Possibilidade que, de acordo com Peirano, nos confronta frequentemente com a nossa autoridade, permitindo que tenhamos consciência dos limites dos nossos textos diante da complexidade que caracteriza a vida social que, por sua vez, dificilmente pode ser apreendida por verdades absolutas e incontestáveis, linearmente construídas.

Além da nossa inserção em campo não nos permitir consensos absolutos, uma vez que as nossas verdades se constituem na relação com outras verdades, autores como Appadurai (1988) mostram que a dimensão metodológica do nosso trabalho envolve expectativas relacionadas ao *background* antropológico, o que segundo ele reflete no que nossos informantes falam. Isso significa reconhecer o que levamos de expectativas nos nossos deslocamentos para o campo e considerar o encontro com os nossos informantes como espaço de interpretações mútuas. Em todos os momentos da pesquisa tentei identificar qual o lugar que eu estava ocupando entre os imigrantes, ou melhor, em que lugar eles me colocavam no contexto do cotidiano em que eles viviam. Muitas das interpretações sobre a minha presença manifestaram-se em momentos de festas e de descontração, quando já havia a abertura para perguntas consideradas mais íntimas e informais. Muitas

vezes ouvi dos imigrantes, tanto homens como mulheres: “Você é casada? Seu marido não tem ciúmes de você viajar sozinha e ficar tanto tempo longe”? A ideia de que uma mulher goiana e casada viaje sozinha e permaneça mais de dois meses fora de casa não se acomoda na mentalidade dominante em Goiás. Ao responder a essa questão eu tentava explicar as particularidades de uma pesquisa de doutorado e as demandas das Universidades às quais estou vinculada, mesmo tendo a consciência de que os motivos que eu apresentava não eram suficientes para a que a situação fosse considerada aceitável. Após a explicação quase sempre eu ouvia: “mas o que é essa pesquisa mesmo, é pra algum jornal, revista, televisão”?

Depois dos primeiros dez dias na Irlanda, em 2011, eu fiquei conhecida entre os imigrantes como “a jornalista”. Tentei corrigir a informação várias vezes, e sempre antes de gravar uma entrevista ou observar algum evento eu explicava cuidadosamente o que eu estava fazendo, os objetivos da pesquisa, a tese, etc. Obviamente durante todo trabalho de campo mantive a sistemática das explicações, mas desisti de lutar contra o apelido, principalmente quando percebi que “jornalista” seria uma forma encontrada pelos imigrantes de se aproximarem do que eu estava fazendo, uma definição que fazia mais sentido ao mundo de significados com o qual eles estavam acostumados. Por fim, quando eu tentava corrigi-los eles diziam, “que nada, jornalista é mais chique, o povo fica mais feliz de dá entrevista”, e riam muito. Por outro lado, o apelido também foi uma forma de acolhimento, uma vez que a grande maioria dos imigrantes é conhecida pelos apelidos e não pelo nome verdadeiro. Em muitas situações, quando eu ligava o gravador e o entrevistado dizia o nome verdadeiro, os que estavam do lado interferiam, corrigindo-o com o apelido pelo qual o entrevistado era conhecido, o que provocava muito divertimento.

Na Irlanda conheci Batoré, Feio, Cangaceiro, Bailarino, Pica-Pau, Sargento, Fumaça, Mineiro, Abelha, Rolinha, Lesmão, Marmitão, Grilo, Gabiru, Índio, Pantera, Preto, Pedra, John Goiano, Paraíba e muitos outros, cujos nomes verdadeiros só os mais próximos conhecem. Essa infinidade de apelidos me fez pensar na obra de Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, onde a maior parte dos envolvidos na trama tem um apelido significativo, que remete a características pessoais, habilidades, mistérios e, o mais importante, é atribuído pelo grupo. De certa forma o apelido revela a forma como o grupo vê o indivíduo, a despeito da nomenclatura dada pela família e até da forma como o sujeito mesmo se apresenta. Por ser socialmente

construído e muitas vezes imposto, não vale a pena lutar contra ele e muitos dizem que quanto maior a resistência do apelidado, mais forte se torna a nova denominação. No caso de John Goiano, irlandês cujo nome verdadeiro é John O'Reill, o apelido reforça significativamente a prática de acolhimento adotada pelos goianos imigrantes. John é o “pai dos brasileiros na Irlanda”, disse um imigrante. Ele dedica-se integralmente ao apoio aos brasileiros, como apresento ao longo da tese e é co-fundador do Centro de Apoio aos Brasileiros na Irlanda (CABI). Segundo o próprio John, os goianos da Irlanda o rebatizaram principalmente pelo fato de reconhecerem nele traços do “jeito goiano de ser”. Acredito, ainda, que o apelido de John reforça a tese do apego goiano à conterraneidade. Por ser tão querido e admirado, só faltaria a esse estrangeiro tonar-se um “parente”. Como o próprio John analisou: “em Goiás todo mundo é parente, aqui na Irlanda eles continuam vivendo assim, como parentes”.

Em vários momentos o grau de proximidade e intimidade que marcava meu relacionamento com os informantes me fez refletir sobre os limites que deveriam ser considerados no processo de pesquisa. De algumas mulheres me tornei confidente, de alguns jovens uma possível companheira de “baladas”. Além de jornalista passei a ser chamada de Nega e Rê, o que para os goianos denota vínculo, pois os desconhecidos e não íntimos não têm os nomes abreviados, ao contrário do que acontece em outras cidades do Brasil. O fato de estar morando na mesma casa, a convivência cotidiana e a conterraneidade, marcada pelos gostos alimentares comuns, sotaques e fundamentalmente pelo conhecimento dos códigos regionais da boa convivência, permitiram-me alcançar a condição de alguém confiável. Como goiana entre goianos, concluí que o processo de adaptação e aceitação não poderia ser diferente, uma vez que os goianos são avessos às formalidades. A condição para a confiança é a proximidade. É ela que proporciona conforto e segurança nos momentos em que esses sujeitos falam de suas vidas, sentimentos e projetos.

O desafio de reconhecer as múltiplas interpretações, às quais os fenômenos que investigamos e a nossa condição de pesquisadores estão sujeitos, impede que nos julguemos senhores absolutos dos nossos temas de pesquisa, uma vez que é inerente à experiência de campo o confronto apresentado por Peirano. Ademais uma etnografia multissituada me fez perceber que as interpretações dos imigrantes também estão sujeitas ao movimento. Esse elemento aparece na forma como os

imigrantes falam do Brasil à distância, ressaltando as vantagens climáticas e as belezas. O mesmo pude identificar em relação à Irlanda, quando os ex-imigrantes disseram sentir falta das facilidades de ganhar dinheiro no país, entre elas o pagamento semanal e a valorização da mão-de-obra braçal, que no Brasil é desprezada e mal paga. Na Irlanda pude perceber que os “ânimos” para permanência ou volta seguiam também o ritmo das estações. A primeira etapa da pesquisa (em 2009) foi realizada no inverno, entre dezembro, janeiro e fevereiro. Além do frio, as festas natalinas que no Brasil costumam reunir um grande número de parentes, além da família nuclear, aumentavam os sentimentos de solidão e saudade, interferindo na antecipação dos planos de retorno ao Brasil. Já no verão de 2011, muitos imigrantes se mostraram mais felizes e dispostos a permanecer mais tempo, apesar da crise econômica. Como disse Nelson, 30, morador de Tullamore, no condado de Offaly: “A gente vai ficando, agora tá mais difícil de emprego, mas eu acredito que vai melhorar”. O inverno de 2011 foi considerado o mais rigoroso dos últimos dez anos na Irlanda. Muitos ficaram sem água por semanas e as ruas ficaram intransitáveis por causa da neve. Juliano, 35, disse que em cinco anos de Irlanda o inverno de 2011 foi o pior que ele já viveu no país:

Tinha um goiano morando com a gente aqui, ele também tava ilegal, ou seja, se for embora fica muito difícil conseguir entrar de novo. No inverno passado ele não aguentou, de um dia pro outro decidiu ir embora, juntou as malas e foi. Agora ele se arrependeu. Quem não vai embora da Irlanda no inverno, no verão é que não vai mesmo.

2.1

Os movimentos iniciais do fluxo Goiás-Irlanda

A etnografia em Anápolis levou-me a constatar que o início do fluxo de trabalhadores Goiás-Irlanda está diretamente relacionado ao fechamento do frigorífico Bordon, adquirido pelo grupo JBS em 1993, localizado na Vila Fabril, em Anápolis, GO. Uma senhora brasileira de nome Roseana começou a intermediar a contratação de profissionais da área de produção e processamento para trabalhar legalmente no frigorífico *Excel Meats* (hoje *Kepak*), de Dublin, capital da República da Irlanda, de Kilbeggan, no Condado de Westmeath e Fermoy, no Condado de

Cork. Também foram contratados trabalhadores para o frigorífico *Dunbia*, em Kilbeggan e para a unidade do *Dunbia* em Navan, no condado de Cavan. Muitos trabalhadores de Cassilândia, MS, foram contratados para o *Leaf Meats Limited*, na cidade de Ballyjamesduff, também em Cavan. Emigraram trabalhadores de Goianésia, Goiânia, Pires do Rio e Santo Antônio do Descoberto, em Goiás. Em menor número, trabalhadores da cidade paulista de Presidente Epitácio, SP, Bagé e Santa Maria, RS, além de Cassilândia e cidades do entorno, no Mato Grosso do Sul.

Os salários pagos aos trabalhadores brasileiros giravam em torno de R\$ 3.360 e R\$ 4.600, como informou Joaquim Gato, que trabalhou no frigorífico *Kepak* por onze anos. Segundo alguns informantes, o contato de Roseana com as empresas irlandesas se deu através do seu marido, um irlandês que trabalhava na área de exportação de carnes. Em Anápolis a contratação contou com a intermediação de um profissional aposentado que trabalhou como encarregado de um dos setores da empresa. Conhecido por Senhor Longuinho, 54, ele selecionava os profissionais que seriam encaminhados para a Irlanda. Roseana enviou em 1999 os primeiros 26 goianos para Dublin. Desde então a rede, cuja base era Roseana e Longuinho, se amplia e passa a contar com a ida dos parentes e amigos desses trabalhadores, a grande maioria moradora de bairros da periferia de Anápolis, entre eles a Vila Fabril, onde o fluxo teve início. Roseana também enviou trabalhadores de Presidente Epitácio para os mesmos frigoríficos.

Outros intermediários também atuaram na contratação de trabalhadores, segundo pude constatar, mas a rede iniciada por Roseana e Longuinho se constituiu a principal base do fluxo emigratório em questão. Constatei que o envio de trabalhadores brasileiros para frigoríficos no exterior foi uma prática comum em vários estados brasileiros, principalmente no final da década de 1990, e contou também com a atuação de agentes enviados pelos frigoríficos irlandeses ao Brasil. As contratações para o *Kepak*, por exemplo, foram realizadas através de uma agência de recrutamento que tinha correspondência com intermediários no Brasil, a exemplo de Roseana. Ao longo da pesquisa na Irlanda encontrei um grupo de trabalhadores do Rio Grande do Sul, mais especificamente da cidade de Santa Maria, trabalhando em Roscommon, Capital do Condado de mesmo nome, no frigorífico *Hannon's Poultry Exporting Company Limited*. Segundo um trabalhador eles foram contratados por agentes do frigorífico no Brasil. Na cidade de

Ballyjamesduffy, no frigorífico *Leafy Meats*, há sessenta e cinco trabalhadores que vieram das cidades de Jalles, Santa Fé, Cassilândia e Paranaíba, todas no Mato Grosso do Sul. Esses imigrantes foram recrutados por um agente do próprio frigorífico que atuava no Brasil, em Cassilândia, assessorado pelo fundador e proprietário da loja *Real Brazil*, Eugles Barbosa dias, 32, que vive em Gort desde 2001:

Eu fui um ajudante deles para contratar o pessoal da minha região. Na verdade o pessoal de frigorífico, dentro do Brasil anda muito. Veio bastante gente de Presidente Epitácio. Mão-de-obra brasileira nessa área de frigorífico foi para a Austrália, recrutado da Irlanda para a Austrália. Eles recrutaram bastante, devem ter levado daqui umas cem ou cento e vinte pessoas.

Os primeiros trabalhadores goianos contratados foram trabalhar na unidade do frigorífico *Kepak*, em Dublin, mais especificamente no bairro de Clonee; foram alojados num antigo mosteiro, logo apelidado de Castelo. Para os frigoríficos de Nass, no condado de Kildare, localizada a dez quilômetros de Dublin, foram levados trabalhadores de Presidente Epitácio, SP, Goianésia e de outras cidades goianas, como Goianira e Santo Antônio do Descoberto.

Durante o trabalho de campo e à medida que a dimensão da presença de brasileiros na Irlanda se delineou, decidi estabelecer como recorte para a pesquisa o grupo de trabalhadores imigrantes das cidades de Tullamore e Kilbeggan, no condado de Offaly e Westmeath, e Gort, no condado de Galway, especificamente os que emigraram de Anápolis, GO, através da rede que se articulou com base nas contratações dos frigoríficos irlandeses. Constatei que há muitas outras cidades irlandesas com comunidades brasileiras que se estabeleceram nas proximidades dos frigoríficos, estruturadas a partir das redes emigratórias iniciadas por goianos contratados legalmente. Entre as cidades com maior destaque para a presença brasileira está Gort, que se tornou conhecida em toda a Irlanda quando a imprensa irlandesa noticiou que cerca de trinta por cento da população da pequena cidade era brasileira. A emigração para Gort também teve como motivação inicial a existência do frigorífico *Sean Duffy Meats*, que apesar de não ter contratado a partir do Brasil, empregou goianos com e sem experiência na área de matança, além de contratar

trabalhadores que estavam vivendo ilegalmente¹⁸ na Irlanda. Já em Tullamore e Kilbeggan, as contratações do *Excel Meats* e *Dunbia* foram o ponto de partida do processo. É preciso considerar que existe uma alta rotatividade entre os trabalhadores de frigorífico, em função da especialidade e da experiência, uma vez que os profissionais treinados estão sempre à espreita de melhores condições de trabalho e salários. O frigorífico *Sean Duffys*, em Gort, por exemplo, se beneficiou da mão-de-obra brasileira contratada por outros frigoríficos, acolheu trabalhadores de outras empresas da Irlanda que foram demitidos ou se demitiram e, até mesmo, de outras plantas frigoríficas como a *Excel Meats*, que foi adquirida pelo grupo *Kepak*.

Apesar de ter como prioridade os imigrantes de Goiás, a convivência com brasileiros de outras regiões e cidades sem dúvida contribuiu para as reflexões aqui apresentadas. Por outro lado, os goianos são os pioneiros e a maioria no interior da Irlanda, como é possível aferir da observação em campo, o que os faz referências para brasileiros de outras cidades e regiões, assim como também possibilita que a sociabilidade do lugar de onde vieram seja vivenciada na Irlanda, ainda que reelaborada e ajustada ao contexto da vida no exterior.

2.2

A passagem pela imigração: a loteria

Na minha primeira viagem à Irlanda, em 2007, experimentei as desconfianças e a hostilidade da imigração irlandesa. No momento em que me apresentei ao guichê de entrada com o meu passaporte, o sorriso da agente de imigração foi imediatamente substituído por uma expressão séria e agressiva. Ela dirigiu-me a palavra quase aos gritos, perguntando “*Do you speak English?*” Quando respondi que sim, ela perguntou os motivos da minha visita, onde eu ficaria hospedada e onde estava meu dinheiro. Entreguei a carta de apresentação feita pelos meus amigos, contendo endereço de hospedagem, informações a meu respeito e

18 As categorias legal e ilegal ao invés de documentado e indocumentado são utilizadas ao longo do trabalho por corresponderem ao uso nativo. Não desconsidero que elas são associadas ao processo de criminalização do imigrante, principalmente no âmbito das políticas migratórias contemporâneas, mas como apresento na introdução, optei por registrar o discurso e a interpretação dos agentes imigrantes.

telefones para que as informações fossem confirmadas. Também coloquei no balcão, atendendo ao pedido dela, o dinheiro que estava levando e alguns cartões de crédito. Ela empurrou os cartões de volta, contou o dinheiro e me devolveu. Na sequência pegou o telefone e ligou para os meus amigos, a fim de confirmar as informações. Pude ouvir questões como: quem é essa mulher? O que ela faz no Brasil? Quanto tempo vai ficar na Irlanda? Você sabe que há muitas pessoas dessa região do Brasil vivendo ilegalmente na Irlanda? Você sabe quais são as penalidades para quem fornece informações falsas para a polícia? Ao terminar a primeira ligação, ela confirmou as informações da carta e ligou novamente, para outra pessoa indicada, qual seja o cunhado da minha amiga, que trabalha na polícia irlandesa (*Garda*). Ela solicitou o número da identidade do policial e checkou no sistema para confirmar se ele pertencia mesmo à polícia do país. Senti que havia uma disposição da agente em me barrar e tenho certeza que a confirmação do policial foi “a minha salvação”.

Fiquei no guichê por cerca de uma hora, vendo todas as pessoas do meu voo passando, até perceber que eu era a última e a única que permanecia na imigração. Após toda a checagem e sem alterar o semblante severo, ela disse que minha permanência no país estava autorizada até a data indicada na passagem de volta: “nem um dia a mais”, olhando nos meus olhos. Enquanto organizava meus documentos para entrar, ouvi o outro agente indagando-a sobre quem eu era, provavelmente curioso pelo tempo gasto na checagem das informações. Eu pude ouvi-la dizer: “*She’s an university lecturer from Brazil*”. Confesso que essa experiência foi um pouco incômoda, mas depois descobri que tive “sorte”, pois na mesma semana um grupo de empresários goianos não foi admitido no país, o que gerou um grande desconforto na comunidade brasileira local, demonstrado por comentários do tipo: “nem os ricos eles estão deixando entrar, imagina os pobres”.

Na minha segunda viagem à Irlanda, em 2009, já com objetivos de realizar o primeiro trabalho de campo, não tive nenhuma dificuldade para entrar. O agente apenas leu a carta de apresentação, redigida nos mesmos moldes da primeira, e carimbou o meu passaporte. Já em 2011, especificamente no dia 23 de abril, quando cheguei ao país via Frankfurt, num voo que trazia outros quatro brasileiros, presenciei e vivi momentos de aflição na fila de espera dos “passaportes” não pertencentes à União Europeia. Um dos brasileiros veio sentado ao meu lado em

todo o trajeto de São Paulo até Frankfurt. Wesley, 27, vive há oito anos na Irlanda e atualmente trabalha no frigorífico *Dundia*, de Navan, onde segundo ele há cerca de vinte brasileiros na linha de produção. Wesley se mostrava tranquilo quando comentamos sobre a passagem pela imigração, pois ele tem a famosa “estampa quatro”, referência que os brasileiros usam para quem tem o *work permit* de trabalho integral, diferente do visto de estudante que autoriza apenas vinte horas semanais de trabalho.

Apesar de ter todas as credenciais para entrar no país, uma vez que nunca fiquei ilegal ou extrapolei os prazos indicados nos vistos, e de ter uma carta de apresentação respaldada por um membro da *Garda*, cheguei a temer pela possibilidade de não admissão, o que frustraria meu planejamento de pesquisa, meus investimentos e, mais que tudo, inviabilizaria a minha tese. As cartas-convite para a entrada no país são um recurso amplamente utilizado pelos brasileiros. Elas devem conter uma rápida apresentação do visitante, os motivos da viagem ao país e o endereço de hospedagem, como a carta que utilizei em 2011:

16 Cluain Mhor,
Clonmellon,
Co. Westmeath.
Tel: 046 9433078
0860798920
Ciaran.leonard2@mail.dcu.ie
Reijane Pinheiro da Silva

Dear Sir / Madam,
The above named, Ms. Reijane Pinheiro da Silva is a Brazilian citizen (passport no. CV035945). She is arriving in Ireland from Frankfurt, Germany, on 23/04/11 on flight no. 982. I would respectfully request that she be able to pass Irish immigration without difficulty. Reijane has been to Ireland before, some years back, as you will note from her passport. She is a University lecturer in Sociology at the Federal University of Tocantins and her purpose in visiting Ireland is to complete a series of surveys with Brazilian migrants in Tullamore, Dublin and Gort as part of her doctoral thesis, which she is completing at the Federal University of Rio Grande do Sul (where she is currently resident in Torres, Rio Grande do Sul, Brazil). She will be residing at the above address with my family and I for the duration of her stay and is financially independent for this trip. She will not be any burden on the Irish state while she is visiting and I would assume all responsibility for her stay here. She will be returning to Brazil on 15/06/11 on flight 130 to London Heathrow. I would just like to add that the information above can be corroborated by Sgt. Shay Leonard of Clondalkin Garda Station (086 2235147). Should you have any questions or require any further information, please do not hesitate to contact me. I intend to be at the airport to await her arrival. My mobile is 0860798920.

Many Thanks,

Yours Sincerely,

Ciaran Leonard.

Na fila em que eu estava pude identificar ucranianos, chineses e brasileiros. A primeira a ser atendida, uma garota chinesa, demorou cerca de 30 minutos no guichê, respondendo em inglês fluente às questões do agente. À medida que o tempo passava o nervosismo da garota aumentava e se tornava visível o temor de ser barrada, o que acabou acontecendo, fazendo com que os que estavam esperando ficassem mais inquietos e ansiosos. A ela o agente indicou que sentasse num banco lateral à nossa fila e aguardasse. Inevitável que todos olhassem a condição humilhante a que a garota foi submetida e o inconformismo que a fez, num rompante, voltar ao guichê e solicitar ao agente que pudesse conversar com amigos que entraram para explicar o que aconteceu. Ele não hesitou em gritar: *“you haven’t passed in irish immigration, sit down !”*, apontando o “ banco dos barrados”. Esse gesto causou grande desconforto nos que aguardavam e reafirmou a sensação de que éramos vistos como culpados de algo, culpados de deixar o lugar em que estávamos para tentar cruzar uma fronteira, indesejados e nada bem-vindos. O silêncio tornou-se constrangedor - até algumas crianças que antes brincavam descontraídas ficaram em silêncio após os gritos do agente.

A fim de observar qual dos dois agentes seria mais flexível, mudei de fila duas vezes, à medida que uma delas parecia mais rápida. Wesley passou sem dificuldades. Eu e outro rapaz brasileiro fomos os últimos a ser atendidos. Ao chegar me apresentei e entreguei meu passaporte. Disse que estava voltando à Irlanda para terminar minha pesquisa sobre imigrantes brasileiros para a minha tese de doutorado e entreguei a carta. Ele a leu superficialmente e então começou a testar a coerência do que eu estava dizendo. Pediu cartões (carteirinhas) que comprovassem meus vínculos de trabalho e estudo. Apresentei as carteiras de estudantes da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e a do sindicato dos professores da UFT (Universidade Federal do Tocantins). Ele então me perguntou por que eu não fiz toda a pesquisa durante a minha estada no país nos anos anteriores. Eu respondi que atendendo à solicitação do meu orientador, voltei ao país para coletar mais dados, principalmente relativos aos trabalhadores brasileiros que trabalham legalmente nos frigoríficos irlandeses. Enquanto ele registrava meus dados no computador, olhei ao lado e vi que o brasileiro que estava no outro guichê havia sido barrado e estava no banco ao lado da garota chinesa. Desolado, ele estava de cabeça baixa, demonstrando muita frustração. Pelo que

pude entender ele não conseguiu explicar, por não falar inglês, porque queria entrar na Irlanda, além do que os telefones indicados na carta-convite não responderam.

Após registrar meus dados, o agente me indicou que encostasse à parede, porém não entendi de imediato que eu deveria ficar em frente a uma câmera fotográfica. Ele então gritou para que eu olhasse para o foco. Foi a primeira vez que fui fotografada ao passar pela imigração, o que me fez pensar que a crise econômica, que afeta o país desde 2008, tornou o controle mais rígido, além da proximidade de duas visitas muito significativas ao país: Rainha Elizabeth e Barack Obama, ambas marcadas para maio de 2011. Antes de carimbar meu passaporte ele perguntou se eu realmente precisaria de três meses no país. Eu afirmei que sim, pois teria que fazer os contatos com os frigoríficos, com os trabalhadores e viajar para as cidades onde se localizam os frigoríficos e onde estão as famílias brasileiras. Afirmei, no entanto, que iria tentar terminar antes, a fim de tentar convencê-lo definitivamente a me autorizar. Finalmente obtive o esperando carimbo e, como das outras vezes, meus desejos de boa noite não foram respondidos.

Vale lembrar que a viagem entre Brasil e Irlanda pode durar até trinta horas, somadas as conexões e esperas. Nessa viagem, eu e os outros brasileiros estávamos em trânsito há quase trinta horas (pois tivemos que esperar dez horas no aeroporto de Frankfurt), sem dormir adequadamente, todos muito cansados e zonzos pelo fuso horário. Nessas condições físico-mentais a capacidade argumentativa fica limitada, certamente quando os argumentos precisam ser apresentados numa língua estrangeira.

Como goiana, fui e assim pude constatar como os meus conterrâneos imigrantes são tratados e temi, como a grande maioria deles, não ser admitida no país. Por outro lado essa experiência se apresenta como uma possibilidade de pensar o que significam as barreiras imigratórias dos aeroportos internacionais em tempos de circulação intensa de pessoas. O guichê da imigração se torna uma das formas em que as barreiras se materializam para aqueles cuja mobilidade pode ser identificada como um risco, especialmente em momentos de instabilidade econômica e desemprego. O agente a serviço da imigração está apoderado do direito de presumir se quem está pleiteando a entrada oferece algum risco ao país ou pretende trabalhar ilegalmente. Antes de tudo, o que supostamente seria um espaço onde a segurança de todos os que nele transitam seria resguardada,

transforma-se para alguns em lugar de extrema insegurança, como pode constatar pessoalmente e nos relatos de brasileiros barrados em vários aeroportos internacionais mundo afora e no aeroporto de Dublin.

Entre os casos que ganharam repercussão está o de uma estudante que estava acompanhada pela mãe e pretendia estudar inglês na Irlanda. Ao telefonar para a família que a receberia, o agente descobriu que ela estava grávida. Disse, justificando a atitude, achar estranho que alguém vá estudar em outro país durante a gravidez e, ainda, leve a mãe consigo. Detalhes à parte, a estudante disse ter sido levada para uma cela onde permaneceu sozinha por 48 horas, o mesmo acontecendo com sua mãe. Disse ter sido tratada como criminosa, aos gritos e empurrões. Por demonstrar muito nervosismo foi atendida por um médico que pretendia administrar na garota uma dose de diazepam, ansiolítico não indicado para gestantes. Ao chegar ao Brasil ela procurou a polícia federal, fez exame de corpo de delito e levou o caso à imprensa nacional. Outro episódio envolvendo estudantes intercambistas também repercutiu na imprensa brasileira, como detalhou o jornalista Costa (2008), para o site Universo Online (UOL):

Irlanda barra e prende alunos brasileiros

Em lugar de uma semana de férias, 48 horas em uma cadeia irlandesa. Essa foi a experiência vivida por três universitários brasileiros com planos de aproveitar a pausa nos cursos de intercâmbio que freqüentam na Espanha e em Portugal desde o início do ano, para conhecer um outro país. Barrados ao desembarcar em Dublin na última quinta-feira, procedentes da cidade do Porto (Portugal), os baianos André São Pedro, 22, estudante de farmácia na UFBA, e Maria Dias, 24, que cursa medicina também na UFBA, e a paulista Thaís Tibiriçá, 24, aluna de jornalismo na UFF, foram mantidos em prisões comuns, no fim de inverno irlandês, até o sábado, à espera de um vôo que os levasse de volta a Portugal. Nessas 48 horas, relatam os jovens, se despiram para a revista na cadeia, tiveram acesso limitado a telefonemas e ficaram em contato com criminosos. "Nós fomos expostos a bandidos, assassinos, ladrões. Se um deles puxa uma faca e me mata, o que aconteceria?", questiona André São Pedro. O motivo alegado para o veto é semelhante ao apresentado aos brasileiros recentemente barrados na Espanha: dinheiro insuficiente para passar no país os sete dias planejados. Essa explicação consta dos documentos entregues pela imigração irlandesa aos três jovens. Os estudantes afirmam que cada um carregava, em média, 350, além de cartões de crédito com saldo superior a 3.000. Eles relatam que, após quatro horas trancados no aeroporto, foram encaminhados, de camburão, para a prisão. "Para mim foi preconceito. O André é negro e a Maria é mais morena", diz Thaís. A embaixada brasileira em Dublin e a *Garda Síochána* (a polícia nacional irlandesa) confirmam que os estudantes foram mantidos em cadeias comuns. O Itamaraty relatou ontem já ter recebido queixas sobre o tratamento dispensado pela imigração irlandesa -- há 20 dias, outra estudante, de 18 anos, residente na Itália, passou dez horas na prisão. "Há uma tendência cada vez maior de rigor na entrada de imigrantes", disse Elza de Castro, responsável pelo setor consular da Embaixada do Brasil em Dublin. Segundo ela, por coincidência, na mesma quinta houve uma reunião entre a embaixada e autoridades irlandesas para "externar a preocupação com o tratamento dado a brasileiros". O Itamaraty determinou ontem à embaixada

que faça uma investigação detalhada sobre o caso. O órgão via assessoria de imprensa, classificou o procedimento adotado pela imigração irlandesa de "inadequado" e a situação enfrentada pelos estudantes de "inaceitável". Segundo a embaixada brasileira, 115 brasileiros foram expulsos da Irlanda no ano passado. Neste ano, até agora, com os três estudantes, já são 57. Responsável pela ponte entre as embaixadas e o serviço de imigração irlandês, Tom Fallon, oficial da polícia nacional do país, a *Garda Síochána*, se recusou a entrar em detalhes sobre a prisão e expulsão dos três estudantes brasileiros. Sobre o envio do grupo a prisões, disse apenas que a Irlanda "possui regras relativas à imigração" e disse que o mínimo de dinheiro para entrar no país depende de vários fatores. Fallon afirmou também que "o serviço de imigração irlandês é um serviço policial". Ele ressaltou que o setor de imigração da polícia irlandesa "sempre teve uma boa relação com a embaixada brasileira e vai continuar assim". Ontem, Fallon finalizava um relatório sobre o caso, que seria enviado às autoridades brasileiras. O oficial disse que, desde janeiro, cerca de 3.500 brasileiros entraram legalmente no país¹⁹.

Durante a pesquisa tive contato com várias pessoas que passaram pela experiência da inadmissão ou até mesmo deportação, mas que conseguiram entrar no país novamente. Marcos Veras, 22 anos, veio à Irlanda com doze anos acompanhando o pai, que foi contratado por um frigorífico de Kilbeggan. Voltou ao Brasil algumas vezes antes de atingir a maioridade. Na última vez em que visitou o Brasil, já com 21 anos, foi barrado ao voltar e preso em uma cadeia comum. Mesmo tendo mostrado toda a documentação que provava o vínculo de trabalho do pai e a residência da mãe e da irmã, ele ficou dois dias preso aguardando um voo com assento disponível para voltar ao Brasil. Segundo Marcos:

Ser preso foi a pior experiência que passei na vida, uma humilhação, pois nunca cometi nenhum crime e fui tratado como bandido. Eu chorei o tempo todo e meu pai, quando foi me visitar, chorou muito também. Eu tinha direito a uma visita e minha mãe não podia entrar, mas acho que o guarda ficou com dó e deixou ela entrar também. Passei muito frio. Na cela havia apenas uma cama de cimento com um colchão muito sujo e sem cobertor. Eu disse ao guarda que estava com frio e ele me trouxe um cobertor muito, muito sujo, fedido, mas eu tive que usar ou morreria de frio.

Na Irlanda, John O'Reill, o John Goiano, é o nome ao qual os brasileiros recorrem quando seus familiares ou amigos são barrados na imigração. John morou no Brasil entre 1964 e 1999, onde lecionou inglês e se aposentou como professor da Universidade Federal de Goiás. Quando descobriu que havia goianos trabalhando nos frigoríficos irlandeses, ele os contatou, iniciando um trabalho de assessoramento aos brasileiros, que mais tarde deu origem ao Centro de Apoio aos

¹⁹ COSTA, R. Irlanda barra e prende alunos brasileiros. Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/folha/cotidiano>. Acesso em: 26 de junho de 2011.

Brasileiros na Irlanda (CABI), composto por lideranças comunitárias, religiosas e por outros irlandeses que moraram no Brasil. John tornou-se uma espécie de referência para os brasileiros e para o serviço de imigração irlandês. Muitos dos agentes da imigração o conhecem e o chefe da imigração, no aeroporto, reporta-se a ele quando há casos mais complicados. Ele dedica-se vinte e quatro horas ao trabalho com os brasileiros, o que, diga-se de passagem, é completamente voluntário. Boa parte das demandas envolve problemas com a *Garda* e com a imigração. A própria embaixada brasileira na Irlanda recorre a John para intermediar problemas. Acompanhei-o por duas semanas em Dublin e a todo tempo ele ressaltava que “na imigração é preciso ter jeitinho. Os brasileiros que chegam brigando com arrogância não têm vez, vão ser barrados mesmo. Aqui na Irlanda existe também o jeitinho, pouca gente sabe disso”. Ao relativizar a “dureza da imigração da Irlanda”, John apresenta muitos exemplos de que “cada caso é um caso”, ou seja, em cada cidade os agentes assumem autonomia para conduzir a política imigratória local. Não que essa seja uma regra, mas o fato é, segundo John, que

As leis da imigração na Irlanda são frágeis, todo irlandês ou emigrou ou tem um parente que precisou emigrar, todo mundo aqui é muito sensível com a luta dos imigrantes. Conheci uma família de brasileiros com prazo para deixar o país, eles chegaram pra *Garda* e pediram humildemente: - “Dá pra gente ficar aqui mais um pouquinho. Nós estamos quase terminando nossa casa em Anápolis”. Não é preto no branco, depende de muita coisa.

John constata que para as mulheres a experiência da prisão pode ser pior, uma vez que nem sempre há celas disponíveis para elas nas delegacias de Dublin. Nesse caso, a única alternativa para a imigração é encaminhá-las ao presídio feminino. O aeroporto de Dublin não possui sala específica para que os imigrantes não admitidos aguardem os voos para voltar aos aeroportos de origem. Todos são encaminhados para delegacias ou prisões comuns e muitas vezes obrigados a dividir celas com criminosos. Em reunião com o embaixador do Brasil na Irlanda, no dia 03 de junho de 2011, com toda a equipe da embaixada também presente, entre outras questões perguntei sobre o tratamento dispensado aos brasileiros no aeroporto de Dublin. Teresa Cristiana de Abreu, responsável pelo setor cultural da embaixada, afirmou que a embaixada e o setor consular articularam algumas agências, junto ao governo irlandês, para que fosse construída uma sala no aeroporto de Dublin onde os imigrantes pudessem aguardar o voo de retorno, quando não admitidos. Disse ter ficado muito decepcionada, no entanto, quando foi

autorizada a construção de outro terminal no aeroporto, sem a sala solicitada. Para Teresa, o tratamento que os imigrantes recebem se aproxima de violação aos direitos humanos, mas a embaixada pouco pode fazer, uma vez que a maioria dos brasileiros barrados intenciona trabalhar ilegalmente no país, se arrisca e se expõe, além de muitas vezes tentar enganar os agentes da imigração, agindo de má-fé, o que é visto como muito grave na Irlanda. O embaixador do Brasil na Irlanda, Pedro Brêtas, afirmou durante a conversa que o caso específico da garota que estava grávida foi interpretado como uma tentativa clara de enganar a imigração irlandesa e que isso nem sempre a imprensa considera, ao dar visibilidade aos casos.

Maria Eunice, 38, viveu na Irlanda por seis anos. Nos dois primeiros ela esteve trabalhando legalmente. Vencido o visto, ela solicitou a renovação, mas nunca obteve resposta. Voltou ao Brasil em 2009, mas ao tentar retornar à Irlanda foi presa, teve “a sorte”, segundo John, de “terem encontrado uma cela numa delegacia de Dublin”:

Em outubro de 2009 voltei ao Brasil com a intenção de retornar à Irlanda como estudante, pois como não tinha resposta do visto, queria estudar e ficar legal no país. Comprei o curso de estudante por um ano e em março de 2010 viajei para a Irlanda, mas não me permitiram entrar no país, pois cruzaram informações dos meus documentos e comprovaram que estive ilegal por mais de dois anos, embora justificasse que tinha sido solicitado o meu visto e que a imigração central nunca havia dado resposta, mas para a imigração do aeroporto só vale o que consta no passaporte. Fizeram muitas perguntas, inclusive como havia conseguido o cartão médico, o que eu fazia para sobreviver, já que não tinha visto de trabalho, e justificando que, mesmo o curso estando todo pago, não tinha como acreditar que eu realmente ia estudar e por quanto tempo eu ficaria no país. Passei a noite numa delegacia, uma sala sem aquecimento próprio, com um colchão, um cobertor e vaso sanitário, me deram lanche à noite e café da manhã. O tempo todo eu estive muito tranquila, eles não alteraram a voz, conversaram muito, duvidaram das informações, não discuti, só argumentei que realmente queria estudar e a sensação (indignação) que me dava é que estavam me negando o direito de estudar, pois esse realmente era o meu objetivo e a indignação por não me permitirem usar o telefone, ao menos para tranquilizar as pessoas que esperavam por notícias.

Até 2004, quando a Irlanda cancelou a concessão de visto de trabalho para pessoas de países que não pertencem à União Europeia, a entrada de imigrantes não exigia esforços de dribble, como os que passaram a ser adotados pelos brasileiros. Não havia por parte da imigração uma postura defensiva contra a imigração ilegal de brasileiros, até porque muitos dos contratos legais de trabalhadores justificavam a visita de parentes e familiares próximos. Dessa maneira trabalhadores trouxeram suas famílias que hoje estão estabelecidas na Irlanda e

cujos filhos frequentam as escolas irlandesas, muitos dos quais nascidos no país. No período anterior a 2004 era comum, no entanto, que trabalhadores emprestassem o número do *work permit* ou na referência mais usada pelos imigrantes, “o *permission*”, para amigos e parentes entrarem. A indicação do nome e do número da autorização do trabalhador que estava vivendo legalmente no país era indicada na carta de apresentação. Segundo alguns imigrantes, a prática tornou-se tão comum, que alguns passaram a cobrar para respaldarem a entrada de conterrâneos. Quando o número de brasileiros ilegais ganhou visibilidade, principalmente pelo foco da imprensa sobre Gort, a imigração irlandesa impôs barreiras contra brasileiros de Goiás que, ao chegarem ao país, passaram a ser literalmente interrogados. Por outro lado, muitos informantes que foram para a Irlanda depois de 2004, passaram sem dificuldades pela imigração, o que reforça a tese de que também há flexibilidade por parte dos agentes. Isso se explica, entre outros aspectos, pela condição simultânea de indesejados e necessários que os imigrantes ocupam nos países desenvolvidos. Se considerarmos o fato de que a grande maioria dos que emigram para trabalhar não fala inglês, entrar na Irlanda tornou-se um grande desafio para esses sujeitos, em todos os sentidos uma “loteria”, diante do fato de que toda a mobilização para a compra de passagens ou cursos de inglês, a fim de conseguir visto de estudante, somada ao dinheiro que precisam levar para apresentar no controle imigratório, faz com que eles contraiam dívidas que dependem do trabalho na Irlanda para serem pagas.

Em minha primeira entrada na Irlanda pude constatar que “ser de Goiás” é um dos critérios utilizados para a inadmissão. Vários informantes apresentaram outros, como por exemplo:

Você não deve ir muito arrumado, de terno e gravata, mulheres de terninho e salto alto, pois os caras desconfiam, sabem que você tá querendo se passar por rico e descobrem na hora, quando veem que você não fala inglês. No começo o povo saía muito arrumadinho, com roupa cara, as mulheres de salto, logo eles sacaram as intenções dos imigrantes.

Para John, parte da culpa pelo fato de serem encaminhados para prisões comuns é dos próprios brasileiros:

A imigração na Irlanda é uma caixinha de surpresas, o melhor é o brasileiro vir preparado com a documentação certa e provando que tem vínculos com o Brasil, pois a maioria das pessoas não conhece a lei da imigração, que também não é preto

no branco. Se a pessoa tem a intenção de ficar ilegal no país e a imigração perceber, vai barrar mesmo. Se os brasileiros hoje estão indo para as prisões comuns, a culpa é deles mesmo. Pois antes a imigração os colocava em uma casa no centro, até que chegasse o próximo voo para eles voltarem ao aeroporto de origem. Acontecia que, quando a imigração passava para buscá-los, todo mundo tinha fugido.

Outro complicador na passagem pela imigração irlandesa são as contradições. Os agentes consideram grave qualquer mentira ou tentativa de enganá-los. John cita o exemplo dos anapolinos que chegam ao aeroporto e, quando questionados sobre o parentesco ou amizade com algum brasileiro na Irlanda, negam veementemente. Os agentes logo retrucam dizendo: “Você é de Anápolis e não conhece ninguém aqui? Como isso é possível se todo mundo da sua cidade está morando na Irlanda?”.

Quanto às cartas-convite, pude notar que elas são ignoradas por alguns agentes e analisadas por outros. Isso pode ser explicado pela interpretação que os brasileiros que vivem na Irlanda fazem do momento de passagem pela imigração: “A imigração é uma loteria, depende de sorte”, disse Paulo, 47. O cônsul da embaixada brasileira na Irlanda, Pedro Yacubian, considera que: “Ao contrário do que muita gente pensa, não é que não existam leis para a imigração na Irlanda, existem leis sim. O problema é que também existem muitas interpretações para a lei”. John Goiano ressalta, no entanto, que muitas vezes os argumentos arrogantes de alguns brasileiros não são bem-vistos pelos agentes:

O que os brasileiros precisam entender é que essa história de chegar na imigração falando dos direitos não funciona aqui na Irlanda. Eu sei que para povo brasileiro falar dos direitos é uma conquista, por causa da ditadura militar. Aqui na Irlanda é diferente. É preciso humildade, pois o agente tem todo o poder de barrar sua entrada e ninguém vai fazer nada.

A pesquisa com deportados e não admitidos (Brasil, 2008) aponta que os aeroportos da França, Inglaterra e Irlanda são os que dispensam um tratamento mais duro aos imigrantes, submetendo-os a períodos extensos sem alimentação, isolamento, impossibilidade de comunicação e detenção em prisões comuns. Os deportados e não admitidos entrevistados afirmaram aos pesquisadores que a imigração irlandesa se destacava em “brutalidade” no tratamento aos visitantes não europeus. Essa postura está, sem dúvida, associada às tentativas de barrar os que pretendem trabalhar ilegalmente no país e é claramente orientada por alguns critérios que podem ser facilmente identificados. O primeiro deles é a origem. Se a

origem inicial é Goiânia é certo que o visitante será exaustivamente questionado. Por outro lado, sabemos que os agentes também checam o local de nascimento e mesmo que goianos tentem partir de outros aeroportos brasileiros eles permanecerão suspeitos em potencial. Em minha última viagem (2011), por exemplo, eu parti do aeroporto Salgado Filho, de Porto Alegre, RS, o que não impediu que o agente me identificasse como de Goiás.

Enquanto estava na fila, vi que para os europeus de países não membros da UE havia alguns sorrisos e cumprimentos, completamente sonogados para brasileiros e orientais naquele local de fronteira. Sem dúvida a fenotipia dos visitantes é também um aspecto observado na concessão das autorizações de entrada. Negros e afro- descendentes como eu, pessoas de ascendência árabe e oriental precisam justificar seus deslocamentos e estarem sempre munidos de documentação que os identifique. Não faltam argumentos para justificar o fortalecimento das fronteiras no mundo contemporâneo. Um dos mais utilizados se refere à necessidade de proteção contra o terrorismo, sustentado nos ataques aos Estados Unidos em onze de setembro de 2001. É preciso recorrer, no entanto, ao fato de que os indivíduos pertencentes às classes econômicas de menor poder aquisitivo e a determinados grupos identitários e étnicos transitam em condições completamente opostas. Um executivo brasileiro de uma multinacional não enfrenta o interrogatório pelos quais precisamos passar. As pessoas viajam, mas a forma como o fazem indica o lugar a que pertencem na nova velha ordem. As notícias das mortes de imigrantes que viajam clandestinos em barcos ou escondidos de muitas maneiras, inclusive no assoalho de carros, vítimas dos que aproveitam as condições de vulnerabilidade em que se encontram, são exemplos significativos dessas oposições.

O próprio contexto da intensificação do fluxo de pessoas, negócios, capitais e bens faz com que as nações ricas passem a lidar com a incerteza e conseqüentemente com o medo, o que, segundo Appadurai (2009), tem um reflexo direto nas tentativas de controle das fronteiras. O medo, na verdade, é o de que outra fronteira se torne nebulosa, ou seja, “o nós e o eles” não possa ser objetivamente estabelecido (2009, p.40). O autor mostra que as minorias, os dissidentes, os que se deslocam muito e os ilegais ameaçam as integridades que estruturam os estados nacionais:

Seus movimentos são uma ameaça para o policiamento das fronteiras. Suas transações financeiras borram as linhas entre economias nacionais e entre transações legais e criminosas. Suas línguas exacerbam as preocupações com a coerência cultural da nação (...). Essa incerteza, exacerbada pela inabilidade de muitos Estados em garantir a soberania econômica nacional na era da globalização, pode se traduzir numa falta de tolerância de todo tipo quanto ao coletivo estrangeiro (2009, p. 41).

No caso da Irlanda, por mais que esse medo não tenha ainda ganhado dimensões mais significativas, a crise econômica que atingiu o país em 2008 constitui motivo suficiente para o maior controle das fronteiras. Assim, os que não são bem-vindos em outros lugares da Europa também passaram a ser motivo de dúvida na Irlanda.

2.3

Tullamore (Condado de Offaly) e Kilbeggan (Condado de Westmeath)

A pesquisa de campo na República da Irlanda ocorreu em duas etapas: três meses em 2009 e três meses em 2011. As necessidades de reconhecimento do campo, ainda inexplorado, da presença brasileira no país, exigiram que fosse feita a identificação dos grupos de migrantes e as conexões entre Brasil e Irlanda, ou especificamente entre Anápolis e as cidades irlandesas. De posse da informação sobre a mão-de-obra contratada pelos frigoríficos e diante da constatação de que a partir desses trabalhadores se constitui o fluxo que se manteve constante entre 2000 e 2008, optei pela etnografia multissituada, a saber, na Irlanda e em Anápolis, a fim de tentar acompanhar a dinâmica do ir e vir dos trabalhadores, o que me permitiu ouvi-los como imigrantes, ex-imigrantes e novamente imigrantes. As reflexões sobre o “ir e vir” me permitiram constatar que a imigração impõe marcas nos sujeitos que a experimentam, fazendo com que esses passem a viver em constante dupla saudade.

Apesar de Gort ter sido o foco da imprensa brasileira e irlandesa, pela proporção significativa de imigrantes brasileiros na pequena cidade, Tullamore e pequenos vilarejos no entorno dos frigoríficos, além de Dublin, também concentram muitos imigrantes, dadas as possibilidades de emprego oferecidas pela movimentação econômica. Considerando a impossibilidade de etnografar todas as

comunidades brasileiras na Irlanda, priorizei os brasileiros que vivem em Gort, Tullamore e Kilbeggan, cidade vizinha de Tullamore (10 km), que concentra dois frigoríficos. Já na primeira viagem à Irlanda foi possível perceber que a maioria dos brasileiros que vivem em Dublin é constituída de jovens que pretendem estudar inglês, ou através de intercâmbio na casa de famílias irlandesas ou da compra individual de cursos.

De Anápolis para a República da Irlanda



No rastro do fluxo de estudantes brasileiros para a Irlanda surgiram muitas empresas especializadas em intercâmbio, para o aprendizado de idiomas, que atuam simultaneamente em cidades brasileiras e na Irlanda. Esses estudantes têm autorização para trabalhar vinte horas semanais e geralmente as ocupam atendendo em lanchonetes, restaurantes, lojas, entregando jornais ou no trabalho de *au pair*. Segundo Ricardo, 38, editor da revista *News Brazil*, voltada para os brasileiros que vivem na Irlanda, “quase não há ilegais vivendo em Dublin; a maioria veio para estudar e a grande maioria aprende o inglês”. Apesar do Ministério das Relações Exteriores (MRE) apontar que há 18 mil brasileiros vivendo na Irlanda, o embaixador do Brasil, em entrevista concedida no dia 03 de junho, sugere 19 mil brasileiros, considerando os que vivem ilegalmente no país e evitam qualquer registro da sua presença, temendo a deportação. O levantamento do MRE é realizado a partir de dados coletados nas embaixadas e consulados brasileiros no exterior (Brasil, MRE, 2011).

Em 2009, a observação da presença brasileira no cotidiano das cidades de Tullamore, Kilbeggan e Gort e as conversas com os brasileiros e irlandeses trouxeram elementos novos para os questionamentos já estabelecidos para a pesquisa. Num primeiro momento me ocupei observando a movimentação nas lojas que vendem produtos brasileiros, principalmente alimentos, a presença de igrejas evangélicas estruturadas por iniciativa dos imigrantes, além das reuniões festivas que, a despeito dos hábitos irlandeses, continuam acontecendo nas casas dos moradores. A primeira cidade visitada foi Tullamore, que por ser bem próxima a Kilbeggan, onde estão unidades dos frigoríficos *Dumbia* e *Kepak*, tornou-se a escolha preferencial para moradia dos trabalhadores dos frigoríficos e suas famílias. Com dezesseis mil habitantes, de acordo com o censo irlandês de 2006²⁰, Tullamore possui boa movimentação comercial, mais escolas e maiores possibilidades de diversão para as crianças quando comparada a Kilbeggan, onde vivem 997 pessoas, segundo o mesmo censo. Em Tullamore há dois grandes supermercados, um *shopping* e um cinema. Com ares de cidade do interior, há pouquíssimos registros de crime ou delitos e é possível caminhar com tranquilidade durante a noite. É

²⁰Central statistics Office Ireland. (CSO, 2006). Disponível em: <http://www.cso.ie/census/Census2006Results.htm>. Acesso em: 01 de junho de 2011.

comum os idosos cumprimentarem as pessoas que encontram na rua, costume rural não adotado por adolescentes e adultos. As famílias dos funcionários brasileiros dos frigoríficos citados moram em casas confortáveis, em pequenos condomínios chamados *states*, que se assemelham em tudo aos condomínios fechados no Brasil, com exceção dos muros.

Em Kilbeggan há condomínios onde a maioria das casas é ocupada por brasileiros. Os *states* são cercados por jardins e não há nenhum controle de circulação de pessoas, como também não há, segundo os imigrantes, nenhum risco de assalto ou outro tipo de violência. Em Tullamore aluguei uma vaga numa casa onde moram três rapazes, dois deles brasileiros da cidade de Cassilândia, no Mato Grosso do Sul, e um lituano. A casa fica no centro e próxima à sede da Apoio Internacional, empresa fundada por dois brasileiros, Ricardo Rocha, goiano, e Vanildo Lima, paulista, que administram respectivamente uma unidade no centro de Goiânia e outra no centro de Tullamore. Além das remessas de dinheiro para o Brasil, a empresa trabalha com a venda de passagens e de alimentos brasileiros. Na Irlanda tornou-se uma referência para os brasileiros em todas as cidades, uma vez que o proprietário e sua esposa, Dila Lima, se transformaram em líderes da comunidade brasileira no interior, articulando torneios de futebol, reuniões informativas, bingos beneficentes e também intermediando as relações dos brasileiros com o Estado irlandês. O trânsito de brasileiros entre Kilbeggan e Tullamore é constante, na verdade é como se a pequena cidade fosse um bairro de Tullamore, principalmente para os brasileiros acostumados e percorrer distâncias maiores. Com esse ir e vir entre Tullamore e Kilbeggan pude etnografar a vida dos brasileiros nas duas cidades simultaneamente, pois me beneficiava de caronas com os imigrantes, que me permitiam participar de cultos evangélicos em Kilbeggan e jantares em Tullamore, acompanhar as mulheres nas visitas aos brechós de Tullamore às quintas e sextas-feiras, além de poder observar o cotidiano dos imigrantes que procuravam a Apoio Internacional.

Enquanto estive na Apoio presenciei muitos brasileiros solicitando tradução de documentos, como cartas enviadas pela *Garda* (polícia irlandesa), cartas de cobrança enviadas por empresas de telefone ou televisão, além da solicitação de que o proprietário e sua esposa os acompanhassem quando convocados pela *Garda* ou pelos serviços de assistência social, a fim de atuarem como tradutores. Vanildo e

Dila Lima vivem na Irlanda há dez anos, têm dois filhos sendo um deles nascido no país. Ambos falam português e inglês e se mostram muito confortáveis intercalando conversas nas duas línguas. Segundo Dila, a empresa movimenta remessas mensais entre trezentos e oitenta mil euros, sendo noventa por cento desse dinheiro enviado para Goiás. Nas remessas eles atuam como correspondentes da *Real Brazil*, empresa fortemente consolidada em toda a Europa. O casal também atua no CABI, na mobilização para as missas celebradas especialmente para a comunidade brasileira em Tullamore e nos eventos da embaixada brasileira em Dublin. Vanildo também participa das conferências organizadas pelo Ministério das Relações Exteriores, principalmente das articulações recentes do ministério em torno da criação do Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior, CRBE, resultado de três conferências que ocorreram respectivamente em 2008, 2009 e 2010, intituladas “Conferência Sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior”.

Além da venda de passagens e remessas, a Apoio também vende produtos brasileiros, principalmente alimentos, o que faz com que a movimentação diária seja intensa. Os serviços de tradução prestados por Vanildo também contribuíram para que a empresa se tornasse um ponto de referência para os brasileiros que vivem no interior da Irlanda, papel também desempenhado pela loja *Real Brazil*, em Gort.

As famílias brasileiras que vivem em Tullamore e Kilbeggan estabeleceram residência no país e muitos casais entrevistados afirmaram que não pretendem voltar ao Brasil, pois como trabalhadores legais podem usufruir dos benefícios oferecidos pelo governo, principalmente a ajuda mensal que ele oferece por cada criança em idade escolar. São oitenta euros por semana e cento e cinquenta mensais, além do *medical card*, que inclui medicamentos gratuitos e atendimento odontológico. Além de Kilbeggan, há famílias brasileiras vivendo em outras cidades próximas a Tullamore, todas em torno dos frigoríficos da região.



Apoio Internacional, William Street, Tullamore, County Offaly²¹. Foto: Reijane Pinheiro

Importante considerar que as duas etapas da pesquisa de campo na Irlanda ocorreram em estações diferentes. A primeira, em 2009, foi realizada no inverno, entre dezembro de 2009 e fevereiro de 2010. A segunda no verão, entre abril e junho de 2011. Percebi que durante o inverno a disposição de voltar ao Brasil, mesmo para os que têm visto de trabalho, é muito maior. Os brasileiros de forma uníssona reclamam do frio irlandês e se sentem presos durante as semanas em que a neve toma conta das ruas. Já no verão os ânimos melhoram e as possibilidades de permanecer na Irlanda e se estabelecerem definitivamente são novamente consideradas.

Durante o verão ocorre o maior número de eventos. Entre abril e junho de 2011 acompanhei muitas festas das famílias brasileiras no país. Aniversários, churrascos em comemoração ao dia das mães (no Brasil), festas de primeira comunhão, torneios de futebol, almoços beneficentes, jantares ou simplesmente reuniões festivas, sem justificativas para comemoração. Entre tantos elementos

²¹ Em agosto de 2011 a loja da Apoio Internacional de Tullamore foi transferida para Kilbeggan. Segundo Vanildo Lima a decisão foi motivada pelo valor do aluguel, que em Kilbeggan é menor.

observados nesses eventos, discutidos nos capítulos seguintes, um dos aspectos mais interessantes diz respeito à quase completa ausência de irlandeses ou imigrantes de outras nacionalidades. Com exceção dos casais formados por brasileiros (as) e irlandesas (es), ou brasileiros (as) e polonesas (es) e de algumas crianças dos grupos de amigos dos filhos dos imigrantes, os eventos poderiam ser classificados como exclusivos de brasileiros. A considerar a longa permanência dessas famílias na Irlanda (cerca de dez anos), desde a formação do primeiro fluxo de imigração, esse fato se apresenta como um questionamento para a pesquisa e se soma a outra condição: a grande maioria dos brasileiros que trabalham nos frigoríficos irlandeses não fala inglês. Entre as esposas dos trabalhadores dos frigoríficos são poucas as que dominam o idioma. Já os filhos se mostram integrados à vida no país, integração intermediada pela escola, que ocupa um papel central na vida da criança irlandesa que vive nas pequenas comunidades. Ao tomar conhecimento do número expressivo de crianças brasileiras vivendo na Irlanda, fruto dos relacionamentos dos imigrantes com parceiros de outras nacionalidades, percebi que esses arranjos familiares farão com que o fluxo migratório de brasileiros para a Irlanda extrapole o ir e vir de trabalhadores, mobilizados pelas oscilações do capital, através da presença e agência da geração desses filhos de brasileiros, que estão sendo educados no país.

2.4

Gort, Galway: *Little Brazil* na Irlanda

Ao chegar em Gort, em 2009, uma das placas na entrada da cidade anunciava o endereço da Igreja Deus é Amor. No centro vi que ao lado da igreja católica estava o salão da Universal do Reino de Deus. Em 2011, um dos primeiros sons que ouvi na praça central foi de música sertaneja, vinda de um carro que acabava de estacionar na porta de um *pub*. Para minha surpresa os ocupantes eram todos irlandeses. No mesmo dia me dirigi ao salão comunitário para assistir ao ensaio de uma quadrilha, que seria apresentada por ocasião das festas juninas comemoradas no Brasil. Outra surpresa: a responsável pelo ensaio era uma irlandesa, que usava uma camiseta do time de futebol do Goiás e falava perfeitamente o português, com

um leve, mas perceptível sotaque goiano. Todos esses sinais fizeram-me acreditar que muita coisa mudou desde que os primeiros brasileiros chegaram a essa pequena cidade, em 1999.

Gort, a *Little Brazil*, chamou a atenção da imprensa nacional por ter se tornado a cidade irlandesa com maior número proporcional de brasileiros por habitante, como indicou o censo irlandês de 2006 e como é possível constatar já nos primeiros momentos em que se chega à cidade. As estatísticas apontaram 2.646 pessoas vivendo na área urbana (*town*) e 2.734 vivendo na zona rural. Desses, 1065 se apresentaram como estrangeiros e, entre estes, 83 por cento como brasileiros²². É preciso ressaltar que nem todos os imigrantes respondem ao censo, uma vez que evitam o registro oficial da sua presença no país ou simplesmente desconsideram o documento. Para o censo realizado em abril de 2011 foram distribuídos folhetos em 22 línguas, entre elas o português. Diferente da forma de coleta no Brasil, quando os recenseadores preenchem os questionários digitais no momento da visita, na Irlanda o folheto impresso é deixado na casa do morador e recolhido posteriormente. Nas casas pelas quais passei, vi alguns folhetos do censo espalhados pelas mesas, servindo de rascunho ou até mesmo jogados no lixo. Para além dos registros oficiais, os sinais do Brasil estão por todas as partes da cidade. Na primeira etapa da pesquisa de campo, em 2009, ao chegar à praça central me deparei com a sede da Igreja Universal do Reino de Deus. Em poucos minutos identifiquei brasileiros andando pelas ruas e música sertaneja nos carros que circulavam. Entre os imigrantes que chegam à Irlanda, a percepção de que Gort é parte do Brasil também é muito forte, como apresentado na narrativa abaixo, feita por Wenismar, 32, que vive na cidade há cinco anos:

Quando cheguei à Irlanda, fui primeiro encontrar meu irmão em Tullamore. Nós ficamos em uma casa onde já moravam muitos brasileiros e fiquei logo preocupado em arrumar trabalho. Como eu não falava inglês, meu irmão disse pra mim e pra outro amigo que nós tinha que esperar, não dava pra sair batendo de porta em porta sem saber falar nada. O tempo passava e a gente dentro de casa sem poder sair. Como eu sou de Anápolis e já sabia que tinha muito brasileiro de Anápolis em Gort, pensei em vir morar aqui. Meu amigo ficou com medo e meu irmão já estava querendo voltar pro Brasil. Eu falei pro meu amigo, vamos pra Gort cara, lá é terra brasileira, lá a gente consegue, a gente vai tá em casa. Lá a imigração não mexe com a gente não. Ainda bem que viemos. Um dia depois que saímos de Tullamore a imigração baixou na casa onde nós estava e pegou os passaportes de todo mundo, deu um prazo pra eles irem embora. Eu acho que alguém da vizinhança denunciou,

²² Central statistics Office Ireland. (CSO, 2006). Disponível em: <http://www.cso.ie/census/Census2006Results.htm>. Acesso em: 01 de junho de 2011.

pois eles gostavam de ouvir música sertaneja bem alta e assar uma carinha, deve ter sido da vizinhança mesmo. Aqui, ninguém nunca mexeu com a gente.

Na esteira das contratações de trabalhadores para o *Kepak*, outros anapolinos com experiência em frigorífico, mas sem garantias de trabalho, emigraram para a Irlanda e encontraram em Gort a possibilidade de trabalhar no frigorífico *Sean Duffy Meats*, uma vez que a empresa contratava trabalhadores ilegais para posteriormente regularizá-los. Em Gort todos apontam Dorzani Luiz, 60, como pioneiro na cidade. Ele está na Irlanda há onze anos e é conhecido como Bréu. Veio para a Irlanda apoiado pelo irmão Joaquim, que havia sido contratado pelo *Kepak*, e diz ter ficado trinta dias “parado” em Gort, até ser contratado pelo *Sean Duffy*, onde trabalhou até o seu fechamento, em 2006. Joaquim também trouxe a filha, o filho, a esposa e os netos, assim como fizeram muitos imigrantes. Na sequência Gort foi “invadida” pelos familiares e amigos dos trabalhadores contratados, o que fez com que a cidade ficasse conhecida como *Fabril II*²³, em Anápolis, e *Little Brazil*, na Irlanda. Os três primeiros anos, após as primeiras contratações, foram suficientes para mudar a cara da cidade e chamar a atenção das imprensas local e brasileira. Alguns dos primeiros brasileiros que chegaram em Gort e muitos irlandeses que se dedicam ao comércio na cidade afirmam que a cidade cresceu de forma intensa nos cinco primeiros anos após a chegada dos imigrantes. Entre 1999 e 2006 foram construídos nove conjuntos de casas para abrigar os novos moradores. Rosa, 35, chegou em Gort em 1999, foi contratada junto com uma amiga pelo *Sean Duffy* e teve que dividir um apartamento de dois quartos com 10 pessoas: “Eu e minha amiga dormíamos no chão, não existiam casas ou apartamentos para alugar. Desde que os brasileiros chegaram foram construídos mais de nove condomínios para nos atender. A cidade praticamente dobrou de tamanho”.

A tolerância do *Sean Duffy* com os imigrantes ilegais não foi exceção na cidade. Antes conhecida como cidade de passagem para a capital do condado Galway, Gort era uma vila rural sem nenhuma expressão no país. Segundo os irlandeses entrevistados em Gort, os brasileiros trouxeram movimentação, tanto econômica como cultural. A proprietária de um pequeno estabelecimento comercial afirmou que “a convivência com os brasileiros é muito tranquila, eles não causam

²³ Bairro de onde saíram os primeiros trabalhadores contratados pelos frigoríficos irlandeses.

problemas, são muito simpáticos e trabalham muito. Pena que muitos estejam indo embora por causa dos problemas econômicos que a Irlanda tem enfrentado”.

As reações de moradores da cidade às publicações de um jornal irlandês, que associou o crescimento da criminalidade em Gort ao influxo de imigrantes brasileiros, mostram que longe de serem considerados um problema, os imigrantes são muito bem-vistos. O jornal apontava, ainda, que os moradores evitavam o convívio de suas crianças com crianças brasileiras e viviam em constante medo²⁴. A jornalista King Tara (2008), esteve na cidade, a convite de moradores, a fim de registrar os incômodos causados pelas notícias.

What was in the paper was not true. They seemed to be blaming everything on the brazilian community, which was very unfair because the brazilians are very quiet. We get on great with them and they are not causing any trouble. Gort is a very quiet town (Kitty Gillane).

Alguns moradores atribuíram as informações do jornal ao fato de que há alguns irlandeses que, além de comentários racistas, tentam criar conflitos e brigas de rua com os brasileiros. Outros apontaram que os brasileiros, apesar de se reunirem na praça para festejar a copa do mundo, deixam-na limpa, após o término da festa. O proprietário de um *pub* de Gort ridicularizou as notícias:

If you believe in that article, you'd also be thinking there were drive-by shootings taking place here as well. Seriously though, it is my personal opinion that what goes on in Gort is nothing different to what goes on in any other town. I believe there was a small incident in which a brazilian native was involved, but to my knowledge, that was just a case of them being in the wrong place at the wrong time.

Apenas um irlandês, entre os seis entrevistados, disse concordar com as afirmações do jornal. Segundo ele, o artigo apresenta verdades:

I saw the article and most of what was in it was true. There is a lot of tension in the town at the moment, and the brazilian community is to blame, just like the article said. The brazilians are taking over our town and people around here don't like it one bit.

Ao considerar as observações de campo, posso afirmar que os irlandeses de Gort, em geral, avaliam “a invasão brasileira” como positiva. Sem dúvida, sinais da integração da comunidade brasileira imigrante na cidade são evidentes e os conflitos que ocorrem, a maioria deles, estão vinculados à presença nos *pubs*, evitada pelos brasileiros, como os dados do capítulo cinco mostram. Os próprios

²⁴ KING, Tara. Locals refute claims of Brazilian crime. The Galway Voice. 17 March, 2008.

irlandeses atribuíram o suposto envolvimento dos brasileiros em crimes a posturas racistas isoladas e ao sensacionalismo do jornal.

Ao contrário de Tullamore, poucos são os brasileiros que vivem legalmente em Gort, o que, ao longo dos dez anos de presença brasileira na cidade, não fez grande diferença. Além do acolhimento dos moradores, os agentes da imigração e a *Garda* fazem vistas grossas aos ilegais, como pude perceber, tentando estreitar laços com os brasileiros, estabelecer mecanismos de comunicação, como a distribuição de *folders* sobre regras de trânsito, orientações de seguranças, etc, traduzidos para o português, além de promover reuniões com representantes da comunidade brasileira para que sejam discutidos problemas que afetam a comunidade.

Em 2004, alguns comerciantes da cidade se articularam para oferecer um curso de inglês para os seus funcionários brasileiros. Segundo Paulo, 47, que concluiu todas as etapas do curso, duzentas pessoas se inscreveram, aproximadamente, cem começaram o curso e ao final só dez pessoas concluíram todas as etapas. Brasileiros e irlandeses organizaram a Associação Brasileira em Gort (ABG), que funcionou entre 2006 e 2008, com direito a utilizar a sala do *The Family Resource Centre*, um centro comunitário de apoio aos moradores da cidade. Nesse período de funcionamento ocorreram muitas atividades festivas com o objetivo de promover a integração entre brasileiros e irlandeses. O *Changing Colors* e o Festival Brasileiro tornaram-se as mais conhecidas. Organizados nos moldes dos desfiles carnavalescos, ambos os eventos contaram com a apresentação de danças irlandesas e brasileiras, além de capoeira e quadrilha. As escolas da cidade participaram ativamente de todos os eventos envolvendo as duas comunidades e as crianças brasileiras e irlandesas se misturavam em danças e cores, a fim de celebrar a presença brasileira na cidade, sugerindo uma convivência multicultural harmônica. A história da estruturação da Associação de Brasileiros em Gort, criada com o objetivo de criar espaços de convivência e estreitar os laços entre brasileiros e nacionais, trouxe à tona, por outro lado, as dificuldades de diálogo e convivência entre os próprios brasileiros. A entidade foi estruturada a partir da atuação de um paranaense de Londrina, que emigrou para a Irlanda e em Gort abriu uma *lan house*, na praça central da cidade. Em função dos inúmeros conflitos vividos enquanto à frente da Associação, Nilson me disse, de

início, que não gostaria de falar sobre ela, mas em seguida começou a ressaltar a desconfiança dos goianos de Gort em relação ao trabalho dele:

Eles sempre achavam que eu estava levando vantagem em alguma coisa, que queria enganá-los. Na verdade o que eu e outras pessoas tentamos fazer foi criar vínculos entre a comunidade brasileira e irlandesa. Nosso trabalho era completamente voluntário: tradução, acompanhamento na *Garda*, em hospitais, documentos, problemas com a embaixada, em tudo nós tentamos colaborar. Atuamos no centro comunitário para prestar informações sobre as leis da imigração entre outras coisas. Vou te falar: nesses dois anos de funcionamento da Associação, não tivemos nenhum goiano voluntário. Aliás, apenas um. Veja você, eles são a maioria na cidade e só queria cobrar. Achavam que eu ganhava algo pra ficar à disposição deles. Minha família ficava em segundo plano, pois meu telefone não parava de tocar.

Ouvi, ainda, relatos de conflitos que ocorreram em Gort entre trabalhadores do frigorífico *Sean Duffys* e o encarregado, que era paulista. Segundo Ros, 38, ele se utilizava da condição de chefe imediato e do domínio do inglês para prejudicar os funcionários em benefício próprio, principalmente no registro das horas extras:

Você sabe que nós goianos somos muitos crédulos, até ingênuos, acreditávamos que ele estava agindo corretamente, pois de certa forma éramos cegos, porque não falávamos inglês. Quando eu comecei a aprender, logo percebi que ele mentia pra nós e traduzia errado para o patrão, muitas vezes passando a ideia de que a gente não queria fazer hora extra e favorecendo os amigos dele e até ele mesmo, fazendo hora extra no nosso lugar.

A preferência pela agregação regional e a desconfiança em relação a brasileiros de outras regiões é uma marca da postura dos goianos na Irlanda. Como sugiro ao longo da tese, essa preferência está intimamente relacionada ao fato dos goianos considerarem a proximidade como uma condição para a convivência. Sem dúvida, entre conterrâneos, os princípios dessa proximidade já estão dados. Brasileiros de outras regiões reconhecem e frequentemente criticam as posturas dos goianos em relação aos imigrantes de outras regiões do Brasil. Alguns trabalhadores, principalmente do interior de São Paulo, referem-se aos goianos como “povo bruto, metido a valente” e quando se apresentavam, quando por mim abordados, diziam, demonstrando certo orgulho: “Não sou de Goiás não. Graças a Deus, sou de São Paulo”, (Carlão, 57). Para Gilberto Pacheco, 46, que veio de Presidente Epitácio, SP, para trabalhar no frigorífico *Dunbia*, de Kilbeggan, os goianos “são mais goianos” do que brasileiros:

Lá no frigorífico *Dunbia*, onde eu trabalhei, tirando uns seis brasileiros, o resto tudo é goiano. Tem mais goiano que brasileiro. Os caras respondem assim quando perguntam - você é brasileiro? Eles responde: - não, sou goiano. Minha filha casou com um goiano, até hoje eu sou contrariado com isso "(risos)".

Através da AGB e da iniciativa de Rosa, 32, as festas de quadrilha (juninas) passaram a ser realizadas em Gort, a partir de 2006. Essas festas ganharam grande destaque na cidade e na imprensa, e se tornaram um ponto alto da interação entre brasileiros e nacionais. Mesmo depois que a Associação foi extinta, as quadrilhas continuaram acontecendo:

Quando a gente saía para os *pubs* não havia música e nem podíamos dançar, tava todo mundo doido pra dançar forró. Um dia resolvi pedir pro dono da *O'gradys* para que eu pudesse fazer uma festa brasileira. Fiz a primeira, foi um sucesso. Em um mês de junho fomos todos vestidos para dançar quadrilha. Depois surgiu a ideia de fazer na praça, o que os irlandeses acharam o máximo. A partir daí veio o jornal, ficamos famosos. Só que eles não sabiam o que era a quadrilha e chamavam nossa festa de carnaval. Até que aos poucos fomos mostrando a diferença e um jornal chegou a publicar um pouco da história da quadrilha (Rosa, 32).

Rosa disse que nos primeiros anos de organização da festa, os jornais a retratavam como "*carnival*". Aos poucos, tanto a população quanto a imprensa começaram a perceber que a festa de quadrilha tinha outro caráter. Os próprios organizadores e participantes foram os responsáveis por veicular os sentidos da festa junina para os moradores de Gort e para os jornais. Os preparativos para a quadrilha de 2011 estavam em curso quando estive na cidade, entre maio e junho. A página 21 do Jornal *The Connacht Tribune*, de *Galway*, trouxe a chamada *Weekend festival brings samba flavour of Brazil to Gort*²⁵ e ressaltou que, além do samba, outros ritmos como o forró e o axé, além da festa de quadrilha, fariam parte do festival. Dedicou meia página à divulgação do evento, ressaltando, entre outros elementos, a origem francesa da festa de quadrilha:

Gort Quadrilha was the brainchild of Rosa, whose intention was that it would assist her fellow nationals to integrate with the Gort community, as well as giving the local community a taste of brazilian culture. It attracted wide interest and each year it expanded the range of its activities. The origin of the Quadrilha is found in a french dance, which the portuguese introduced to Brazil in the 19th century. The oldest and most celebration of the portuguese was that of St. John's Day, june 24.

²⁵ Weekend Festival Brings samba flavour of Brazil to Gort. *The Connacht Tribune*. Galway, 10 de junho de 2011, p. 21.

A ABG também editou, bimestralmente, durante o segundo ano de existência, o *Bilingual Community Newsletter* (2006), um jornal que apresentava textos em inglês, irlandês e português. A edição número cinco, referente aos meses de julho e agosto de 2006, trouxe como manchete a visita do então embaixador do Brasil na Irlanda, Stélio Marcos Amarante, por ocasião do primeiro Festival Brasileiro na cidade. Apesar da proposta bilíngue, a maioria dos textos dessa edição do jornal está em inglês. Dois textos, intitulados “*Brazil, a brief history e Anápolis in Goiás, Brazil*”, foram apresentados em português e inglês, assim como depoimentos de crianças brasileiras com o tema “*My life in Brazil and now in Ireland*”, traduzido como “A diferença da minha vida na Irlanda”. Identifiquei que esses textos foram produzidos como atividade escolar, antes de serem publicados no jornal, e fazem referência ao momento da emigração dos pais e às diferenças entre viver no Brasil e na Irlanda. Nos textos²⁶ é possível perceber que, para as crianças, as cores do Brasil e da Irlanda não se misturaram tanto no cotidiano, como sugerem os eventos festivos.

Eu nasci em Anápolis, o nome da minha mãe é Sandra, o nome do meu pai é Elvis. Ela trabalha de limpeza na casa de uma família e o meu pai trabalha no frigorífico. Quando meus pais veio para a Irlanda eu fiquei no Brasil com minha avó. Minha avó tem sessenta e quatro anos, ela cuidava muito bem de mim. Eu fui para a escola todos os dias. Eu fui para a escola as sete da manhã e voltava as doze horas. Fazia muito calor depois das doze horas. Os professores eram muito legais, eles nos abraçava e beijava quando nos chegamos e saímos. Eu sinto muito saudade disso e os professores daqui são muito frios. Eu espero ter uma boa educação e voutar ao Brasil para ter um bom emprego e ajudar as pessoas que precisar. (Scarlet Pinto, 14 anos, p. 9).

Meu nome é Danilo e eu estudo no colégio *Gort Community School*, eu tenho 17 anos eu moro na Irlanda com minha mãe. O nome da minha mãe é Rosimeyre. Eu tenho uma irmã e ela tem 12 anos, ela mora no Brasil com meu pai. Minha vida no Brasil era boa, mas minha escola muito menor do que essa da Irlanda. Eu sinto saudades dos meus amigos do Brasil, mas na Irlanda eu também tenho amigos, mas não é o mesmo que brasileiro, porque alguns estudantes irlandeses não gosta de brasileiros (p. 09)

Apesar das dificuldades de adaptação e do choque cultural inerente ao processo de inserção na comunidade estrangeira, como indicam os depoimentos das crianças, por parte da sociedade civil, os brasileiros de Gort, além de contarem com a boa acolhida e tolerância, passaram a ser considerados como cidadãos com

²⁶ Os textos expressam algumas dificuldades com a língua portuguesa, uma vez que os alunos, apesar de falarem português em casa, estão distanciados da prática da escrita.

representação no conselho comunitário da cidade e participação em momentos políticos importantes, como a visita da presidente Mary McAleese, em 2006, homenageada com uma placa em irlandês (gaélico), inglês e português:



Placa comemorativa à visita da Presidente Mary McAleese. Foto: Reijane Pinheiro

A abertura dos moradores de Gort para os imigrantes brasileiros é interpretada como resultado da movimentação econômica que eles causaram: “Os brasileiros faziam fila nos mercados para comprar comida, além da alegria e do barulho que faziam nas ruas”, disse Bréu, um dos pioneiros. Os brasileiros que estiveram à frente de associações na cidade ou da intermediação entre as comunidades brasileira e irlandesa afirmam unanimemente que os brasileiros são muito bem-vistos e bem-vindos na cidade. Apontam inclusive que houve mais esforços de integração por parte dos nacionais do que dos brasileiros, principalmente pelo fato de que a maioria não aprendeu o inglês, o que manteve uma distância facilmente percebida nos eventos, festas e reuniões brasileiras na cidade. Tanto na primeira etapa da pesquisa em Gort, em 2009, como em 2011, constatei que nas igrejas, nas reuniões religiosas e nos “*brazilian days*”, como o que ocorreu em Gort no dia 05 de junho de 2011, não há participação de irlandeses, com raríssimas exceções. Os poucos irlandeses que encontrei na festa eram casados com brasileiros (as) ou eram patrões de alguns participantes da festa. No torneio de futebol havia um único time formado por estrangeiros e estes eram poloneses. Dois irlandeses jogaram em times brasileiros. Entre os cerca de

mil participantes do *brazilian day* em Gort, a presença irlandesa era quase imperceptível. As tentativas de estabelecer vínculos e promover a integração entre as duas comunidades foram mais intensas durante a existência da ABG. Segundo Nilson, o fundador e ex-presidente da AGB:

Para que você tenha uma noção de como os irlandeses gostam de nós brasileiros e querem a nossa integração, eu fui o primeiro não irlandês a fazer o papel de *San Patrick*²⁷ no desfile da cidade. Esse gesto foi a prova maior de que eles estavam e ainda estão dispostos a conviver bem conosco. Acho que isso nunca aconteceu em outro lugar da Irlanda: um imigrante ser convidado para ocupar o principal papel na festa mais importante do país.

Depois que conflitos entre o presidente e a comunidade se intensificaram, a Associação foi extinta e poucos eventos de integração foram realizados. No entanto, apesar das limitações de comunicação, pude constatar que existe mais convivência entre brasileiros e irlandeses em Gort do que em Tullamore e Kilbeggan, bem como em Gort há mais brasileiros que falam inglês fluentemente. Obviamente para as crianças brasileiras as condições de interação são outras. A escola é um espaço onde o aprendizado da língua e a integração são inevitáveis, o que faz com que os filhos dos imigrantes se tornem um elo significativo entre seus pais e o país em que estão vivendo.

²⁷ Padroeiro da Irlanda.

2.4.1

A Pedra



Trabalhadores na Pedra, Gort. Foto: Reijane Pinheiro

Em Gort, o primeiro “lugar” que o imigrante recém-chegado ocupa é a “Pedra”, que é o local onde os trabalhadores disponíveis aguardam por trabalho. Pedra é o nome dado às calçadas em torno da praça central da cidade e tem o significado de “lugar de trampo”, definição dada pelos trabalhadores brasileiros que utilizam o espaço. Eles chegam em torno de oito horas da manhã e aguardam até cerca de onze horas. Entre 2000 e 2007, a Pedra de Gort esteve lotada, segundo os informantes. Havia uma média diária de quarenta pessoas e segundo Luis, 46, “quando cheguei em 2006 contei 82 homens aqui, ocupando toda a calçada”. Ao acompanhar os trabalhadores da Pedra, entre maio e junho de 2011, ouvi a grande maioria dizer: “Os bons tempos da Irlanda já passaram, a fase do ouro já acabou, agora a gente fica mexendo a terra, peneirando pra ver se ainda encontra alguma coisa”. Outra consideração geral referia-se às dificuldades de ficar parado esperando

por trabalho e “congelando no frio”, além de muitas vezes, a maioria delas, “voltar para casa sem conseguir nada”.

Assim como os chapas ficam esperando por trabalho em determinados lugares nas cidades do Brasil, aqui nós ficamos na Pedra, tanto em Gort quanto em Ennis. A de Ennis é mais organizada, pois os que chegam primeiro saem primeiro, respeitando a fila. Aqui em Gort às vezes é o contratador que escolhe. Ele olha e escolhe os mais fortes, se precisa de gente forte, os mais jovens, e assim vai. O irlandês encosta o carro e a gente vai até a janela ouvir a proposta. É muito humilhante, já vi pessoas comparando a gente com prostituta. O freguês chega e você se oferece. É dura essa vida.

Os imigrantes que esperam na Pedra são os que estão dispostos a fazer bicos e isso inclui pintura de casas, limpeza após reformas, faxinas, jardinagem, limpeza de quintal, construção civil (principalmente como ajudante de pedreiro), limpeza dos galpões onde ficam os animais nas fazendas, auxílio em reforma e na construção de rodovias (especialmente no serviço de asfaltamento), ajudantes dos pescadores autônomos na coleta de ostras em alto mar, este apontado por Wenismar, 32, como “a pior coisa que já fiz”:

Fui uma vez para nunca mais. Entrei no barco e passei medo de mais da conta. Eu pensei: meu Deus, será que saí de Goiás pra virar comida de peixe aqui na Irlanda? O barco balançava, a maré tava agitada, uma água fria. Tem um barquinho onde você precisa puxar a corda que fica cheia de ostras pregadas nela. Nunca mais, se for pra fazer esse serviço de novo eu prefiro pedir esmolas. Eu vomitava toda hora, não tem esse que não vomita. Os marinheiros acostumados morriam de rir de mim. Eu fiquei amarelinho igual a açafraão. Eu pensei, eu vim pra Irlanda foi pra trabalhar, não foi pra morrer aqui não. No começo me falavam “o cara paga bem na ostra, paga 120 por dia”, eu pensei ôpa, tô eleito, uma grana boa demais por dia. Os caras me perguntaram, você sabe nadar, eu disse eu sei, mas como é que dá pra nadar no Atlântico, no mundão de água daquele. Eu sei nadar nos lagos de Goiás, nas cachoeiras, nos rios, mas não naquele mundão de água. Eu entrei no barco e o trem foi mar adentro, quando olhei para trás, pensei: cadê a cidade, cadê as montanhas? Eu nem sabia de onde nós tinha vindo, perdi a noção de rumo. Na ostra nunca mais, fui uma vez pra nunca mais. No inverno é que tem o serviço da ostra mesmo, as ondas te molham todo. Isso não é serviço de gente.

De acordo com os imigrantes, “o trabalho na ostra”, o “catar pedras” e o *turf*, são considerados os mais difíceis. Catar pedras consiste na retirada de pedras a fim de que a terra seja preparada para o plantio ou para a pastagem. Essas pedras, em geral, são aproveitadas para fazer os muros que cercam as pastagens das ovelhas ou do gado e também os muros das casas, tanto na cidade como na área rural. São muitos os brasileiros que, ao longo dos dez anos de vida na Irlanda, se especializaram em trabalhar com muros de pedra, garantindo, assim, “trabalho certo,

depois que aprendi a fazer esses muros, não fico mais sem trabalho, só quando quero descansar”, disse o goiano Carlos, de 43 anos.

Existem Pedras em todas as cidades onde há brasileiros, algumas são mais organizadas que outras e às vezes vale a pena ficar em Pedras de outras cidades. Em Ennis às vezes tá melhor que aqui. No verão é sempre melhor, pois é o tempo que os irlandeses arrumam as coisas nas suas fazendas, reformam as casas, organizam os jardins, fazem muros. No inverno é bravo. Muito raro conseguir alguma coisa.

Turf é um composto de material orgânico inflamável, utilizado nas lareiras. Ele é encontrado no solo irlandês e separado em torrões, que precisam então ser cortados e separados para a comercialização. Com exceção do corte, feito por máquinas agrícolas, a separação dos torrões é manual e obriga o trabalhador a permanecer horas abaixado, provocando muito cansaço e dores nas costas.

A Pedra de Ennis, no Condado de Clare, seria mais organizada, segundo os trabalhadores, porque nela os trabalhadores respeitam a ordem de chegada: o primeiro a chegar tem o direito de sair primeiro para trabalhar, quando surgem irlandeses interessados. Em Gort eles não conseguiram organizar as saídas dessa forma, além do que os irlandeses muitas vezes escolhem o trabalhador de acordo com o perfil considerado mais adequado para o trabalho a ser realizado. Além de espaço de “trampo”, a Pedra tornou-se um espaço de socialização. Os trabalhadores “batem ponto aqui”, como definiu Luis, 46. “Aqui a gente conversa de tudo e ri de tudo. O escritório fica aqui na casa do João, 50, que mora em frente à praça, ao lado da Igreja”, disse apontando o lugar. João se apresentou como “o administrador da Pedra”, o que causou muita descontração. Durante os dias em que os acompanhei, pude constatar que o lugar se tornou referência de muitas histórias, principalmente cômicas, envolvendo os imigrantes. Dessa forma os trabalhadores mostram que a leitura que eles fazem do espaço onde aguardam por trabalho não passa somente pelo viés trágico, de humilhações e sofrimentos, como predomina nas coberturas jornalísticas sobre o lugar. A Pedra tornou-se fonte de muitas “mitologias”, algumas das quais eu pude ouvir em Anápolis e nas narrativas de inúmeros imigrantes nas cidades irlandesas pelas quais passei. A mais famosa refere-se ao “tranque o velho e mate”. A primeira versão da “história” eu ouvi em Goiás, narrada por Aparecida, 54, que viveu na Irlanda por sete anos e está de volta à Vila Fabril, em Anápolis:

Os brasileiros em Gort fazem muitas brincadeiras com quem acaba de chegar. Chegou um senhor bem mais velho que a maioria, ele devia ter mais ou menos sessenta e cinco anos, mas aparentava mais. Ele não sabia de nada, como a maioria, não falava nada de inglês e os outros começaram a por medo nele. Falavam que os irlandeses eram muito difíceis de trabalhar; quando ficavam nervosos queriam brigar e bater nos brasileiros; que muita gente na Pedra já apanhou de patrão...Essas coisas bobas, tudo mentira. Ele então foi pra Pedra, não tinha outro jeito de arrumar trabalho. Mas como ele era muito humilde, inocente, acho que ele acreditou. Na Pedra, então, ele foi escolhido por um fazendeiro e entrou no carro. Ele disse que tava ressabiado, com medo. De repente o celular do irlandês tocou e ele parou pra atender. O velho já ficou pensando porque ele parou o carro, porque no Brasil a gente não para quando atende telefone. Então ele ficou desesperado, disse que chegou a ficar arrepiado. Então contou que antes de desligar o celular o irlandês disse “tranque o velho e mate”, ele abriu a porta do carro e saiu correndo, só parou quando chegou em Gort. Depois que ele contou a história os meninos explicaram que o irlandês tava agradecendo no telefone, dizendo *Thank you very much*. Essa história aconteceu - você pode confirmar lá no Gort.

A maioria das histórias da Pedra envolve as dificuldades com a língua inglesa e tem os “calouros” como principais protagonistas. João, 38, contou-me que um irlandês parou na Pedra e perguntou: “*Tomorrow here?*” provavelmente com a intenção de combinar “serviço para o outro dia”. O Brasileiro respondeu: “Não, eu não moro aqui não, moro na rua debaixo, depois da Igreja”. Outra história ouvi pela narrativa de Vanildo Lima, proprietário da empresa Apoio Internacional. Disse que muitas vezes as pessoas paravam na Pedra para pedir informação e os brasileiros abriam a porta do carro, entravam e o mal entendido começava: “O Irlandês dizia: eu só queria uma informação e o brasileiro respondia: *I’ll work for you*” insistentemente, até que o irlandês gritava para que ele saísse do carro. Outra das histórias tem como personagens sogro e genro, ambos de Anápolis: No primeiro dia na Pedra, o sogro foi orientado a não aceitar menos de setenta euros pelo dia de trabalho. Segundo Divino, o genro disse: “quando ele for te pagar você diz: *seventy*, se ele quiser te pagar diferente você não aceita, firma o pé e diz, *seventy*”. Ao fim do dia o irlandês, por ter gostado muito do trabalho, resolveu pagar cem euros. O brasileiro disse logo a ele: “*seventy*”. O Irlandês disse “*no, hundred please*” e o brasileiro, mostrando-se nervoso, repetiu inúmeras vezes: “*seventy!*”, voltando para casa com trinta euros a menos do que poderia ter ganhado.

Nos dias em que acompanhei esses trabalhadores, não havia muita oferta de trabalho e poucos “saíam”. Faziam, no entanto, questão de manter o bom humor sugerindo que na verdade não queriam trabalhar, dizendo uns para os outros: “se parar alguém você vai, pois eu tenho um compromisso agora”. Muitas vezes eu chegava e perguntava se alguém já tinha saído para trabalhar. Eles, em geral

respondiam: “graças a Deus não”, e principalmente seu Divino afirmava: “tô rezando aqui para acabar minha hora”. Outros falavam: “não posso trabalhar hoje não que estou de atestado”. Durante o tempo que passavam na Pedra, além das brincadeiras, faziam questão de mostrar que de certa forma se orgulhavam de viver fora, de conhecer outras paisagens e principalmente de terem enfrentado o que “muitos não têm coragem de enfrentar”:

Se eu disser pra você que foi fácil sair do Brasil eu estarei mentindo. Eu vim porque tenho coragem, como se diz eu vim com a cara e a coragem. Quando eu cheguei naquele aeroporto e vi que eu não sabia nem como comprar uma água, eu pensei: meu Deus, eu sou é muito corajoso. Depois enfrentei e enfrento o trabalho aqui, faça chuva ou frio, a gente tá aqui pra enfrentar. Divino, 57.

Não somos coitadinhos. Veio um pessoal da televisão aqui, de jornal pra dizer que a gente tá morrendo de fome, que nós somos miseráveis, acabando com a gente. Imagina se a família vê uma notícia dessas lá no Brasil, fica todo mundo preocupado. Eu vou falar para você: jornal gosta é de vender, quanto pior para eles melhor. Agora, vim aqui e inventar mentira com o nosso nome isso não vale. Luis, 46.

Manchetes como “Brasileiros viram pedra na Irlanda”²⁸, “Após crise, pequeno Brasil na Irlanda tem 50% menos brasileiros”²⁹, “Enchentes deixam brasileiros sem trabalho na Irlanda”³⁰ e outras, que associam a crise que atingiu a Irlanda e outros países europeus, desde 2008, ao fim da emigração de brasileiros para o país, muitas vezes desagradam os imigrantes, pois “só mostram o lado negativo, não mostram o que a gente consegue, nossas vitórias aqui”, reclamou Divino. Apesar de em geral julgarem que no Brasil “não somos valorizados”, ao invés de se apresentarem como vítimas, esses trabalhadores se consideram protagonistas corajosos, que, a despeito das distâncias, dificuldades e riscos, emigraram para “buscar melhores condições de vida”.

²⁸ Revista Valor Econômico. Disponível em: <http://www.abccriadores.com.br>.

Acesso: 19 de julho de 2011.

²⁹ GROS, Daniela. BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/11/2011>.

³⁰ GROS, Daniela. BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/11/09112>

2.5

Anápolis: mecanismos locais da emigração e as conexões transnacionais



Portal de entrada – Anápolis, GO. Foto: Reijane Pinheiro.

Anápolis é apontada como “capital econômica de Goiás”, pois conta com um pólo industrial, com o maior laboratório farmacêutico da América Latina, com um porto seco, além de se situar entre Goiânia e Brasília, o que também a fez ser escolhida para sediar a base aérea. A revista Veja, de 01 de setembro de 2010, apresentou um caderno interno com o título “Cidades médias: aonde o futuro já chegou”. Um dos artigos (Segalla, 2010, p.103), aponta Anápolis como o “porto de Goiás”:

Uma cidade em obras. É essa a sensação que se tem em Anápolis, a 50³¹ quilômetros de Goiânia. Na segunda maior cidade do estado, tudo está sendo construído ou ampliado: de ruas a indústrias, de estradas a faculdades, de condomínios residenciais a hotéis. A exuberância pode ser creditada à ampliação do mercado interno brasileiro. Anápolis vem se tornando uma cidade industrial cujas dimensões ainda são pouco conhecidas nos grandes centros do Brasil. Alguns dos maiores fabricantes de medicamentos genéricos do país, como os laboratórios Neo

³¹ A distância entre Goiânia e Anápolis é de 57 km.

Química e Teuto, têm sede no município. A coreana *Hyundai* investirá 100 milhões de reais para ampliar sua planta local. Com 1000 operários a montadora passará a entregar caminhões, além de carros de passeio. O mercado interno é o destino de 80% das mercadorias produzidas em Anápolis. A cidade floresceu em um ponto onde já se cruzam os eixos rodoviários do Centro-Oeste e que, em breve, será o entroncamento das ferrovias Norte-Sul e Centro- Atlântica.

O autor ressalta que a cidade conta com um forte distrito agroindustrial, além do porto seco, o que favoreceria a movimentação da economia da cidade e um reforço no setor de serviços, com a inauguração recente de um hotel destinado a executivos e de um *shopping center*. Sem dúvida essa onda de crescimento econômico da cidade está inserida nos índices favoráveis alcançados pela economia nacional na primeira década de 2000. Apesar de não ser a segunda em número de habitantes, posição ocupada por Aparecida de Goiânia³², Anápolis sempre foi a segunda em importância econômica no estado de Goiás, fato que se explica, entre outros elementos, por estar situada entre Brasília e Goiânia e, por isso, ter sido escolhida por grandes empresas. Apesar de todo o destaque econômico regional, a cidade é, junto com Goiânia, ponto de partida de emigração internacional desde a década de 1980.

Anápolis é uma cidade cuja história recente foi marcada pela construção de Brasília e pelo súbito desenvolvimento após a década de 1960. As marcas de cidade interiorana ou rural, apesar da intensa movimentação de carros, das empresas e da urbanização, podem ser atestadas na forma de acolhimento que os anapolinos dispensam aos visitantes. Essa característica rural foi analisada por Menezes (1976), a partir de uma etnografia realizada na cidade, na década de setenta. Ela aponta que naquele momento específico havia um intenso movimento migratório de trabalhadores rurais para a cidade. Tomando esse movimento e seus sujeitos como objeto de estudo, ela analisa as leituras que os migrantes fazem da sua chegada à Anápolis depois de deixarem a roça. Suas necessidades de adaptação, o preconceito, as dificuldades de adequação e compreensão do espaço e das regras que governam a vida no novo lugar. Segundo a autora, o movimento migratório, movido pela esperança de acesso à educação, saúde e trabalho mais bem remunerado, caracterizava-se pela crença de que a cidade era superior à roça e que, apesar das dificuldades iniciais, eles poderiam alcançar esses objetivos. Esse

³² Segundo dados divulgados pelo IBGE relativos ao Censo 2010, a população de Anápolis é de 324.303 habitantes. Aparecida de Goiânia conta com 442.978 habitantes. Goiânia, a capital do estado, tem 1.256.514 habitantes.

deslocamento, como constatamos, continua e se repete como um ciclo; dessa vez, no entanto, os filhos e netos desses migrantes que deixaram a zona rural do estado de Goiás, agora deixam o país, em busca dos mesmos sonhos.

A migração de anapolinos para o exterior é anterior à década de 1990, como mostra de forma esclarecedora Ribeiro (2000, p. 220), ao comentar a predominância de goianos no mercado de *pizza* que envolve brasileiros na *Bay Area*, em São Francisco:

A presente importância dos brasileiros no mercado de *pizza* começou no fim dos anos 1960, quando “existiam apenas doze brasileiros em São Francisco. Três imigrantes de Goiás aprenderam tudo que podiam sobre *pizzas* trabalhando para o proprietário argentino de uma *pizzaria*. Esse argentino contratou os brasileiros porque necessitava trabalhar com pessoas com as quais pudessem comunicar-se. Um fator lingüístico foi a porta que abriu uma série de oportunidades para aqueles três goianos que, com o passar do tempo, estabeleceram seus próprios negócios e transformaram-se em bem sucedidos proprietários e empresários. Suas *pizzarias*, por sua vez, começaram a receber imigrantes de suas cidades e estado de origem. Como disse um imigrante hoje proprietário de *pizzaria*: “Vim de Anápolis porque sabia que tinha aqui um goiano dono de uma *pizzaria* com quem eu podia trabalhar”.

Durante a pesquisa de campo, em Anápolis, encontramos muitos ex-imigrantes que foram para os Estados Unidos na década de 1980, o que comprova a força que o movimento migratório alcançou naquela cidade. As conversas com as irmãs Jane Kel P. Borges, 41, e Jary P. Borges, 46, ambas naturais de Anápolis, apresentam aspectos interessantes na forma como avaliam a experiência, já distanciada pelo intervalo de dois anos e por indicar a variedade de redes emigratórias que se formaram na cidade. Jane viveu nos Estados Unidos por quatorze anos (1994 a 2008). Explica que decidiu emigrar porque estava insatisfeita com o salário da prefeitura de Anápolis e ouviu muitos boatos de pessoas que “estavam ganhando muito dinheiro” nos Estados Unidos, comprando casas e outros imóveis. Em 1994, ela frequentava o templo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, cujos adeptos são conhecidos por mórmons. Na igreja, Jane tornou-se amiga de alguns religiosos norteamericanos e foi convidada a conhecer os Estados Unidos. Já motivada pelas informações de sucesso de imigrantes no país e contando com o apoio dos amigos da igreja, pediu demissão, comprou a passagem, conseguiu visto de turista e foi para o estado de Utah, onde se hospedou na casa de “irmãos mórmons”. Ao estabelecer contatos com goianos que estavam em Nova York, decidiu se mudar para lá, uma vez que as oportunidades de trabalho eram maiores. Naquela cidade Jane encontrou uma amiga de infância, com quem passou a dividir a

moradia, e ainda em condição de ilegalidade, trabalhou como *baby sitter*, faxineira e acompanhante de idosos. Aprendeu a falar inglês e conseguiu a carteira de motorista.

Jary e Jane disseram que, apesar do fato de terem sido inicialmente amparadas pela igreja, a motivação para a emigração, assim como a de outros emigrantes que também foram para os Estados Unidos com apoio dos americanos mórmons e com os quais conviveram, não era exclusivamente religiosa. Segundo Jane: “Todos queriam, na verdade, a oportunidade de mudar de vida. Conseguir capital para começar uma vida nova, aprender uma nova língua e os mórmons sabiam disso e nos ajudaram.” Essas articulações e, com certeza, muitas outras, fizeram com que a cidade se tornasse um ponto de partida de trabalhadores emigrantes, apesar do destaque econômico que Anápolis ocupa na região. Na verdade a “boa propaganda” dos que voltavam incentivava a permanência do processo. Estes compravam imediatamente carros e apartamentos, fazendo crer que o empreendimento estava valendo a pena.

Como indiquei anteriormente, a emigração de anapolinos para a República da Irlanda, além de mais recente, teve como base a atuação dos frigoríficos irlandeses no Brasil em busca de mão-de-obra especializada. Em Anápolis, a Vila Fabril, bairro onde está instalado o frigorífico JBS, antigo Bordon, foi o local onde o recrutamento teve início, estendendo-se por outros bairros de Anápolis e por outras cidades de Goiás, como Minaçu, Goianésia, Santo Antônio do Descoberto, Goiânia, entre outras.

A manutenção desse ciclo emigratório deve-se também ao fato de que se estruturou no estado toda uma logística de apoio, com base em grupos de intermediação e orientação, formais e informais. As agências de turismo e pequenas empresas que anunciavam nos jornais locais: “trabalhe e estude no exterior”, “trabalhe legalmente no exterior”, possuem pacotes específicos para esses emigrantes, sempre compostos de passagem de volta e hospedagem, a fim de atender às exigências das polícias de imigração. Intermediários como Roseana e Longuinho existem às dezenas em Goiás. Alguns informantes indicaram que, assim como em Anápolis, em Goianésia, GO, há muitos indivíduos “com os contatos” do exterior. O fluxo para a Irlanda se estruturou e se manteve com base nessas articulações entre agências de turismo, empresas de intercâmbio e agentes

informais. Eduardo Souza, 39, indicou-me que muitos dos agentes intermediários agem de má fé e lucram muito com “o sonho” do brasileiro. Como exemplo ele cita o caso de um anapolino que arregimentou muita gente espalhando faixas em Anápolis com a chamada: “Venha estudar e trabalhar na Irlanda. Nós providenciamos tudo”. Quando os trabalhadores chegavam lá, tinham que “se virar sozinhos, ir atrás do emprego e da escola”:

Eles vendiam a Irlanda floral, não existe essa história de se você estudar vai ter um emprego aqui, isso é mentira. Os brasileiros que vinham nus e crus, muitos tomavam na cabeça, porque era falada uma coisa e quando chegava lá era outra. Aí esse cara organizava o campeonato de futebol, todo mês de outubro tem o grande encontro. Nessa época contratava grupo de pagode, tinha barracas de comidas típicas do Brasil. Pronto, a gente passava o dia comendo, dançando, jogando bola e todo mundo esquecia os problemas que ele causou.

Ao contrário do que faziam Roseana e Longuinho, o intermediário citado articulava a ida de trabalhadores sem contrato de trabalho que, após a entrada no país, passavam para a ilegalidade, exercendo atividades sem nenhuma segurança. Entre as estratégias utilizadas para burlar a imigração irlandesa, o “pacote de estudante” foi e ainda é utilizado pelos emigrantes goianos. Esse pacote consiste basicamente na compra de um curso de inglês, em escolas do país, pago previamente no Brasil. Ao entrarem mediante a apresentação da escola de inglês, os imigrantes, em geral, frequentam as aulas nos primeiros meses, o que os permite também fazer os contatos de trabalho e obter uma maior familiaridade com o novo ambiente. Quando conseguem uma colocação deixam as aulas do curso e se dedicam ao objetivo real da emigração, que é o trabalho e a poupança. Eles chamam de “esquema” os arranjos para entrar na Irlanda. Além do pacote de estudante, as cartas-convite dos trabalhadores com vínculo de trabalho e em condição de legalidade foram, para muitos, o caminho utilizado, até a polícia da imigração constatar o número elevado de brasileiros goianos vivendo ilegalmente no país e “endurecer”, através da checagem rigorosa dos documentos e das deportações. Segundo Ricardo Rocha, 38, um dos sócios da empresa Apoio Internacional, houve um *boom* de saída de anapolinos e o consequente aumento de agências de turismo para atender a essa demanda:

Anápolis chegou a ter 40 agências que viviam basicamente da Irlanda. No *boom* mesmo tinha muito gente, tinha pra todo mundo. Todas faziam o básico: hotel com *voucher* frio, orientações sobre o que falar, roupa, como se portar em caso de

pararem e por aí vai. O *voucher* frio tinha tipo um papel de *voucher* de hotel, mas não existia reserva nenhuma.

Ao ser questionado se conhecia outros “esquemas” não formais, ele esclareceu que “tinha gente que queria ir e não tinha grana. Aí dava casa, carro e outras coisas como forma de pagamento, ou passava um documento dizendo que se não pagasse as passagens, eles poderiam ficar com os bens deles”.

O ministério público divulgou, em 2009, informações sobre mecanismos utilizados pelos goianos para “driblar” a imigração no exterior, confirmando a falsificação de documentos e a delação entre os imigrantes.³³:

Dos 300 mil goianos que moram no exterior, 70%, (210 mil) estão em situação irregular e estão sendo deportados. De acordo com o chefe da Assessoria Internacional para Assuntos Especiais do governo de Goiás, Eli Chediak, no decorrer deste ano, 15 goianos foram mortos no exterior, o que faz com que o estado implemente a política de apoio aos seus imigrantes ilegais. “À medida que autoridades percebem as dificuldades das colônias brasileiras no exterior, mais políticas de apoio podem ser criadas em busca de melhores condições de vida para esses imigrantes”. Enquanto as esferas governamentais, Ministério Público e embaixadas se unem no combate ao tráfico de seres humanos, os goianos deportados não medem esforços para “driblar” o serviço de imigração. Quando completou 18 anos, o goianiense Apolo (nome fictício), comprou uma passagem para Bruxelas, em 12 parcelas no cartão de crédito do primo, pegou 3 mil euros emprestados com um agiota e foi se aventurar como garoto de programa, na Bélgica, onde tinha um amigo também goiano. Em três meses de trabalho, pagou todas as dívidas. Mas, um ano e dois meses depois, ele volta para casa deportado, após uma denúncia anônima para o serviço de imigração belga. A experiência foi constrangedora, entretanto, ele não se abalou e, dois meses depois, já arruma as malas para voltar, desta vez para a França. Apolo confessa que é seduzido pelo “dinheiro fácil”. “Na Europa tem mais goianos que europeus. Quem faz trabalhos domésticos não ganha dinheiro e vive mal, mas quem encara a prostituição, como eu, consegue ganhar muito bem. Em apenas um ano, consegui juntar um bom pé de meia. Estou com 19 anos e tenho que aproveitar enquanto sou jovem para construir meu patrimônio.” Madalena Duarte, 51 anos, o marido, 52 anos, e o filho de 26 anos, moraram oito anos em Londres, na ilegalidade. Até que foram denunciados e deportados, há cinco meses. A família é de Caldas Novas e conseguiu construir um patrimônio de cinco imóveis para aluguel, em Goiânia e Caldas Novas. Madalena trabalhava como faxineira, o marido como mecânico, e o filho como cozinheiro num restaurante. “Trabalhamos muito e eu ganhava cerca de 9 libras por hora, como diarista. Quando fomos pra lá, éramos muito pobres, não tínhamos nada. Conseguimos vencer.” Tanto Apolo quanto Madalena queixam-se da rivalidade entre brasileiros. “São os próprios brasileiros que denunciam os outros por inveja ou ciúme.” Apolo acha que foi denunciado por uma prostituta goiana. “Ela estava enciumada, porque os homens preferem outros homens e eu estava ganhando muito mais dinheiro do que ela.” Madalena suspeita de vizinhos incomodados com os ganhos da família. Ao contrário de Apolo, a família de Madalena teve sorte com a imigração inglesa. “No geral, os ingleses são super-educados. Estávamos em casa quando eles chegaram. Foram educados, disseram que fomos denunciados,

³³Sá, Maria José. Goianos deportados driblam imigração. Disponível em: <http://www.mp.go.gov.br>. Acesso em: 17 de março de 2011.

avisaram o horário do voo de volta. Deram duas horas de prazo pra fazermos as malas e ficamos vigiando nas portas para não sairmos de casa. Cada um de nós pode trazer 30 kg de bagagem. Nos escoltaram até o aeroporto, sem traumas.” Falsificados: Ao ser deportada de um país, a pessoa não pode mais voltar para lá. Mas não existe o que não pode ser resolvido com o famoso “jeitinho brasileiro”. “Silva”, 45 anos, mora em Brasília e se especializou em falsificar passaportes e outros documentos. “Os brasileiros deportados esperam dois ou três meses, compram documentos falsificados e voltam para a Europa, tranquilamente.” O “pacote” incluindo passaporte, RG, CPF e outros documentos exigidos para a viagem custa, em média, R\$ 10 mil, pagos à vista. Silva construiu um império em imóveis alugados, no Distrito Federal. Ele está no ramo há duas décadas e conta que há mês em que chega a faturar mais de R\$ 100 mil, só com falsificação de passaportes. De acordo com Silva, a “indústria da imigração ilegal” está tão aperfeiçoada que já há métodos até para “enganar” a máquina que faz a leitura óptica de impressões digitais.

Na Irlanda constatei que muitos brasileiros possuem passaporte falso, principalmente das nacionalidades portuguesa e italiana. Em função dos riscos que estão associados à prática de falsificar documentos, os imigrantes citam *an passant* os casos mais conhecidos, evitando os detalhes. Na verdade esse assunto veio à tona quando perguntei a um goiano sobre os imigrantes deportados que conseguiram voltar para a Irlanda. A minha questão fazia referência à condição de inaceitável do deportado, que na Irlanda entra numa lista de restrição permanente, teoricamente impossibilitado de retornar ao país em qualquer tempo. O informante disse que muitos dos que conseguiram voltar compraram passaportes falsos de “uma mulher de Anápolis”, outros simplesmente jogaram o passaporte carimbado fora e solicitaram outro à Polícia Federal, apresentando-o no guichê de entrada e ingressando tranquilamente no país. Segundo John Goiano, na Irlanda não há cruzamento de informações como no Brasil:

Como você pôde ver pela sua pesquisa, aqui não existe uma comunicação entre os setores da imigração e outras agências do governo. Por isso que pessoas que estão ilegais conseguem abrir uma empresa sem dificuldades, receber auxílio para os filhos e outras coisas, até conseguir empréstimo em bancos. Na imigração, por exemplo, eles não têm sistema que registre todas as informações dos que entram e saem do país. Às vezes para conseguir identificar algum registro, o agente precisa fazer um grande esforço. Claro que isso, com a maior vigilância, está mudando, mas o Brasil é muito mais avançado nesse ponto. Em qualquer loja que você vai no Brasil a pessoa digita seu CPF e sabe tudo da sua vida. Aqui não.

É preciso considerar que a crise econômica que afeta duramente os países da União Europeia conhecidos como PIGS (Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha), implica diretamente num maior controle de entrada de ilegais em potencial. “Ter sorte” na passagem pela imigração irlandesa ficou mais difícil nos últimos três anos. No dia 16 de junho eu estava no aeroporto de Dublin aguardando meu voo para

Heathrow, em Londres, de onde eu retornaria ao Brasil. John Goiano foi até o aeroporto para nos despedirmos, porém assim que chegou recebeu o telefonema de um goiano, que vive e trabalha na Irlanda. Ele estava no aeroporto, aguardando a chegada da filha e do neto, quando soube que eles haviam sido barrados. John ligou para o chefe da imigração do aeroporto e recebeu a informação de que a mulher esteve vivendo ilegalmente na Irlanda anteriormente e por isso não foi admitida. John externou a sua preocupação com a criança e com a possibilidade da mãe dela ser encaminhada para uma cadeia, até que surgisse um voo com vagas disponíveis. O agente explicou que em função da presença da criança eles priorizaram o caso e já haviam encontrado um vôo de retorno. O pai da moça, que estava ao nosso lado, se mostrou muito aliviado, pois temia que a filha fosse presa. Apesar de demonstrar muita tristeza, ele agradeceu a John pela intervenção, concordando que a providência tinha sido um “mal menor”. O caso sugere que o cruzamento de informações de alguma forma vem se incrementando e que, diante da nova realidade econômica do país, talvez “os tempos de sorte” dos imigrantes esteja chegando ao fim.

2.5.1

Vila Fabril, Anápolis, GO

A Vila Fabril pode ser apresentada como exemplo das novas conexões internacionais possibilitadas pelo movimento de pessoas. O nosso primeiro dia de trabalho de campo no bairro, em março de 2009, coincidiu com o início de uma pesquisa realizada pela Organização Internacional das Migrações (OIM), o que a princípio inviabilizou conversas mais longas com os moradores que, quando abordados diziam: “É sobre a Irlanda? Eu já respondi as questões, uma moça já passou aqui”. A presença dos pesquisadores da OIM obrigou-me a alterar o planejamento de campo, priorizando a aproximação sutil com alguns informantes que, aos poucos, me apresentaram as marcas e os personagens da experiência irlandesa no bairro.



Vila Fabril, Avenida das cerâmicas. Foto: Reijane Pinheiro

O frigorífico JBS ocupa uma parte significativa da Avenida Matadouro, a avenida principal. Em torno e em função do antigo matadouro, instalado ainda na década de 50 pela Companhia Fabril e Comercial de Goiás, surgiu a Vila Fabril. O frigorífico e as cerâmicas se impõem à paisagem, composta de casas simples cercadas por muros altos, em ruas arborizadas e asfaltadas. Segundo Sr. Longuinho, “ depois da Irlanda as casas melhoraram demais, hoje tem muitas casonas, antes não”.

Nos primeiros dias de campo os ex-imigrantes e familiares de imigrantes pareciam, à primeira vista, cansados de falar sobre a Irlanda, principalmente em função das pesquisas de entidades como a OIM e de reportagens de revistas e jornais. No entanto, depois de certa resistência inicial, as conversas fluíam e a hospitalidade goiana se manifestava com convites para que eu voltasse para tomar um café e conversar mais. Três personagens se destacaram em importância na pesquisa de campo em Anápolis. Dois deles dividem a mesma calçada em frente ao frigorífico na Vila Fabril: O Sr. Longuinho, com uma banca de jogos e Josefa, com uma banca de *CDS* e *DVDS*. Depois de alguns dias de pesquisa os dois passaram a

me disputar. Sr. Longuinho dizia que eu estava perdendo tempo em conversar com outra pessoa, pois ele sabia tudo da Irlanda; Dona Josefa afirmava que o filho dela, que viveu na Irlanda por seis anos, sabia tudo e que depois de conversar com ele eu não precisaria entrevistar mais ninguém.

O meu primeiro contato com o filho de Dona Josefa, Joanir, 31, foi por telefone. Depois que expliquei os interesses da pesquisa ele me disse: “Eu dou entrevista, mas a minha hora é cara”. Eu perguntei a ele quanto? A resposta veio acompanhada de uma risada: “Tô brincando, filha. Você junta alguns celulares velhos e trás pra mim, eu tô fazendo de tudo um pouco e agora tô concertando celular”. Entrevista marcada, passei a buscar celulares nas casas dos meus amigos e parentes em Goiânia e em dois dias estava com dez aparelhos para o escambo, minhas valorosas “miçangas” a serem trocadas por uma entrevista. Quando cheguei à Vila Fabril com os celulares, Joanir se dispôs a me ajudar na localização de pessoas no bairro e a fornecer jornais da Irlanda e vídeos produzidos por ele quando morou em Gort. Antes mesmo que eu perguntasse, ele me expôs os motivos de ter emigrado e o meio que encontrou para fazê-lo:

Eu via as pessoas ir pra Irlanda e senti uma vontade imensa de me realizar como pessoa e como homem, surgiu essa idéia, eu via as pessoas indo. A primeira pessoa que procurei foi o Sr. Longuinho, mas ele não me ajudou. Peguei dinheiro emprestado com minha mãe. Minha mãe me ajudou com dinheiro e meu primo Edirley Silva que já estava lá me recebeu, arrumou alguém pra imigração ligar. Eu cheguei encostei no lado contrário do carro, pensando que era igual os carros do Brasil. Falei pro motorista vamos. Ele disse, você vai dirigindo? Meu primeiro mico na Irlanda.

Joanir viveu em Gort por seis anos e se tornou muito conhecido em toda a cidade, protagonizando histórias folclóricas que se mantêm na memória dos imigrantes que vivem no interior da Irlanda. Uma delas refere-se ao fato dele levantar em torno de quatro ou cinco horas da manhã para pescar moedas de um e dois euros num pequeno riacho na entrada de *Gort*. Como é costume na Irlanda, as pessoas fazem desejos e jogam moedas nesse riacho a fim de serem atendidos. Enquanto estive no país, Joanir era uma espécie de “faz de tudo”, desde *delivery* de sanduíches até ajudante de pedreiro na construção civil.

O primeiro emprego eu consegui na Pedra. Fiz alguns bicos lá de manhã, esperava alguém me chamar. Fiz covas no cemitério. Trabalhei em bar, serviços gerais, na limpeza, carregava mantimentos, jardinagem. Depois consegui um serviço em um hotel *Brief House Hotel*, onde trabalhei na cozinha, na função de *kitchen porter*. Na minha forma de ver essa palavra significava pau-para-toda-obra, pois eu fazia tudo. O hotel ao contratar mandava os trabalhadores para uma casa que não tinha

aquecimento, as roupas de cama não existiam, nós tínhamos que pegar no hotel o que tava jogado. O hotel cobrava aluguel da gente. Eu comprei minha vaga no hotel, paguei 150 euros pela vaga.

Com todas essas habilidades e polivalência, Joanir se especializou na “produção” de material fonográfico, principalmente *DVDS* musicais, *CDS* e filmes, além de registrar os eventos da comunidade brasileira, editando os *DVDS*, posteriormente, a fim de mais bem negociá-los com os conterrâneos. Segundo ele, os “campeões de venda” eram os *DVDS* de música sertaneja e os filmes legendados em português, além dos filmes pornográficos. A atividade acabou causando problemas para o anapolino: Além dos *CDS* e *DVDS* piratas, ele passou a vender bebidas e cigarros em Gort. Ele comprava de intermediários em Gort e Cork e estocava em sua casa, de onde revendia para os brasileiros. A polícia foi até lá, flagrou-o e o conduziu à delegacia; após prestar depoimento, Joanir foi liberado para aguardar o julgamento. No depoimento ele não negou nenhuma das acusações, assumindo integralmente a responsabilidade pelas mercadorias e a revenda. Simultaneamente ao processo, a deportação de Joanir foi providenciada e, em outubro de 2008, ele recebeu a ordem de deportação, ignorada, segundo ele:

Eu só saí da Irlanda quando quis. Sei que por inveja alguém me denunciou para a *Garda* e eu não queria dar o gostinho da vitória pra esse traíra. Ganhei muito dinheiro lá e isso despertou inveja. Hoje, aqui em Anápolis, tenho minhas casas, meu carro e faço esses trabalhos para completar minha renda e porque não consigo ficar parado. Não tenho medo de trabalhar e na Irlanda tem gente que foi e voltou sem ganhar nada.

Joanir continua fazendo serviços variados em Anápolis; ao solicitar os celulares, explicou que aproveitava peças para consertar outros aparelhos e os revendia para amigos e proprietários de empresas autorizadas em reparos de eletrônicos. Quando o procurei, no segundo dia, ele disse que só poderia me atender mais tarde, pois tinha que fazer a limpeza de uma caixa d’água. Para acompanhá-lo pelas ruas da Fabril, eu tive que acelerar o passo. À medida que caminhávamos, ele me mostrava as casas onde moravam ex-imigrantes, familiares e as histórias mais marcantes:

A Fabril quase toda já foi pra Irlanda, difícil aqui é encontrar alguém que nunca foi ou que não têm parentes lá. Mas eu digo pra você, a maioria não soube aproveitar. Chega aqui querendo mostrar o que ganhou, gasta tudo para aparecer para os outros e depois fica chupando o dedo. Aquela Irlanda não é brincadeira não. Conheço gente que perdeu dedos lá, que adoeceu dos pulmões por causa do frio, que teve depressão. A gente tem que saber aplicar direito.

O informante analisa sua empreitada emigratória como muito positiva, pois possibilitou-o adquirir duas casas na Fabril e um carro, além de ter formado uma família. O desejo inicial de realização como pessoa e como homem, segundo ele, também foi alcançado. Tornar-se um “homem”, na compreensão de Joanir, corresponde a ser capaz de formar uma família e a ela oferecer casa, carro e conforto. Essa percepção de masculinidade refere-se à persistente ideia de que ser homem é ser provedor. Apesar das significativas transformações que ocorreram nas relações familiares, a partir da presença feminina no mercado de trabalho, essas e outras representações acerca dos papéis de gênero continuam permeando as relações sociais, bem como as expectativas de homens e mulheres.

A experiência de viver fora, nas palavras do próprio Joanir, o fez ver o mundo com outros olhos, perceber o quanto a família é importante no contexto de “competição em que as pessoas vivem”. Fê-lo também ver o quanto o mundo é cheio de possibilidades: “Se um dia eu me cansar de viver aqui, vou embora com a minha família; eu sou muito inquieto e agora sei que há muito espaço no mundo”.

Comparar as comunidades de imigrantes goianos de Tullamore e Kilbeggan com a de Gort me fez perceber que a condição de legalidade e o seu oposto pode interferir de maneira surpreendente no processo de interação com os nacionais. Para a minha surpresa os ilegais em Gort estavam mais integrados à cidade, apesar de todos os limites já apresentados, do que os que vivem legalmente nas outras duas cidades. Atribuo esse fato às características culturais que podem ser imediatamente identificadas na cidade. Mais ruralizada e menor do que Tullamore, Gort é cercada de propriedades rurais, o que permitiu aos brasileiros goianos se encaixarem perfeitamente no perfil de trabalhadores que os fazendeiros da região precisavam. A vida comunitária da cidade também foi um espaço facilitador da relativa integração. Aliado a isso, a conhecida informalidade irlandesa tem nas comunidades menores mais campo para se manifestar, uma vez que o próprio espaço permite que a proximidade seja reforçada. A história nos mostra que a Irlanda foi, até há pouco tempo, um país de camponeses e por mais que nos últimos trinta anos tenha alcançado desenvolvimento econômico, permanece fortemente marcada pela cultura rural, também avessa à burocracia e à formalidade.

Em Tullamore os ilegais foram rechaçados, como citado na narrativa de Wenismar. Segundo vários informantes, os moradores não hesitavam em denunciar os imigrantes, principalmente quando eram incomodados com as festas brasileiras e sua música alta. A maioria dos brasileiros que vivem na cidade, bem como na vizinha Kilbeggan, possui autorização de trabalho e está empregada nos dois frigoríficos citados. A grande maioria não fala inglês e precisa recorrer a intermediações para as demandas cotidianas: agências de fornecimento de água e energia, empresas de telefonia e internet, hospitais, polícia, imigração e reuniões escolares. Os filhos desses trabalhadores muitas vezes atuam como tradutores, mas em casos que envolvem a polícia a participação dessas crianças não é autorizada. Nesse caso os imigrantes recorrem à ajuda dos voluntários do CABI (Centro de Apoio aos Brasileiros na Irlanda), dos proprietários da Apoio Internacional, como já citei, ou pagam tradutores. Ao contrário de Gort, não há festas envolvendo os imigrantes e os nacionais, nem eventos brasileiros nas ruas da cidade. As festas juninas são celebradas nas casas dos imigrantes e têm a presença quase que exclusiva de brasileiros, com exceção de alguns adolescentes irlandeses, convidados pelos amigos brasileiros da escola.

Acompanhar o ir e vir dos trabalhadores brasileiros que vivem na Irlanda, viver com os imigrantes em duas cidades irlandesas, percorrer os aeroportos internacionais na companhia de alguns deles e enfrentar as angústias pela possibilidade de não admissão na imigração foram experiências fundamentais para que eu alcançasse alguns elementos que dimensionam as realidades experimentadas por esse grupo de trabalhadores fora do Brasil. Como conterrânea dos imigrantes, meu acesso ao mundo em que eles viviam foi facilitado: pude pular etapas em função de conhecer os códigos da boa convivência, com suas permissões e limites. Seria ingênuo desconsiderar que a minha presença entre os imigrantes também gerou expectativas e que o meu interesse sobre suas experiências e perspectivas reforçava a autoimagem de sujeitos corajosos, que mereciam reconhecimento e admiração. Eduardo, 39, disse em tom jocoso, porém revelador: “a nossa história deveria virar livro e novela, igual à história dos italianos no Brasil, mostrada na novela *Terra Nostra*, da TV Globo.”

À medida que estabeleci o distanciamento do tempo em que a pesquisa foi realizada, a fim de terminar a redação da tese, os dados etnográficos coletados

faziam Anápolis (GO), Tullamore, Kilbeggan e Gort (Irlanda) parecerem cidades próximas, vinculadas, prova do estreitamento de tempo, espaço e cultura que esses sujeitos emigrantes são capazes de operar através de sua presença e agência. Aproximar cidades tão distantes torna-se possível através dos novos vínculos que são estabelecidos por quem emigra e pelos vínculos deixados na cidade de partida. Ribeiro (1997) aponta que esses vínculos são sintomáticos de práticas que se encaixam no que se define como transnacionalismo.³⁴ Ao chegar em Anápolis, ouvi perguntas como: “Como tá lá no Gort?”. Ao chegar em Gort os imigrantes se mostravam felizes por saber que eu já conhecia seus parentes no Brasil e muitos deles já sabiam que eu iria visitá-los, informação passada pelos pais, filhos, amigos ou irmãos que vivem em Anápolis.

Para a etnografia frequentei festas, churrascos, torneios de futebol, reuniões religiosas, missas, cultos, reuniões com a embaixada brasileira e o CRBE (Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior), festas de aniversário e festas de primeira comunhão. Fiz das calçadas, em frente ao JBS em Anápolis e da praça central de Gort, região conhecida entre os imigrantes como Pedra, e da loja da Apoio Internacional em Tullamore, meus pontos de observação cotidiana. Em todos esses lugares os vínculos com os imigrantes e com suas histórias foram mediados pela minha identidade regional. Acolhida e tratada como parente, constatei que as relações que estabeleci, ao invés de colocar em risco os rumos da etnografia, contribuíram para que a minha compreensão sobre o que é específico ao jeito goiano de lidar com o mundo fosse ampliada. A etnografia multissituada apresentou-se como uma possibilidade interessante de compreender as particularidades do movimento de goianos para a Irlanda, bem como de apreender as leituras que eles fazem dos espaços pelos quais transitam e habitam.

As interações entre práticas locais e a experiência internacional desses imigrantes podem ser percebidas nas formas em que vivem e interpretam sua emigração e sua condição de ex-imigrantes. Como mostra Feldman-Bianco (2009, p. 22), ao escrever sobre a reinvenção da localidade entre migrantes portugueses na cidade de New Bedford, nos Estados Unidos:

³⁴ Para Ribeiro (1997, p. 21), o transnacionalismo “é definido como processos pelos quais os imigrantes forjam e sustentam relações sociais multi-entrelaçadas que unem suas sociedades de origem com a de residência”.

Com base na análise de genealogias da migração, estruturas domésticas e observação de eventos, indiquei que no passado, e no presente, as experiências de vida dos imigrantes portugueses se estendiam entre localidades do continente, dos Açores e da Madeira e localidades da Nova Inglaterra. (...) Por outro lado, a minha análise histórica me possibilitou mapear os eventos contemporâneos de um ângulo diverso e, assim, identificar uma simultânea exacerbação de localismos, por parte dos portugueses, enquanto um enclave étnico na cidade. Esses padrões simultâneos se tornaram constitutivos da inter-relação dinâmica entre globalização e localismos na presente conjuntura do capitalismo global.

Na mesma direção proposta pela autora, percebo ainda que local e global se tornam dialeticamente entrelaçados, uma vez que por mais que a experiência de viver fora os faça perceber, como nas palavras de Joanir, que “há muito espaço no mundo”, as estruturas e sentidos dados pelo local permanecem moldando as formas de viver nos espaços globais. Como exemplo, posso citar a forma com que fui tratada pelos meus informantes, tanto em Anápolis como na Irlanda. Quando cheguei à Vila Fabril, Joanir passou a se sentir responsável por mim e pelo meu trabalho; sua mãe convidou-me inúmeras vezes para tomar café em sua casa; os ex-imigrantes que conheci me convidavam a retornar para almoçar ou para visitá-los. Assim que eu me aproximava da banca do Sr. Longuinho, logo outras pessoas se juntavam a nós para contar “causos” envolvendo a emigração para a Irlanda. As calçadas em frente ao frigorífico se tornaram ponto de encontro dos moradores do bairro. Tanto no Barzão, bar de propriedade de um ex-imigrante chamado Wesley, como na banca de jogos do Sr. Longuinho ou de *CDS* e *DVDS* da mãe de Joanir, ouvir as conversas, observar e perguntar me fizeram compreender que, mesmo com “experiência internacional”, os ex-imigrantes repetiam o hábito interiorano de sentar juntos nas calçadas para falar sobre suas vidas.

Histórias de estranhamentos, como a de Wenismar ao narrar sua experiência no trabalho com ostras na Irlanda, além de muito comuns, são narradas com dramaticidade pelos seus protagonistas, colocando frequentemente em questão os limites da adaptabilidade desses imigrantes a realidades nunca antes experimentadas. Nadar no mundo familiar dos lagos goianos é para Wenismar “saber nadar”, algo impossível se o ambiente é o mar agitado e frio da Irlanda. Há limites para experimentar espaços estranhos, nesse caso o mar. O imigrante não é alguém que topa tudo ou qualquer coisa. Nessa narrativa, a experiência do local de origem, como as águas familiares, é a referência para o que é tolerável. O local,

dessa forma, conforma os limites das experiências possíveis para quem saiu do Brasil a trabalho.

A pesquisa aponta que a emigração de anapolinos para a Irlanda tem provocado impactos, tanto nos aspectos econômicos como culturais, especialmente em bairros como a Vila Fabril, em Anápolis, de onde saíram os primeiros trabalhadores contratados por frigoríficos irlandeses, no final da década de 1990. Na principal avenida do bairro, por exemplo, a maioria dos pequenos estabelecimentos comerciais pertence hoje a ex-imigrantes. Muitas casas foram reformadas ou construídas com o dinheiro enviado da Irlanda, além da aquisição de carros e caminhões. A grande maioria dos informantes apontou que o primeiro bem a ser comprado, mesmo antes de o imigrante voltar ao Brasil, é o carro, o que contradiz os motivos alegados, também pela maioria, para a emigração: comprar uma casa e ter dinheiro para iniciar um negócio. O informante José Ramos, 62, morador da Vila Fabril, tem quatro filhos vivendo na Irlanda há dez anos. Segundo ele o problema é que o brasileiro não sabe aplicar o dinheiro, por isso os filhos não puderam voltar: “Quando chega aqui compra um carro de trinta mil”. Esse “carro de trinta mil”, entre outros bens como casa e apartamento, além das roupas de marca, seriam a “prova material” de que valeu a pena emigrar e valeria a pena pra quem tentasse.

Do ponto de vista cultural, a experiência de viver fora do Brasil impõe mudanças de perspectivas para os sujeitos que a experimentam, o que conseqüentemente os transforma de muitas maneiras, impondo inquietações e conflitos que podem ser traduzidos em sentimentos de insatisfação constante: Estando na Irlanda sentem falta e querem voltar ao Brasil, estando no Brasil querem voltar pra Irlanda, como traduziu muito bem uma informante que vive em Gort: “emigrar faz com que a gente se sinta dividido para sempre”. Ainda nos aspectos culturais, é possível encontrar muitos ex-imigrantes em Anápolis que hoje falam inglês fluente, crianças com nacionalidade irlandesa vivendo na cidade e até casais formados por irlandeses (as) e brasileiros (as). De uma forma geral, a imigração tem produzido marcas em Anápolis e também em outras cidades goianas, assim como nas cidades em que os goianos vivem e viveram na Irlanda.

III

A República da Irlanda: migrações, imigrantes e *boom* econômico

A Irlanda é o berço de grandes poetas, dramaturgos e escritores. A terra de Samuel Becket (1906-1989), de Oscar Wilde (1854-1900), de William Butler Yeats (1865-1939), de James Joyce (1882-1941) e de tantos outros, é ainda conhecida pelos conflitos políticos que marcaram o país no início do século XX e que tinham como motivação a luta pela independência, além dos atentados do *Irish Republic Army (IRA)*. Mais recentemente, ganhou foco no noticiário internacional pelos escândalos de pedofilia envolvendo a Igreja Católica e pelos efeitos da crise econômica de 2008 sobre a estabilidade do país. Representações de um suposto conservadorismo irlandês convivem simultaneamente com referências pejorativas, muitas delas associando os irlandeses a bebedeiras e brigas como também aquelas relacionadas ao contexto da emigração irlandesa para a Inglaterra e para os Estados Unidos, onde essas marcas foram constituídas. As identidades rural e católica, no entanto, constituem algumas das singularidades da Irlanda no contexto da Europa industrial e protestante.

Desde a fundação do Estado irlandês, em 1922, o imaginário de um país rural, cujas paisagens remetem à idealização da vida no campo, permeia os discursos sobre a identidade nacional. Tanto nos espaços institucionais, como nas representações produzidas no âmbito da sociedade civil, os códigos em torno dos quais essa identidade tem sido produzida referem-se às famílias nucleares rurais, bem como às *landscape cottages*³⁵, como símbolos de um rural idílico. Kinane (2006) cita as ações de Eamonn De Valera, o primeiro *Taoiseach* irlandês (Primeiro Ministro) e autor da Constituição Irlandesa, como fundamentais para a criação de

³⁵ *Landscape Cottages* são as paisagens rurais que incluem as famosas casas com telhados de palha. O traçado da palha é considerado por muitos arquitetos como típico da Irlanda.

uma identidade nacional homogênea, que tem como base uma ruralidade romantizada. O trecho abaixo é parte de um discurso de De Valera, citado por Kinane (p. 3). Nele o Taiseach faz referência à Irlanda “com a qual sonhamos”, sem deixar, no entanto, de mostrar as expectativas do desenvolvimento industrial do país:

That Ireland that we dreamed of would be a land whose countryside would be bright with cosy homesteads, whose fields and villages would be joyous with the sounds of industry, with the romping of the sturding children, the contest of athletic youths, the laughter of comely maidens, whose firesides would be the forns for the wisdom of serene old age.

A idílica comunidade rural aparece, no texto acima, como o elemento central da identidade nacional do país. Por outro lado, o texto também me fez perceber que a Irlanda dos sonhos é um espaço de conciliação entre a modernidade, representada pelos “*sounds of industry*”, e pela família rural, vivendo harmonicamente numa terra de sonhos.

Cusack (2001, p.223) mostra como essa ruralidade irlandesa ganhou contornos na produção artística, representada principalmente pela *Cottage Landscape*. O autor discute o uso da imagem da *Cottage* para reforçar a ideia de simplicidade das comunidades rurais. Pequenos grupos familiares que ainda viveriam elementos associados a uma mitológica “idade do ouro”. O autor comenta que esse culto ao rural foi mantido, a despeito do fato de que a Irlanda tem efetivamente ingressado no mundo moderno. Ele se refere às transformações econômicas e políticas pelas quais o país passou a partir da década de 1960, como apresento neste capítulo. Kneafsey (1998) aborda a temática “identidade irlandesa e ruralidade”, considerando as referências presentes nas imagens turísticas produzidas no país. O autor identifica que a exacerbação do uso das paisagens rurais, principalmente da *Cottage Landscape*, sugere a banalização do rural e uma reprodução que atende unicamente aos interesses do mercado. Kinane chama a atenção para o fato de que somente 7% da população rural irlandesa trabalha diretamente nas fazendas. Os outros 93% não ocupam o lugar que é sugerido na imaginação nacionalista. Essas imagens também são evocadas, segundo a autora, pelos movimentos que desde o século XIX procuram as “*folk roots*” irlandesas, a fim de contribuir com o mosaico que completa as representações da identidade.

Observo que a necessidade de produzir uma identidade nacional é inerente ao processo de construção da nação. Se a Irlanda existe como país livre desde 1922, a demanda acerca da sua construção política passa primeiro pela construção identitária. Essa imagem rural em torno da qual se constrói a identidade nacional, tanto nos discursos institucionais como no cotidiano, assume muitas formas, a exemplo das análises citadas. De acordo com a concepção de Hall (2000, p. 109), o discurso é o espaço primordial da construção das identidades. Nessa direção, acredito que é no interior desses discursos, bem como através de práticas institucionais específicas, que elas se tornam referências legitimadas pela coletividade.

É preciso considerar, no entanto, que a capital da Irlanda, Dublin, mesmo antes da independência do país, mais especificamente na passagem do século XIX para o XX, já experimentava algumas doses de cosmopolitismo. O cenário de articulação social contra a presença inglesa atraía a atenção do mundo, bem como manifestava a circulação intensa das ideias que associavam a liberdade do país à construção dos princípios democráticos e individualistas. O conjunto da produção literária irlandesa, por outro lado, também reflete uma perspectiva marcadamente cosmopolita, o que sem dúvida contribuiu para que os autores irlandeses se tornassem referências da literatura universal. No que se refere à intensificação da circulação de pessoas, percebi que, ainda que considerado o pequeno intervalo entre as minhas visitas (2007, 2009 e 2011), o número de estrangeiros andando pelas ruas ou trabalhando na cidade aumentou. Na principal avenida de Dublin, a *O'Connell Street*, é possível ouvir pessoas falando os mais variados idiomas e se vestindo das mais variadas formas. É certo que o ingresso na UE e a prosperidade, que teve início na década de 1980, são alguns dos fatores que colocaram a Irlanda nos planos de muitos trabalhadores, dispostos a buscar caminhos para “juntar algum dinheiro” e ajudar a família. Por outro lado, a fama de povo divertido e hospitaleiro, bem como a representação de país seguro e organizado, atraem jovens dos países emergentes dispostos a aprender inglês e viver a experiência de morar fora.

A partir da conversão ao catolicismo, que segundo historiadores foi obra de *San Patrick*³⁶, no ano de 500 d.C, a religião na Irlanda se tornou central na oposição

³⁶ O dia de *San Patrick*, padroeiro da Irlanda, é celebrado em 17 de março de forma muito festiva em todas as cidades onde há comunidades irlandesas, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra. Nesse dia os irlandeses e descendentes saem às ruas vestidos com as cores da Irlanda, com

à presença estrangeira e na articulação dos movimentos pela libertação do país. No Início do século XIX, a campanha defendida por *Daniel O'Connell* e membros do parlamento tornou-se marco da luta pela libertação e para pôr fim às leis que perseguiram e puniam manifestações de adesão ao catolicismo. Para dar mais solidez à ocupação da ilha, a Inglaterra adotou a política das *plantations*. Estimulou para tanto a vinda de escoceses (13 mil) e ingleses (sete mil), de fé episcopal, presbiteriana ou puritana, facilitando-lhes a aquisição de campos. Os protestantes que hoje habitam a Irlanda do Norte são descendentes desses imigrantes, que chegaram ao final do século XVI e princípio do XVII (Madden, 2010). A estratégia de ocupação protestante, adotada pela Inglaterra, foi decisiva para o acirramento dos conflitos depois do acordo de independência, em 1921. A divisão religiosa permitiu que os ingleses conseguissem apoio para que a parte norte da Irlanda permanecesse sob o domínio inglês, o que para muitos irlandeses representou um duro golpe contra a unidade nacional. Apesar da divisão, o poder da Igreja Católica na República da Irlanda se manteve ao longo da história do país como referência fundamental da identidade nacional irlandesa. Os escândalos recentes envolvendo o clero sem dúvida abalaram a credibilidade da instituição, no entanto há setores, como a educação fundamental, que ainda contam com o domínio católico, principalmente nas cidades do interior. A primeira fase escolar, que no Brasil corresponderia ao ensino fundamental, é de responsabilidade da Igreja. Ao concluírem essa etapa, um dos rituais de “formatura” das crianças é a primeira eucaristia.

Na esfera política³⁷, a Irlanda é uma democracia parlamentar e, segundo a publicação da embaixada da Irlanda, *Ireland in brief* (2009, p. 4), a administração está estruturada da seguinte forma:

bandeiras e símbolos. As festas acontecem nos *pubs* e nas ruas, ao som da música tradicional, marcadas pelo alto consumo de cerveja, principalmente da marca *Guinness*, fabricada no país. São amplamente divulgadas pelos meios de comunicação, tendo em vista que atraem não só irlandeses e descendentes, mas multidões de participantes.

³⁷ O nome oficial do país é *Éire* (na língua irlandesa) e *Ireland* (na língua inglesa). O Estado da Irlanda é definido como soberano e independente, constituído por vinte e seis condados. A primeira língua oficial é o irlandês e a segunda o inglês, de acordo com o artigo oitavo da constituição irlandesa. O símbolo oficial do país é a harpa heráldica, mas o trevo se tornou mais popular e se agregou à simbologia oficial por, supostamente, ter sido utilizado por *San Patrick* nas pregações para conversão ao catolicismo.

A lei é baseada na lei comum e na legislação promulgada pelo *Oireachtas*, ao abrigo da constituição. Além disso, os regulamentos e as diretivas promulgados pela União Europeia têm força de lei na Irlanda. O presidente é o chefe de Estado, sendo eleito através do voto direto. A presidente Mary McAleese foi eleita em novembro de 1997, tendo o seu segundo mandato de sete anos iniciado em novembro de 2004. Existem quinze departamentos governamentais, cada um deles chefiado por um ministro. Coletivamente os ministros constituem o governo. O poder executivo é exercido pelo governo, ou sob a sua autoridade, que é responsável pelo *Dáil* (Câmara dos representantes). O Chefe do Governo é o *Taoiseach* (o Primeiro Ministro), enquanto que o *Tánaiste* é o Vice-Primeiro Ministro. Existem duas câmaras no parlamento: *Dáil Éireann* (a Câmara dos representantes) e *Seanad Éireann* (o Senado). O *Dáil* é constituído por cento e sessenta e seis membros, os *Téachtái Dála* (TD), que são eleitos através de um sistema de representação proporcional, por sufrágio universal. As eleições ocorrem todos os cinco anos. Após as eleições gerais de 2007, os principais partidos políticos representados no *Dáil* passaram a ser o *Fianna Fáil*, o *Fine Gael*, o Partido Trabalhista, o Partido dos Verdes, os Democratas Progressivos e o *Sinn Féin*. O *Seanad* é constituído por sessenta membros, onze dos quais nomeados pelo *Taoiseach* (Primeiro Ministro); os restantes são eleitos por uma série de painéis vocacionais e por licenciados de universidades. O *seanad* pode propor ou rever a legislação (com exceção das propostas de lei financeiras), mas o *Dáil* tem o poder de rejeitar quaisquer revisões ou legislações propostas.

A essa estrutura política soma-se a dos governos locais, que são parcialmente financiados pelo governo central, mas devem obter recursos por fontes locais, através de impostos, denominados de impostos de circulação, taxas sobre propriedades comerciais, impostos sobre resíduos e rendas, entre outros. A estrutura administrativa da Irlanda caracteriza-se pela descentralização e forte participação da sociedade civil. A disposição dos irlandeses em participar da vida política do país se manifesta em todas as instâncias, desde as locais, como associações comunitárias, conselhos escolares e organizações de bairro, até àquelas através de tribunais que fiscalizam o uso da terra, a atuação da polícia e o apoio do governo às empresas. A lei da liberdade de informação favorece o acesso da população aos atos da gestão governamental, especialmente através do trabalho da imprensa. Há inúmeras associações representando interesses de setores da sociedade cuja atuação interfere efetivamente na elaboração de leis e políticas sociais.

3.1

Great Famine e Diáspora irlandesa: batatas, velórios e viagens

Compreender o processo que fez da Irlanda um atrativo para trabalhadores imigrantes exige uma apresentação da trajetória que transformou um país de

camponeses, marcado pelas lutas contra a presença inglesa, no chamado Tigre Celta (Sweeney, 2003). As dificuldades econômicas do país, anteriores ao chamado *boom* econômico, são interpretadas como resultado do protecionismo que contrariava os rumos que os outros países europeus seguiam durante o século XX. Nas narrativas populares, no entanto, à memória da exploração inglesa e da resistência soma-se a tragédia da grande fome e das migrações forçadas de milhares de irlandeses pelo mundo.

No período que corresponde ao final do século XVIII e início do século XIX, a população da Irlanda cresceu rapidamente atingindo em meados de 1841 o número de oito milhões e duzentas mil pessoas. A maior parte vivia nas cidades rurais e somente Cork, Belfast e Dublin tinham mais de cinquenta mil habitantes. Entre estas, apenas Belfast era industrializada como as cidades da Inglaterra. A maior parte das terras pertencia a uma minoria que as arrendava para os camponeses. A classe dos proprietários, ou *landlords*, correspondia a aproximadamente vinte mil pessoas, que descendiam diretamente dos *planters* protestantes, que receberam terras do governo no período entre os séculos dezesseis e dezessete, como parte da política de ocupação da Irlanda pelo governo inglês. Alguns proprietários não viviam em suas terras, mas os que nelas se estabeleciam construía casas suntuosas, que muito se destacavam entre as humildes casas dos trabalhadores irlandeses, além de simbolizarem a diferença de *status* e poder entre protestantes e católicos, ingleses e irlandeses. Os *landlords* simbolizavam simultaneamente a política opressora e a religião dos colonizadores.

Engels (2007) observou que a miséria da Irlanda no século XIX era resultado dessa estrutura social perversa. Os poucos proprietários (de ascendência protestante), arrendavam as suas terras para uma imensa massa de camponeses pobres que usavam os seus lotes para plantar e colher batatas. O número de intermediários entre o proprietário e o lavrador era tamanho que por vezes chegava a dez. Os lavradores viviam miseravelmente em choças de barro de uma só peça e mal colhiam para alimentar-se por trinta semanas. Nas restantes vinte e duas, suas mulheres eram postas a mendigar. Numa população estimada em oito milhões, segundo o autor, 27% eram indigentes. Tocqueville (2000, p. 123), nos relatos da viagem à Inglaterra e Irlanda entre 1833 e 1835, descreveu os irlandeses como vivendo em condições de extrema miséria e especulava junto aos seus

interlocutores, padres e proprietários católicos e protestantes, quais as origens dos males que assolavam o país. Esses diálogos indicavam que o povo irlandês estava consciente da extrema exploração imposta pelo sistema de arrendamento das terras e da postura perversa das classes proprietárias protestantes em relação ao povo irlandês em geral: “se quiseres saber o que podem produzir o espírito de conquista, os ódios religiosos, combinados com todos os abusos da aristocracia, sem nenhuma de suas vantagens, vinde à Irlanda” (Tocqueville, 2000, p. 126). Essa consciência era produto da ação da sociedade civil através dos movimentos sociais e também da ação educativa que a Igreja Católica exercia na sociedade irlandesa em geral. A Igreja na Irlanda tinha um posicionamento firme em relação às condições sociais em que vivia a maioria da população. Diante da exploração inglesa e do desprezo dos proprietários protestantes às tradições católicas, a instituição se tornou uma referência em torno da qual os irlandeses sustentavam seus desejos de liberdade e reafirmavam sua identidade nacional. Essa postura fica explícita quando Tocqueville (2000, p. 150) descreve as conversas em um jantar do qual participou, em 26 de julho de 1835, na casa do Bispo de Kilkenny:

Encontravam-se nesse jantar dois ou três padres e oito ou dez leigos. Eram proprietários católicos, advogados católicos de Dublin, entre outros o Sr. Lawless, membro da Associação Católica. O jantar transcorreu muito calmamente; mas, a partir do momento que os criados saíram e o vinho foi servido à vontade, a conversa se direcionou para a política e assumiu um caráter animado e geral. Falou-se da lei dos pobres, que todos pareciam desejar, exceto um único indivíduo. “As circunstâncias em que este país se encontra, dizia o bispo elevando a voz, tornam-se semelhante lei indispensável. O que sustém hoje os pobres na Irlanda? São os pobres. O rico olha o pobre de cima dos muros de seu belo parque ou, se o encontra em seu caminho, responde a suas orações: “Fiz promessa de nada dar àqueles que não trabalham”. E não lhes dá trabalho. Possui cães grandes e gordos e seus semelhantes morrem à sua porta. Quem alimenta o pobre? O pobre. O infeliz que tem cem alqueires de batatas para ele e sua família dá anualmente cinquenta deles aos homens mais infelizes ainda, que se apresentam famintos à porta de sua choupana. É justo que esse homem vista roupas rasgadas, não mande seu filho à escola e se imponha as mais duras privações para aliviar misérias às quais o rico proprietário permanece insensível? Ide a Mayo e encontrareis milhares de homens prestes a morrer de fome, literalmente. O marquês de sligo possui, na mesma província, setenta mil acres de terra cuja renda ele vai gastar na Inglaterra. E a lei não forçaria esse homem a dar a seus semelhantes algumas porções de seu supérfluo? Porque tantas pessoas morrem de fome em Mayo? Porque os proprietários têm interesse em fazer pastagens e porque se puderem ganhar um pouco mais de dinheiro, não fazem caso do resto”.

As condições miseráveis, testemunhadas por Tocqueville em 1835, se agravaram muito nos dez anos seguintes ocasionando uma das maiores tragédias do século XIX, no ano de 1845. A grande fome vitimou milhares de irlandeses que

tinham na batata seu alimento principal. Um fungo atacou todas as plantações de forma devastadora e a inanição matou cerca de um milhão de irlandeses. Sem dúvida o contexto de exploração e concentração das terras, além do violento domínio inglês, criaram as condições da tragédia. Doenças contagiosas associadas à pobreza e as colheitas perdidas em 1845, 1846 e 1847 ocasionaram as mortes e a grande diáspora irlandesa. A Inglaterra fez vistas grossas à tragédia e responsabilizou o povo irlandês, como podemos atestar na declaração de Charles Edward Trevelyan, secretário do tesouro inglês, em 1846: “O grande mal do qual temos que nos defender não é físico, é moral. Não é a fome, é o caráter orgulhoso, intratável e turbulento do povo irlandês”. As reações “turbulentas” dos irlandeses marcaram todo o período do domínio inglês e nem mesmo a submissão e miséria impediram que surgissem organizações insurgentes, que a despeito das inúmeras leis que proibiam os irlandeses de possuírem armas ou se organizarem, traduziam o espírito de resistência que marcou a Irlanda nos séculos XIX e XX.

A tragédia da fome e a falta de perspectivas aliada à opressão inglesa foram diretamente responsáveis pelo movimento migratório chamado de Diáspora Irlandesa. Estados Unidos e Inglaterra foram os principais destinos escolhidos. Como resultado desse movimento os dados apontam que nos Estados Unidos há quase quarenta milhões de descendentes de irlandeses, número que ganha grande visibilidade no dia de *San Patrick*, quando as cores da Irlanda e todo o simbolismo da presença irlandesa são lembrados. Em 1995 a presidente Mary Robinson fez um discurso marcante sobre a diáspora, apontando o significativo número de setenta milhões de pessoas que poderiam reivindicar ascendência irlandesa no mundo. O grupo de trabalho do Ministério das Relações Exteriores da Irlanda divulgou, em 2002, um relatório que permitiu a dedução de números relativos à presença irlandesa no mundo. Como historiadores já indicavam, no século XIX os EUA foram o destino preferencial dos irlandeses. No entanto, no século XX a Inglaterra supera o patamar americano em quatro vezes. Mais recentemente, na década de 1980 observou-se um aumento no fluxo de irlandeses para os Estados Unidos e também para países da comunidade europeia. As estimativas fazem levantamentos aproximados, através dos cruzamentos dos censos populacionais realizados nos países onde se concentrou o maior número de irlandeses, respectivamente, Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Austrália e Argentina. De acordo com a associação

Global Irish para migração e diáspora³⁸, há cerca de um milhão de irlandeses de nascimento vivendo fora do país. A associação apresenta, ainda, os números abaixo, sustentados em dados de 2000 e 2006, referentes aos descendentes dos irlandeses que emigraram:

País	Número	Fonte
Estados Unidos	34,7 milhões	Censo 2000
Inglaterra	5 milhões	Censo 2000
Canadá	3,8 milhões	Censo 2006

Ainda segundo a *Global Irish*, setenta e cinco por cento dos descendentes de irlandeses nascidos no exterior vivem no Reino Unido, entre esses um milhão e setecentos mil são filhos de irlandeses. As estimativas da associação indicam que a terceira geração da comunidade irlandesa no Reino Unido pode estar em torno de seis milhões de pessoas. Nos Estados Unidos, no entanto, dez por cento da população declaram descendência irlandesa, o equivalente a sete vezes a população atual da Irlanda que, segundo o censo de 2006 e último a ser publicado, é de quatro milhões, duzentos e trinta e nove mil e oitocentos e quarenta e oito pessoas. Entre os estados americanos com maior população irlandesa estão a Califórnia, Nova York, a Pensilvânia, a Flórida e Illinois. Na capital do país, Washington, entre os grupos que declaram ancestralidade estrangeira, os “irlandeses americanos” são em maior número, assim como em Delaware, Massachusetts, New Hampshire e Flórida. O Canadá também recebeu um número expressivo de imigrantes irlandeses e hoje conta com três milhões e oitocentas mil pessoas que dizem ser de ascendência irlandesa.

Na América do Sul, a Argentina recebeu, na segunda metade do século XIX, cerca de quarenta e cinco mil irlandeses, o que resultou em uma população em torno de trezentos mil descendentes vivendo na América Latina. A Austrália tem, segundo

³⁸ How many Irish people live abroad. Disponível em: www.ean.ie. Acesso: 03 de abril e 2011.

a mesma fonte, a quarta maior população de ascendência irlandesa no exterior. Durante os séculos XVIII e XIX, dezenove mil e trezentas pessoas emigraram para a Austrália, além dos quarenta e cinco mil prisioneiros.

A *Great Famine* tornou-se uma espécie de mito, como é marca dos eventos críticos. Para falar do presente de sucesso os irlandeses se referem às dificuldades que enfrentaram, da resistência à colonização, da fome e das migrações. Há no país uma memória constituída em torno do evento das migrações e a tradição dos lamentos que eles chamam de *American Wake*, o velório americano para os que emigraram sem retorno. Os que permaneceram e foram vitimados estão representados na estátua em homenagem a *Molly Malone*, no centro de Dublin, mais especificamente na *Grafton Street*, nos arredores da maior Universidade do país, o *Trinity College*.

Segundo as narrativas populares, *Molly Malone* viveu no final do século XVII e vendia peixe pelas ruas de Dublin. Teria sido vítima da febre tifóide e morrido na rua, enquanto trabalhava. Não há registros históricos e fontes que provem sua existência, mas esse fato não impediu que ela se tornasse simultaneamente representante da beleza e garra das mulheres irlandesas, da tragédia e da miséria que marcou a história do país. A música em sua homenagem é uma espécie de segundo hino da Irlanda e a popularidade da letra pode ser comparada à Garota de Ipanema no Brasil. Em todos os *pubs* e festas nacionais, além do Hino do Soldado (hino nacional irlandês), a música *Molly Malone* é cantada com empolgação. Existem também os que afirmam que Malone se prostituía nas ruas da cidade, mas isso não impediu que ela se tornasse, mesmo em um país católico, um dos símbolos da Irlanda, uma mártir da história de opressão que submeteu milhares de homens e mulheres a uma dieta restrita, à inanição e conseqüentemente à morte.

Entre 1841 e 1960, o contingente populacional irlandês permaneceu em declínio, em função do fluxo emigratório. As comunidades irlandesas nos Estados Unidos foram formadas em sua maioria por migrantes em busca de alternativas de sobrevivência. Eles chegavam aos milhares e seus destinos preferenciais eram as cidades de Boston, New York, Philadelphia, San Francisco e Chicago. Segundo Potter (1960), os irlandeses foram vítimas de um intenso processo discriminatório, estereotipados como bêbados, vagabundos, violentos e analfabetos. Essa discriminação se manifestava explicitamente nos anúncios de oferta de empregos

seguidos da frase: *no Irish need to apply*, que já era utilizada na Inglaterra, na segunda metade do século XIX. Com a abreviação “NINA”, os norte-americanos indicavam que os irlandeses não deveriam sequer se candidatar às vagas. Muitos dos anúncios incluíam *no irish and black people need to apply*, o que fez com que os irlandeses fossem considerados os negros da Europa, uma vez que eram igualmente discriminados.

Por volta de 1860, segundo o autor, quase um quarto da população em Boston e Nova Iorque era composta de irlandeses de nascimento, muitos dos quais viviam às margens das cidades e em condições miseráveis. Pelo menos trinta mil famílias irlandesas viviam em porões da cidade, sem luz, água ou qualquer infraestrutura. Muitos morreram vítimas de pneumonia, febre amarela e tuberculose. Há muitos relatos de doenças mentais e dados que indicam que cinquenta por cento dos internos dos manicômios novayorquinos, entre 1849 e 1859, eram imigrantes irlandeses ou filhos destes imigrantes. A construção civil, as fábricas, os empregos domésticos, a polícia e o corpo de bombeiros foram as alternativas de trabalho que restaram.



Molly Malone, Grafton Street, Dublin. Foto: Reijane Pinheiro

A imigração irlandesa para Liverpool é apontada como anterior ao evento *Great Famine*, em função da pequena distância que separa os portos de Dublin e de Walles (País de Gales), uma das portas de entrada para a Inglaterra³⁹. É no período deste evento, no entanto, que a cidade passa a ser o alvo de milhares de nacionais irlandeses que passaram a marcar definitivamente as características identitárias da cidade. Segundo Gary McGovern, 38, cidadão inglês, cujos avós deixaram a Irlanda fugindo da tragédia da fome, os descendentes permanecem profundamente vinculados a um sentimento de pátria. São inúmeros os *irish pubs* em Liverpool, onde se apresentam grupos de música tradicional, além de grupos de dança. O próprio McGovern gravou um *CD* com algumas músicas irlandesas populares e há anos se apresenta em *pubs* ingleses e irlandeses. Outro marcador fundamental da identidade dos descendentes é a religião católica. A presença de igrejas católicas na periferia de Liverpool e os projetos sociais voltados para os filhos dos trabalhadores irlandeses contribuíram para reforçar os laços já dados pela tradição. Segundo McGovern, é comum que nas quartas-feiras de cinzas os católicos, após participarem das missas e serem marcados na testa com as cinzas do ritual, mantenham propositalmente a marca até o dia seguinte, a fim de que sejam identificados como católicos e irlandeses.

A despeito da dramática condição em que emigraram, somada à marginalização e preconceito a que foram submetidos, os imigrantes irlandeses da Inglaterra e Estados Unidos estabeleceram sua presença e permanência nesses países, construindo estabilidade financeira e até grandes fortunas. Na Inglaterra se beneficiaram da estruturação do *Welfare State*, que garantiu segurança econômica e social aos trabalhadores no período posterior à revolução industrial. Nos Estados Unidos aproveitaram as oportunidades dadas pelos incentivos à livre iniciativa e pela hegemonia econômica que o país alcançou e manteve ao longo do século XX. Segundo Schiller e Fouron (1997, p.41), os irlandeses que migraram para os Estados Unidos utilizaram um critério fortemente estruturado no país, qual seja o da “raça”, para reivindicarem um lugar identitário. Eles construíram uma identidade de

³⁹ No trabalho de campo em janeiro de 2009 fiz esse trajeto em um grande barco-balsa, o que me permitiu constatar que esse é um dos caminhos utilizados por imigrantes brasileiros que pretendem deixar a Irlanda e entrar na Inglaterra sem riscos. Não houve nenhum tipo de abordagem da imigração, entramos e saímos sem que nossa entrada fosse registrada pelos agentes da imigração.

brancos europeus legitimada pela sociedade nacional, num esforço para fazer parte da sociedade americana:

Estes imigrantes vieram de fato, a tornar-se brancos e americanos em duas etapas. Primeiro, empenharam-se nos conflitos transnacionais para construir estados-nação na sua terra natal na Europa. Seguidamente, usaram a reivindicação da específica identidade nacional do seu país de origem para aumentar o seu prestígio social dentro dos Estados Unidos. Ou seja, começando com os irlandeses, os imigrantes europeus envolveram-se, dentro dos Estados Unidos, na política da construção transnacional de estados-nação como forma de não serem negros, transformando-se em americanos brancos nesse processo de luta por pátrias distantes.

Muitos desses irlandeses hoje são conhecidos como “*Crispies*”, abreviação de *cash-rich Irish seeking properties in Europe*⁴⁰. Deixaram para trás o passado de humilhações e fome vivenciado por seus antepassados e hoje investem na Ilha que seus “parentes” construíram e transformaram no Tigre Celta. Alguns com os quais conversamos diziam não entender a necessidade dos brasileiros emigrarem. Argumentam sempre que as grandes riquezas naturais do Brasil poderiam ser suficientes para alimentar todo o povo, ao contrário deles que foram obrigados a emigrar em função da monocultura e da dependência da batata. Dizem não entender o porquê das dificuldades econômicas do Brasil. Para sustentar seus argumentos afirmam que seu país é uma ilha, que eles têm poucos recursos e, apesar disso, se tornaram ricos.

3.2

A abertura econômica e o ingresso na EU

Após a independência da Grã-Bretanha em 1922, o governo irlandês passou a investir em uma política econômica protecionista que os analistas indicam como a causa da estagnação econômica que permaneceu nas décadas posteriores. Nos anos 1950 a grave recessão econômica e a consequente insatisfação social exigiram do governo a flexibilização do protecionismo econômico, atendendo também às exigências do mercado comum europeu. Essa abertura promoveu resultados positivos evidentes já na década de 1960, que se mantiveram até 1970.

⁴⁰Tradução livre: Irlandeses com dinheiro em busca de imóveis na Europa.

A partir da década de 1960, portanto, há uma guinada em direção ao mercado externo, com o início da abertura ao capital estrangeiro. Como a maioria dos países que buscam soluções para seus problemas econômicos internos, a Irlanda endividou-se com empréstimos, que a princípio financiaram um pequeno crescimento econômico, mas logo mostraram sua faceta comprometedora, qual seja a inviabilização de projetos de desenvolvimento econômico que permitissem a autonomia econômica em longo prazo.

Com a adesão à comunidade europeia em 1973, o cenário sofre alterações significativas. Após adequações que exigiram aproximadamente quatorze anos, uma vez que as leis da UE são rigorosas e impuseram uma série de ajustes, entre eles os fiscais⁴¹, a República da Irlanda passou a viver um período de extraordinária prosperidade, que o transformou em uma opção atraente para os trabalhadores desempregados dos países do leste europeu e abriu possibilidades para que os irlandeses e descendentes, obrigados a abandonar sua terra em fluxos emigratórios anteriores, voltassem ao país, que passou então a ser chamado de Tigre Celta. Tornar-se um exemplo de sucesso econômico, no entanto, exigiu a construção de um diálogo interno que muitos atribuem à capacidade dos irlandeses dialogarem e construir pactos entre trabalhadores e empresários, intermediados por sindicatos fortemente articulados e coesos. A tradição civil irlandesa e o sentimento nacionalista, fundamental na constituição da democracia e dos ideais de libertação, são apontados como referências importantes no fortalecimento da classe trabalhadora, bem como na formação dos sindicatos que a representam. Esse modelo de relacionamento entre as classes é chamado no país de *social partnership* e se caracteriza por uma estreita cooperação entre o governo, os sindicatos e a iniciativa privada.

Em 1973, a entrada da Irlanda na comunidade europeia motivou uma alteração significativa na política e economia irlandesas, incrementando as exportações e permitindo ao país uma maior autonomia em relação ao Reino Unido. A liberalização do mercado e a entrada de capital estrangeiro aumentaram o consumo, desencadearam uma crise inflacionária e trouxeram o endividamento

⁴¹ Durante a etnografia na República da Irlanda, os informantes irlandeses destacavam os altos impostos que pagam, atribuindo o sucesso econômico do país ao esforço coletivo. Ressaltavam, com frequência, que apesar dos altos salários, os impostos também eram muito altos e que o rigor e a fiscalização na cobrança das taxas caracterizaram a política fiscal dos últimos governos do país

externo. Essa pequena crise, no entanto, não impediu o *boom* econômico da década de 1980, principalmente a partir de 1987, quando o partido *Fianna Fáil*⁴² toma posse do governo e, através do presidente Charles Hughet, implementa o “*Program for National Recovering*”, que incluía cortes nos gastos públicos e arrecadação de impostos atrasados, além de articular a ampla participação dos setores da sociedade civil organizada. Um dos pontos mais fortes desse programa foi a negociação entre governo, empresários e trabalhadores, através da tese de que era necessário estruturar uma *social partneship* na sociedade irlandesa.

Social partnership is a process by which issues of social policy can be agreed between the Government and the social partners. The social partners include trade unions, employers, farming organizations, environmental organizations, and the community and voluntary sector. The Government and the social partners engage in negotiations on social policy issues that result in a social partnership agreement. The first social partnership agreement was the Programme for National Recovery, in 1987 and since then, there are been seven agreements including, Sustaining Progress (2003-2005) and the Programme for Prosperity and Fairness (2000-2003). The most recent social partnership agreement is Towards 2016: Ten Year Framework Social Partnership Agreement 2006 – 2015. Towards 2016 covers a wide range of policy areas. The goal of the agreement is to achieve "a dynamic, internationalised and participatory society and economy, founded on a commitment to social justice and economic development that is both environmentally sustainable and internationally competitive." The agreement deals with the economy, the environment, infrastructure and social policy. It also gives direction on pay, the workplace and employment rights.⁴³

Os anos 80 foram marcados pela reestruturação e otimização das empresas públicas, por uma profunda reformulação no sistema educacional e pela ampla transferência de fundos da União Europeia. O *boom* econômico dessa década promoveu um crescimento rápido e substancial, a ponto de permitir que os empresários pagassem, até a crise econômica mundial de 2008, os melhores salários da Europa. A presença na Irlanda em 2007 e 2009 me permitiu perceber que, a despeito de pagarem altos impostos, havia entre os nacionais uma postura de legitimação das atitudes do governo. Segundo um trabalhador irlandês, isso se dava pela correta aplicação do dinheiro dos impostos nos serviços públicos, o que elevou a qualidade de vida da população.

⁴² Em Irlandês Soldados do Destino.

⁴³ Citizens Information. Social Partnership Agreements. Disponível em: www.citizenshipinformations.ie/categories/government-in-ireland Acesso: 01 de setembro de 2010.

3.3

Os Imigrantes descobrem o Tigre Celta

Entre 1993 e 2007, o fenômeno Tigre Celta fez com que a Irlanda fosse considerada uma das mais dinâmicas, abertas e globalizadas economias da Europa, condição assegurada pelo governo que manteve a estabilidade, atraindo investimentos estrangeiros e conduzindo com austeridade a política econômica. Segundo informações da embaixada irlandesa no Brasil (Embaixada da Irlanda, 2010, p.17):

Nos últimos cinco anos, o comércio irlandês cresceu três vezes mais depressa do que o total do comércio mundial, com cerca de oitenta por cento da produção irlandesa a ser vendida em mercados internacionais. A Irlanda é um local preferencial para empresas de tecnologia de comunicação e informação, além das empresas farmacêuticas e de dispositivos médicos. A Irlanda é ainda o centro dos *media* digitais da Europa, com as maiores empresas multinacionais a estabelecerem suas sedes no país.

Todo o avanço econômico alcançado entre as décadas de oitenta e noventa atraiu trabalhadores migrantes de várias partes do mundo, invertendo o processo histórico da tradição emigratória irlandesa. A *Organisation for Economic Co-operation and Development* (OECD, 2008, p. 1) constatou a significativa presença dos imigrantes no país:

Ireland turned from being a traditional emigration country to an immigration country in the mid-1990s. The economic boom has spurred immigration, which got another massive boost after 2004 when Ireland opened its door to the new members of the European Union. Currently, around 15% of people living in Ireland were born outside the country and this share has doubled in just ten years. Immigration has boosted growth, alleviated labour market bottlenecks and kept Ireland attractive for multinational companies. As the majority of migrants are young and employed, they have not put major demands on public services or the welfare system. On the other hand, the rapid population growth has added to infrastructure bottlenecks and fuelled housing demand. With the free movement of people across Europe, the focus should be on better integration.

As referências indicadas pela OECD dizem respeito aos imigrantes europeus que passaram a cruzar com facilidade as fronteiras da comunidade europeia, de acordo com as ofertas de trabalho e salário⁴⁴. Na história irlandesa, o período entre 1993 e 2000 ficará marcado pelas taxas positivas de emprego, com um crescimento

⁴⁴ O perfil desses trabalhadores é radicalmente oposto ao dos imigrantes brasileiros oriundos de Anápolis, cuja média de escolaridade, conforme constatamos, não ultrapassa 5 anos.

médio de 4,7% ao ano e com a liderança do setor de serviços, que absorveu até trabalhadores rurais desempregados, bem como do aquecimento da construção civil. Esses setores passaram a absorver também os imigrantes, o que, sem dúvida, ajudava a manter o fluxo de poloneses, brasileiros, africanos e outros.

Apesar das migrações fazerem parte do passado e do presente irlandês, pesquisadores apontam que há manifestações de desconforto e até racismo em relação aos imigrantes. A coletânea de Lentin e McVeigh (2002) apresenta artigos referentes a casos de violência contra africanos e o assassinato de um imigrante chinês, além da constatação de que se estruturou na mídia nacional uma agenda anti-imigração. Guerin (2002) sugere que há um crescimento claro de manifestações de preconceito contra imigrantes e refugiados no país e atribui à mídia irlandesa parte da responsabilidade pelo fato. Segundo o autor a imprensa, principalmente os jornais escritos, tem exercido um papel fundamental na construção de representações negativas sobre esses grupos e na propaganda contrária à elaboração de políticas de abertura e tolerância. O autor critica a falta de um jornalismo investigativo e o apelo ao sensacionalismo, manifestado no foco sobre os crimes e problemas envolvendo imigrantes e refugiados. Os escândalos causados pela prisão de traficantes de pessoas desviaram o debate sobre as causas da chegada dos imigrantes ao país, da possibilidade de elaboração de políticas adequadas, produzindo um nivelamento que perigosamente associa as migrações ao crime. As mortes de cinquenta e oito imigrantes chineses em um *container* na rota Holanda/Dover, em junho de 2000, mereceu muito destaque e produziu um debate enviesado sobre o tema. O consenso geral da mídia, muitas vezes expresso em tons histéricos, submeteu o tema migração à questão de uma guerra contra traficantes, a despeito dos fatores políticos, econômicos e culturais que devem ser considerados.

Nos relatos dos imigrantes brasileiros, apresentados neste trabalho, é possível identificar algumas situações de discriminação objetiva como o impedimento da entrada de imigrantes nos *pubs* mais sofisticados como *Temple bar* e *Plaza*, além da prática de revistas em trabalhadores imigrantes depois do expediente de trabalho. Apesar dessas indicações, não há na Irlanda indícios de xenofobia como prática socialmente estruturada, pelo contrário, o país é conhecido como um dos mais abertos e tolerantes à presença estrangeira. O que não impede,

no entanto, que existam grupos xenófobos de orientação nazi-fascista, a exemplo do que ocorre em toda a Europa.

As transformações econômicas e o início de imigração para a Irlanda ocorreram de forma muito intensa e rápida. Em pouco mais de uma década o país, caracterizado por um fluxo elevado de emigrantes, reverteu a tendência emigratória e ultrapassou países de tradição imigratória como Estados Unidos, Austrália e Canadá, dificultando as ações do governo voltadas para identificar os imigrantes, bem como suas atividades e características dentro da sociedade, e para programar políticas para sua integração. Há uma tendência entre os autores em dividir as ondas de imigração para a Irlanda em três grupos: o primeiro é formado pelos irlandeses que emigraram e regressaram, pelos filhos (nascidos fora da Irlanda) de irlandeses que haviam emigrado há décadas, por ingleses e por alemães, japoneses, americanos e funcionários de multinacionais recém instaladas no país. O segundo, com forte destaque em quantidade de pessoas, refere-se aos cidadãos dos países da Europa dos dez, principalmente Polônia e Lituânia, que passaram a emigrar a partir da abertura para livre trabalho dos novos membros, em maio de 2004. O terceiro, menos significativo, refere-se aos cidadãos do resto do mundo (fora os Estados Unidos). Essa divisão também diz respeito ao processo de inserção na sociedade / mercado de trabalho. O primeiro grupo estaria adaptado à cultura e à língua inglesa, não enfrentaria maiores dificuldades; o segundo caracterizado por possuir alta qualificação e empregabilidade, porém baixo conhecimento da língua inglesa e da cultura irlandesa; o terceiro, contando com imigrantes de países não falantes da língua inglesa vindos da América, África e Ásia, com baixa qualificação, alocados via de regra, na prestação de serviços (restaurantes e hotelaria), indústrias e construção civil (Barrett, 1999). O Censo irlandês de 2006 apresentou o total de quatrocentos e vinte mil não irlandeses vivendo no país, oriundos de cento e oitenta e oito países diferentes. Os dados sobre o Brasil apontam apenas que há mais de dez mil brasileiros vivendo na Irlanda.

Estudos demonstraram que os imigrantes do primeiro grupo ajudaram a dinamizar a economia, criando novas demandas por emprego de nacionais menos qualificados. Já os do segundo grupo competiram com trabalhadores irlandeses de baixa qualificação, como também com os imigrantes do terceiro grupo, levando o governo inclusive a adotar medidas mais restritivas à imigração, pelo aumento da

oferta de mão-de-obra. Não houve, contudo, um aumento significativo dos índices de desemprego, mas sim um deslocamento dos trabalhadores irlandeses para funções no setor público e construção civil. O perfil do estrangeiro na Irlanda, segundo a OCDE (2008), é o de uma pessoa jovem, qualificada (muitas vezes com ensino superior), que emigrou sozinho, ou seja, ou não possui família ou a deixou em seu país de origem. Trabalha normalmente em funções aquém de seu grau de qualificação, não fala ou mal fala a língua inglesa, divide moradia com outros imigrantes, gasta muito pouco (para retornar ao país de origem com melhores possibilidades de vida ou para fazer remessas mensais à família). Esse perfil dificulta a integração efetiva dessas pessoas à sociedade irlandesa, alertando ao governo da possibilidade deles regressarem ou optarem por outro país que ofereça melhores benefícios.

A forma como a Irlanda lida com os migrantes recentes e os relatos do tratamento “duro” dispensando aos deportados e inadmitidos indicam a ausência de reflexão e políticas adequadas ao fenômeno. Essa postura é duramente criticada pelos defensores dos direitos humanos no país e, segundo Guerin (2002), precisa ser debatida abertamente, principalmente em respeito aos milhares de imigrantes irlandeses que outrora também deixaram sua pátria.

Para o autor, a mídia tem claramente indicado os rumos do debate político e interferido nas ações do governo, como ocorre em boa parte do mundo. O recrudescimento da polícia da imigração irlandesa contrasta claramente com a alardeada simpatia dos irlandeses para com os imigrantes e estrangeiros em geral. Segundo Guerin, considerando a longa história de emigração de irlandeses, os representantes do povo deveriam se posicionar contrários à introdução de medidas draconianas anti-imigrante, tanto na Irlanda como em outros países da UE. O primeiro passo nessa direção seria uma análise aberta da história relativamente recente dos controles de imigração como os conhecemos hoje, bem como as consequências produzidas na sua manutenção. Os países que fazem parte da UE não possuem, ainda, uma política comum de combate à imigração ilegal. Há propostas em curso, como apresenta Bizzoto (2008), no site da BBC Brasil:

Nova lei na Europa facilitará expulsão de imigrantes ilegais

A União Européia está prestes a adotar uma diretiva para harmonizar as políticas de repatriação de imigrantes de seus 27 países e facilitar a expulsão dos ilegais, uma medida que afetará cerca de 8 milhões de pessoas, segundo cálculos da Comissão

Européia, o braço executivo do bloco europeu. O principal ponto da nova lei é o estabelecimento de um período máximo comum que um imigrante ilegal poderá permanecer detido em um centro especial enquanto espera que seu processo de repatriação seja julgado e concluído. Como a pasta de imigração na União Européia é competência dos governos nacionais, esse limite varia atualmente entre 32 dias na França e 20 meses na Letônia. Concluído esse prazo, o imigrante deve ser liberado, independentemente de ter uma ordem de expulsão cujo cumprimento foi atrasado por falta de documentos, problemas de voo ou qualquer outro imprevisto. Quando a diretiva entrar em vigor, o tempo máximo de detenção permitido para um imigrante será de seis meses, prorrogáveis para 18, em todos os países europeus. Bruxelas avalia que isso dará às autoridades o tempo necessário para concluir uma ordem de expulsão e acabará com a possibilidade de que o ilegal volte a ganhar as ruas e desapareça do controle dos serviços de imigração. A chamada Diretiva de Retorno será votada nesta quarta-feira pelo Comitê de Representantes Permanentes da União Européia, um organismo formado pelos embaixadores de todos os países membros. Antes de entrar em vigor, ainda terá que ser submetida ao Conselho e ao Parlamento Europeu, mas um acordo prévio entre o Executivo e essas outras três instituições já garante sua aprovação e entrada em vigor até o final deste ano. A Comissão Européia ressalta que continuará incentivando o retorno voluntário, promovido em parceria com organizações não-governamentais. Por isso, a lei só permitirá a detenção de pessoas que "apresentem risco de fuga" ou tentem "iludir ou entorpecer" seu processo de repatriação. A diretiva também autorizará a detenção de menores desacompanhados, um detalhe polêmico, que promete ser alvo de críticas por parte de instituições defensoras dos direitos humanos. Os imigrantes que forem expulsos de um país da União Européia não poderão entrar em nenhum outro país do bloco durante os cinco anos seguintes. Apesar de ver com bons olhos a nova diretiva, a Organização Internacional pra Migração (OIM) considera que o texto "deixa considerável espaço para interpretação". "Além disso, muitas alternativas à detenção poderiam conseguir os mesmos resultados de forma menos intrusiva", avalia Marzia Cardinali, responsável pela região da América Latina na OIM.

Os rigores da proposta anti-imigração apresentada aos países membros da UE esbarrarão, acredito, no fato de que os países ricos e industrializados precisam da mão-de-obra imigrante e restrições tão severas tendem a perder força diante das demandas do mercado. Por outro lado, no caso específico da Irlanda, haveria uma tradição anti-racista ancorada no passado de humilhações, preconceito e xenofobia que vitimou milhares de imigrantes irlandeses, como apresentamos neste capítulo. McVeigh (2002, p. 139) apresenta elementos desse preconceito, na relação dos irlandeses com os colonizadores ingleses:

Anti-Irish prejudice, from which anti-Irish humour springs, is a very old theme in English culture. It is one of the oldest manifestations of the pervasive delusion that the English are a culturally and physically uniform people, white, Anglo-Saxon and Protestant, who are superior to every other kind of person. The renewal of the conflict in the North of Ireland in 1969 brought with it an upsurge in anti-Irish prejudice in England. Politicians and media commentators have refused to recognize Britain's responsibility of the troubles, and instead have portrayed Britain as a disinterested third party, and the Irish as irrational and innately prone to violence. Newspaper cartoonists have taken up the themes depicting the Irish as bestial or sub-human, while anti-Irish jokes have spread the message that the Irish are stupid. The widespread association of the Irish with stupidity has for years caused concern, anger and distress in Britain's several million stronger Irish community. Some have been

tempted to deny their Irish identity. Many Irish people, however, have recognized that anti-Irish prejudice, now as in the past, says nothing about their own level of intelligence, but is rather a symptom of English ignorance and self-deception, not only about Ireland and Irish people, but about England's history and the British government's role in Ireland today.

A crise econômica de 2008 atingiu fortemente os chamados PIGS, acrônimo referente a Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha (*Spain*), que sempre foram tratados com desconfiança pelos países de economia mais sólida na zona do euro. As desconfianças se direcionavam para a vulnerabilidade desses países, cujo crescimento se apoiava em um alto endividamento e no déficit público superior ao produto interno bruto (PIB). Considerando que o capital também se movimenta de acordo com a confiança que os países constroem a partir do histórico da sua relação com o mercado, muitos investidores deixaram a zona do euro e passaram a investir em títulos do tesouro americano nos Estados Unidos da América, onde a crise foi desencadeada, mas que permanece, pelo menos por enquanto, sustentando sua credibilidade financeira. A fuga dos investimentos provocou falência e desemprego na Irlanda, obrigando o governo a solicitar ajuda à UE e ao Fundo Monetário Internacional, que emprestaram ao país 85 bilhões de euros com um acordo de ajuste das contas públicas que foi duramente criticado pelos sindicatos e movimentos populares no país. É um cenário extremamente desfavorável aos trabalhadores nacionais e muito arriscado para os imigrantes, pois é comum que estes sejam alvo de hostilidade e rejeição quando os nacionais veem suas possibilidades de emprego e benefícios ameaçadas por estrangeiros. O cenário também traz de volta o pesadelo da emigração e da fome, que o período de prosperidade parecia ter transformado em algo distante.

Durante a pesquisa de campo, em 2011, estive em busca dos sinais da crise no cotidiano irlandês. No primeiro dia em Dublin, mais especificamente no domingo de Páscoa, 24 de abril, as ruas estavam lotadas de gente que entrava e saía das lojas, carregando sacolas e falando ao celular. A diferença que pude imediatamente notar foi a grande quantidade de artistas de rua trabalhando no centro da cidade, mais do que nos anos anteriores. Uma mulher tocando a harpa irlandesa, um homem que se equilibrava em pernas de pau enormes e ao mesmo tempo jogava facas para o alto e as aparava, uma dupla de jovens tocando violão e harpa e um homem fantasiado de duende irlandês cobrando um euro por foto. Ao passar vi a

polícia irlandesa prendendo dois rapazes que tentavam roubar o dinheiro que o duende havia arrecadado. Minha amiga, que mora na Irlanda há dez anos, disse ter sido a primeira vez que ela viu uma cena como aquela. Eram policiais à paisana que em segundos dominaram e algemaram os rapazes. Além desses artistas estavam nas calçadas os homens-estátua, que eu já conhecia das visitas anteriores. Percebi ainda que as pessoas continuam contribuindo com moedas e tirando fotos. Os imigrantes, quando questionados sobre a crise, interpretavam-na como algo muito normal que, sem dúvida, atingiu os trabalhadores ilegais. Os irlandeses, segundo os imigrantes brasileiros, continuam sendo amparados pelo governo e o que mudou “foi que eles estavam acostumados com muito dinheiro e agora precisam segurar mais”. Já os irlandeses diziam que a crise estava muito séria e que poderia piorar muito, pois havia a indicação de que o governo seria obrigado a cortar benefícios e aumentar ainda mais os já pesados impostos.

É certo que em tempos de empregos ameaçados, a presença estrangeira pode ser rechaçada pelos nacionais, mas na leitura dos trabalhadores imigrantes, o tipo de trabalho que eles fazem na Irlanda não ameaça os irlandeses, pois “eles não gostam de limpar chão e trabalhar em frigorífico, isso eles deixam pra nós”, disse Sal, 40. A crise econômica que afeta o país, como já apontei, trouxe de volta a ameaça da emigração. É preciso, no entanto, diferenciar o emigrante irlandês de nossos tempos dos emigrantes de décadas anteriores. Os maciços investimentos na educação formaram uma massa de jovens qualificados que, como interpretou a informante brasileira, não está disposta a limpar chão. Esses jovens consideram a possibilidade de se movimentarem em busca de uma colocação, mesmo que a encontrem na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Informações recentes apontam que, depois da crise, o fluxo de emigração de irlandeses aumentou consideravelmente e as preocupações com a falta de perspectivas e oportunidades no país geraram manifestações como a apresentada no cartaz abaixo, em junho de 2011, quando um irlandês desempregado apelou, nas ruas de Dublin, para que o salvassem da emigração:



Trabalhador Irlandês desempregado. Fonte: BBC News, junho de 2011.

Nesse contexto, muitos dos trabalhadores que deixaram Anápolis para trabalhar estão de volta ou se organizando para voltar, em função ou da crise econômica ou dos objetivos iniciais traçados, cujas metas, em geral, apontam a média de cinco a seis anos de permanência no país⁴⁵, como é próprio das migrações temporárias. O governo irlandês também tem adotado políticas de subsídio ao retorno dos imigrantes, em função do desemprego que atingiu altos índices⁴⁶ e das ameaças de recessão. Segundo o editor do jornal irlandês *The Observer* (McDonald, 2009, p. 23), o imigrante somente terá acesso ao dinheiro através do intermédio de organizações não governamentais ou instituições voltadas para atendê-los:

⁴⁵ Segundo reportagem apresentada no Jornal O Correio Brasiliense do dia 29 de Junho de 2009, a crise econômica tem submetido imigrantes brasileiros a condições de desemprego e impossibilidade de retorno, além do abandono financeiro dos filhos e familiares que eram sustentados pelo dinheiro enviado ao Brasil.

⁴⁶ A crise econômica de 2008 provocou o fechamento de muitas empresas no país e gerou uma taxa de desemprego próxima aos 15%.

Irish government to pay immigrants to go home

Ireland is offering money to immigrants to leave the recession-crippled Republic. The Irish Department of Justice has confirmed that it is opening an EU-funded project to persuade foreign workers and asylum seekers to return to their country of origin. A spokeswoman told the *Observer* this weekend that the scheme will only apply to non-EU nationals living in the Republic and would involve the department spending almost €600,000 this year to pay for immigrants and their families to return to nations outside the [European Union](#). During the latter years of the Celtic Tiger boom Ireland underwent a demographic revolution in terms of its ethnic make-up. Up until the early 1990s Ireland was 95% white and Catholic. However, according to the Republic's central statistics office, about 18% of Ireland's inhabitants are now non-nationals. Most of them are from Eastern Europe, China, Brazil and West Africa or are British citizens who have settled on the island. Some academics, such as Dr Bryan Fanning of University College Dublin, estimate that the real figure is more than 20%, meaning Ireland's "foreign" citizens make up over one fifth of the Republic's entire population. The majority of the immigrants who arrived during the boom years were enticed to Ireland to fill vacancies in the construction, retail and tourist sectors – the main parts of the Irish economy to be severely hit by the current recession.

Entre os imigrantes que entrevistei, nenhum se beneficiou da ajuda do governo. Alguns alegaram que esse tipo de “acordo” poderia impedi-los de voltar ao país quando as coisas melhorarem, pois ele “ficaria marcado” ou seria obrigado a assinar papéis e se comprometer a não voltar. Muitos dos que fizeram o caminho de volta estão trabalhando no frigorífico Friboi, do grupo JBS, na Vila Fabril, reaberto em 2009. O mesmo frigorífico, fechado no final da década de 1990, quando pertencia ao grupo Bordon, empregou parte da mão-de-obra que agora foi dispensada da Irlanda em função da crise de 2008.

A forma como os imigrantes brasileiros interpretam e lidam com o novo cenário econômico irlandês demonstra que há uma consciência da crise, mas ela é construída a partir de referências objetivas como o desemprego e o consequente aumento da disputa pelas vagas disponíveis, pela diminuição das horas trabalhadas e pela retração no consumo, como aparecem nos depoimentos abaixo:

Os irlandeses antes tinham tanto dinheiro que eles faziam compra do mês no Centra (conveniência). Imagina alguém ter dinheiro para fazer todas as compras nessas lojinhas, só porque é mais rápido. Eles nem se preocupavam em gastar três vezes mais do que no supermercado. Agora eles precisam mudar os hábitos. (Juliano, 32).

Abriu uma vaga para atendente de farmácia onde eu trabalho e cento e quarenta pessoas se candidataram, quase todos irlandeses. Imagina o que é isso. Veio gente de todas as cidades em volta de Gort. Você acha que vai sobrar emprego para brasileiro? (Marlene, 40).

Além de constatarem que o trabalho braçal em geral é realizado pelos imigrantes, muitos brasileiros entendiam a crise na Irlanda como resultado direto do sistema de bem-estar social que permite a muitos irlandeses “viver do governo”. Os benefícios garantidos aos trabalhadores desempregados, às crianças em idade escolar e às mães solteiras, seriam a prova de que “os irlandeses são muito folgados, não gostam de trabalhar. Se esse governo aí cortar a mamata, quero ver gente correndo atrás de trabalho”, como disse Roberto, 37, que frequenta a Pedra, em Gort. Apesar de reconhecerem que faltam investimentos na educação e saúde no Brasil, entre os imigrantes predomina a defesa de que “quem ganha tudo de mãos beijadas não dá valor”. Quando conversávamos sobre as mudanças que ocorreram no Brasil nos últimos oito anos, principalmente sobre a estruturação de programas de apoio às famílias de baixa-renda como o Bolsa-Família, as críticas a esses programas eram unânimes, como sintetizam Júlia, 60, que vive em Gort e Juliano, 32, que mora em Tullamore:

Se o governo brasileiro fica ajudando demais o povo, ele acaba incentivando a vagabundagem. Tem muita gente que não trabalha porque não quer. Aqui na Irlanda a gente vê isso. Muita gente fica em casa o dia todo e no final da semana vai buscar o dinheiro que o governo dá. Tem muita gente preguiçosa no mundo. Quem quer trabalhar, trabalha, dá um jeito de ganhar a vida. (Júlia).

Você vê o caso desse lituano que mora aqui. Ele trabalhou uns meses e agora vive do que o governo dá pra ele. Ele dorme durante o dia e faz festa durante a noite. Não quer nem saber de colaborar com a organização da casa e liga o som alto a hora que ele bem entende. O pessoal da Polônia, o governo descobriu, trabalha aqui alguns meses, vai embora pra Polônia e volta todo mês pra buscar o dinheiro do salário-desemprego. (Juliano).

Vê-se claramente que os brasileiros em questão têm sérias críticas ao sistema de bem-estar social vigente na Irlanda e também às iniciativas do governo brasileiro voltadas para as famílias em condição de pobreza extrema. Ao chegarem à Irlanda e constatarem a existência desses programas, o estranhamento imediato os levou à compreensão de que o governo irlandês é demasiado assistencialista e de certa forma muitos irlandeses e europeus do Leste se aproveitam, “explorando o governo”, como sintetizou Nelson, 31, morador de Tullamore e ex-funcionário de um frigorífico irlandês:

Eu não trabalho mais em frigorífico. Na verdade eu quero agora é trabalhar por minha conta, por isso quero ser taxista. Dividir linha com irlandês e polonês é fria. O trabalho pesado só sobra pra nós brasileiros, pois eles não gostam de trabalhar e se ficarem desempregados estão amparados pelo governo. A vida pra eles aqui é mamata. Qualquer coisa errada cai pra cima da gente, pois eles são protegidos pelo governo e a gente não.

A interpretação de que o governo erra ao amparar em demasia os seus cidadãos reflete a falta de familiaridade dos brasileiros com as políticas de assistência social, amparo à infância e investimentos em educação e saúde. Considerado até a década de 1960 um dos países mais pobres da Europa e com uma história de tragédias como a grande fome e a diáspora, a Irlanda construiu seu desenvolvimento recente, após a abertura ao capital externo e do ingresso na Comunidade Europeia, com programas de distribuição de renda e investimentos na educação, além do amparo às famílias de baixa renda. Ao contrário da política desenvolvimentista brasileira que apregoava ser necessário esperar o bolo crescer para dividi-lo, a República da Irlanda, nos últimos trinta anos, aliou crescimento econômico e desenvolvimento social, o que pode ser atestado pelos altos índices de qualidade de vida apontados antes da crise econômica de 2008.

No que se refere especificamente à identidade irlandesa, inúmeras vezes ouvi de nacionais que brasileiros e irlandeses tinham muito em comum. Ao tentar aprofundar com os interlocutores quais eram os aspectos que nos aproximariam, as respostas sempre apontavam a herança rural, bem como a informalidade e o “jeito alegre de ser”. Entre esses interlocutores estava John Goiano, o irlandês John O’Reill, cuja atuação já mencionei anteriormente. John, além de me ajudar a entender a realidade dos brasileiros na Irlanda, foi meu “professor” de cultura irlandesa, tema acerca do qual me considero uma aprendiz e iniciante, uma vez que os desafios de compreender toda a complexidade das experiências brasileiras no país me obrigaram a estreitar o foco da etnografia. As “aulas”, ou as nossas conversas, sempre a caminho de delegacias, prisões, embaixada, imigração, tinham como foco principal a relação dos irlandeses com a burocracia. John mostrou-me que a “bandeira dos direitos” não funciona na Irlanda e que o “jogo de cintura” é mais eficiente na lida com os serviços formais. A diferença entre o jeitinho brasileiro e o irlandês, segundo ele, se dá pelo fato de que o irlandês prefere a amizade às leis. Já no Brasil muitas vezes as pessoas usam a corrupção para “se dar bem”. John Goiano disse, ainda, se sentir mais brasileiro e goiano do que irlandês. Para

mostrar como entende o “jeito goiano”, ele contou inúmeros casos de intervenção junto a casais que brigavam e cujo marido ameaçava ser violento com a mulher:

Um dia recebi um telefonema de uma mulher pedindo ajuda, pois o marido estava ameaçando-a. Eu pedi a ela que passasse o telefone para ele. Ela achou estranho, mas mesmo assim chamou o marido. Conversei com ele muito tempo. Depois ela me ligou perguntando sobre o que eu tinha falado, pois ele tinha melhorado muito. _ Eu falei com ele como goiano, disse para ele que se ele batesse em você eu ia fazer o que os goianos fazem com quem bate na mulher. Ela riu muito.

Ele me contou ainda sobre o caso de um brasileiro de Goiás que contratava meninas para trabalhar em casas de famílias estrangeiras na Irlanda. Assim que elas chegavam o brasileiro recolhia os passaportes das garotas até que elas pagassem as passagens:

Eu armei para a imigração pegar ele. Ele achava que eu não sabia das coisas que ele fazia e vinha sempre rindo pro meu lado. Um dia eu o chamei para conversar no aeroporto, o que ele nem desconfiou, pois sabe que eu vou ao aeroporto toda semana resolver problemas na imigração. Avisei a polícia e quando ele chegou foi preso. Imediatamente me ameaçou, disse que ia me matar. Eu disse para ele: _Olha meu filho eu também sou goiano e também carrego um 38 na cintura, não pensa que não sei atirar.

“Muita gente me chama para ajudar, mas quando eu chego já estragaram tudo com essa história de “eu quero meus direitos”. “Me diga, qual o direito que o imigrante ilegal tem?”Uma funcionária da embaixada brasileira, nas palavras de John, escreveu uma carta para o chefe da imigração reclamando do tratamento dispensado aos brasileiros barrados. O chefe chamou John e deixou claro que não gostou da carta, da formalidade e entonação utilizadas. Segundo John, o chefe da imigração confessou a ele que gosta muito dos brasileiros e, se pudesse, deixaria todos entrarem:

Aqui a gente precisa mostrar humildade, mostrar para a autoridade que ela é importante, precisa ser carinhoso. A embaixada brasileira pensa que os irlandeses são ingleses, não, eles não são. Não há ninguém na embaixada que saiba conquistar as autoridades irlandesas. A Irlanda é um país de tradição rural, por isso que os goianos se identificaram com a vida no interior, pois é um jeito de relacionar-se que leva em conta a informalidade.

Ao criticar a atitude do representante da embaixada brasileira, John atribuiu-a à confusão, segundo ele muito comum, entre as culturas inglesa e irlandesa. As posturas impessoais de tratamento, utilizadas tanto no âmbito institucional como no das relações pessoais na Inglaterra, não são um caminho eficiente na Irlanda.

Sugiro que esse traço se tornou um marcador significativo de alteridade em relação aos colonizadores britânicos. Sugiro, ainda, que a informalidade irlandesa e a valorização da proximidade e amizade fazem com que irlandeses e os brasileiros do grupo pesquisado tenham mesmo muito em comum. A história da luta contra a presença inglesa, a Grande Fome e a Diáspora, além do preconceito e estigma que os irlandeses enfrentaram nos países para os quais emigraram, principalmente Inglaterra e Estados Unidos, também contribuem para que a percepção acerca da presença imigrante seja relativamente positiva, se comparada a outros países europeus.

IV

A Identidade Regional Goiana: sertão, sertanejos, caipiras e o *country*

Segundo Oliven (2006), parte da histórica política do Brasil República é caracterizada pelas tentativas do Estado brasileiro de evitar as cisões regionais e garantir a unidade nacional. Diante dos eventos separatistas que marcaram a história do Rio Grande do Sul e do Nordeste e da descentralização política que marcou o período denominado República Velha ou República dos Coronéis, o governo Vargas assumiu o desafio de construir um “aparelho de Estado mais centralizado” (p.51). O grande evento que marcou simbolicamente essa postura do governo foi a cerimônia da queima das bandeiras: “Nesta cerimônia foram hasteadas vinte e uma bandeiras nacionais em substituição às vinte e uma bandeiras estaduais” (p.52). Esse processo, segundo o autor, “marca, no nível simbólico, uma maior unificação do país e um enfraquecimento do poder regional e estadual” (p.53). Sem dúvida a agência do Estado brasileiro garantiu o que Darcy Ribeiro chama de “milagre”, qual seja, a manutenção da unidade de um país de diversidade impressionante e dimensões continentais. Por outro lado as diferenças regionais permanecem e fazem crer que a pluralidade é um traço que nos constitui brasileiros, como mostra Oliven ao analisar a cultura regional gaúcha e, como também conclui o mesmo autor, ao afirmar que “no Brasil, o nacional passa primeiro pelo regional” (p.58).

Diante do fato de que as identidades das regiões e dos estados brasileiros são dinamicamente constituídas e representadas, uma vez que é a partir da alteridade que elas se estabelecem, nas representações relativas à identidade dos indivíduos de Goiás e Minas Gerais, dois estados de intenso fluxo emigratório (IBGE, 2011), há

o predomínio das categorias caipira e sertaneja como dominantes. Goiás e Minas estão incluídos na região caipira brasileira, assim como também parte do interior do estado de São Paulo. Essas construções atribuem aos indivíduos desses lugares um apego à terra e, especificamente ao caipira, uma postura tímida e alheia ao mundo, incompatíveis com o perfil necessário a uma empreitada como a emigração. Esse caipira parece provar que nunca foi o que se pensou dele ou tem motivos muito fortes para desafiar sua suposta condição sedentária. É preciso considerar, obviamente, que a identidade é uma negociação constante e dinâmica e se por um lado a identidade caipira foi estigmatizada, vinculada ao atraso e à preguiça, a sertaneja foi valorizada como o jeito de ser de um povo sempre às voltas com desafios enfrentados com coragem.

A recorrência ao sertão no imaginário nacional se manifesta de formas variadas e significativas. É a ele que se exalta nas festas de rodeio e festas agropecuárias no Brasil (Silva, 2001), na chamada música sertaneja (Pimentel, 1996), na valorização e resgate das festas tradicionais e danças e no apelo à tradição como elemento identitário fundamental. O sertão é apresentado por intérpretes da cultura nacional como o lugar do “Brasil genuíno”, da verdadeira cultura brasileira preservada das influências externas, uma vez que estaria resguardada em rincões inacessíveis aos estrangeiros que facilmente circulavam pelo litoral brasileiro. Nessa direção, Ricardo (1970) analisa que a organização das bandeiras, que tinham como objetivo desbravar os sertões, abrindo os caminhos para a exploração das riquezas, teve como uma de suas consequências dar visibilidade a uma nacionalidade preservada das interferências europeias a que estavam sujeitos os brasileiros litorâneos. Com as bandeiras, segundo o autor, “termina a história de Portugal e começa a do Brasil” (p. 212). Abreu (1988, p. 52) afirma que no sertão “por toda a parte transparece o segredo do brasileiro: a diferenciação paulatina do reíno, inconsciente e tímida, a princípio, consciente, resoluta e irresistível mais tarde, pela integração com a natureza; com suas árvores, seus bichos e os próprios indígenas”.

A oposição litoral e sertão torna-se, desde os primórdios da constituição do Brasil, um ponto de partida para classificar as regiões nacionais. Segundo Lima e Sena (2005, p. 40), a essas representações somam-se a dualidade entre o moderno e o atrasado:

Na narrativa da nação brasileira, o descompasso entre o Brasil Moderno e o Brasil tradicional é relacionado a distintas espacialidades e temporalidades e também a formas específicas de organização social e de cultura. Em Euclides da Cunha (1902), autor paradigmático do pensamento social brasileiro, o dualismo do Brasil encontra a expressão na oposição litoral/sertão, categorias que descrevem tanto uma bipartição geográfica quanto uma diferenciação cultural entre estas distintas áreas do espaço nacional. E essas categorias classificatórias distinguem no espaço territorial as áreas e os repertórios culturais que pertencem plenamente ao espaço nação e aquelas outras que ainda o serão, quando se completar o processo de conquista e civilização.

A identidade sertaneja, em Goiás, se constrói sob o signo das teses nacionais de que o sertanejo é o verdadeiro brasileiro e um forte. Depois das contribuições de Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, sertão e sertanejos foram elevados ao *status* de referências fundamentais da cultura brasileira. Enquanto Cunha (1991) se lança ao sertão nordestino imbuído das pretensões jornalísticas e motivado pela Guerra de Canudos, Rosa (2001) mergulha nas paisagens, simbologias e representações sertanejas entre as fronteiras de Minas Gerais, Bahia e Goiás, criando, através da literatura, uma obra fundamental para entender o Brasil, além de profundamente problematizadora das angústias humanas. Apesar de escreverem sobre o sertão, Cunha e Rosa o fazem de lugares completamente diferentes. Segundo Bolle (2004, p. 76): “O olhar de Guimarães Rosa é o oposto das vistas euclidianas do alto: é uma perspectiva rasteira”. Enquanto o ensaísta-engenheiro sobrevoa o sertão como num aeroplano, o romancista caminha por ele como por uma estrada-texto. “Ou então ele atravessa o sertão como um rio”.

Em Goiás, especialmente nos regionalistas Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis, as figuras recorrentes, os temas, os personagens e a linguagem remetem também ao sertão, ao sertanejo (ou boiadeiro), ao caipira e aos coronéis. Vicentini (1998) constatou que a trajetória literária de Hugo de Carvalho Ramos se constitui a partir da ênfase na identidade regional, tendo como preocupação fundamental a afirmação de que o goiano era o sertanejo por excelência e não o caipira sedentário, que sucumbia diante das doenças associadas à falta de higiene e trabalho. Segundo a autora, Ramos tinha a intenção de forjar uma identidade positiva do goiano tropeiro, sertanejo e forte. Uma espécie de resposta à imagem difundida nos meios intelectuais de que Goiás era o lugar atraso (Ramos, 1917, p. 31):

Ignoram comumente os habitantes das cidades do litoral e chamados eruditos de gabinete, o que seja na realidade o nosso tipo de sertanejo. Erram os que pretendem, de princípio, surpreender as complexas modalidades do *habitat* sertanejo numa viagem apressada feita ao longo das estradas comerciais, tocados de perto pela madraçaria gananciosa de moradores onde a necessidade os obriga a parar (...) e que lhes furtam todo o estímulo para um estudo mais complexo e detalhado do que seja e realmente é o nosso interior.

O que se chama de categoria caipira é definida por Candido (1979, p.79), em estudo sobre os caipiras do interior paulista, como uma “cultura ligada a formas de sociabilidade e de subsistência, que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros”. Hugo de Carvalho Ramos na revista A Informação Goyana (1917, p. 35), diz ser importante diferenciar o caipira do sertanejo: “Os caipiras, cujo horizonte visual não vae além do alqueire de terra que lavram, vivem de poucos recursos, são presos à terra, vivendo sedentários e dos recursos da lavoura”. Segundo Ramos, quem lhes estuda a vida e o meio faria literatura da roça, e não sertaneja. Já o sertanejo se caracteriza pela atividade pastoril e, ao contrário do caipira, é um “elemento movediço”, pois conduz boiadas sertão adentro e o seu universo abrange largas extensões: “desde o pastoreio das manadas num âmbito de várias léguas ao redor das fazendas, sem cercas ou outros limites que a vastidão do deserto até as burradas que leva a vender a Mato Grosso e mais além” (Ramos, 1917, p. 36).

No sentido dado por Hugo de Carvalho Ramos é possível identificar o caipira com o trabalhador, em oposição ao sertanejo, que seria o aventureiro. Essas definições foram discutidas por Holanda (1999), que ao analisar as formas de vida coletiva, identificou trabalho e aventura como dois princípios que regulam as atividades dos homens. Trabalhador e aventureiro lidam de formas distintas com o mundo que os cerca. Os ideais que os motivam são antagônicos. Para o trabalhador, as dificuldades que se apresentam devem ser vencidas com resignação, através de um esforço lento, às vezes pouco compensador. O fundamental é a estabilidade, a paz e a segurança. Para ele, “a parte é maior que o todo”.

Ao caipira de Hugo de Carvalho Ramos, preso à terra, importa dar ao cotidiano uma regularidade tal “que torna seu campo visual naturalmente restrito”, como apresenta Holanda (1999, p. 44). Ações audaciosas que coloquem em risco a segurança da sua forma de vida são vistas como irresponsáveis e inadequadas. É dessa forma que o aventureiro é visto: um irresponsável, moralmente condenado

pela ética do trabalho. O aventureiro é um tipo humano que ignora as fronteiras, ou, como diz Hugo de Carvalho Ramos, “sem cercas ou outros limites”, ele faz dos obstáculos que se apresentam trampolins para seus objetivos. A ética da aventura determina como fundamental a recompensa imediata para as suas ações. Nesse sentido, Holanda (1999, p.44) afirma que o ideal para o aventureiro é “colher o fruto sem plantar a árvore”. Assim, ele despreza os processos necessários para se alcançar determinado objetivo, “vive de espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes”.

Ainda na diferenciação que Ramos faz entre o caipira e o sertanejo fica claro uma predileção pelo segundo tipo. O primeiro é denominado queijeiro e apresenta “muitas vezes os estigmas phisionomicos da depressão orgânica, oriundos da papeira, malária e outros” (Ramos, 1917, p.37). Já sobre o sertanejo, o autor o define como um tipo orgulhoso e despachado:

Que tange para a capital a sua tropa carregada de malotes de sóla, carne secca ou “sabão do sertão”, que deixou lá na fazenda as perneiras e o guarda-peito do camponio, o chapelão de couro, debruçado e a capricho, alli o traz, ainda acampado com sua jugular de galopadas e umas arcadas de peito e um modo pitoresco e sacudido de falar quando solicitado, que desde logo o differenciam do typo canhestro e muitas vezes opilado do “queijeiro”.

Os viajantes que vislumbraram Goiás no período de transição da atividade mineradora para a pecuária elaboraram uma concepção de goianidade ligada às características de vazio, preguiça e decadência. Sandes e Ribeiro (1991) ressaltam que o olhar do estrangeiro descreve as imagens que ressoam no seu universo, ou seja, aquelas que dão sentido aos seus próprios significados. Olhar Goiás pós-mineração, sob o prisma europeu da civilização, do desenvolvimento, significa enxergar preguiça, atraso, fome, decadência. Cunha Matos, capitão das armas, nomeado em 1823 como governador das armas da província de Goiás, citado por Sandes e Ribeiro (1991, p. 06), acreditava que a nação deveria totalizar a região, fazendo com que a indolência e o banditismo dessem lugar ao trabalho e à justiça:

Essa praça, estes sanguessugas dos verdadeiros lavradores deve acabar: uma polícia rigorosa deve obrigá-los a trabalhos honestos e a viver pela cultura das terras: se assim acontecer, não só haverá mantimentos de sobejos na comarca de Goiás, caso que agora não se verifica, mas ainda se poderão fazer grandes exportações para a comarca do norte e para os lugares mais próximos das províncias contíguas que deles têm muitas necessidades.

Essa representação, tão comum ao olhar estrangeiro sobre Goiás, revela a intenção de vencer o atraso pela agricultura, muitas vezes considerada a missão natural do Estado. No entanto, segundo Aragão (1988, p. 12), o ciclo de ouro aqui não foi substituído pelo ciclo do café ou do algodão:

Passado o ouro, planta-se o boi, de rentabilidade quase residual, nas condições de criação extensiva e pouco controle zootécnico e sanitário, mas valor seguro já que, em muitos casos, moeda de troca e símbolo de prestígio que se aferia diretamente do número de cabeças da manada, e da extensão da terra.

Como mostra Diegues Júnior (1960), a criação de gado para abastecer as minas goianas forjou o povoamento das margens do Uberaba, do Paranaíba e do Rio Grande. As boiadas trilharam esses caminhos e os homens também. Era por aí que o litoral, no caso São Paulo, se comunicava com as minas que os seus bandeirantes descobriram. A população se estabeleceu nos caminhos a partir deste contato. Daí a afirmativa de Abreu (1988, p. 287): “Graças a estas circunstâncias, formou-se no trajeto do gado uma população relativamente densa”. Em meados do século XVIII, já a abundância da criação chamava a atenção dos cronistas. O gado espalhou-se pelas campinas goianas, encontrando *habitat* propício que lhe facilitou a disseminação.

“Plantar o boi” foi o alvo das investidas governamentais para promover o desenvolvimento da economia goiana. Era necessário tirar a província da crise e a pecuária era a alternativa primeira, seguida da agricultura. Expedições comerciais foram organizadas com a tarefa de exportar os produtos goianos. Adentraram o sertão privilegiando a navegação nos rios Araguaia, Tocantins e Maranhão. Apesar dos esforços para implementar o comércio entre Goiás e Pará, segundo Nunes (1991, p. 38-42), “a não-diversidade entre as produções das duas províncias, a distância geográfica impondo a deterioração dos produtos, os gastos com a navegação e, principalmente, a escassez de capital, para o incentivo das exportações”, condenaram, de início, essa tentativa governamental. A província parecia fadada a uma agricultura rudimentar, limitada às trocas entre as vilas.

O lugar dos bandeirantes paulistas nas representações da identidade goiana também está legitimado na literatura e na historiografia regional. Uma narrativa muito popular no estado atribui a Bartolomeu Bueno da Silva o “amansamento” dos habitantes originais de Goiás. A conhecida história de que ele teria ameaçado os

indígenas prometendo atear fogo aos rios⁴⁷ para obrigá-los a indicarem os lugares onde havia ouro, opõe a astúcia do desbravador à ingenuidade dos “selvagens”. *Anhanguera*, diabo velho, foi o nome atribuído a Bartolomeu pelos indígenas, em função da crença de que ele possuía poderes sobrenaturais. Dessa forma, *Anhanguera* se tornou o herói-fundador da civilização em Goiás, personagem fundamental para a conquista inicial do sertão goiano. O contato entre índios e bandeirantes foi privilegiado como o ponto fundante da história do estado. Nesse contato entre “selvagens e civilizados” nasce a possibilidade de redimir a selva, ou seja, de domesticar o sertão, e o bandeirante é o herói dessa empreitada. Torna-se, portanto, uma espécie de missionário da civilização. Foi essa a imagem cunhada em torno de Bartolomeu Bueno da Silva; é essa imagem que ele ocupou no imaginário regional. A história do estado tem início no contato citado. O “antes” é configurado como tempo de índios, sertão.

A análise de Azevedo (1963, p. 94-95) apresenta a interação entre os dois ciclos econômicos da região das minas no Brasil, o do “ouro” e o da pecuária, chamado por Capistrano de Abreu de “ciclo do couro”:

Freqüentemente era nas rotas dos rebanhos que marchavam as bandeiras e, quando a velha Minas foi varejada pelos bandeirantes, já os criadores de gado haviam aberto os caminhos às zonas mais próximas dos centros de mineração. Os rebanhos precediam os bandeirantes, que não raro se fixavam, transformando-se em criadores e fecundando o deserto, e em cujas pegadas, com a descoberta das minas, surgiram faiscadores de ouro e pescadores de diamantes e se assimilava, nas vilas e cidades, que brotavam da terra, a marcha da civilização pelos sertões. Os dois ciclos econômicos, o do gado e do ouro, cruzavam-se, interpenetrando-se às vezes de tal modo que a expansão territorial do gado facilitava às bandeiras o acesso aos sertões, pelos velhos caminhos em todas as direções, promoviam o avanço e a multiplicação dos rebanhos (...). Certamente, esse período a que Capistrano de Abreu chamou “o ciclo do couro”, e que, iniciado no século XVI, se expandiu cada vez mais, envolvendo, no tempo, os outros ciclos econômicos, e conquistando progressivamente, ao longo das pastagens naturais, o sertão brasileiro, teve uma importância verdadeiramente notável, do ponto de vista econômico. Importância, sem dúvida, crescente, nunca dominante. Não é propriamente a rigor um ciclo: a curva ascendente não caiu nem mostrou, em qualquer época, tendência a fechar em círculo. Não teve apogeu, com predomínio absoluto na economia nacional, como o açúcar, o ouro, e mais tarde o café, mas não conheceu também flutuações violentas e declínios bruscos.

Essa perspectiva de ver a atividade pastoril relacionada ao sertão pode ser fielmente aplicada a Goiás, uma vez que o “ciclo do couro” aqui permanece configurando a vida do estado e marcando as imagens da economia, da história, da

⁴⁷ A narrativa sugere que o Bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, utilizando um prato com álcool e fazendo crer que se tratava de água, ateou fogo, ameaçando fazer o mesmo aos Rios.

cultura. O gado é parte do sertão, o gado em Goiás se tornou parte fundamental da identificação do estado. Falar de Goiás é quase sempre se referir a ele, ao sertão, aos sertanejos, aos caipiras, às músicas chamadas sertanejas e aos peões. Todos esses elementos do imaginário goiano atraem multidões às festas e exposições agropecuárias, aos rodeios e ao consumo em massa dos produtos denominados *country*.

As imagens forjadas na literatura, na historiografia, nos contos populares e na adesão popular a essas representações são reinventadas no cotidiano goiano, tanto na adesão ao gênero musical chamado sertanejo, como nas construções relativas à ocupação da terra e nas narrativas do enfrentamento das hostilidades próprias da região. Não é possível desconsiderar, no entanto, que a indústria cultural se apropriou dessa identificação com a ruralidade e transformou alguns dos seus símbolos em novos produtos, muitas vezes revestidos de um caráter considerado moderno, sintetizados em uma nova configuração denominada *country*. Especialmente no interior de São Paulo, interior de Minas Gerais, interior do Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás o consumo em massa dos símbolos *country* demonstra a adesão a essa identidade sertanejo-caipira-*country* que, nas palavras de Alem (1996), se traduziria como a “roupa nova da velha ruralidade”.

Como afirma Chaul (1995, p. 19), “o sertão está dentro de Goiás” e é difícil imaginar o território goiano, depois da mineração, sem recorrer às imagens de “hectares infinitos de terras desabitadas, de lugares ermos, de aridez e abandono”. O povo goiano, povo desse sertão, é o caipira e o sertanejo. O último representado como altivo, aventureiro, destemido. Uma identidade ideal a um estado que teria sido formado por bravos, agora celebrados nos homens que enfrentam os bois nas arenas de rodeio e consomem em massa referências a esse sertão, seja na sua configuração tradicional ou “moderna” denominada *country*. Alem (1996) interpreta o processo que promoveu a utilização do termo para designar as manifestações da ruralidade no Brasil. Segundo ele, não é adequado simplesmente atribuir seu uso à influência da cultura norteamericana no país. Muito mais que isso, é preciso considerar a projeção produzida pela indústria cultural que massificou a configuração, fazendo com que ela passasse a representar e aglutinar as categorias do mundo rural nacional, especificamente o sertanejo e o caipira: “O *country* dificilmente se associaria à cultura popular sem a inculcação, a legitimação,

consagração e um processo de imposição, dissimulação, como é característico da indústria cultural” (1996, p.56). Além da projeção alcançada pelo termo, esse processo esconde outra função: dissolve as diferenças, oposições simbólicas, elevando o mudo rural, seja ele configurado na referência caipira ou sertaneja, ao topo da modernidade.

4.1

O “Goiânia Capital *Country*”: a identidade em disputa

Apesar da necessidade de rótulos identitários para as regiões e nações, difundidos muitas vezes através de estereótipos generalistas e superficiais, qualquer análise mais aproximada da forma como as identidades são anunciadas revela as disputas inerentes a esses processos. Em Goiás, o ano de 1995 foi o palco de um debate acalorado entre defensores de um projeto que transformaria Goiânia na capital *country* do Brasil e seus oponentes. Programas de televisão e rádio, artigos de jornais e carta de leitores foram o espaço dessa disputa. Em pauta a identidade goiana, em discussão teses que ora nos associavam à cultura europeia, ora afirmavam que diante da aceitação popular, não “adiantava” negar nossa faceta *country*.

Apresentado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, durante a gestão do prefeito Darcy Accorsi, esse projeto gerou um debate espontâneo que contou com a participação de vários setores da comunidade local, envolvendo moradores, professores, intelectuais, políticos e estudantes.

Goiânia é uma cidade *country*. Não adianta espernear. O prefeito Darci Accorsi só está aceitando a realidade. (Alencar, 1995)

A proposta de transformação de Goiânia numa cidade *country* mostra exatamente a falta de sensibilidade com o passado do povo goiano que, antes de ser confundido com os *cowboys* americanos, tem um compromisso com suas origens européias. Pretender enterrar o passado de Goiás, com suas tradições, folclore, suas catiras e cavalhadas, procissões e rezas seculares, demonstra o descompromisso com o que há de mais caro na gente da terra: o sentimento de goianidade. (Lessa, 1995)

No depoimento de Antônio Lessa, manifesta-se a negação de uma possível identificação com a cultura norteamericana, ao mesmo tempo em que se apresenta,

como dado positivo, o fato de termos raízes europeias. Como nos diz Antônio Candido (1965, p.131):

Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução da nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus.

O que está implícito no depoimento de Lessa é uma perspectiva de superioridade cultural da Europa em relação à cultura norteamericana, mas permanece a ideia de que a região, Goiás, está comprometida por uma filiação significativa com as tradições europeias. A chamada “dialética entre o localismo e o cosmopolitismo” que, segundo Candido, se manifesta de várias formas, é também expressa nesse discurso. Quando Lessa evoca o sentimento de goianidade, não se preocupa em defini-lo, conceituá-lo, através de elementos que podem caracterizar uma identidade, mas refere-se a ele através de manifestações tidas como folclóricas, tais como: catira, cavalhadas, procissões e rezas seculares, como tradução desse sentimento, que seria o que há de mais “caro na gente da terra”. Outras manifestações adquiriram um caráter jocoso, ridicularizavam o projeto e o prefeito Darci Accorsi. O artigo de Godinho (1995), com o título “O Prefeito Cai do Cavalo”, foi particularmente interessante por sugerir que a adesão ao projeto transformaria a cidade em uma “fazenda asfaltada”, fazendo desaparecer os traços de urbanidade que marcam a capital do estado.

Se o “Goiânia Capital *Country*” acontecer mesmo, as mudanças poderão se principiar ainda nos desvarios desta primavera. A cidade sofreria modificações radicais. As praças passariam a ser adubadas com as sobras digeridas por bovinos e eqüinos. Ao invés de musgos e flores silvestres, milharais, arrozais, canaviais e roças casadas de feijão e soja. Ao invés de quebra-molas, mata-burros. De pontes como a do Cepal do Setor Sul, pinguelas. De caminhões de aluguel, carroças. De pontos de táxi, pontos de charrete. Os moradores de Nova Vila e Vila Nova reconheceriam que perderam a luta pela retirada do Parque Agropecuário que tanto inferniza seu cotidiano. Retirariam-se mansa e pacificamente, para os currais se expandirem à vontade, o quanto fosse possível, fazendo jus ao pomposo título internacionalmente reconhecido de “Goiânia, Capital *Country*”. O autódromo só sediaria corridas de tratores, colheitadeiras e outras máquinas e implementos agrícolas. Vez ou outra, quando o programa do Hipódromo da Lagoinha estivesse completo, corridas de cavalos, éguas

e asnos. O Estádio Serra Dourada seria interdito para jogos de futebol. Em compensação, teríamos ali, todas as tardes e noites, rodeios e touradas. Seguuuura Peããão! O Rio de Janeiro é famoso nos cartões postais de além-mar pelo seu Cristo Redentor, no Corcovado. Goiânia ganharia um cavalo de Tróia, no Morro do Além. Aproveitando o embalo, a exemplo de Calígula na Roma Antiga, que elegeu Incitatus senador, poderia se tentar a eleição de um majestoso quarto-de-milha marchador para a Câmara Municipal ou para a Assembléia Legislativa. (...) Todas as repartições (da prefeitura) teriam som ambiente, mas somente com músicas do tipo *Besta Ruana*, *Mula Preta e Carro de Boi*. O hino da cidade, já que até hoje a composição de Anatole Ramos que, há mais de 20 anos, venceu o concurso para a sua escolha e não é tocado nas solenidades municipais, seria escolhido entre novo concurso entre *Fio de Cabelo e Fuscão Preto*. (...) O monumento dos pioneiros, na Praça Cívica, seria trocado. Sairiam os negrões pelados. Subiria Pedro Ludovico Teixeira, montado em um cavalo branco (...). O automóvel de representação do prefeito teria um vistoso chifre de boi no capô do motor, a exemplo do usado por Sinhozinho Malta na sua *limousine*, na novela Roque Santeiro. Muitas outras coisas pode-se imaginar que aconteceriam graças ao “Goiânia, Capital *Country*”. Inclusive a confirmação da profecia feita, em 1966, por Roberto Carlos, que tanto feriu os brios goianienses: Goiânia é uma fazenda asfaltada (...).

A imagem que Jávier Godinho elabora do *country*, fundada num estilo irônico, aponta para representações comuns à maioria das manifestações contrárias ao projeto. Ele seria um retrocesso para a cidade; o rural nestas representações é o lugar do atraso, da “falta de cultura”. Em resposta a Godinho, Tucano (1995) escreveu “Tiro no Cotovelo”, artigo publicado no Diário da Manhã, de 18 de outubro de 1995, em que criticava a arrogância da intelectualidade goiana:

Na história do Goiânia *Country* ninguém até agora questionou a viabilidade ou não do projeto. Fora algumas aberrações como transformar a Av. Castelo Branco em atração turística ou as corridas de charretes e tratores no Autódromo, a idéia tem tudo para vingar e alcançar seu objetivo, que é o de atrair visitantes à cidade, criar novas fontes de faturamento e, conseqüentemente, mais empregos. (...) Historicamente, as elites conseguem impor seus pontos de vista. Mas nem sempre é assim. A música sertaneja é um bom exemplo. As elites culturais sempre torceram o nariz para ela, diziam e dizem que é música de corno mal elaborada, pobres em melodia e acordes, as letras têm a profundidade de um pires e o escambau. Tudo bem, mas as duplas vendem milhões, enquanto monstros sagrados da MPB não conseguem chegar a 40 mil discos. Todo mês aparece alguém vaticinando o fim do modismo, aí abre-se outro bar *country*, ocorre outro rodeio e dezenas de outros discos são lançados. O povão continua freqüentando, prestigiando e comprando aos milhões. Repetindo: aos milhões.

Piadas como: “Trocaram o bandeirante por um *cowboy*. Tanto faz, todos mataram índios mesmo”, *charges* com caricaturas do prefeito Darci Accorsi vestido de *cowboy*, comparações entre o projeto e os bairros da periferia que possuem muito mato e não têm asfalto apareceram como uma enchente nos jornais goianos em 1995. Uma *charge* apresentada no *Diário da Manhã*, de 14 de outubro de 1995, apresentava o seguinte diálogo: “Tava pensando uma coisa: os políticos fazem a gente de besta de sela. São cheios de rodeios e cada região da cidade é um curral eleitoral. Os votos são de cabresto. Então que bobagem, essa já é uma cidade *country*”.

O editorial abaixo, publicado no jornal Cinco de Outubro (1995), apresenta o projeto como “inversão de valores”:

Yes, nós temos Siron Franco, um dos maiores artistas plásticos do País, que goza de prestígio lá fora como poucos brasileiros. Também temos o escritor Bernardo Élis, que pode até não ser um dos melhores do Brasil, mas, pelo menos, nos orgulha de pertencer à Academia Brasileira de Letras. É nosso também o escritor Carmo Bernardes, que, recentemente, ganhou o prêmio de literatura Casa das Américas, concedido pelo governo de Cuba. (...) Contrariando a origem intelectual, o prefeito Darci Accorsi procura valorizar o que há de mais pernicioso para a cultura estadual. A ponto de o humorista Jô Soares afirmar que quem quiser ter filhos cantores de música sertaneja, basta mudar para Goiás. É lamentável, porque, na verdade, São Paulo tem muito mais cantores caipiras do que Goiás. Nem mesmo quando Goiás ostentava o título de campeão nacional do bovino, nenhum prefeito ousou fazer uma proposta tão indecorosa como esta da atual administração de transformar Goiânia na capital *country* do Brasil. Afinal, sempre houve um esforço de todos os segmentos da sociedade goiana para colocar a cultura goiana entre as mais destacadas do país. Outra coisa: o prefeito não pode confundir massificação com tradição. O sucesso das duplas Leandro e Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano nada têm a ver com música de viola caipira da terra e muito menos com a catira.

O autor do editorial defende a ideia de que adotar a identidade *country* significa desconsiderar a produção intelectual dos goianos. O *country* é visto como algo negativo, pejorativo, indecoroso, massificado. Em contrapartida, o autor ressalta o que seria nossa tradição: a música caipira de viola e catira. Outra manifestação apresentada na seção cartas do leitor, no jornal O Popular, de 19 de outubro de 1995, refere-se ao *country* como algo ofensivo à cultura goiana:

A transformação de Goiânia em capital *country* do Brasil põe em xeque nossa riquíssima cultura regional, além de importarmos uma cultura estrangeira, intensificando o imperialismo. Paradoxalmente, podemos conciliar a modernidade ao tradicional sem, contudo, acabar machucando o que é nosso. No entanto, a proposta do prefeito Darci Accorsi não tem por base abrir novas vertentes culturais. Também a cultura norte-americana, que nos pisoteia há tempos, vem mais uma vez impor nosso modo de vida. Não podemos deixar que essa imposição venha matar o que é

intrínseco a Goiás. Espero que esse projeto do prefeito seja protelado até a eternidade e que nossa cultura possa ser preservada para que as gerações vindouras venham ainda a conhecê-la e admirá-la. (Ana Carolina de Souza)

A missivista afirma que o *country* seria prejudicial ao que Goiás tem de “intrínseco” e relaciona-o a uma imposição cultural norteamericana, indevidamente aceita pelo prefeito Darci Accorsi. Protelar o projeto significaria preservar a cultura goiana. O *country* aparece nos textos citados como algo não cultural, ou anti-cultural, e a cultura assume o sinônimo de literatura, intelectualidade. Isso acontece também em alguns artigos que defendiam o projeto, como o de Silva (1995), para quem Goiânia tem vocação natural para o *country*:

Ela nunca se destacou, basicamente por suas atividades culturais, embora seja natural que as cultive e desenvolva. Mas, mesmo no interior de Goiás, temos cidades históricas com vocação para o turismo cultural mais preponderante. Em matéria de ecologia, outra onda a impulsionar o turismo, também Goiânia não compete com áreas como o Pantanal ou o Rio Araguaia. Já o estilo *country* se acha acentuadamente impregnado em Goiânia. Nossa exposição é a maior do país em número de visitantes. Compete com a de Esteio, em volume de negócios e na qualidade dos animais expostos. O *Cowboy do Asfalto* empolga sempre a nossa juventude. Temos ambientes, tais como restaurantes, choperias e casas de *shows* muito freqüentados pelos chamados *agroboys*. Temos, pois, o espírito *country* e uma infra-estrutura montada.

Há também artigos, como o de Machado (1995), que apelam para a afirmação de que adotar o *country* é priorizar uma classe rica, proprietária, em prejuízo dos pobres do campo:

Admitindo, no entanto, a idéia Goiânia Capital *Country* do Brasil, em quem do campo ou da zona rural nós nos inspiraríamos para *countryzar* a nossa cidade? Numa certa minoria privilegiada, na maioria das vezes ligada ao latifúndio, política e ideologicamente ligada ao que de mais atrasado existe dentro da arcaica estrutura agrária brasileira – e ela sim, usa chapéu texano, botas com rococós, cinto com fivelões, adora Leandro e Leonardo e anda de camioneta Ranger ou nos inspiramos naquela imensa maioria do campo, miseráveis que de terra não possuem sequer os sete palmos para um dia serem enterrados condignamente? Nos miraremos nos exemplos dos coronéis da UDR⁴, eles sim os legítimos festeiros e estrelas de todas as festas *country* realizadas em Goiânia – da Pecuária (Exposição Agropecuária de Goiânia) a coisas como *Cowboy do Asfalto* (o povão só entra nesses eventos para depois virar estatística), ou nos espelharemos nos sem-terra, nos milhões de sem-terra desse Brasil, muitos deles violentamente expropriados e escorraçados do meio rural justamente por estes senhores latifundiários e *countryanos*?

⁴ União Democrática Ruralista. Entidade de classe fundada em 1986 para defender os interesses dos proprietários de terra. Teve como expoente nacional o deputado federal goiano Ronaldo Caiado.

Machado considera o *country* como fruto dos interesses de uma classe rural privilegiada, representante do latifúndio e do coronelismo. A ruralidade que a nova configuração representa é a que vai ao encontro dos interesses dos proprietários de terra. O “povão” é visto como massa de manobra, como número, nas festas chamadas *country*, a exemplo da “Pecuária” (nome popular da exposição agropecuária de Goiânia) e do *Cowboy* do Asfalto. O *country* camuflaria, na perspectiva acima, as relações conflituosas entre sem-terras e latifundiários, produzindo uma síntese aparentemente harmônica da ruralidade brasileira, ideia compartilhada por Alem (1996), para quem o *country* é uma configuração unificadora das várias faces que o rural assume no Brasil. Nessa direção o projeto Goiânia *country* provocou um tenso debate em Goiânia, trazendo à tona disputas identitárias significativas. Defendido pelos que consideraram a marca “*country*” como “impregnada” na cidade, repudiado pelos que a associam à ideologia norte-americana e aos interesses dos ruralistas, o projeto, como pude constatar, tinha como objetivo atrair mais eventos como rodeios e exposições agropecuárias para a cidade, com a clara intenção de incrementar a já movimentada agenda “sertanejo/*country*” de Goiânia. A ideia era a de estabelecer uma agenda anual fixa desses eventos, todos com a marca “Goiânia, capital *country* do Brasil”. O arquivamento do projeto aconteceu em 1996, antes mesmo de ser encaminhado à câmara de vereadores.

4.2

O rodeio em Goiás: a masculinidade na arena

Entre os eventos da cena sertaneja brasileira, as exposições agropecuárias e os rodeios movimentam milhões de reais e alcançam um público extraordinário no Brasil. No que se refere à indústria fonográfica, todos sabem que as duplas mais conhecidas da chamada música sertaneja são goianas. Durante a pesquisa de campo para a minha dissertação de mestrado, estive em busca de sinais da identidade regional goiana nesses eventos, nos versos *country*, nas letras das músicas e em ritos como o rodeio, que essencialmente impõe ao peão o desafio de

montar e domar o animal, o supostamente selvagem e bruto, rito que muito pode revelar sobre as referências através das quais esses sujeitos constroem sua identidade.

Segundo Maurício Faria, ex-presidente da Sociedade Goiana de Pecuária e Agricultura (SGPA), o rodeio teve sua origem entre os tropeiros que, nos momentos de folga, promoviam disputas entre peões. Essas disputas consistiam em identificar os peões mais fortes e corajosos. Tratavam-se dos que conseguiam permanecer mais tempo sobre cavalos e touros bravos, que pertenciam às tropas conduzidas. Era um momento de lazer e também de reafirmação da valentia dos peões. Ainda segundo o entrevistado, corriam entre os peões as notícias de domadores excepcionais de cavalos e bois bravos “como o demônio”. Os donos das tropas promoviam os encontros desses sujeitos, dando início a um evento que ganharia proporções gigantescas, movimentando milhões de reais no Brasil e mais tarde se adequando às regras dos rodeios norte-americanos. Néia Nogueira (1988, p. 41) confirma as informações acima, em uma pesquisa sobre a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, a maior do Brasil:

A Festa do Peão de Boiadeiro surgiu em 1956, sem maiores pretensões, objetivando apenas divertir a população local (Barretos) nas proximidades do seu aniversário de fundação, dia 25 de agosto. Competições semelhantes já faziam parte da tradição local antes do primeiro evento naquele ano. Fazendeiros organizavam disputas e sessões de apostas entre si. Queriam ver quem tinha o melhor peão domador de cavalos que se sustentasse em cima do cavalo do outro.

A Festa de Barretos é hoje a mais importante do Brasil, com ampla cobertura da imprensa nacional. Situada a noroeste de São Paulo, Barretos sempre se caracterizou pela produção agrícola e pela atividade pecuária desde sua fundação em 1854. A primeira festa do peão realizou-se em 1956 e foi organizada por um grupo denominado Os Independentes. O objetivo, segundo Nogueira (1989, p.44), era “homenagear o herói anônimo do sertão”. A crônica de Suzuki Júnior, publicada na revista *Rodeio Life*, (1993, p. 5), faz alusão à festa de Barretos como algo excepcional e apresenta uma visão romantizada do peão:

Bem-vindos à festa dos corações solitários. Seu moço bem-vindo ao chão preto da fertilidade, à festa perdida no sertão dos corações solitários. Aqui se contam muitas histórias, principalmente as de partir e de voltar. Não é que aqui seja o ninguém é de ninguém, mas o peão (que tem gente que chama de vaqueiro, que tem gente de longe que chama de cowboy) é solitário, como o sol que vive longe da lua (...). No

começo você estranhará, mas logo vai se acostumar com o fato de que aqui tudo – mesmo as coisas mais normais, é escândalo também. Seu moço, eu posso falar mal desse lugar porque conheço na carne todas as suas dores, mas você não pode não. Esta é a lei daqui. Eu gostaria de dar o céu para o meu bem, mas aqui na minha terra é no chão que se conhece o limite. É só quem sabe o que é elegância é que poderá vir para Barretos, para a Festa do Peão.

A trajetória constante de viagens e solidão é apresentada como algo que só poderá ser compreendido pelas pessoas envolvidas no cotidiano do sertão. Só pode falar do lugar “quem conhece todas as suas dores”. No sertão, lugar de partida constante, a solidão é algo comum; o peão, um dos personagens desse universo, possui um coração solitário. Assim como também deixa solitários os corações dos seus. Ao aventureiro, sertanejo, peão que não tem lugar fixo, a solidão aparece como inevitável e algo que atinge também as suas mulheres: a mãe, a esposa. Essa construção do peão solitário e aventureiro perpassa manifestações como os versos e as orações. É recorrente a imagem do peão como um errante, cujo estilo de vida não se adapta a nada que é rotineiro, estável e fixo.

Dois elementos que aparecem na citação indicam uma pretensão universalista na construção do peão e da festa de rodeio. Na primeira o peão, “que tem gente que chama de vaqueiro, que tem gente de longe que chama de *cowboy*”, parece existir em todos os lugares. É um ser universal, assim como a festa de rodeio, que é apresentada como a “maior festa do gênero no mundo”. A grandiosidade e a ideia de espetáculo (“mesmo as coisas mais normais é escândalo também”) marcam as definições e os comentários dos produtores.

Do ponto de vista prático, o rodeio transferiu-se do âmbito local e das competições entre peões de fazenda para o âmbito da indústria cultural, e alcança hoje o *status* de espetáculo massivo (Alem, 1996). Os agentes promotores são a Federação Nacional de Rodeio Completo e as companhias de rodeio, que oferecem toda a estrutura necessária para o evento. As exposições agropecuárias foram o espaço onde o rodeio alcançou projeção e foi descoberto como evento aglomerador de multidões, alcançando posteriormente autonomia, que se traduz nas chamadas Festas do Peão. É o caso de Barretos, onde o rodeio é a atração fundamental, além dos inúmeros rodeios que acontecem em Goiás, Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais e os rodeios universitários. As arenas de rodeio na sua maioria têm formato circular. No entanto, existem algumas que variam entre o triangular e o formato de ferraduras, como a de Barretos. Grades de proteção separam a arena das

arquibancadas e dos camarotes. Os bretes geralmente se situam distantes da arquibancada, onde fica o público espectador. O brete é um corredor semelhante aos utilizados para a vacinação do gado. Feito em madeira, possui espaço mínimo para a movimentação do animal, o que não impede que ele ofereça resistência, debatendo-se contra as grades. Os animais saem dos pequenos currais diretamente para os bretes, onde são preparados para a montaria. Ali o sedém é amarrado e um peão monta o animal. Não há diferenças significativas entre os rodeios. Todos começam com a oração e versos que são repetidos frequentemente. O apresentador, chamado de locutor, também segue um padrão, a entonação da voz, a reafirmação do amor pelo rodeio e pelas mulheres.

A necessidade de que os animais sejam arredios e perigosos coloca na arena valores e mitos redimensionados, que indicam características de um sertão também mitológico. Em primeiro lugar, é preciso ser homem forte e corajoso para lidar com a brutalidade dos animais. É importante dizer que é uma brutalidade forjada, os animais são motivados a serem brutos, a pularem, a serem arredios, pois têm os seus testículos amarrados por uma corda de couro chamada de sedém. Fundamentalmente masculino, o esporte abriu para as mulheres a modalidade chamada de prova dos três tambores, que consiste em contornar, em menor tempo possível, obstáculos na arena. Ainda que existam mulheres que montam bois e cavalos, elas são exceções. O rodeio é esporte de homens que, acredito, celebram e constroem sua masculinidade na arena. Além disso, sonham com a possibilidade de fascinar a multidão ávida por emoções e, ainda que de forma inconsciente, ávida por violência, uma violência transformada em ritual, que provoca emoções.

O desafio de identificar o que atrai os goianos aos rodeios me fez considerá-los, a partir do que propõe Geertz (1989), como um texto, onde eles escrevem e leem sobre o que são, o que imaginam que são e o que gostariam de ser. Assim como a ambivalência dos sentimentos dos balineses em relação à animalidade, analisados pelo autor na etnografia sobre a briga de galos em Bali, sobre o que repudiam. Nas entrevistas, alguns peões falaram da possibilidade de ficarem ricos e famosos com o rodeio, e muitos se dizem esperançosos com o reconhecimento do rodeio como esporte. A busca de *status* em todas as formas que ele assume é um dos objetivos dos peões, mas essa busca esconde o fato de, ao serem ovacionados, ao receberem prêmio em dinheiro ou carros, tornarem-se os “heróis” e

representantes daquilo que a sociedade imagina sobre si mesma, enfim, a coragem, a força, o sertão, a selvageria e a necessidade de que o homem seja bruto para sobreviver em meio à brutalidade.

Ao colocarem na arena sua própria masculinidade, os peões reelaboram o mito do “sertanejo forte”. Reelaboram, ainda, as condições hostis do sertão, representadas nos bois “bravos”. É o sertanejo que o peão representa, ainda que revestido pela aura da modernidade que a configuração *country* lhe impõe, ainda que denominado *cowboy*. É perigoso viver no sertão; no “sistema bruto” os homens precisam ser brutos. Acredito que esse é o texto que o rodeio manifesta. Nesse sentido, o rodeio pode ser visto como um palco ritual para a celebração da masculinidade. Todo o cenário é montado para uma espécie de culto ao homem másculo, forte e corajoso. O culto ao mito do sertanejo forte.

Assim como os irlandeses fazem referência às suas raízes rurais, a identificação de Goiás como um estado de “cultura rural” e, conseqüentemente, a associação dessa ruralidade com elementos cotidianos que se apresentam como sinônimos, quais sejam caipira, sertanejo e *country*, não é vista pelos goianos como um problema, ou uma condição a ser superada. Como a pesquisa de mestrado me permitiu constatar (Silva, 2001), os goianos manifestam orgulho dessas referências e as colocam em pauta quando confrontados ou comparados às outras regiões do Brasil. O caipira atrasado e o sertanejo ignorante não são reconhecidos quando os goianos se auto representam ou se definem.

A celebração da identidade regional goiana, marcada pelos signos da ruralidade, pode ser compreendida na direção do que aponta Sahlins (2003), ao analisar a validade da análise histórica para as sociedades não ocidentais. A partir da interpretação de duas narrativas relativas a contatos entre europeus e nativos das Ilhas *Sandwich*, o autor propõe que a história é ordenada culturalmente e que “a cultura é historicamente reproduzida na ação” (p. 7). A primeira delas refere-se ao contato entre ingleses e havaianos em 1778 que, marcado inicialmente pela crença havaiana de que o capitão responsável, Cook, seria o deus Lono, termina com o assassinato deste “capitão-deus”. A segunda, uma variação da primeira, refere-se à rebelião Maori, que ocorreu na Nova Zelândia em função das discordâncias em torno da fixação de um mastro com a bandeira britânica. Na análise desses acontecimentos, Sahlins apresenta sua teoria da mudança estrutural e o conceito de

mitopraxis, referente à recriação de mitos em circunstâncias do presente. Segundo ele, os indivíduos percebem a ordem cultural como moldadora da sua ação no mundo. Ao agirem, colocam essas ordens em jogo. Quando ocorre algo que foge das expectativas culturais, os significados são alterados, as relações entre as categorias mudam e “a estrutura é transformada”.

Sahlins considera que os fatos em questão indicam algo além de uma possível teoria da história; apontam, principalmente, para o que o autor chama de estrutura da conjuntura, que se refere à ideia de que a prática tem uma dinâmica própria, que por vezes coloca “em risco” as categorias culturais de uma sociedade. “As supostas oposições entre história e estrutura ou entre estabilidade e mudança” (p. 179), presentes na antropologia desde Radcliffe-Brown, não se sustentam, segundo o autor: “A história havaiana está toda ela, baseada na estrutura, na ordenação sistemática de circunstâncias contingentes, ao mesmo tempo em que a estrutura havaiana provou ser histórica” (p.180). Para ele, o diálogo entre as categorias recebidas e os contextos percebidos que se observa na deificação de Cook, direciona a concepção de cultura para a busca de uma síntese que considere a reificação entre conceitos culturais e experiência. Isso significa que os conceitos culturais presos a um “esquema cultural”, quando confrontados com situações que os contradizem, submetem-se às contingências dadas e podem ser reavaliados pelo sujeito.

Para o autor, as concepções estruturalistas que opõem história e estrutura desconsideram que “há sempre um passado no presente” (p. 189). As ações são significadas a partir de “um esquema cultural” pré-existente, por isso histórico, e o presente envolto na singularidade em que se manifesta a ação. Dessa forma se articulam, em síntese, ordem cultural e situação prática. A ordem cultural havaiana, diante da presença europeia, ressignifica tabus alimentares, indicados nos episódios onde as mulheres comem com os homens (marinheiros) e também as concepções de sagrado, no momento em que os Fiji se convertem ao cristianismo, motivados por interesses objetivos de prosperidade. Sahlins diz optar por uma concepção de estrutura performativa, onde os sujeitos não estão submetidos a prescrições anteriores e obrigatórias ou a estruturas prescritivas, mas se movimentam diante das situações práticas.

Se Goiás é do ponto de vista histórico um estado agrário, rural ou sertão, a mitologia em torno dessas referências se torna exemplo de que “há sempre um passado no presente” (Sahlins, 2003, p.189). Acredito que o esquema de significados culturais com os quais os goianos lidam, aqueles que compõem as referências centrais da identidade regional, ao serem submetidos ao contato com as realidades que se impõe, sejam elas a configuração *country*, como a síntese moderna da ruralidade, ou o trânsito em espaços internacionais, situações diretamente derivadas dos estreitamentos operados pelos fluxos de comunicação, capital e dinheiro no mundo contemporâneo, pode ser compreendido como um diálogo entre as categorias recebidas e os contextos percebidos. Esse processo faz emergir a interação entre estrutura e práxis, marcadamente dialética, dinâmica e transformadora. Nesse sentido a cultural regional como referência organizadora do mundo, para os imigrantes, transforma peões em *cowboys*, celebra a valentia e o espírito aventureiro do goiano sertanejo, ao mesmo tempo em que mostra a interação chamada por Sahlins de “relação de conceitos culturais e experiência humana” (p.181) ou a forma como os conceitos culturais são “utilizados de forma ativa para engajar o mundo” (idem).

Algumas pesquisas contemporâneas sobre a identidade regional goiana situam as discussões acadêmicas e literárias sobre o sertão a partir de um contraponto com as narrativas populares e com as manifestações mais significativas do cotidiano. Sena (2003), Lima (2003, 2006), por exemplo, enfatizam as muitas possibilidades de se falar do sertão, bem como mostram que as densas representações forjadas acerca do espaço sertanejo, bem como de suas populações, nem sempre encontram respaldo nas percepções nativas. A partir da proposta de ver o sertão em suas múltiplas definições e manifestações, busquei na análise do movimento *country* em Goiás formas novas de dar significado a essa “velha” categoria (Silva, 2001). Identifiquei a defesa de que “nós é jeca, mas é joia”, como manifestação do orgulho pela produção musical sertaneja, amplamente difundida e consumida em todas as regiões do Brasil e, principalmente, no apego a um jeito de ser de Goiás, que, a despeito das definições pejorativas, celebra essa ruralidade, independente do nome com o qual ela se apresente. Segundo Sena (2009, p. 9):

A desvalorização simbólica imposta aos lugares e espaços periféricos, as províncias, o interior, o sertão, o mundo rural, é frequentemente representada pelas tradições locais como um penhor de originalidade ou de autenticidade com o qual se procura resistir às tentativas de homogeneização dos centros civilizados.

Apesar de não se manifestar explicitamente em Goiás a defesa de um “orgulho goiano”, a exemplo do que ocorre em estados como o Rio Grande do Sul, os aspectos pejorativos das representações nacionais acerca de Goiás e do seu povo são desprezados no estado. Não aparece no conjunto das manifestações que analisei nenhum tipo de recalque quanto às marcas de estado caipira e sertanejo. Ao contrário, como aponta Sena, a “essa desvalorização simbólica” os goianos reagem exaltando a identidade regional a partir das representações de povo corajoso e forte, sertanejo e vencedor. Lima (2006), através da análise de registros populares de trovas e versos que circulam oralmente em Goiás, constatou que muitos deles contrariam as teses correntes de que o sertão seria o lugar da pobreza e de que Goiás, como parte desse sertão, teria como marca central o abandono e as carências da sua população.

Nas manifestações populares analisadas pela autora, a errância sertaneja tem seu sentido na busca pela fartura. “Do mesmo modo que a fartura é um atributo do sertão da ótica de seus moradores, ela fornece o sentido das levadas de migrantes, mobilizados pelas notícias de terra farta” (p. 19). Diante de concepções de acadêmicos como Prado (1989), que considera o sertanejo como portador de um “instinto migratório atávico”, motivado pelas hostilidades do espaço (Lima, 2006, p.14), a autora apresenta a perspectiva nativa como um caminho fecundo para que se compreendam outros sentidos da errância sertaneja: “um guião a acessar outras veredas, outras camadas de significação nesse exercício de pensar os processos migratórios, o chamado seminomadismo das populações sertanejas” (p. 17).

Transitar de um lugar a outro, despojar-se do que se tem e ir à procura de culturas vantajosas e felizes, imaginar sempre que havia um ponto qualquer em que se estaria melhor que no presente podem conter outros significados que ultrapassam nossa concepção mercantil de tempo, espaço e estabilidade (Lima, 2006, p. 15).

A associação dos sertanejos com a errância, presente nas imagens dos migrantes nordestinos (Ramos, 1980), do sertanejo boiadeiro, dos beatos e seus seguidores que mantêm a busca pela “terra prometida” (Cunha, 1991), dos bandos de cangaceiros e jagunços sempre em guerra ou dos bandeirantes desbravadores,

também aparece nas representações do movimento *country*. O peão é um aventureiro “que não possui lugar fixo e nem horário” (Silva, 2001, p.114). Nas representações presentes na definição do peão, também chamado de *cowboy*, a busca pela “fama e dinheiro” faz desse sujeito um errante (p.116):

Ele é *cowboy* de rodeio que deixando seu trabalho na lida do gado para correr atrás da fama e do dinheiro nas grandes festas do peão de boiadeiro, fazendo das tripas coração, alegria da multidão, enfrentando o perigo com um sorriso em seus lábios pela emoção, deixou sua amada chorando na mais triste desilusão, cheio de muitos amigos e de muitas mulheres, longe da mamãe e perto da solidão. Assim é a vida e o destino de um peão. Hoje aqui, amanhã ali e depois não se sabe. Mas a fé na padroeira é sua maior proteção.

A mitologia em torno do peão-*cowboy* apresenta-o como um solitário aventureiro, desapegado das coisas fixas e em busca da fama e do dinheiro. Sua história é a do partir e do voltar, seu ofício é marcado pelo enfrentamento do perigo. Em síntese, a errância, o movimento e a travessia (Rosa, 2001) tornaram-se elementos estruturantes do *ethos* sertanejo que, assim como o aventureiro na compreensão de Holanda (1999, p. 44) “vive de espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes”. Seria a força desse *ethos* uma das veredas possíveis para a compreensão do fenômeno da emigração em Goiás?

V

Vivendo a Irlanda na carne: os brasileiros nos frigoríficos irlandeses



I Love Ireland. Foto: J. Rodrigues

No que se refere especificamente ao trabalho de imigrantes nos frigoríficos irlandeses, o jornal *Meat Trade News* (2010, p. 01⁴⁸) ressaltou a presença significativa de trabalhadores de vários países do Leste Europeu e da Ásia nas linhas de produção, bem como dos brasileiros oriundos de Goiás:

⁴⁸ Ireland Immigrant meat workers. Disponível em www.meatradenews.co.uk/nes. Acessado em 20 de outubro de 2010.

Once a country of emigrants, Ireland has reversed the trend over the last decade, attracting record numbers of foreign workers to keep a booming economy growing. The Irish government now says it wants to fill all the country's labour needs with workers from the new member states. Sixteen thousand of them received work permits last year, with almost twice as many permits issued to people from the former Soviet Union, the Balkans, and other parts of the world. Some of the country's key economic sectors now depend on migrant workers. Ireland is the biggest beef exporter in the European Union. But at Kepak, one of Ireland's leading meat processing companies, few of those who cut the steaks are Irish. At the Kepak plant at Clonee, just outside Dublin, all the signs are written in English, Portuguese and Polish. I put on the regulation white overalls, rubber boots and blue hairnet to go inside one of the meat-cutting halls. Beef carcasses are hanging all around and the temperature is constantly kept below 10 C for hygiene reasons. It's loud, it's smelly, it's cold. And most of the people working here are a long way from home. Some 80 Brazilians work in this plant, alongside dozens of Chinese and one Ukrainian. Over 500 foreigners, including many Poles and Latvians, make up the bulk of the work force at Kepak factories across Ireland. Everybody wanted to go to work in computer factories, said Mr McDonagh, and as the company was losing a lot of people, it had to change its way of working. "We start at six o'clock in the morning, so young people reckon they'll have no social life," he said. "But the Brazilians just come here to work and earn money to send home to their families." The highly-skilled Brazilian meat-cutters, who generally come from the state of Goias, earn three or four times more than they would back home. And they get 24-hour attention. Keyla Cesar Graham was hired especially from Brazil as an interpreter and administrator to look after their every need. She meets every group of Brazilian butchers at the airport, finds them accommodation, opens bank accounts, takes them to the doctor or even to the shops, as some can barely read and write and few ever learn English. Kepak makes an effort to make them feel at home. The canteen now serves rice, the Brazilian staple food, every day. But because of the language barrier, the butchers don't stay long. Most of them stay for one or two years, Ms Graham explains, then they go home saying that they've finished. But after a few months, they often call and ask if they can come back. When they face the reality back in Brazil, she says, it's hard to get similar wages and the money that they've saved in Ireland is not enough to start their own business in Brazil. A long list of Irish meat plants employ Czechs, and Slovaks. It will get much harder now that the EU has expanded. Irish employers will have to pay 500 euros to extend existing work permits for non-EU nationals. They have received letters from the employment department urging them not to hire new workers from outside the EU. So, although he is very happy with his Brazilian butchers, Mr McDonagh will reluctantly start recruiting more from central Europe. People like Slovak butcher Vaclav Baloga. On the large map in his sitting-room he pointed to all the meat-plants in Ireland which employ Slovaks and Czechs. Some 70 people in Waterford, 40 in Wexford, 100 in Cork, 200 in Dublin. The list goes on and on. Vaclav and his friend Sergiu are among 100 people from all over the former communist bloc who work at a meat plant in Navan, an hour's drive from Dublin. At home and at work, they all speak Russian together. When Vaclav came here four years ago, most of the workers were Irish. Now, he says, there's only one left. But Vaclav, a trained butcher, is also planning to leave. As a new EU citizen, he's been free to look for another job in Ireland. Maybe in construction, he says, the money's better and the air is fresh.

Com a intenção de traçar um perfil desse grupo, apliquei um pequeno questionário cujas informações solicitadas se restringiam à idade, escolaridade e estado de origem. Duzentos e vinte trabalhadores responderam-no, o que me permitiu identificar que eles têm entre 29 e 47 anos e em média cinco anos de escolaridade. Oitenta e cinco por cento deles têm o estado de Goiás como origem, dez por cento são originários de São Paulo e cinco por cento do Mato Grosso do

Sul. Entre as principais cidades goianas de origem desses trabalhadores estão Anápolis, Goiânia, Goianésia, Santo Antônio do Descoberto e Pires do Rio. Os paulistas apontaram Presidente Epitácio e os sul-mato-grossenses a cidade de Cassilândia.

Esses dados foram coletados durante dois grandes eventos que ocorreram entre maio e junho de 2011, amplamente divulgados entre os brasileiros que vivem na Irlanda. Ambos tinham os torneios de futebol como atrações principais. As atrações secundárias foram shows de música sertaneja e pagode, além das barracas que vendiam comida brasileira, cerveja skol e guaraná antártica. Os torneios envolveram times de futebol formados principalmente pelos funcionários brasileiros dos frigoríficos. No primeiro evento, em Ballyjamesduff, no dia 01 de abril de 2011, entre os sete times participantes havia um formado por poloneses e outro por sul-africanos. Os outros cinco eram quase exclusivamente formados por brasileiros, à exceção de um que tinha um goleiro irlandês. Segundo os informantes, o frigorífico *Leaf Meats*, em Ballyjamesduff é a unidade que concentra maior número de trabalhadores de Cassilândia. O gerente do frigorífico Shaun Conaghan afirmou, no entanto, que ainda assim a maioria dos trabalhadores brasileiros da unidade são goianos. Considerando a atuação de agentes dos frigoríficos irlandeses em outros estados brasileiros, a predominância de goianos pode ser interpretada como resultado da significativa articulação realizada pelas redes emigratórias que ganharam força no estado. Além do mais, o sucesso dos goianos que emigraram para os Estados Unidos disseminou a crença de que emigrar é um investimento que vale a pena.

O segundo torneio aconteceu dia 05 de junho de 2011, em Gort, e segundo a Real Brazil, organizadora do evento, contou com a participação de cerca de mil pessoas. O evento em Gort chamou mais a atenção de brasileiros que vivem em Dublin, principalmente dos profissionais que trabalham com comunicação, especialmente os da Revista *News Brazil* e da rádio *Samba Boys*, que fizeram a cobertura jornalística do evento. Isso porque, na Irlanda, Gort tornou-se quase um sinônimo para brasileiros, e os destaques da presença brasileira no país aconteceram principalmente pela “invasão” em Gort bem como pelas relações comunitárias que se estruturaram na pequena cidade, como mostrei no segundo capítulo.



Torneio de Futebol, Gort, Galway (Junho de 2011). Foto: Reijane Pinheiro

A alardeada tolerância dos agentes da imigração em Gort também foi um motivo de atração dos brasileiros que vivem ilegalmente no país. Não há, como também já apresentei, muitas restrições para os ilegais, que inclusive podem abrir pequenos estabelecimentos comerciais. O PPS *number* (*personal public service number*), um registro necessário para que o trabalhador seja contratado, receba salários e matricule os filhos na escola, era fornecido com muita facilidade em Gort, a ponto de brasileiros de outras cidades se dirigirem em caravanas para “tirar o PPS”. Sem o registro, nenhum empregador contrata os imigrantes. O interessante é que todos os ilegais que conheci possuíam PPS, prova da falta de comunicação entre as agências do governo irlandês, como indicou John Goiano.

A história da emigração de trabalhadores goianos para a Irlanda, principalmente o início desse processo em Anápolis, está associada ao matadouro situado na avenida de mesmo nome na Vila Fabril. Antes de ser adquirido pelo grupo JBS, o frigorífico pertencia ao grupo Bordon. Fechado em 1997, desempregou muitos trabalhadores na cidade, uma mão-de-obra especializada no abate e desossa de carnes cuja preparação demanda treinamento específico e

consequentemente investimentos. Muitos dos trabalhadores desempregados foram contratados por frigoríficos irlandeses, como já apontamos anteriormente. Com a crise econômica que teve início em 2008 e o fechamento de frigoríficos e de outros postos de trabalho na Irlanda, alguns desses trabalhadores, de volta ao Brasil e à Anápolis, foram contratados pelo JBS Friboi. Segundo o departamento de recursos humanos da unidade de Anápolis, cerca de setenta por cento dos trabalhadores entre os trezentos do setor de abate e desossa, na ativa em janeiro de 2011, já trabalhou na Irlanda.

O nome JBS deriva das iniciais de José Batista Sobrinho. Natural de Alfenas, Minas Gerais, José Batista migrou para Anápolis na década de 1950. Em 1953 ele abriu um pequeno açougue na cidade e teve seu negócio de carne favorecido pela construção de Brasília, especialmente quando Juscelino Kubitschek isentou de impostos os fornecedores de alimentos para a capital em construção. No momento da restituição dos impostos, já no governo Jânio Quadro, José Batista optou pela expansão regional através da aquisição de abatedouros, cuja administração passou a dividir com os seis filhos. No final da década de 1980, quando José Batista deixou a direção do grupo, seus filhos deram continuidade à prática de aquisições, o que permitiu ao grupo se tornar o líder mundial do setor de frigoríficos, como sintetiza a reportagem da revista Exame, de 20 de março de 2008, com o significativo título de “A Saga global dos caubóis de Anápolis”:

O empresário goiano Joesley Batista, presidente do frigorífico JBS-Friboi, foge do estereótipo de qualquer CEO de multinacional. Aos 35 anos, não tem curso superior nem especialização em gestão de empresas. Joesley abandonou a escola durante o Ensino Médio e o maior destaque de seu currículo acadêmico é um curso de inglês. O jeito retraído e as frases pontuadas pelo forte sotaque goiano, muitas vezes, passam uma imagem de ingenuidade. Mas a maneira com que vem conduzindo os negócios do JBS-Friboi, porém, revela uma surpreendente agressividade. Ao assumir, no fim de 2006, o comando da empresa fundada em 1953 pelo pai, José Batista Sobrinho, Joesley deu início ao que seria o grande salto do JBS-Friboi rumo à globalização. Em maio do ano passado, Joesley arquitetou a oferta pública de ações da companhia e, logo em seguida, comprou a americana Swift, por 1,4 bilhão de dólares. A aquisição surpreendeu investidores. De uma só vez, ele desbancou as gigantes americanas do setor, Tyson Foods e Cargill, e tornou o Friboi a maior empresa de carne bovina do mundo. Há três semanas, Joesley deu outro passo para a expansão internacional e mais uma vez surpreendeu o mercado. Arrematou, por 1,7 bilhão de dólares, mais três frigoríficos: o australiano Tasman e os americanos National Beef e Smithfield Beef. Com as aquisições, a receita do Friboi chegou à casa dos 21 bilhões de dólares, o que o colocaria na terceira posição entre as maiores empresas brasileiras no ranking relativo a 2006 feito por Melhores e Maiores, de EXAME. "O Joesley é muito ambicioso. Quer ganhar cada vez mais escala e, claro, dinheiro", afirma um empresário do setor de carnes.

O sucesso do JBS no mercado internacional foi atribuído pelo atual presidente a um “jeito frog de administrar” (*from* Goiás), que teria como característica principal o acompanhamento pessoal de todas as atividades administrativas, abolindo os relatórios informais e as consultorias. Esse jeito frog poderia ser interpretado como a goianidade levada ao mundo dos negócios e sintetizado no acompanhamento pessoal de todo o processo de produção. O sujeito apresentado pela reportagem como *cowboy* é também um vencedor. Não performatiza, no entanto, o tipo *businessman*; sua postura e imagem lembram sempre sua origem, além da opção de conduzir os negócios de uma forma que define como de um “jeito goiano”, cujo aspecto principal seria a informalidade. Esse *self made man* é um tipo valorizado na região, um vencedor, que tem a coragem inerente aos sertanejos de ousar até ter se tornando o maior, a partir de esforços próprios. Ao definir seu jeito de administrar como *from* Goiás, o *cowboy* vencedor Joesley mostra que é possível transitar no mundo impessoal e competitivo dos negócios sem performatizar o executivo engravatado. Além de ser facilmente identificado como goiano, pelo sotaque ou pelo uso constante do chapéu de abas largas, Joesley faz questão de associar o sucesso do grupo que preside à sua identidade cultural.

Essa valorização ao homem que vence por esforços próprios e não abandona “suas raízes” é comum a muitas personalidades goianas que se destacam nacionalmente, a exemplo de Íris Rezende Machado, ex-governador do estado e ex-ministro da agricultura. Íris ganhou fama nacional nos anos 1980 pela construção de mil casas em um dia, através do sistema de mutirão, prática tradicional de trabalho comunitário muito comum em Goiás e em cidades do interior do Brasil. A mensagem de Rezende, em síntese, era a de que havia um jeito “goiano” de resolver o problema da moradia, qual seja o mutirão, cujo espírito é o laço comunitário e a parceria entre parentes, amigos e vizinhos. As duplas de música sertaneja de Goiás também se colocam no cenário nacional reforçando o pertencimento regional. Leonardo, que fazia dupla com o irmão Leandro, sempre que se apresenta em programas de televisão faz várias referências à sua goianidade, através de gestos, sotaques e causos dos tempos em que vivia na cidade de Goianópolis, onde trabalhava como plantador de tomates.

A origem humilde reforça o valor desses sujeitos “vencedores” e é por eles alardeada como uma referência de autenticidade e originalidade, elementos

colocados em jogo na defesa dos traços identitários que os caracterizam. Os trabalhadores goianos que emigraram para a Irlanda também assumem a postura do goiano que pretende se tornar um vencedor por méritos próprios. Na verdade, assim como o frigorífico que nasceu em Anápolis se destacou pelas habilidades de seu fundador e filhos em administrar e investir, os trabalhadores que deixaram Anápolis com destino aos frigoríficos irlandeses também se destacaram na lida com a estafante atividade de matar e descarnar bois no exterior.

Ao tomar conhecimento que as migrações desses trabalhadores estavam encadeadas pelo fechamento do frigorífico e desemprego da mão-de-obra especializada, acreditei que seria fundamental entender o trabalho de abate e desossa, especialidade que abriu as portas do mercado de trabalho irlandês para esses trabalhadores. Para conhecer o frigorífico JBS de Anápolis recorri ao gerente de marketing da empresa, por orientação dos recepcionistas. Após várias tentativas consegui agendar a conversa e obter a autorização para conhecer “a fábrica” no dia 03 de fevereiro de 2011.

5.1

A etnografia entre sangue e vísceras e a antropóloga “fora do lugar”

Naquele dia cheguei ao frigorífico às sete horas da manhã, seguindo orientações do gerente de marketing. Procurei o encarregado pelo setor de produção e ele me apresentou André, o responsável pela segurança e meio ambiente que me acompanharia durante a visita. Ressaltou a importância da observação das normas de segurança e da proibição de filmagens e fotografias nas dependências do estabelecimento. Ao perguntar se poderia levar meu caderno de anotações, eles autorizaram desde que eu deixasse minha caneta pessoal e usasse uma que me foi fornecida, o que interpretei como uma precaução contra as canetas utilizadas para filmagem. Pediram também que eu retirasse alianças, anéis e brincos. Forneceram-me botas, calças, camisa, touca e o capacete.



Frigorífico JBS (Friboi) Unidade Anápolis – Vila Fabril. Foto: Reijane Pinheiro

Começamos a visita pelos currais, ligados ao interior da fábrica por um corredor, semelhantes aos bretes utilizados nas arenas de rodeio. Nos currais o gado “descansa”, segundo o funcionário que me acompanhava, para se livrar do stress da viagem. São currais separados onde ficam os bois que foram adquiridos no mesmo lote. Em virtude do calor constante há chuveiros para refrescar, contribuindo para que os animais se acalmem e as descargas de adrenalina não prejudiquem a carne. Os currais são lavados constantemente como uma das muitas formas de evitar contaminação. É possível caminhar sobre os currais através de uma estrutura de ferro vazada, o que permite que o gado seja cuidadosamente observado antes do abate.

O “corredor da morte”, definição dada pelos próprios funcionários, é o lugar onde o gado é conduzido para o abate. Foi possível perceber que eles se amontoam e resistem em seguir, virando o pescoço e impondo seu peso sobre os que os antecedem. Essa resistência é quebrada pelos choques que, segundo André, também contribuem para acalmá-los. Depois do choque o animal chega até o último compartimento do corredor, onde recebe uma injeção de ar na testa. A injeção faz

com que o animal desmaie antes de ser sangrado. A rapidez do processo segue a lógica das linhas de produção, e impressiona por se tratar de animais enormes que são manuseados com muita eficiência. Ao receber a injeção de ar na testa, o animal cai imediatamente em um compartimento localizado abaixo do corredor, de onde é içado por uma corrente, chamada de peia, presa em uma de suas patas. Percebi que esses animais se debatem muito depois de presos. O meu “guia” disse que são reflexos musculares, pois após a injeção ele morreria imediatamente. Pesquisas posteriores permitiram-me descobrir que a injeção de ar não mata, apenas faz com que o animal fique inconsciente pra evitar “que sinta dor” durante o abate. Quando questionei sobre os efeitos da injeção de ar, o encarregado me disse que “antes era muito pior, pois os bois eram atordoados por marretadas”. Na sequência e com muita velocidade os animais seguem pendurados na direção da linha de sangria, quando têm sua veia jugular cortada. A posição de cabeça pra baixo favorece a saída do sangue, que é recolhido e encaminhado para aproveitamento. Como definiu meu informante, Sr. Longuinho: “Do boi, a gente só não aproveita o berro”.

André ressaltava sempre os cuidados com a segurança e higiene. Fez referência ao baixo número de acidentes e à necessidade de se lavar as botas sempre que ocorrer mudança de sala. Um informante, ex-funcionário do abate, no entanto, afirmou que são comuns os acidentes com os animais no momento da matança. Disse já ter visto muita gente sair desacordada por ter levado coices depois da injeção de ar, em decorrência de erros na hora do processo de atordoamento. Se o animal não for atingido no local exato, o processo não funciona adequadamente e ele se mantém sensível e reagindo. Ao considerar a rapidez com que o encarregado aplica a pistola de ar na testa do animal, é possível perceber o quando é difícil atingir o local indicado, dada a resistência e movimentação constante do gado. No momento em que o boi cai, no outro compartimento o funcionário tem apenas um minuto para içá-lo, o que, apesar da mecanização, exige força, reflexo e rigorosa atenção.

Depois do abate o animal segue para a esfola, que consiste na retirada do couro, dos cascos e da cabeça. A retirada do couro é sempre atribuída a um faqueiro “mais experiente e habilidoso”, segundo um informante. Exige-se dele precisão na hora dos cortes para que todo o couro seja aproveitado, uma vez que se constitui mercadoria valiosa a ser vendida para fábricas de móveis, de calçados ou

mesmo nos curtumes do frigorífico. Depois da esfola ocorre a “despança ou evisceração”, considerada pelos funcionários com os quais conversei como a mais difícil, “a seção mais suja”, pois é o momento da retirada dos órgãos do sistema digestivo, o vulgarmente chamado “bucho”. Na sequência a carcaça é serrada e são separadas as partes traseiras e dianteiras. Elas são pesadas e lavadas. Passam por um corredor, chamado de “corredor do boi quente” e são encaminhadas para a refrigeração. A desossa só pode ocorrer um dia após o abate e de acordo com as demandas do mercado. A área da planta frigorífica onde ocorre a matança, sangria, esfola, despança e serragem é chamada de área suja e quente. Na linha da desossa ocorre basicamente a separação das peças de carne, inspeção e a embalagem. Essa área da planta é chamada de área fria; nela trabalham homens e mulheres, ao contrário da área quente onde só há homens.

A observação da desossa fez-me perceber que o manuseio da faca impõe sérios riscos aos trabalhadores que estão dispostos uns ao lado dos outros. Alguns usam aventais de aço e, segundo André, todos estariam usando as luvas de aço por baixo das luvas amarelas de plástico. Percebi, no entanto, que alguns trabalhadores estavam sem qualquer proteção nas mãos e ao movimentarem a faca aproximavam-na, com frequência, dos braços do companheiro ou companheira de linha. A desossa é feita com o apoio de um gancho, utilizado para puxar a carne a ser cortada. A faca precisa ser afiada constantemente. Para isso há um objeto preso à cintura do trabalhador chamado de shaira, ao qual ele recorre para amolar o corte. Há, portanto, um sobe e desce de facas que só é interrompido eventualmente, como no momento da nossa passagem. A velocidade imposta pela esteira obriga a padronização de movimentos que se repetem exaustivamente. Não há, como é próprio das estruturas fordistas/tayloristas de produção, nenhum intervalo para descanso dos braços, mãos e coluna.

A discussão em torno das formas de abate de animais para o consumo humano é extensa e envolve diretamente as entidades de defesa dos animais, a indústria de produção frigorífica e os organismos institucionais de regulamentação, cuja função é observar se a legislação referente à higiene, ao abate humanitário e a qualidade da carne estão sendo cumpridas. A designação abate humanitário⁴⁹ aparece na instrução normativa número três, do Ministério da Agricultura - publicada

⁴⁹ Brasil (2000).

em janeiro de 2000 - e diz respeito aos procedimentos que devem ser adotados em todo o percurso dos animais, até a sangria e morte, de forma a evitar sofrimentos desnecessários, lesões, fraturas e viagens estafantes. Orienta que a sangria, a morte efetiva, deve ocorrer até um minuto depois da sensibilização.

A designação “humanitário” para o abate é semanticamente paradoxal e envolve uma longa discussão já empreendida no âmbito da teoria antropológica, como observa Dias (2009). Por parte dos ativistas dos direitos dos animais, como a PETA (*people for the ethical treatments for animals*), há inúmeras críticas ao manejo dos animais, às condições em que são transportados e à falta de observação das orientações por parte dos frigoríficos. Os ataques mais duros, no entanto, são direcionados ao abate halal que segue as leis islâmica e judaica. Nessa forma o animal deve ser degolado sem nenhuma sensibilização. No caso do abate destinado ao consumo de islâmicos deve haver um ritual específico e só pode ser realizado por um muçulmano praticante. Há os que defendem que a morte por degola é menos dolorida, por ser mais rápida, outros afirmam que é sem dúvida a mais cruel das formas. Os vegetarianos radicais ou vegans, aqueles que não comem e não usam nada de origem animal, as condenam igualmente. Convém ressaltar que os métodos descritos são utilizados nos grandes matadouros. Nas plantas de médio porte ainda há a utilização do martelo que é usado para fraturar o crânio do animal. Nos matadouros clandestinos, como é possível pressupor, nenhum dos critérios denominados “humanitários”⁵⁰ é utilizado.

A rápida e despreziosa descrição apresentada faz-se necessária neste trabalho para tornar mais claro o tipo de atividade exercida pelos goianos nos frigoríficos irlandeses. Atividade essa que abriu as portas para o fluxo de imigrantes que é objeto dessa pesquisa. Visitar um lugar de matança, por outro lado, motivou-me a buscar informações técnicas sobre o universo do trabalho nos frigoríficos e, conseqüentemente, colocou-me diante das discussões sobre o dilema ético de criar animais para o consumo, tema cuja complexidade inviabiliza uma abordagem adequada nesse espaço da tese. Trabalhar no frigorífico é “como um trabalho qualquer”, definiu um dos informantes, ao ser questionado sobre como é trabalhar em meio a pedaços de carne e sangue:

⁵⁰ Ver: Dias (2009); Vialles (1987).

O cheiro incomoda, mas depois a gente acostuma. Quando eu chegava em casa depois do trabalho, minhas filhas sentiam de longe o cheiro. Pediam pra eu tomar banho logo, mas eu mesmo não sentia nada. O pior é a bucharia. O mau cheiro e a lida com bucho é muito ruim, mas também a gente acostuma. Quando não tinha muita fiscalização, nós fazíamos até churrasco lá dentro. Um amigo da desossa jogava um pedaço de carne, a gente escondia e depois assava no exaustor. Olha, era a melhor carne que eu comi na minha vida.

Entrar no frigorífico e caminhar sobre pisos cobertos de sangue, em um ambiente tomado por um cheiro indescritível, além do desconforto físico, controlado pelos compromissos com a etnografia, fez-me experimentar o estranhamento no sentido antropológico da palavra. Impossível não levantar questionamentos sobre o impacto de alguns ofícios sobre a subjetividade dos indivíduos, além de questões objetivas, como a insalubridade do cotidiano nas câmaras frias e as possibilidades de acidentes, que surgem de imediato para quem visita o ambiente. Os informantes que trabalharam ou trabalham nos frigoríficos, tanto na Irlanda como no Brasil, apresentaram queixas específicas em relação ao frio e a doenças adquiridas. Em Anápolis, mais especificamente na Vila Fabril, recebi a informação de que um trabalhador foi mutilado em um frigorífico irlandês, acidente de trabalho que o fez perder dedos. Na Irlanda conheci um trabalhador que teve um corte profundo no braço direito com lesionamento de nervos, obrigando-o a permanecer “encostado” por quase um ano, além de outros com lesões na coluna ou pescoço.

O funcionário que me acompanhou durante a visita ao JBS de Anápolis insistia em chamar a atenção para a observação da segurança e higiene, mostrando como todo o processo ocorria dentro da regulamentação, fazendo com que sangue, vísceras, gorduras e carne fossem colocados nos seus devidos lugares. Da mesma forma a morte estaria sendo conduzida de forma “humanizada”, como um ritual que a livrasse das dores ou de outras conotações negativas. Além das tentativas de disfarçar os incômodos que o sangue e os cheiros me causavam, os olhares curiosos dos trabalhadores lembravam-me sempre que a minha presença era a única coisa “fora do lugar” no frigorífico, no sentido proposto por Mary Douglas (1991).

Como todas as unidades do JBS do Brasil, a planta de Anápolis está sendo estruturada para a exportação e para o abate halal. Entre os trabalhadores que entrevistei fora da fábrica esta é a novidade mais comentada. Para alguns, como seu

Joaquim Tavares, a expansão vai atingir mais do que a forma de trabalhar. Além de faqueiro, ele é um dos moradores de um terreno comprado pelo frigorífico para a expansão. Quando o visitei pela primeira vez, sua esposa Aparecida disse-me que logo teriam que se mudar, “pois a casa vai ser derrubada, mas em reunião com o presidente do JBS, ele falou pra gente escolher uma casa do mesmo jeito dessa, que eles vão comprar pra gente”. Sr. Joaquim trabalhou onze anos na Irlanda e hoje está de volta à Anápolis e ao frigorífico. Durante a visita pude constatar a grande habilidade que ele adquiriu na retirada do couro, além de imaginar quão estafante deve ser permanecer horas com os braços levantados, completamente concentrado nos movimentos com a faca.

5.2

“Boi na terra alheia é bezerro”: sonhos, decepções e transformações na vida dos trabalhadores brasileiros na Irlanda

Os frigoríficos da Irlanda utilizam as orientações da União Europeia, as mesmas utilizadas no Brasil, quanto ao rigor na observação dos critérios de abate, higiene e fiscalização para se exportar carne para o continente europeu. Os trabalhadores que estiveram na Irlanda foram unânimes em afirmar que todo o processo nas linhas de abate e desossa é praticamente igual, mas há algumas pequenas diferenças, como por exemplo a indicada por um informante, que trabalha na matança do *Kepak* de Kilbeggan: “os bois recebem uma venda nos olhos antes de morrer, para ele não ver o matador”. O rigor dos irlandeses com os equipamentos de segurança é um outro diferencial; em hipótese nenhuma, segundo Batoré, 40, os encarregados permitem que os trabalhadores deixem de usar os equipamentos de segurança: “O avental de proteção é feito de um material pesado que provoca dores nas costas. Às vezes a gente quer tirar um pouquinho porque não aguenta mais de dor. O encarregado não deixa de jeito nenhum”. Alguns trabalhadores, no entanto, apontavam um ponto favorável ao “sistema brasileiro”, de acordo com Carlinhos Paraíba, 29: “Os bois na Irlanda não são lavados nem antes e nem depois do abate. No Brasil eles colocam um chuveirinho nos currais, aqui não. Aqui à vezes eles colocam música para os bois ouvirem antes de morrer, para ele

morrer calmo e feliz” (risos). Outro exemplo é o capacete para quem trabalha na matança, equipamento não obrigatório no Brasil, mas que segundo o goiano Bréu, de 60 anos, salvou sua vida quando um boi caiu na sua cabeça, no frigorífico *Sean Duffys Meats´s*, onde ele trabalhou por seis anos.

Bréu aprendeu o trabalho de frigorífico na Irlanda e começou na matança, tornando-se, segundo alguns colegas, “o melhor trabalhador da área de frigorífico no país”. Ao falar sobre a adaptação inicial disse que as principais dificuldades eram a comida e a língua. Quando ele chegou, antes da “invasão brasileira”:

Não havia nenhuma loja ou mercado que vendia uma comida parecida com a nossa. Depois que uma moça goiana que passou a trabalhar em um “sacolão”, dizia pra dona, que era irlandesa, de que comidas a gente gostava, ele passou a comprar pra vender pra gente. Agora não falta nada, tem arroz, feijão, pequi e até jiló. Às vezes eu esqueço que tô fora do Brasil.

Segundo um dos informantes, os primeiros trabalhadores também passaram muita fome:

A mulher dona da casa no começo era responsável pela alimentação. Ela dava sucrilho pra gente comer. Vê se sucrilho enche barriga de peão? Até as lojas brasileiras chegarem aqui muita gente emagreceu, pois trabalhava duro e à custa de cereal, de manhã de tarde e de noite. Eu passei fome demais, até que resolvemos reclamar com o tradutor e ele arrumou uma comida melhor pra gente. Ela também não deixava a gente tomar banho não. Eles aqui economiza água. Quando eu cheguei aqui eu emagreci e meu cabelo caiu por causa da água. Passei fome.

Para Bréu, comer a comida goiana faz com que por momentos ele esqueça que vive fora, o que demonstra a importância dos hábitos alimentares cotidianos no processo de adaptação dos indivíduos à vida como imigrante. “Agora a gente come normal, tem arroz, feijão, as verduras que a gente gosta, tem tudo aí nas lojas brasileiras e até nas irlandesas”. As dificuldades com a comida são enfatizadas pelos trabalhadores no processo de adaptação inicial, e inevitavelmente, ao falarem de suas experiências, eles ressaltam a falta que faziam o arroz e o feijão, a comida normal, segundo Bréu. O conjunto de elementos que compõe o quadro de estranhamento dos que chegam, além da alimentação e moradia, também engloba o clima e a língua. Alguns desses trabalhadores, já de volta ao Brasil, utilizam metáforas ao narrar sua experiência, a exemplo de Sr. Joaquim, citado anteriormente, para quem a vida na Irlanda pode ser comparada a uma prisão:

Eu me sentia preso. Sensação de falta de liberdade. Eu nunca me acostumei com aquele frio, por isso eu quase não saía de casa. Não tinha divertimento. Era do trabalho pra casa. Não sou de conversar muito e sem falar a língua então me sentia mais sozinho do que tudo. Uma prisão, a Irlanda me fez sentir em uma prisão. A gente tinha de tudo: casa boa, TV boa, ganhava bem, porque eu tenho estampa de trabalho que vale até 2014. Se eu quiser posso voltar a qualquer hora. Mas não adianta ter tudo e não ter liberdade.

A esposa do Sr. Joaquim, Aparecida, mostrou-me várias fotografias da época em que a família morou na Irlanda. Ainda estavam no país o irmão de Joaquim, a enteada e o enteado. As fotografias guardavam, segundo ela, lembranças de um tempo bom, mas difícil. A casa em que eles moraram mereceu uma foto exclusiva, mostrada com muito orgulho. No Brasil, segundo ela, “nenhum trabalhador de frigorífico tem condições de morar em uma casa como essa”. Aparecida disse também ter se sentido presa, nem tanto pelo frio, mas pelas dificuldades de comunicação, o que a impedia de fazer amizades e formar um grupo de vizinhança como ela tem em Anápolis:

Minha filha Meire fala inglês muito bem, ela é tradutora, trabalhou até para o governo. Então ela era a nossa fala lá. Às vezes a mulher do dono do frigorífico vinha nos visitar, sempre sorrindo. Eu gosto de conversar, ficava com muita vontade de conversar com ela, mas não conseguia. Isso era muito ruim, eu ficava triste e envergonhada. A gente volta de certa forma a ser criança, pois se você vai ao médico, precisa de alguém, para ir na imigração precisa de alguém. Como o Joaquim falou, vira uma prisão mesmo.

Comparar a vida de imigrante com a prisão, apesar da companhia da família e da condição de legalidade, sugere que as condições necessárias à adaptação de alguns indivíduos no exterior são, em um grau muito significativo, associadas ao meio ambiente. Ao enfatizar que o frio o fazia se sentir preso, Sr. Joaquim demonstrou que as condições climáticas se constituem, para alguns, barreiras que impedem a socialização, uma vez que o isolamento social também não permite o aprendizado da língua. Há nessa interpretação uma leitura que vincula as relações sociais com as determinantes ambientais, uma perspectiva holista pragmaticamente apresentada na constatação de que a intensidade do frio o prendia, impedindo a interação social. As relações sociais, que na pequena Vila Fabril são mediadas pelo ir e vir na casa dos vizinhos, amigos e parentes, foram substituídas pelo isolamento, pela impossibilidade de “sair” de casa, condição imposta pela hostilidade do clima que desorganiza as referências sociais dos sujeitos envolvidos. Sr. Joaquim, apesar

de possuir um documento desejado por muitos imigrantes, a autorização de trabalho, diz que não pensa em voltar:

Vou viver aqui mesmo no meu lugar. Fiquei esses onze anos fora, foi bom, mas o sofrimento foi grande, só volto mesmo se ficar sem emprego. Agora tô no frigorífico aqui de novo. Graças a Deus desde que eu cheguei não me faltou trabalho. Na Irlanda também deixei as portas abertas, mas não quero voltar mais não. Aqui na minha casa sou livre, né?

Aparecida disse sentir falta de alguns confortos que tinha na Irlanda, e afirma que a experiência de imigrante a fez mudar a forma de ver o mundo:

A gente vê que o mundo é muito maior do que a gente pensa, as pessoas são diferentes e eu tenho orgulho de ter vivido lá fora, tenho orgulho da minha filha que trabalha como tradutora, dos meus netos que moraram lá e falam inglês. Se eu falar para você que voltei pior eu estaria mentindo. Eu voltei melhor, sabendo mais das coisas do mundo. Mas aqui eu posso ser eu mesma, tenho meus amigos que falam como eu. Tenho segurança. Mas voltando a gente vê muitas coisas que podia ser diferente no país e no jeito das pessoas. O brasileiro é muito desonesto. Já o irlandês tem uma palavra só. O governo aqui também não ajuda, não dá exemplo. As escolas são ruins. Eu precisei sair para ver que as coisas podem ser diferentes.

Aparecida, ao avaliar sua experiência na Irlanda, considera aspectos distintos dos apresentados pelo marido. Para ela o que marcou foi o aprendizado sobre “outros mundos” e suas diferenças, que são hoje base para as críticas que faz ao governo brasileiro e à educação oferecida às crianças na escola. A vida como imigrante, apesar das limitações, foi uma possibilidade de “voltar melhor”, “sabendo mais das coisas do mundo” o que possibilita também uma postura mais crítica diante da realidade nacional.

Os brasileiros contratados, a princípio foram alojados em casas alugadas pelos frigoríficos ou pelos intermediários nas contratações. Todos esses “alojamentos coletivos” receberam um apelido dado pelos trabalhadores. A casa de Clonee, que fica na unidade do *Kepak* que recebeu os primeiros trabalhadores, passou a ser chamada de Castelo, nome que se justifica pelo fato desse alojamento ter sido um antigo mosteiro católico e por ser feito de pedras. Eduardo Vilela de Souza, 37, ex-funcionário do *Kepak*, relatou que nos primeiros anos o castelo chegou a alojar 60 trabalhadores. As condições precárias em que viviam foram denunciadas pelo CABI, mas em Anápolis a notícia que os brasileiros que foram para a Irlanda estavam morando em um “Castelo” gerou mais curiosidade e

expectativa, segundo Eduardo: “No Brasil o povo ouvia falar que os brasileiros viviam bem demais aqui, moravam em um castelo chique, etc, sem saber que a maioria vivia amontoada e passava frio, além da comida que sempre foi um problema no começo”.

Em Kilbeggan eles foram alojados em duas casas, uma delas apelidada pelos brasileiros de *Big Brother*, uma vez que o frigorífico controlava tudo o que acontecia na residência, e a outra de Papuda, referência a um presídio de Brasília. Aos trabalhadores não era permitido fazer reuniões festivas, churrascos e nem ouvir som alto. Também era proibido trazer e abrigar familiares, mesmo esposas e filhos. Alguns trabalhadores, vislumbrando uma permanência maior no país, trouxeram suas mulheres, algumas das quais passaram a morar na casa de Kilbeggan, escondendo-se nos momentos em que encarregados do frigorífico vistoriavam o lugar. O controle nas casas alugadas para alojamento não funcionou a contento dos encarregados; muitas eram as formas de quebrar as regras:

Depois de quatro anos eles tiraram os brasileiros e colocaram em casas. O frigorífico construiu um condomínio. A empresa dominava até na casa da gente. A encarregada chegava a chamar a gente no escritório pra falar de problemas pessoais, do nosso comportamento, da vida na nossa casa. Depois que nós descobrimos que nós éramos livres aí nós fomos cuidar da nossa vida. Demoramos a descobrir que era livre, uns dois anos. A gente foi sabendo dos nossos direitos. A casa era da empresa, que alugava pra gente e queriam mandar. Não podíamos levar amigos do Brasil, não podia fazer festas na casa da empresa, mas a gente fazia assim mesmo (Eduardo).

Como a maioria dos trabalhadores não fala inglês, a comunicação com os patrões e vizinhos se dá a partir de um vocabulário mínimo, composto de palavras-chave como *work, salary, day off, rest, thank's, please, over time*, entre outras, além de adaptações como a apresentada no relato do ex-imigrante Antônio, 35, que nos disse ter presenciado o patrão “fockando” um brasileiro. Ao pedir que explicasse o termo ele fez referência ao *fuck you*, que os irlandeses usavam quando estavam irritados ou queriam ofender alguém. Os momentos de lazer que acontecem principalmente nos torneios de verão ou *brazilian days* são incentivados e apoiados financeiramente pelo frigorífico. Como exemplo, Eduardo cita a formação de times de futebol, cujos uniformes são patrocinados pelas empresas. “O frigorífico também aluga o ônibus para levar a gente para jogar”. Ao ser questionado sobre se nesses havia interação entre imigrantes e nacionais irlandeses ele respondeu que “os irlandeses não gostam do nosso futebol, só daquele jogo com pedaço de pau e de

dá trombada um no outro”. Eduardo também afirmava que “os irlandeses não se misturavam, na hora do divertimento era cada um no seu grupo”.

Toda essa estrutura de recepção aos trabalhadores contratados proporciona, apesar das tentativas de controle e da precariedade, a mínima estabilidade e segurança aos imigrantes legais que pela primeira vez saíam do país, ao contrário dos ilegais, que segundo eles próprios “foram para a Irlanda com a cara e a coragem”. A presença brasileira, segundo Eduardo, causou um impacto muito significativo na produção dos frigoríficos, que também contavam com o trabalho de imigrantes poloneses e de outros países do leste europeu. Após viver cinco anos na Irlanda, ele afirma ter hoje “uma visão” mais clara do mundo e se mostra muito crítico em relação aos colegas irlandeses.

Quando nós fomos pra lá, eles (os irlandeses que trabalhavam no frigorífico Kepak) desossavam 200 peças por dia. Depois que os brasileiros foram, passaram a desossar 800 a 1.000 por dia. O serviço de três irlandês passou a ser feito por um brasileiro. Eles mesmos se falasse pra trabalhar no sábado, era o mesmo que chamar pra briga. Só nós fazíamos hora-extra, nós e o poloneses. Eles são protegidos pelos sindicatos.

Demitido em 2008, ele retornou ao Brasil junto com outros trabalhadores, mas em função das habilidades de comunicação e contatos, foi contratado pela empresa Apoio Internacional que atua simultaneamente em Goiânia e na Irlanda, com sede em Tullamore, para onde Eduardo voltou em 2010. Em 2011, Eduardo deixou Tullamore e voltou para Dublin, onde conseguiu trabalho em uma fábrica. Nas conversas sobre suas experiências na Irlanda, o informante nos conta que conheceu sua companheira naquele país. Quando os dois retornaram ao Brasil o relacionamento foi abalado pelo fato de que nenhum se dispunha a morar na cidade de origem do companheiro. Ele afirma que assim como ela não gostou de Anápolis, GO, ele também jamais moraria em Presidente Epitácio, SP, (cidade natal da sua companheira) e que o relacionamento dos dois só teria continuidade na Irlanda.

Em Anápolis ouvi também, de ex-imigrantes, que os irlandeses desfrutavam de privilégios e proteção não estendidos aos outros trabalhadores. Aguinaldo Aires, 36, trabalhou no frigorífico Kepak, na sala de abate, entre 1999 e 2005. Para ele a desconfiança com que eles eram tratados se traduzia, entre outras atitudes, em revistas diárias quando se encerrava o turno de trabalho. No começo diz ter aceitado, mas ao perceber que os irlandeses não eram revistados, resolveu

questionar e se dirigiu ao encarregado exigindo que “ou faz a revista em todos, ou não vão nos revistar mais”. Segundo ele, os patrões sabem que jamais um trabalhador irlandês aceitaria tal humilhação e por isso deixaram de fazer as revistas. Ele afirmou ainda que os irlandeses sabem os seus direitos, “pois os sindicatos de lá são fortes e o governo respeita”.

A falta de disposição para o trabalho por parte dos colegas irlandeses, com os quais os brasileiros dividiram e dividem espaço nas linhas de produção, é o aspecto mais ressaltado por todos os trabalhadores que entrevistei. O contrário não se confirma, uma vez que a alardeada disposição dos brasileiros para o trabalho, no contexto em questão, transformou-os em “escolhas preferenciais” por parte dos irlandeses que contratavam esses trabalhadores, em função também da alta qualificação no corte de carnes. Segundo Shaun Conaghan, supervisor do frigorífico *Liffey Meats*, da cidade de Ballyjamesduff (Condado de Cavan), “os brasileiros têm um talento natural para o trabalho com o corte de carnes”. Shaun afirmou ainda que os brasileiros são muito dedicados e organizados no trabalho e que a maior dificuldade é o fato de que a maioria não fala inglês, problema que não impede que desempenhem bem suas funções, mas dificulta as negociações mais diretas, principalmente relativas às horas de trabalho. Ainda segundo Shaun, não há, no frigorífico que ele supervisiona, diferenças de tratamento entre os nacionais e os imigrantes. Para Aguinaldo, no entanto, as diferenças são gritantes e também se manifestavam no comportamento dos colegas irlandeses:

Era mais puxado pros brasileiros. Eles não têm interesse em trabalhar no país deles como nós. Mal tratados nós não era, a gente não sofreu porque nós estava com contrato e podia ter processo contra o frigorífico, mas vi muitos colegas sendo prejudicado, trabalhando sem descanso.

5.2.1

Os sindicatos, os preguiçosos e os *Hard Workers*

Entre os trabalhadores dos frigoríficos com os quais convivi, muitos consideram que para irlandeses e imigrantes de outras nacionalidades o tratamento dispensando é muito diferente. Alguns atribuem esse fato ao poder de mobilização dos sindicatos irlandeses. Valdeli Ferreira, 36, era vendedor de calçados em

Anápolis quando foi contratado pelo Kepak em 2000. Trabalhou por três anos consecutivos na câmara fria do frigorífico e afirmou que a temperatura no local de trabalho fê-lo adoecer inúmeras vezes. Considera que a experiência foi importante mas muito pesada, “principalmente por causa do frio da Irlanda e da saudade da família”. Voltou para Anápolis em 2003 e investiu boa parte do dinheiro que conseguiu poupar na empresa Avestruz Máster⁵¹, onde perdeu todo o investimento. Valdeli considera que valeu a pena, apesar do sofrimento, mas não voltaria: “viver de novo lá, acho que não vou, mas foi bom ter ido”. Ele afirma que evitava licenças médicas, pois sabe que elas não são bem vistas pelos empresários no Brasil e na Irlanda não seria diferente, apesar dos sindicatos assegurarem todos os direitos dos trabalhadores. Wesley, 31, trabalhou ilegalmente na Irlanda por dois anos e oito meses, principalmente na área de construção civil, onde dividia espaço com outros brasileiros, poloneses e irlandeses. Ao falar sobre as relações com os nacionais afirmou: “não tem ninguém mais preguiçoso que irlandês não”. Imediatamente se viu na obrigação de ponderar: “não é que eu queira acabar com o povo de lá, mas o governo ajuda muito, lá não pode ter mendigo, os brasileiros trabalhavam demais, não dá pra comparar com os irlandeses não. Eles têm a proteção do governo, dos sindicatos. É outra coisa”.

As interpretações de que os irlandeses “têm os sindicatos” e por isso seriam mais resistentes a fazer hora-extra ou a aceitar situações consideradas desrespeitosas encontra respaldo no fato de que os sindicatos irlandeses exerceram um papel fundamental nas relações trabalhistas do país e no processo que levou a Irlanda a se tornar uma referência de sucesso econômico nos últimos trinta anos. Os analistas se referem a esse grande acordo que envolveu governo, empresários e trabalhadores como parceria social. As multas que o governo aplica para o descumprimento das leis trabalhistas são muito altas. Sem dúvida os grandes investimentos em educação permitiram aos cidadãos o acesso às informações relativas aos seus direitos. O que aos olhos dos trabalhadores brasileiros é interpretado como “preguiça”, “privilégio”, para os irlandeses é direito.

Os irlandeses ficavam encabulados com os brasileiros trabalhando. Nós fazíamos de oito a dez horas por dia. O irlandês trabalha mais ou menos umas três horas e o

⁵¹ Empresa comandada pelo empresário Jerson Maciel, formada na estrutura de pirâmide financeira e que fechou as portas em 2004, lesando milhares de investidores.

resto do dia ele anda, fuma e toma café. Eles faltam muito no trabalho. E a gente ficava o dia todo, tira só uns quinze minutos pra descansar.

Há outro aspecto importante a ser considerado ao constatarmos as diferenças com que os trabalhadores irlandeses e brasileiros veem os sindicatos: a maioria dos trabalhadores que foram para a Irlanda nunca participou de organizações sindicais ou movimentos grevistas, pouco comuns na iniciativa privada goiana, principalmente no interior de Goiás. Não há, no estado, uma tradição sindical, à exceção da dos trabalhadores do setor público, principalmente professores, que protagonizaram várias manifestações e greves entre a década de 1980 e 1990, quando o país enfrentava as crises inflacionárias e as perdas impostas pelos planos econômicos. Os poucos anos de escolaridade desses trabalhadores foram cursados no período de transição da ditadura para a democracia, no início da década de 1980, quando as escolas cumpriam programas de ensino controlados pelo governo ditatorial, que desestimulava a organização de movimentos sociais, frequentemente associados à baderna e desordem. Esses trabalhadores carregam representações que associam negativamente os sindicatos a riscos, confusão e possibilidade de perder o emprego.

Os sindicatos na Irlanda, organizadas pela *Irish Congress of Trade Unions (ICTU)*, ao contrário, estabeleceram uma legitimidade fundamentada em uma ideologia central no país e cuja base é a crença de que os irlandeses deveriam estar unidos, pois só assim conquistariam sua autonomia e liberdade. Mesmo na condição de imigrantes, os irlandeses mantiveram a tradição sindical, como apresenta Feldman Bianco (2009, p.28) em pesquisa sobre a presença de imigrantes portugueses na cidade americana de New Bedford:

Os ingleses e irlandeses formaram seus próprios sindicatos de ofícios, o *Textile Council (TC)*. Sua liderança estava consolidada no poder desde 1901, quando os sindicatos têxteis formaram o *United Textile Workers*, uma afiliada da *American Federation of Labour (AFL)*. Desde o começo do século XX, membros do TC eram sistematicamente eleitos para posições na cidade de New Bedford e no estado de Massachusetts e, em 1918, formaram o *labor Party*. Após 1893 - ano em que organizaram uma grande greve – suas relações com os administradores das fábricas se tornaram bastante amistosas. Em comparação, a maioria dos operários têxteis de outras nacionalidades não era sindicalizada. Formada por homens, mulheres e crianças, essa mão-de-obra sem qualificação e mal remunerada confrontava condições difíceis de trabalho e tarefas monótonas e longas – seis dias semanais, com turnos diários de dez a 12 horas.

Os sindicatos consolidaram relações com o Estado irlandês próximas do que se poderia definir como pacto social. Exemplos dessa “disposição” para o acordo

podem ser confirmados se considerarmos os acontecimentos recentes na Europa, associadas à crise econômica de 2008, quando a Irlanda foi um dos países mais atingidos e o governo impôs cortes de 10 a 15 por cento nos salários e, ainda assim, não encontrou grande resistência dos sindicatos, como ocorreu na Grécia. O líder sindical Jack O'Connor, diante das reações aos cortes e ajustes fiscais, afirmou aos jornais irlandeses que acredita num acordo e que vai trabalhar por esse caminho junto ao governo democraticamente eleito.

Para Aguinaldo Aires, o fato de que “boi na terra alheia é bezerro”, faz com que os goianos tenham que aceitar as condições de trabalho sem muitas reclamações ou cobrança. Muitos, segundo ele, não conhecem a maioria dos seus direitos, “pois não é comum a gente buscar nossos direitos nem no Brasil, muito menos em uma terra distante, onde a gente nem fala a língua do lugar”. A condição de imigrante e a intenção de que essa seja uma condição temporária fazem com que os trabalhadores brasileiros imponham a si mesmos uma espécie de ascese forçada, experimentada e narrada de forma intensa e muitas vezes dramática, com ênfase nas privações às quais se impuseram durante o período em que estiveram na Irlanda. Nas palavras de Valdeli: “a rotina lá é trabalho, casa, casa, trabalho todo dia, na esperança de pegar um empreginho no final de semana pra não ficar parado”.

Por outro lado, as narrativas dos imigrantes brasileiros sobre a falta de disposição dos irlandeses para o trabalho e as narrativas dos irlandeses sobre a incrível disposição e habilidade dos brasileiros no desenvolvimento das atividades laborais cotidianas jogam por terra, no contexto em questão, a idéia da preguiça endógena do brasileiro. A etnografia permitiu-me perceber que há uma inversão importante na forma como os trabalhadores brasileiros são vistos e veem a si mesmos em relação ao trabalho que realizam na Irlanda. Os entrevistados, em geral, consideram os irlandeses preguiçosos e até meio “porcos”, de acordo com Beatriz Oliveira dos Santos, 29, que chegou à Irlanda em 2004, “pois o namorado já estava na Irlanda e eu queria dar uma vida melhor pros meus filhos que ficaram em Anápolis”. Ela trabalhou como *cleaner*⁵² em uma cidade do interior da Irlanda e se dizia assustada com a sujeira acumulada nas casas que limpou. Os brasileiros marcam presença por sua disposição ao trabalho extra em finais de semana, e, de

⁵² Percebemos que as informantes que se ocupam ou se ocupavam de trabalho de limpeza doméstica demonstram preferir o termo em inglês ao invés de termos como faxineira ou empregada doméstica.

acordo com alguns irlandeses, pelo carinho dedicado às crianças, no caso das brasileiras imigrantes que trabalham como babás.

A velha e difundida ideia da preguiça brasileira, imortalizada no mito do malandro Zé Carioca e do Jeca Tatu, entre outras representações, não é legitimada na República da Irlanda. Ao contrário, os brasileiros são conhecidos como *hard workers* e, em geral, elogiados por isso. É possível apreender dessas narrativas uma inversão interessante, se considerarmos que por muito tempo os brasileiros foram representados no exterior como preguiçosos, caricaturados em personagens como o malandro carioca, em filmes, desenhos e até em muitas interpretações acadêmicas que atribuíam o “fracasso nacional” à preguiça brasileira. Em terras nacionais ou estrangeiras, essa ideia da preguiça nacional, ainda que considerada revolucionária ao produzir o “anti-herói” Macunaíma, sempre cercou as perspectivas referentes ao caráter brasileiro.

Os imigrantes brasileiros, sem dúvida, contribuem para a superação desta representação, tanto em países católicos, como a Irlanda, quanto em países fundados por protestantes, como os Estados Unidos. Salles (1999, p. 41) constatou que nos Estados Unidos, especialmente entre imigrantes brasileiros na região de Boston, o termo *hard worker* se transformou numa auto-definição para os brasileiros e o seu contrário absoluto seria o imigrante hispânico:

Ao afirmar sua marca identitária como povo trabalhador, o imigrante brasileiro de certo modo reproduz lá fora o que, um século atrás, era aqui no Brasil imputado como marca também do imigrante estrangeiro (o italiano, o japonês, etc.), em contraposição ao brasileiro nativo, aqui tido então por aqueles imigrantes estrangeiros como um povo preguiçoso. Nos Estados Unidos o brasileiro também arranjou o seu alter ego preguiçoso. Não o americano, com o qual sua alteridade se estabelece em uma posição subordinada no trabalho e que contribui para reforçar sua marca de povo trabalhador, mas o hispânico.

Assim como todos os trabalhadores brasileiros, as mulheres são admiradas pelos patrões e patroas. O depoimento de Paul Moroney, 32, que vive na pequena cidade de *Clonmellon*, no Condado de *Westmeath*, testemunha essa admiração. Ele tem três filhos, dois meninos e uma menina, que ficaram sob os cuidados de Maria Eunice da Luz, citada anteriormente:

I was very much impressed on how Maria Eunice cares about the children. Even now, after she's moved away, she calls frequently to know how they are doing and to talk to Clair (1 year old). Most interesting is that they talk each other in portuguese. She's really very kind and special. Someone really rare.

Na Irlanda, como constatei, a condição de subordinação no trabalho não impediu que os brasileiros definissem seus patrões e patroas, empregadores e colegas de trabalho como preguiçosos. O “outro” irlandês é interpretado pelo “outro” brasileiro como alguém que vive à custa do Estado e ganha “tudo de mãos beijadas”. “Até as mães ganham uma ajuda pela quantidade de filhos que têm, quando estão sem emprego”. “Na Irlanda não pode ter nem mendigo, trabalhar pra que? O governo dá tudo”. Imbuídos da consciência de que é preciso trabalhar duro para que os objetivos da emigração sejam alcançados, os imigrantes privam-se do descanso e do lazer a fim de aproveitar ao máximo o tempo de permanência que planejaram.

5.2.2

A lei como “coisa perdida” e outros usos para a faca

Mesmo amparados pelo contrato de trabalho, muito trabalhadores brasileiros precisaram mover ações contra os frigoríficos. Os casos com os quais me deparei estão associados a demissões por problemas de saúde. Lúcio, 43, tem vivido desde janeiro de 2010 o drama da demissão não indenizada. Ele ingressou na empresa *Excel Meats* em 2001, que foi adquirida pela *Dunbia* e posteriormente pela *Kepak*. Foi afastado inicialmente por dores na perna e posteriormente o médico identificou um problema grave na coluna. O frigorífico encaminhou-o a um trabalho considerado por ele mais leve no início, mas logo depois voltou a fazer o trabalho da matança e obrigaram-no a usar o avental de aço. O descaso dos encarregados com as condições de saúde de Lúcio agravou o quadro e ele precisou ser submetido a uma cirurgia. O gerente do frigorífico, segundo o imigrante, passou a pressionar diretamente o médico através de cartas que ameaçavam a demissão de Lúcio se ele não retornasse. Autorizado pelo médico a voltar a trabalhar, após uma semana ele teve uma crise aguda, enquanto na linha de produção, que o fez perder temporariamente o movimento das pernas. Ao chamar o encarregado, este tentou ajudá-lo a se movimentar e ambos caíram, fato que causou grande comoção nos trabalhadores do turno. Lúcio diz ter aguardado cerca de uma hora no chão da fábrica até a ambulância chegar.

O médico novamente o licenciou e durante a vigência da licença o frigorífico o demitiu sem pagar nenhuma indenização. Quando o visitei, em maio de 2011, ele estava morando nas proximidades do frigorífico *Kepak*, numa casa muito pequena e sem aquecimento, que ele dividia com a mulher e o filho. De imediato percebi que, além do sofrimento físico, ele se sentia humilhado pela forma como foi descartado após dez anos de dedicação ao trabalho. Durante toda a conversa se mostrou muito preocupado com o futuro, pois se considerava incapacitado e sem nenhum amparo. Impossibilitado de voltar ao Brasil, dada a necessidade de aguardar a finalização da ação indenizatória que move contra o frigorífico, ele disse se sentir como um bagaço de laranja. “Fui descartado como um bagaço. Há dez anos atrás eu estava bem de saúde e dediquei todo o meu trabalho para o frigorífico, agora sou uma laranja que eles jogaram fora, depois que aproveitaram tudo o que eu tinha”.

As leis aqui têm alguma coisa perdida que não sei. As leis lá do Brasil são mais corretas com o trabalhador. A empresa rompeu meu contrato aqui dia 26 de dezembro. Eu não tive nenhuma indenização, eles dizem que meu contrato foi frustrado e em razão disso eles tavam me demitindo. Agora tô recebendo do órgão do governo, pois eu paguei taxa aqui. Eles disseram que quando compraram a empresa da Dunbia já sabiam do meu problema. Se eles sabiam por que me colocaram em serviço que piorava a minha saúde? O fato de não falar inglês dificultou e dificulta minha vida. Meu sentimento é de revolta, eu tenho 43 anos. Vida inteira trabalhando. Sempre tive boas referências. Pelo que o pessoal fala sobre impunidade, mas na área do trabalhador o Brasil é mais justo. À medida que alguém te contrata ele é responsável por você. Eles passam a ser dono da gente então eles têm que cuidar. Eu não sei como funciona a lei deles aqui na Europa, eles deveriam mais valorizar a parte humana. Parte disso tudo é por eu ser imigrante e não falar inglês direito. Eles usam o poder que eles têm aqui né. O SIPTU veio aqui e o Pe. Patrick tem meus documentos, sabe o que tá acontecendo. O sentimento da gente é o que mais dói. Eu tinha saúde há dez anos atrás. Na situação que eu tô aqui eu não consigo trabalhar no Brasil. Eu tomo remédio. Eles nunca me pagaram o tratamento, se eu não tivesse medical card eu não teria ido ao médico. Eu tenho vontade de voltar ao Brasil. Estou tomando até diazepam, remédio pra proteger estômago e o remédio da coluna.

Quando o trabalhador afirma que “as lei na Irlanda têm alguma coisa perdida”, ele está se referindo à dificuldade de entender uma demissão não indenizada, claramente associada a uma doença ocupacional, o que também ocorre aos milhares no Brasil. O argumento apresentado pela empresa de que Lúcio quebrou o contrato é o item que mais o revolta, uma vez que se mostra completamente absurdo diante do quadro de doença em que ele se encontra. Além disso, o fato de estar fora do seu país e de se sentir alheio em relação à língua e conseqüentemente às leis, agravam a insegurança e a tristeza. Outros informantes também confirmaram que a barreira da língua e o total desconhecimento das leis

trabalhistas do país em que viviam permitiam muitas situações de exploração dos imigrantes, ainda que estivessem legais, como o caso narrado por Eduardo:

Eu vi um polonês trabalhar trinta dias, das seis da manhã às dez da noite, pois só falava *ok* e *no problem*. Um dia eu falei pra ele: Krystof, olha, você pode falar não. Ele assustado perguntou: posso? Respondi que sim. Ele então falou pra encarregada: *No*. Foi pra casa feliz, descansou. O Irlandês não informa que você tem direito a isso ou aquilo. Muita gente ainda leva daqui doril e anador, remédio pra dor no corpo, pois não sabe que tem direito a tratamento de saúde lá. Por causa do *ok* e *no problem*, muita gente trabalhou demais, além da conta.

Dois trabalhadores brasileiros resolveram acionar a República da Irlanda para solicitar indenização trabalhista por tempo de trabalho e danos causados pelo frigorífico *Hannon's Poultry Exporting Company Limited*, de Roscommon, e o fizeram a partir do Brasil. A defesa é de que o país seria responsável por omissão na fiscalização das atividades das empresas que estão em seu território. O caminho de acusação escolhido por esses imigrantes ampliou o leque de responsabilidades acerca das injustiças cometidas pelas empresas, uma vez que culpa o país que também não controlaria as formas de aliciamento de trabalhadores estrangeiros levados para o seu território. O texto abaixo apresenta considerações jurídicas acerca de atos cometidos fora do território nacional, a partir da ação movida pelos ex-imigrantes:

Justiça brasileira é incompetente para julgar e processar ação fora do território brasileiro⁵³

Quando o fato danoso gerador de ação de indenização ocorre fora do território brasileiro, a Justiça brasileira não tem competência para processar e julgar a ação, exceto nos casos previstos no artigo 88, I e II, do Código de Processo Civil (CPC). Com esse entendimento, a Primeira Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) indeferiu o pedido dos irmãos Júlio Cesar e Marcos Flávio Silveira de Souza em ação proposta contra a República da Irlanda (Eire). Os irmãos ajuizaram ação previdenciária, acidentária e trabalhista cumulada com indenização objetivando, em síntese, o reconhecimento da responsabilidade civil da República da Irlanda em relação aos danos morais e materiais suportados por eles ao trabalharem no setor de abate de frangos do frigorífico *Hannon's Poultry Exporting Company Limited*, situado na cidade de Roscommon. Segundo eles, os danos que experimentaram são resultado da omissão da República da Irlanda ao não fiscalizar o aliciamento de mão-de-obra estrangeira e as condições de trabalho às quais os trabalhadores são expostos, além do não-cumprimento das legislações tributária, previdenciária e trabalhista. "Há a responsabilidade objetiva e solidária do Estado estrangeiro, bem como o seu enriquecimento em virtude da negativa de pagamento dos benefícios pleiteados", afirmaram. Em primeira instância, o processo foi extinto sem o

⁵³ Justiça brasileira é incompetente para julgar e processar ação fora do território brasileiro. Disponível em: www.direito.net.br. Acesso: 28 de abril de 2011.

juízo do mérito. O juiz considerou que a demanda, além de depender da aplicação do direito estrangeiro, não é suscetível de execução em território nacional, motivo pelo qual igualmente inviável sua propositura no Judiciário Brasileiro. Inconformada, a defesa interpôs recurso ordinário no STJ alegando que há precedentes dos tribunais superiores e normas constantes de tratados internacionais no sentido da inexistência de imunidade de jurisdição de Estado estrangeiro em causas trabalhistas e que a Justiça brasileira é competente para julgar o pedido. Para o relator, ministro José Delgado, a sentença deve ser confirmada, já que o caso se enquadra no disposto no artigo 88, inciso III, do CPC, pois os fatos narrados aconteceram em território irlandês, o que afasta a jurisdição brasileira. Segundo esse artigo, a autoridade judiciária brasileira é competente quando a ação se originar de fato ocorrido ou de fato praticado no Brasil.

Às controvérsias apresentadas pela defesa soma-se o fato de que esses trabalhadores foram contratados no Brasil, arregimentados em território nacional, o que deveria implicar em maiores responsabilidades dos frigoríficos contratantes e fiscalização dos organismos brasileiros responsáveis. O caso de Lúcio e de outros trabalhadores mostra o que muitos já sabem: há muitas lacunas e “coisas perdidas” na forma como as leis são construídas, o que abre precedentes para leituras variadas por parte dos operadores do direito, além das já conhecidas artimanhas de burlar e desrespeitar os trabalhadores e os contratos de trabalho.

Outro caso que causou comoção entre os brasileiros foi o de Vilmar, 40, que trabalha no frigorífico *Dunbia*, de Kilbeggan, e que também está afastado por problemas de saúde. Tomei conhecimento do drama do imigrante ao ser convidada para um bingo beneficente organizado pelos colegas do frigorífico, que foi realizado no dia 08 de maio de 2011, na cidade de Navan. Os bingos beneficentes, campanhas de arrecadação de alimentos e rifas são as formas mais usadas pelas comunidades brasileiras na Irlanda para colaborarem com imigrantes que estejam passando por dificuldades financeiras ou de saúde.

Em Tullamore goianos organizaram uma campanha de arrecadação de alimentos cujo objetivo era ajudar a família de um conterrâneo que havia sido deportado, mas cuja mulher e filhos permaneciam no país. Segundo Vilmar, bingos como o organizado para apoiá-lo são muito comuns entre os colegas de trabalho e também são a prova de que os brasileiros sabem ser solidários em momentos de dificuldade. Vilmar adquiriu um problema grave na coluna cervical causado pelos movimentos inerentes ao trabalho com a empilhadeira do frigorífico. Em maio de 2011, ele estava afastado do trabalho por três meses, em licença médica. Diferente do que a lei brasileira determina, ele não recebia parte do salário pelo afastamento. Como mora na casa da empresa, apelidada de Casa Amarela pelos imigrantes, ele

foi incumbido da limpeza do lugar, e por esse serviço o frigorífico pagava a ele cinquenta euros semanais, dos quais quarenta eles descontavam como pagamento do aluguel de Vilmar. Em síntese ele recebe do frigorífico dez euros semanais. Por ter pagado taxas no país durante os dez anos de permanência, Vilmar recebe do governo cento e oitenta euros, também semanais, insuficientes segundo ele para o sustento da família no Brasil e para bancar os custos com o tratamento de saúde. Ele também aguarda, na Irlanda, o julgamento de uma ação indenizatória contra a Dunbia, baseado na solicitação para que a empresa reconheça o seu problema de saúde como doença ocupacional. Quando questionei sobre as relações de trabalho no frigorífico e sobre a forma como ele foi atendido nos momentos de crise, ele fez duras críticas ao encarregado, que é brasileiro, e responsável por toda a intermediação entre os trabalhadores e os gerentes da empresa:

O encarregado você não pode contar com ele, para nós ele não é brasileiro. Tanto é que já tentaram matar ele aqui na Casa Amarela. Ele levou uma facada, ficou com as tripas de fora, pois a gente não pode contar com ele para nada; ele é brasileiro, mas para nós não é. Ele trabalha para os irlandeses.

Ao tentar especular entre os trabalhadores sobre o episódio de agressão ao encarregado da Dunbia, vi que há um acordo de silêncio acerca do nome do agressor. Descobri, no entanto, que ele ainda trabalha no setor de frigoríficos e vive na Irlanda. Percebi também que muitos deles consideraram o fato como uma reação legítima à postura do colega brasileiro. Alguns disseram que ele mereceu ser esfaqueado, pois ele seria um traidor. Ao invés de ajudar os conterrâneos, ele os prejudicava, denunciando-os aos patrões “para fazer média”. Um colega de Vilmar disse que “ele teve uma lição merecida, pois atrapalhou e atrapalha a vida de muita gente na Dunbia”. Durante as etapas da pesquisa tomei conhecimento de outros fatos envolvendo brigas com facas, inclusive alguns que resultaram em morte e prisão. Segundo um informante de Gort os irlandeses “que são muito chegados a uma briga”, passaram a ter medo dos brasileiros, principalmente pela fama que eles adquiriram de serem bons na faca, pois são todos “açougueiros”, referência ao fato de trabalharem nos frigoríficos.

Importante ressaltar que diante de situações como a de Vilmar, que os trabalhadores consideram injustas, tanto o caminho das ações solidárias, como o caminho das reações violentas, como o esfaqueamento do encarregado, são

considerados legítimos. Entre os informantes que estavam a par do caso que ocorreu na Dunbia, nenhum deles condenou o agressor. Interpreto essa postura a partir da constatação de que um código fundamental de parceria teria sido quebrado pelas atitudes do encarregado que, por sua vez, deixou de ser considerado brasileiro e passou a ser considerado um traidor, uma vez que, segundo os colegas de Vilmar, utilizava sua função para oprimir os companheiros e conterrâneos. De forma objetiva o encarregado dedurava os colegas, sonegava horas extras e mantinha um clima de ameaças e medo. O fato de acreditarem que a via utilizada pelo agressor é uma possibilidade de “direito”, no sentido de que o grupo legitima a ação do ponto de vista moral ainda que o viés da lei a condene, reflete traços de percepções culturais profundamente arraigadas no imaginário goiano e também nas representações construídas em torno dos códigos de honra e conduta do sertão, onde a traição é considerada um crime grave. Se por um lado a lei é vista como algo “perdido”, de difícil acesso e que nem sempre assegura que a justiça seja feita, existem possibilidades de garantir alguma justiça, possibilidades essas que são perfeitamente ajustáveis à moral desses trabalhadores.

O encarregado que foi vítima do esfaqueamento continua trabalhando na empresa, mas segundo os trabalhadores “agora ele tá mais esperto”, ou seja, “maneirou a mão com os conterrâneos”. Outros crimes mais graves levaram três brasileiros à prisão na Irlanda. Dois deles por terem assassinado suas companheiras e o outro por ter matado um amigo de infância. Esses assassinatos causaram comoção entre brasileiros e irlandeses, ao mesmo tempo em que dividiram as opiniões dos imigrantes.

Késia Rosa, de 31 anos e Joselita dos Anjos, de 33, foram assassinadas respectivamente em 2008 e 2009 por seus então companheiros. Ambas foram mortas a facadas: Késia com um golpe no coração e Joselita com mais de cinquenta golpes. Nos comentários sobre os dois casos, os imigrantes mostraram consenso em condenar o assassino de Késia, mas o mesmo não aconteceu com o assassinato de Joselita. Ouvei de muitas pessoas, de outras mulheres inclusive, “que ela merecia ser assassinada, pois enganou o companheiro que, por sua vez, era um homem bom, calmo, de boa família, sem nada que o desabonasse”. De homens a velha máxima de que “as vagabundas mereceriam morrer”, de outras mulheres histórias dos também supostos casos que ela tinha no país: “aquela mulher era uma

vagabunda, roubava dinheiro dele e na hora em que ele a matou tinha dito que ia voltar para o marido e para o Brasil, ele falou que só se lembra de ter a faca na mão, não se lembra de mais nada”. Muitos disseram que o assassino surtou, cansado das supostas traições e falcatruas da mulher.

Segundo John Goiano, que em geral acompanha todos os julgamentos de brasileiros na Irlanda, no julgamento do assassino de Joselita as testemunhas, tanto da acusação como de defesa, não hesitaram em desqualificar a vítima:

Apareceram muitas histórias dessa moça assassinada. Chamou-me a atenção, no julgamento, o fato de que as testemunhas tentaram desqualificar a vítima, o que não surtiu efeito sobre os jurados e não impediu que o autor fosse condenado, pois para os irlandeses nada justifica você matar uma mãe de família. Ela foi morta perto dos filhos dela, causando traumas que ninguém pode avaliar.

Interessante ressaltar que nos dois casos as mulheres foram assassinadas no momento em que diziam aos companheiros que voltariam ao Brasil, atitude que comprometeria definitivamente os relacionamentos. Durante a pesquisa muitos imigrantes me informaram acerca de relacionamentos amorosos que começaram na Irlanda e de casais que foram desfeitos com a imigração de um dos parceiros. Por outro lado, muitas mulheres, tanto na Irlanda como em Anápolis, afirmaram que há muitos homens com duas famílias, uma no Brasil e outra na Irlanda, ou homens que abandonam definitivamente as mulheres e os filhos quando emigram, outra prática persistente e comum em todos os processos migratórios.

Mesmo tendo consciência de que a violência contra a mulher ocupa um lugar complexo no imaginário nacional, uma vez que apesar de explicitamente condenada, em muitas representações em circulação ela ainda é legitimada, confesso que foi extremamente perturbador ver mães e pais de família defendendo um ato tão violento como foi o assassinato de Joselita. Classifico esse momento da minha etnografia como “um tapa na cara”, ou uma “forte sacudida” que me fez pensar na força de paradigmas como “a legítima defesa da honra”, diga-se de passagem da honra masculina, que, a despeito de todos os avanços alcançadas pelas mulheres, persistem e se manifestam em todos os segmentos da sociedade brasileira. Além do mais, o que aparece nas entrelinhas dos argumentos de defesa do assassino ressalta que a mulher em questão violou códigos de conduta moral que a tornaram merecedora da violência sofrida, violência que persiste e se reifica nos argumentos

apresentados pelos informantes e em tantas outras formas de representar o papel e o lugar da mulher na nossa sociedade.

Acompanhando John Goiano, visitei um brasileiro que está preso na *Mountjoy Prison*, em Dublin. O goiano José Cláudio Domingos, 48, foi condenado a sete anos de prisão, em 2007, pelo assassinato de um conterrâneo na cidade de Charleville, onde vivia e trabalhava num frigorífico local.

No dia 03 de junho de 2011 chegamos à prisão, às quatorze horas. John tocou a campainha, deixamos nossos celulares em um *locker* e entramos sem nenhum tipo de revista, uma vez que John é um *habitué* das prisões irlandesas onde estão brasileiros⁵⁴. Entreguei a minha identificação e fomos sozinhos para uma sala onde aguardamos José Cláudio por cerca de dez minutos. Ele entrou sorridente com uma sacola nas mãos, nos olhou e disse: “Só gente boa vem me visitar”. Abraçou John, que em seguida nos apresentou. José Cláudio agradeceu muito a nossa visita, depois que explicamos a ele os meus objetivos de pesquisa. Ofereceu-nos chá, café e chocolate, alimentos que estavam na sacola que ele levou. As primeiras conversas entre nós fizeram referência às novas “instalações” que José Cláudio estava ocupando, depois de transferido para uma nova ala da *Mountjoy* por bom comportamento e pela postura colaborativa. Apesar de nunca ter entrado antes em uma prisão, nem mesmo no Brasil, o lugar em que nós estávamos nem de longe corresponde às representações das “cadeias” que carrego comigo. José Cláudio elogiou a cela individual que ele ocupa, com TV e DVD, dizendo que é muito respeitado por todos e continua trabalhando na cozinha. Ele e John me explicaram que, na ala onde ele estava anteriormente, os visitantes não podiam ficar sozinhos com os presos e havia um tempo limite para a permanência. Não havia celas individuais e José Cláudio destacou os prisioneiros perigosos com os quais conviveu nesse período. John arrematou a conversa sobre as novas instalações voltando-se para mim e dizendo o quanto José Cláudio era querido e o quanto fez para merecer a transferência. Nessa ala os presos circulam livremente pelos corredores, tanto que um deles nos interrompeu para perguntar se José Cláudio queria biscoitos para nos oferecer.

⁵⁴ Segundo o Itamaraty há 2.568 brasileiros presos no exterior, de acordo com levantamento realizado em 2010. Disponível em: www.mre.gov.br. Acesso: 21 de novembro de 2011. John me informou que há cerca de cinco brasileiros cumprindo pena na Irlanda, todos por assassinato.

Depois dos trinta primeiros minutos, nossa conversa mudou de tom e John começou a falar sobre o acontecimento que levou José à condenação. Logo o próprio José assumiu a narrativa do fato:

Olha menina, eu juro para você, por tudo que é mais sagrado, que eu nunca mataria por querer o meu amigo, meu irmãozinho. Deus sabe a verdade e sabe que todos os dias eu choro por tudo que aconteceu. Nós viemos juntos para a Irlanda, a gente trabalhava junto. Por causa de uma besteira, de um movimento errado aconteceu tudo. Depois as pessoas me traíram. Eles me disseram para falar para a Garda que foi suicídio, depois inventaram que eu tinha forçado eles a mentir para a Garda. Quem me conhece e conviveu comigo sabe quem eu sou, nunca, nunca na vida, eu pensei que podia fazer mal para o meu melhor amigo, mas eu falo para você, o mal atenta.

A tragédia que encarcerou José teve início, segundo ele, numa brincadeira não muito comum em Goiás, mas frequente na Irlanda. Segundo José o amigo Alberto Oliveira insistia em passar a mão nas nádegas, o que na Irlanda acontece com frequência nos *pubs*, principalmente quando os irlandeses bebem além da conta nos momentos de descontração. Ele disse que na primeira vez que Alberto fez a brincadeira, ele já deixou claro seu descontentamento e irritação e pediu que o amigo não a repetisse. Houve um “esfriamento” na amizade, porque José Cláudio considerou que esse não é um “tipo de coisa que se faça com um homem”. Em 21 de setembro de 2006, José e outros amigos do frigorífico estavam reunidos num apartamento em Charleville, no Condado de Cork, e, como é muito comum entre os brasileiros, estavam fazendo churrasco e tomando cerveja. José, que no momento se fechava para as conversas com Alberto, se ocupava durante a festa de cortar a carne que seria servida. Alberto, no entanto, tentava de alguma forma se reaproximar do amigo, chamando-o de “irmãozinho”. Todos haviam bebido muito, inclusive José Cláudio, quando Alberto repentinamente o abraçou por trás. José disse ter se assustado e ao virar rápido acertou a faca no pulso e no pescoço de Alberto, que em função dos ferimentos faleceu em minutos. Depois que o desespero tomou conta de todos na cozinha, José disse ter sido convencido pelas duas testemunhas do caso a mentir para a Garda e para a família de Alberto. Disseram que o goiano havia cometido suicídio, versão posteriormente negada pelas testemunhas diante do tribunal.

Ao apresentar sua versão do caso, José chorou todo o tempo e disse que, quando sair da cadeia e puder voltar ao Brasil, vai visitar a família de Alberto e

explicar o que aconteceu. Mesmo sabendo por outras pessoas que corre risco de vida se aparecer na cidade da vítima, ele afirmou não temer a vingança, “mesmo que seja a última coisa que eu faça na vida”. Ao nos despedirmos, depois de quase duas horas de conversa, ele agradeceu a visita, falou dos amigos que o ajudaram na Irlanda e disse a John Goiano que todos na cadeia adoraram os filmes que ele levou. John deixou outros filmes e livros, deu um abraço em José e disse que iria levá-lo para conhecer Dublin quando ele ganhasse o dia livre, prometido pela direção da *Mountjoy*. Um presente para os presos com bom comportamento. José disse que não conhecia nada de Dublin e que estava esperando com ansiedade por esse dia.

Quando deixamos a prisão, John me falou sobre o julgamento. Em nenhum momento ele apresentou sua opinião, apenas disse o que havia sido considerado pelo Juiz e sobre os depoimentos das testemunhas. Observei na postura de John que, acima da necessidade de julgar se José Cláudio era culpado ou não, esse irlandês goiano se coloca a serviço de todos os brasileiros, independente do que eles tenham feito, mesmo que privados de liberdade. Sobre a motivação do crime, John disse que ele jamais seria compreendido na sociedade irlandesa, pois “pegar na bunda” de alguém não é visto como ofensa na Irlanda. Já no Brasil, e principalmente em Goiás, estado de cultura rural, essa atitude é vista por todos como muito desrespeitosa. John incluiu na sua análise do caso de José Cláudio uma questão antropológica, o que, segundo ele, poderia ajudar o júri a compreender as motivações e quem sabe atenuar a pena de sete anos. Ao contrário de John, todos os imigrantes com os quais conversei sobre o assunto tinham uma opinião formada. Posso dizer que em relação a esse caso específico, a comunidade de goianos na Irlanda está dividida. Parte considera que foi um acidente lamentável e justifica dizendo conhecer a índole de José Cláudio; parte diz que considerar o assassinato como acidente é um absurdo, pois os cortes foram certos e intencionais. Muitos desses finalizavam dizendo que José sabia muito bem manejar a faca, pois sua lida diária no frigorífico exige essa habilidade.

Interessante notar que, ao apresentar a condenação de José Cláudio, o juiz considerou que o fato de que muitos imigrantes, a grande maioria não integrada à população irlandesa, se reunirem para beber em casa facilita que ocorrências desse

tipo aconteçam, pois depois de alterados pelo álcool o acesso a armas brancas como facas de cozinha facilita os crimes:

In a typical case what happens is that when a row develops there is a knife close at hand which has been used in the preparation of vegetables and a single stab from that knife causes death. This has been a variant of so many cases of that nature coming before us." (Breaking News, 2007)⁵⁵.

Na Irlanda nem os policiais de rua utilizam-se de armas de fogo e com certeza a circulação dessas armas é bem menor do que no Brasil, tanto é que nos crimes em questão foram usadas armas brancas, em geral facas de cozinha. A análise do argumento apresentado sugere que o *pub* seria um lugar mais seguro para as pessoas beberem, ou o lugar apropriado. Como constatei, poucos brasileiros que fazem parte do grupo pesquisado frequenta os *pubs*, em primeiro lugar porque essas “festinhas” de final de semana sempre acontecem nas casas, que é o lugar por excelência da proximidade e de celebração da sociabilidade goiana. Depois pelo preço das bebidas e até por situações de preconceito, como cito na sequência desse capítulo. Nos momentos em que estive nos *pubs* das cidades pelas quais passei percebi que realmente há um controle por parte dos proprietários sobre o comportamento dos frequentadores. Claro que isso não acontece em cidades maiores como Dublin, mas no interior o dono do bar chega a confiscar a chave do carro quando percebe que o seu freguês já está alterado pelo álcool. Brigas acontecem com frequência, mas em geral são confrontos corpo a corpo, uma vez que o acesso às armas é limitado. Em Gort, como citou um informante, os irlandeses “que antes puxavam briga com os brasileiros agora têm mais medo”, pois os “*butchers*” não raro carregam uma faca.

⁵⁵ Disponível em: www.breakingnews.ie/ireland. Acesso: 23 de novembro de 2007.



Frigorífico Sean Duffy, Gort, County Galway (Antigas instalações). Foto: Reijane Pinheiro



Placas informativas - Portão central do frigorífico Sean Duffy, Gort, County Galway.

Foto: Reijane Pinheiro da Silva



Frigorífico *Leaf Meats Limited*, Ballyjamesduffy, County Cavan. Foto: Reijane Pinheiro



Frigorífico *Kepak*, Kilbeggan, County Offaly. Foto: Reijane Pinheiro

5.2.3

O jeito goiano na terra do outro: interações culturais no cotidiano dos imigrantes



Imigrantes goianos no Torneio de Futebol em Gort, Junho de 2011. Foto: Reijane Pinheiro

O perfil do brasileiro que vive no interior da Irlanda é predominantemente o do imigrante que veio para o país a trabalho, seja contratado pelos frigoríficos ou apoiado nas redes que se formaram no estado, e tem em média cinco anos de escolaridade. Em Dublin os estudantes são a maioria e também observamos a formação de uma rede de empresários brasileiros, cujos negócios estão se ampliando apoiados nos novos fluxos de estudantes que encontram na Irlanda uma oportunidade de aprender inglês. É importante considerar que não existe “o brasileiro na Irlanda”, existem “os brasileiros na Irlanda”. Os perfis são múltiplos, assim como as realidades enfrentadas, sejam elas de dificuldades ou oportunidades. Assim como no Brasil temos as identidades regionais, que nos fazem brasileiros nordestinos, brasileiros gaúchos, goianos, paulistas, cariocas, etc., na Irlanda os brasileiros também não se diluem no conceito generalista “o brasileiro”.

A presença brasileira é vista como muito positiva pelos irlandeses. Casos de preconceito ou discriminação são exceção. A regra é o bom acolhimento e o

reconhecimento da disposição brasileira para o trabalho. Nesse sentido afirmo que os imigrantes brasileiros têm dado uma contribuição significativa para que o Brasil seja bem-visto na Irlanda, apesar do noticiário e das representações equivocadas que têm se reproduzido ao longo da história. Por outro lado, há algumas dificuldades de integração, dadas pela barreira linguística, o que não impede que brasileiros e irlandeses se entendam, pois acabam recorrendo à criatividade para “dar seu recado”. As maiores dificuldades estão diretamente relacionadas ao trabalho e à compreensão das leis trabalhistas irlandesas, muito diferentes das nossas, obviamente. Por outro lado, muitas vezes os trabalhadores assinam documentos ou contratos cujo teor desconhecem por completo, o que pode com certeza prejudicá-los.

Entre os brasileiros que vivem no interior, as festas familiares, que em Goiás ainda acontecem nas casas das pessoas e na Irlanda nos *pubs*, tornaram-se ponto de discórdia entre brasileiros e nacionais irlandeses. Muitos afirmaram que são poucas as possibilidades de divertimento nos finais de semana durante o inverno. Em função do preço das bebidas nos *pubs* e da extensa jornada de trabalho, só resta como alternativa “reunir os amigos para almoçar, tomar cerveja e ouvir música sertaneja”. Os churrascos irlandeses só acontecem no verão e, segundo os imigrantes, “tem hora para acabar”. Também é muito raro que os nacionais incomodem os vizinhos com música alta, como fazem os goianos. Nas palavras de um ex-imigrante: “não tem jeito de ouvir música sertaneja com volume baixo, não existe isso”. Com muita frequência a *Garda*⁵⁶ Irlandesa é chamada pelos vizinhos para reprimir o barulho produzido nas festas. Eduardo disse que certa vez o proprietário da casa, chamado de *land lord*, entrou (ao contrário do Brasil “ele entra na casa do inquilino quando quer”), dirigiu-se ao som e baixou o volume, sem dizer uma palavra, demonstrando muito descontentamento.

No que se refere às relações entre brasileiros, o informante Eduardo aponta que os maiores problemas se davam nos finais de semana, pois mesmo quem não gosta de música sertaneja “tem que ouvir”:

A gente ouve pra não dá problema. Os colegas só podiam se divertir com a cerveja e a música. Além disso, o fato de que no inverno o dia termina muito cedo, causa depressão, às três horas não se enxerga mais nada, não tem mais luz do sol, o ambiente fazia as pessoas chorarem e pra fugir da tristeza, cerveja e música. Nos

⁵⁶ Polícia Irlandesa

bares acontece dos seguranças não te deixarem entrar e te põe na lateral e ali só vai enchendo, quando você pergunta se pode entrar ele te fala que já está cheio. E eles não te falam o porquê que você não pode entrar. Comigo aconteceu umas três vezes. Já fui barrado no *Plaza* e no *Temple Bar*. É assim, depende do *pub* e do segurança, tem lugar que deixa, não importa. Tem o esquema do vestuário também, às vezes você está de tênis e os horários não são apropriados aí você é barrado. Isso também acontecia com os poloneses, até com irlandeses, mas com mais frequência os imigrantes.

A experiência no *pub*, no entanto, segundo o próprio Eduardo, não reflete as atitudes de todos os irlandeses. A grande maioria “gosta dos brasileiros e trata todos com educação, eles são simpáticos, pedem desculpa o tempo inteiro⁵⁷ riem muito e, em geral, não demonstram preconceito”. Segundo Gisely Leonard, 34, em dez anos de Irlanda “nunca me senti discriminada”, pelo contrário, os irlandeses expressam sua simpatia para com os brasileiros sempre que podem:

Na copa de 2002, eu e uma amiga não tínhamos bandeira. Fizemos uma bandeira à mão pra colocar na janela. Meu marido disse que alguém iria jogar uma pedra. Quando estávamos colocando, passou um senhor de idade e olhando pra bandeira começou a aplaudir. Isso mostra o carinho e o respeito que o povo irlandês tem pelo Brasil e pela cultura brasileira. Dizem que somos um povo muito feliz, apesar de todas as dificuldades, mesmo longe da sua pátria, dos nossos costumes e da nossa cultura.

A simpatia dos irlandeses não diminui o impacto de alguns distúrbios causados pelos brasileiros nas cidades onde vivem. Segundo o chefe da *Garda* em Gort, o fato dos brasileiros insistirem em “dirigirem alcoolizados” é o maior problema que eles enfrentam. Além do mais, muitos ao chegarem acreditavam que a carteira de motorista do Brasil poderia ser usada na Irlanda. Nas palavras de Paulo, 47, morador de Gort, os imigrantes usavam de má fé, pois todos sabiam que precisavam de uma carteira irlandesa, mas na hora da abordagem pela *Garda* se faziam de desavisados e os policiais “caíam direitinho”, pois sempre demonstram muita tolerância para com os imigrantes. Apesar da postura “mais educativa” da polícia, conheci inúmeros brasileiros na Irlanda que tinham sido proibidos de dirigir por dez, quinze e até vinte anos. As condenações mais comuns estão relacionadas às seguintes infrações: dirigir após a ingestão de álcool, desrespeito às leis de trânsito, alta velocidade e reincidência, dirigir veículos sem o equipamento de

⁵⁷ Referência ao “*sorry*” constantemente usado pelos irlandeses nos espaços públicos. Ouvimos de uma brasileira que emigrou de São Paulo para trabalhar em Dublin e aperfeiçoar o inglês: “Qualquer dia vou começar a falar “*sorry*” pra mim mesma”.

segurança adequado, sem habilitação e seguro, que na Irlanda é obrigatório, e, por fim, atropelamentos por condutor não habilitado.

Diante dos problemas causados, a *Garda* de Gort produziu um folheto informativo que foi traduzido para o português e distribuído na comunidade (anexos da tese). Na minha experiência com os motoristas e as motoristas goianos na Irlanda vi que, apesar de alguns deles terem aprendido a dirigir no país, muitos repetem os maus hábitos do brasileiro ao volante, arriscam suas vidas e as vidas dos outros. Com muita frequência ultrapassam a velocidade permitida e buzina muito, o que é raro de se ouvir no trânsito irlandês. Nos momentos em que “peguei carona” com os conterrâneos, vi motoristas dirigindo e bebendo, fumando e falando ao celular ao mesmo tempo, além de alguns demonstrarem impaciência com outros motoristas e com os aprendizes. O candidato à carteira de motorista no país é autorizado a dirigir mesmo antes de ser aprovado nos testes, o que a princípio nos causa estranhamento. Por outro lado, o carro conduzido por ele deve ter a letra L grande e em destaque, o que é suficiente para que os motoristas já habilitados mantenham distância e deem preferência a esse candidato. Circulei muito pela Irlanda no carro de uma amiga goiana aprendiz e pude atestar que a postura dos nacionais para com os aspirantes à habilitação é completamente diferente do que em geral se observa no Brasil.

A forma como os brasileiros em geral lidam com o carro está para além de considerá-lo apenas um meio de transporte. Ter um carro no Brasil é antes de tudo uma forma de poder; o carro tornou-se uma extensão do indivíduo, e suas potencialidades simbolicamente correspondem às potencialidades do seu dono. Para os imigrantes, em especial, a possibilidade de adquirir um carro é um dos sinais de que a empreitada emigratória foi bem sucedida. Também entre os irlandeses, e acredito que na maioria das sociedades ocidentais, o carro é um símbolo significativo de *status*. A dedicação dos brasileiros aos seus carros, no entanto, chama a atenção dos irlandeses em Gort. “Aqui podemos reconhecer os carros dos brasileiros”, me disse um irlandês apontando um carro azul estacionado em frente à Igreja Universal do Reino de Deus, na praça central da cidade. Ao ser questionado sobre quais os elementos que o permitiam reconhecê-los, ele me respondeu que somente os brasileiros transformavam seus carros com coisas “*tacky*,” gíria inglesa cujo sentido se assemelha a brega na língua portuguesa. Ele

continuou apontando os acessórios que os brasileiros compravam para incrementar os carros. Pude reconhecer, imediatamente, as rodas de liga-leve, os aerofólios e as caixas de som potentes, comuns nos carros que transitam em Goiânia, e cujo alcance sonoro os transforma em objeto de desejo e símbolo de prosperidade, principalmente entre os homens.

Impossível desconsiderar a importância do carro para o brasileiro, tendo em vista que ele é um sinal fundamental de ascensão social e indicador de classe. Segundo dados do DENATRAN (2009), Goiânia está em terceiro lugar em número de veículos por habitante, precedida por Curitiba e Ribeirão Preto. Os transtornos causados por esses números podem ser testemunhados no caótico trânsito da cidade. A precariedade do transporte público, somada à falta de investimentos no setor, poderia ser a justificativa para o número de veículos particulares circulando na capital. No entanto, acredito que outros elementos devem ser considerados, havendo com certeza uma valorização do carro como capital simbólico que comunica *status*, legitimado nas referências coletivas, profundamente vinculadas a uma herança rural do estado. Herança que se manifesta em sua roupagem materialmente rica e moderna, cuja síntese é o movimento *country*. Há, ainda, a crença de que o carro é um marcador de diferenças fundamental, uma forma de se destacar no espaço público, contrariando a lógica de que nesse espaço todos seriam iguais e deveriam ser tratados de forma igualitária. Paraíba, 30, um tocaninense que vive e trabalha num frigorífico irlandês, reclamou muito dos limites impostos pela polícia irlandesa para o volume dos sons nos carros, em Kilbeggan, onde mora:

Me diz: do que adianta você comprar um carro bonito, colocar um som bacana e não poder ligar o som? Se você liga e coloca uma música para ouvir e curtir, logo a *Garda* te para para reclamar. A gente não pode nem sair com uma latinha de cerveja nas mãos que eles tomam⁵⁸. O nosso divertimento é na casa dos amigos e quando tem um torneio como esse aqui, depois é só trabalho. Cada um vai para sua casa e acabou.

Em Gort vi muitos carros com som alto e música brasileira, sertaneja especificamente, circulando pelas ruas. O mesmo não vi em Tullamore e Kilbeggan,

⁵⁸ Na República da Irlanda é proibido beber nas ruas.

o que reforça as diferenças já apresentadas entre as cidades em questão. Nas cidades onde morei a maioria dos imigrantes possui carro, também porque a diferença entre os preços dos veículos no Brasil e na Irlanda é assombrosa. Um carro usado em boas condições pode ser adquirido por valores entre 500 a 800 euros, o que atualmente corresponde a 1205 e 1928 reais, respectivamente, considerando o valor do euro a 2,41. Muitos informantes disseram-me que há casos de brasileiros que tentam vender os carros antes de retornar ao Brasil e, quando não conseguem, os abandonam no aeroporto, com a chave na ignição.

Voltada à comunidade brasileira que vive na Irlanda, tem surgido uma rede de serviços que inclui lojas de produtos alimentícios brasileiros, como já apresentei anteriormente, restaurantes e bares, principalmente em Dublin. Esses bares organizam *shows*, com frequência, voltados para o público imigrante, onde se destacam aqueles de estilo sertanejo e grupos de forró. Assim, quando a empresa Apoio Internacional organizou e patrocinou uma apresentação de Daniela Mercury, em 2008, ela amargou um grande prejuízo, segundo me disse um dos proprietários, que é paulista:

Nós trouxemos a Daniela Mercury pensando que tinha público para os shows dela aqui, pois na nossa cabeça todo mundo no Brasil gosta de Axé. Foi um erro. Hoje todo mundo sabe que qualquer dupla sertaneja desconhecida ou grupo de forró atrai mais gente. Você pode ver os shows que estão acontecendo: todos sertanejos. Mas a gente demorou para entender que a goianada aqui é que manda.

As festas ou *shows* voltados para os brasileiros na Irlanda são em geral patrocinados pelas empresas também brasileiras, assim como os torneios de futebol, também chamados de "*brazilian days*". Entre os adolescentes e as crianças, que estão mais integradas aos nacionais, festas com caráter fortemente regional são organizadas por eles. Nessas festas há uma grande participação dos amigos irlandeses que muitas vezes aprendem a dançar forró e quadrilha. Em Roscommon há um grupo de jovens, o *Brazilian Youth Club*, que se articula para comemorar as festas brasileiras no país e também as datas nacionais, como o *Valentine's Day* ou o dia dos namorados versão europeia, cuja data é 20 de fevereiro. A Revista Brasil (2009), uma das muitas publicações que circulam pela Europa, destacou a festa do grupo:

O *Brazilian Youth Club*, de Roscommon, comemorou o *Valentine's Day* no *Gleeson's Restaurant*. A festa, bem em estilo brasileiro, contou até com competição de berrante e melhor dançarino de forró, entre outros entretenimentos. A organização foi do grupo dos mais velhos, com idade acima de 13 anos. O grupo já prepara a festa do dia das mães.

A principal loja de produtos brasileiros na Irlanda é a *Real Brazil*, que mantém lojas e abastece vendedores intermediários em cinco cidades irlandesas: Ennis, Gort, Dublin, Tullamore e Roscommon, além de também trabalhar com a remessa de dinheiro. Uma das proprietárias da empresa, Raquel Samuels, 30, afirmou que Gort, antes da chegada dos brasileiros, era uma cidade intermediária, de curta parada. Os brasileiros movimentaram a cidade e são bem vistos pelos irlandeses.

Alguns irlandeses gostam dos produtos brasileiros, compram fardos de chocolate e outros produtos. Entram nas lojas falando em português, pois chegam a aprender a falar um pouco de português pra se comunicarem com os brasileiros.

Além das lojas que vendem alimentos e outros produtos, há também a venda direta através de *vans* que circulam nas cidades onde há demanda e maior presença brasileira. Identifiquei vários anúncios de venda de alimentos brasileiros com entrega em domicílio, bem como anúncios de festas, vagas de moradia, ofertas de serviços e vagas de trabalho. Ao observar os produtos vendidos, logo identifiquei as marcas goianas e alimentos da cozinha típica regional, como o pequi, a guariroba e o jiló. Segundo o dono da *Real Brazil*, Eugles Barbosa, 32, proprietário da Rede, “a loja tenta atender às demandas dos brasileiros aqui. No começo a gente anotava os pedidos e aos poucos fomos articulando a importação. Como a maioria na Irlanda é goiano, a gente agrada os goianos com as coisas que eles gostam”.

Nas duas etapas da pesquisa de campo encontrei goianos nos aeroportos. Em 2009, na viagem de volta ao Brasil, tive a companhia de um grupo cujo tempo na Irlanda já havia, segundo eles, terminado. As nossas conversas ficaram em torno das diferenças entre irlandeses e brasileiros e das experiências dos imigrantes. Divino, 38, e Divina, 36, nasceram em Anápolis e estavam vivendo na Irlanda desde 2003. Durante a abordagem e as apresentações, a “goianidade” em comum nos permitiu uma rápida aproximação. Além do casal Divino e Divina estavam no grupo outro jovem casal, com uma menina de 2 anos, e dois rapazes. Um deles de nome Antônio, 30, disse que trabalhou em Gort por dois anos, no frigorífico *Séan Duffy Meats*, passando depois a vender alimentos aos brasileiros em uma *van*, circulando

pelas cidades de Gort, Roscommon e Tullamore. Para Antônio, “as coisas boas da Irlanda” estão relacionadas com a organização e a ordem: “A palavra de um irlandês é uma só, se ele não vai fazer, ele não fala, a gente pode confiar, vou sentir falta desse jeito sério de tratar as coisas. Não existe país igual o Brasil, o problema é os políticos, eles não respeitam o povo e o país é desorganizado”.

Antônio ressaltou o quanto os irlandeses são “corretos” e respeitadores da lei, apesar de beberem muito, o que faz com que provoquem brigas nos *pubs*. Para ele a experiência na Irlanda foi “muito boa, mas agora não dá mais, muita gente perdendo emprego e resolvi voltar antes que a coisa ficasse mais séria”. Divino disse estar feliz por voltar ao Brasil, pois não suportava mais a saudade dos filhos e da família; pretende procurar emprego em Anápolis e comprar uma casa com o dinheiro que economizou na Irlanda. Divina, que trabalhou como *cleaner*, ressaltou que gostava dos patrões irlandeses e era muito bem tratada, “com respeito”, o que nem sempre acontece no Brasil. Ambos mostravam-se muito felizes por estarem voltando e ansiosos pela chegada ao Brasil. Durante as conversas, Divino nos confessou que “nunca tinha visto o mar, fiquei feliz por ter visto o mar na Irlanda e agora quero viajar no Brasil, pra ver o nosso litoral”. A conexão de volta ao Brasil passou pelo aeroporto de Frankfurt e seguimos juntos durante toda a viagem até São Paulo. A chegada em Frankfurt permitiu-me perceber que, apesar do tempo que permaneceram na Irlanda, nenhum dos imigrantes se arriscava a pedir informações em inglês. Mostravam-se muito tímidos e temiam dirigir-se aos atendentes a fim de confirmarem as passagens. A todo tempo fui demandada a ajudar, tanto na identificação dos portões como na solicitação de informações.

As expectativas com a volta ao Brasil se manifestavam em momentos de descontração e risadas. A experiência da viagem internacional despertou nos trabalhadores a vontade de viajar pelo Brasil. Divino, especialmente, se dizia incomodado quando algum irlandês perguntava sobre o Rio de Janeiro, Salvador e sobre as praias brasileiras que ele não conhecia: “Às vezes os estrangeiros sabem mais do Brasil do que nós que nascemos lá. Eles conhecem o Rio e a gente não”. Quando questionado sobre os planos para a vida depois da Irlanda, Antônio afirmou que pretendia procurar emprego e investir o que ganhou para viver com mais conforto. Divino e Divina guardavam os planos para o momento da chegada: “primeiro vamos ver como estão as coisas”, disse Divina, “para depois decidir”.

Nas cidades onde realizei a etnografia em 2011, pude ouvir referências aos “bons tempos da Irlanda”, antes da crise econômica. Em Anápolis, Longuinho me disse que no início dos anos 2000 “só não ganhava dinheiro na Irlanda quem não queria”:

Os frigoríficos pagavam bem melhor e os brasileiros eram disputados à tapa pelas empresas. Não faltava emprego e os irlandeses abriam a mão quando viam o trabalho do brasileiro. Muita gente aqui na Fabril tirou o pé da lama graças à minha ajuda, pois eu arrumei pra eles irem pra Irlanda.

Em Gort, Paulo, 47, disse que cansou de achar dinheiro na rua, principalmente perto dos *pubs*, pois depois de bêbados os irlandeses perdem tudo:

Só não perdem a cabeça porque tá grudada no corpo. Conheci um senhor aqui, goiano, que levantava bem cedo, principalmente nos sábados e domingos depois das farras que os irlandeses faziam nos *pubs* e ia varrer a rua da praça central, perto do *O'gradys*, para encontrar as notas de cinquenta euros. Hoje isso acabou. Ninguém perde mais nada, mais difícil. No começo isso aqui era só o ouro.

O informante considera que “no tempo em que a gente achava dinheiro na rua a Irlanda era só o ouro”. A expressão também é frequentemente utilizada para fazer referência aos tempos em que havia trabalho disponível, boas oportunidades de ganhar dinheiro e também divertimento. Paulo usou-a para falar de uma festa em que ele participou em Gort: “Depois que desligaram o som nós começamos a cantar só modão lá de Goiás. Vou dizer pra você é bonito ver uma raça só cantando as músicas da nossa terra. A festa foi só o ouro”.

5.3

A Igreja para os Imigrantes e as Igrejas dos Imigrantes

Diante do crescimento repentino e significativo dos fluxos emigratórios para a Irlanda, surgiram iniciativas como o Centro de Apoio de Brasileiros na Irlanda (CABI). Esse centro foi organizado pela iniciativa de John O`Reill, o John Goiano, e do Pe. Patrick Mcnamara. Juntaram-se a eles outros religiosos católicos que falam português, a exemplo de Timothy McMaron, conhecido entre os brasileiros como Timóteo, e outros padres que moraram no Brasil, Pe. Kevin e Tiago, entre outros. Observei que todos os irlandeses voluntários têm em comum uma grande admiração pelo Brasil e pelos brasileiros, aos quais se dedicam em tempo integral.

John Goiano e Timóteo exacerbam essa paixão. John se nega a entender porque os brasileiros deixaram o Brasil e escolheram a Irlanda para viver; Timotéo afirma que o Brasil ocupa um lugar especial na sua vida:

Quando os brasileiros me procuram para reclamar das dificuldades eu procuro ajudar, mas também tenho que dizer para eles: O que vocês estão fazendo aqui? O Brasil hoje tá melhor que a Irlanda, têm universidades melhores, tem um clima melhor, o povo é alegre, a comida é muito boa e basta procurar direito que você acha trabalho. Muito melhor ser feliz no Brasil, do que tentar ficar rico na Irlanda.

No meu coração, em primeiro lugar vem a minha família e em segundo o Brasil. Todos na minha casa sabem disso. O povo brasileiro é um povo que têm muita fé e apesar do sofrimento tá sempre feliz, recebe os estrangeiros muito bem, com carinho. Os trabalhadores dos frigoríficos aqui, por exemplo, são muito ligados à família e muito corajosos. Quando nós começamos o trabalho com os brasileiros dos frigoríficos, conhecemos um brasileiro que sofreu um acidente e não foi indenizado. Fomos até o frigorífico com um advogado. O gerente disse pra nós, como ameaça: “Não vamos mais contratar brasileiros, apenas russos”. Então Padre Patrick disse para ele: “Nós também temos padres que falam russo”.

Esse grupo de irlandeses passou a articular ações de apoio aos brasileiros em todas as áreas e demandas. Essas atividades envolvem serviços de tradução junto às autoridades, em caso de demandas jurídicas, trabalhistas e em emergências médicas. Eles também são convocados quando há deportação ou prisão de brasileiros ou outros imigrantes de língua portuguesa. Ao todo, além de John e Timotéo, são seis padres envolvidos nas atividades. Eles revezam-se na celebração das missas e na resolução de problemas diários envolvendo imigrantes. John citou o fato de que o frigorífico Kepak recolhia os passaportes dos brasileiros, desrespeitando a lei, além de alugarem alojamentos sem condições de habitação digna. “Eles melhoraram depois que nós começamos a denunciar, pois os brasileiros não podiam contar com ninguém e nem sabia falar a língua”.

O padre Patrick Mcnamara viveu vinte anos no Brasil. Ele atende a cerca de cinco demandas diárias durante a semana. Nos finais de semana celebra missas, em português, em várias cidades onde existem comunidades católicas de imigrantes. A atividade de apoio, segundo ele, tem como objetivo proporcionar suporte emocional, espiritual e legal aos imigrantes:

Os padres são escolhidos ou aderem ao trabalho em função do domínio da língua portuguesa, já que a maioria dos imigrantes não fala inglês e não quer aprender. As dificuldades com a língua e a situação de ilegalidade são barreiras muito significativas e muitas vezes impedem a reação diante de situações de exploração e injustiça.

Os brasileiros, segundo o Pe. Patrick, “acreditam não ter direito a nada”, pois estão ilegais. No que se refere especificamente ao não aprendizado da língua, alguns imigrantes nos disseram que a consideram muito difícil e, como não pretendem ficar no país por muito tempo, não se dedicam. Nas tentativas do Centro de Apoio em articular aulas de inglês para brasileiros, o Pe. Patrick afirmou ter percebido dificuldades e desinteresse. Nas primeiras aulas o número de interessados costuma ser maior, mas à medida que se apresentam as dificuldades, ocorriam desistências. No dia 04 de janeiro de 2009, participamos de uma missa em português na cidade de Tullamore, no condado de Offaly, numa sala anexa à igreja católica local. O Pe. Patrick dirigiu a celebração com a presença de vinte e oito brasileiros adultos e oito crianças, moradores de Tullamore e de cidades próximas. A celebração foi conduzida com a ajuda de Vanildo Lima, proprietário da Apoio Internacional.

Dado o contexto das festas natalinas e de Ano Novo, o tema da homilia foi a solidariedade e o sentido do Natal diante das guerras no oriente médio. Toda a celebração foi marcada pelas tentativas do celebrante em incentivar a participação do público. A cada momento de oração ele direcionou perguntas para os presentes, principalmente associadas ao conceito de paz. Explicou a trajetória histórica da criação do Estado de Israel, sugerindo que após 1948 os judeus invadiram a terra já habitada por palestinos. Importante ressaltar que a celebração ocorreu no contexto das investidas israelenses contra o grupo terrorista *Hamás*, no final do mês de dezembro de 2008 e início de janeiro 2009.

Após a homilia, foram distribuídos *souvenirs*: pequenos presépios de madeira feitos por cooperativas de trabalhadores na Palestina. Ele solicitou que todos rezassem pelos cristãos da região e pela paz. O apelo político da homilia reflete a postura ideológica do religioso que viveu vinte anos no Brasil, envolvido com os trabalhos das pastorais ligadas à teologia da libertação.

Ao final da celebração ele me apresentou um panorama geral das suas atividades mais recentes. Enfatizou a honestidade e simplicidade dos brasileiros que vivem no país. Pessoas que, segundo ele, vieram do interior do Brasil e nunca tinham feito viagens longas, por isso muitas vezes pensam que as coisas na Irlanda funcionam como no Brasil.

Muita coisa faço por telefone ou por e-mail, traduções ou negociações, mas tem bastante procura, estou sempre correndo contra o relógio. Estou traduzindo de segunda-feira à sexta, e nos fins de semana faço mais na linha espiritual, missas, batizados, casamentos. Muitas vezes e depois da missa que vem gente me procurando pra acompanhar alguém durante a semana. Ontem à noite estive com pessoal do maior sindicato do país, SIPTU, traduzindo e incentivando os brasileiros a se organizar para se defender e se informar sobre seus direitos, mas muitas vezes nas missas estou incentivando o pessoal a se informar e se sindicalizar. Também estou disponível para traduzir nos meios jurídicos, quer dizer para advogados, polícia, nos tribunais. Assim faço contato com outros que talvez nem soubessem da minha atividade. Também estou ajudando muitos a se candidatar para viajar de volta para casa, pago pelo Estado, por meio da IOM⁵⁹, para reduzir a necessidade de ser deportado formalmente. Na realidade, tem bastante brasileiros em outras cidades também. Antes da chegada dos brasileiros em Gort, ninguém conhecia nada de lá, agora tem gente falando dela por causa de tanto crescimento e movimento, mas eu desconfio que isso não vai durar muito tempo, com a crise do jeito que está no país. O número de desempregados está pulando, mais 100, 200, até 500 cada dia em várias cidades no país, e quem não tem *work permit*, como muitos não têm, vai ter que ir embora.

Um caso de exploração de brasileiros ganhou notoriedade na Irlanda no ano de 2004. O CABI foi procurado por um grupo de quatro brasileiros ilegais que trabalhavam em torno de dezesseis horas por dia. Eles foram recrutados pela empresa de uma irlandesa chamada Samantha Hostel, que os submetia, juntamente com outros imigrantes ilegais, a trabalhos insalubres e mal pagos. Segundo o religioso, as condições, análogas à escravidão, deixaram o júri e o juiz estupefatos. O juiz chegou a solicitar que os depoimentos fossem repetidos. Ao final do julgamento a ré foi condenada a pagar todos os direitos dos trabalhadores, ainda que estes estivessem em condições de ilegalidade⁶⁰. Segundo o Pe. Patrick, os brasileiros nunca receberam nada, pois ela fechou a empresa e não haviam bens a serem confiscados. Após esse episódio, no entanto, a condenada foi presa por envolvimento com prostituição.

A condição de ilegalidade, somada à falta de informação, impõem certo silêncio diante das condições insalubres de trabalho. Segundo o CABI, paga-se na Irlanda em torno de oito euros por hora aos trabalhadores ilegais. No caso de trabalhadores com visto de trabalho, o salário pode chegar a vinte euros por hora. Em Gort e Tullamore pude participar de duas missas onde contei no máximo vinte e oito

⁵⁹ International Organization for Migration

⁶⁰ Interessante observar que o fato das vítimas não terem documentos que os autorizassem a viver no país não foi atenuante para o caso de exploração, diferente das justificativas dadas pela polícia inglesa no caso da morte do brasileiro Jean Charles de Menezes, que ressaltou a condição de ilegalidade da vítima a fim de minimizar o erro da polícia ao assassiná-lo.

peessoas. A pouca participação, no entanto, não foi motivo de reclamação para nenhum dos padres envolvidos. Por conhecerem a realidade e as privações dos imigrantes, os religiosos mostram-se muito tolerantes com os brasileiros e os veem como vítimas de um sistema injusto que os impeliu a emigrar. Ouvi mais reclamações sobre as ausências nos cursos de inglês do que nas missas, o que demonstra uma preocupação com a emancipação desses imigrantes, principalmente pelo fato de compreenderem que “sem falar a língua os imigrantes ficam muito mais vulneráveis”, como disse o Pe. Patrick.

5.3.1

As Igrejas Pentecostais

Em Gort o trabalho de apoio religioso ganha outros contornos, uma vez que os goianos levaram cinco igrejas evangélicas para a cidade. São elas: Assembleia de Deus Ministério de Anápolis e Ministério Madureira, Deus é Amor, Igreja do Evangelho Quadrangular, Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus. Com exceção da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), cuja instalação foi por iniciativa institucional, as outras foram iniciadas por imigrantes evangélicos.

As atividades desenvolvidas envolvem, além dos cultos semanais em português, congressos evangélicos, encontros de oração e atividades festivas religiosas. Segundo uma imigrante, são frequentes os congressos religiosos na cidade, mas a conversão de irlandeses ainda é insignificante. Ao entrevistarmos a goiana Elizabeth Santos, 27, moradora de Gort há cinco anos, percebemos que o elemento conversão, fundamental nas igrejas evangélicas pentecostais, é considerado uma missão junto ao povo irlandês majoritariamente católico. “Meu patrão irlandês tinha câncer, mas eu o levei pra igreja e Jesus o curou; agora ele continua participando das orações”. Essa perspectiva missionária motiva tentativas de conversão dos irlandeses com os quais os goianos evangélicos mantêm relação direta. No entanto, os próprios imigrantes afirmam que convertê-los é uma tarefa muito difícil.

Dois irlandeses entrevistados apresentaram interpretações diferentes sobre a presença das igrejas evangélicas no país. O primeiro afirmou que “essas igrejas

oferecem soluções simplistas e um povo educado, bem informado e crítico não adere facilmente a essas propostas”. O outro ressaltou que as igrejas também refletem um traço da resistência brasileira à integração. Os brasileiros não se integrariam e formariam comunidades separadas, principalmente porque ficam anos no país sem aprender a língua. Insistem em viver como no Brasil, apesar de estarem fora do Brasil. É preciso considerar, no entanto, que a República da Irlanda construiu toda a agência em relação ao colonialismo britânico a partir da sua identidade católica, e a adesão a princípios religiosos distintos poderia contrariar um sentido identitário fundamental no país.

Uma das diferenças entre o trabalho da Igreja Católica e o trabalho realizado pelas igrejas evangélicas está na forma como concebem a ideia de apoio. A Igreja Católica atua na intermediação de conflitos buscando fundamentação legal. A intenção é subsidiar os imigrantes com informações relativas aos seus direitos. Para isso oferece assessoria de advogados e intermediação junto às autoridades do país. As próprias celebrações são utilizadas como espaço de informação. Há um padre psicólogo que atende imigrantes brasileiros e outros imigrantes de língua portuguesa. São organizados cursos de inglês e reuniões informativas sobre as leis irlandesas. No caso das igrejas evangélicas a ideia de apoio refere-se à espiritualidade. A oração e a comunhão com Deus seriam formas de sustentação espiritual do imigrante.

No dia 11 de janeiro de 2009 a Igreja Universal do Reino de Deus realizou o seu segundo culto em Gort. Após o culto, o pastor Marcos Alexandre Valentino informou-nos que a sua vinda a Gort está relacionada à grande presença de brasileiros na cidade. Considerando que a Universal se instalou em Dublin há cinco anos, ele acredita que é preciso que ela se desloque para auxiliar espiritualmente os brasileiros, e esse seria o sentido da sua presença na cidade. No dia 11 de fevereiro de 2009, quatro pessoas participaram do primeiro culto da manhã. Toda a celebração foi conduzida de forma a intercalar momentos de oração e reflexão bíblica. A ênfase da homilia foi a vitória sobre o mal e sobre as tentações. O pastor exortou várias vezes os participantes a declararem a vitória sobre as dificuldades financeiras e sobre os espíritos malignos que perturbam a vida das pessoas. Ao final, centrou seu sermão na importância das ofertas e do compromisso com a igreja. Informou sobre a programação semanal, com cultos em português e inglês,

que também consta num cartaz afixado na porta da igreja, e ressaltou a importância da fidelidade a Deus para que essa fidelidade seja retribuída.

O pastor de uma das Assembleias de Gort, Mauri, 43, emigrou para a Irlanda há dez anos através do irmão que já estava trabalhando no país. O irmão enviou o número do seu *work permit* e uma carta convite. Assim que chegou a Gort, Mauri foi contratado pelo *Sean Duffy Meats*, mesmo estando em condição de ilegalidade. Trabalhou por seis anos e meio no frigorífico, nas áreas de desossa e de matança. Como em Goiás já frequentava a Igreja Assembleia de Deus Ministério de Anápolis, passou a se reunir com o grupo de assembleianos em *Gort*. Em 2003 alugaram a sala para a igreja que chegou a contar com 200 membros, antes do agravamento da crise econômica e o consequente retorno de muitos brasileiros. Quando questionado sobre como é ser pastor evangélico em um país católico, Mauri comentou sobre a resistência dos irlandeses à sua pregação e convites:

Nós nunca tivemos nenhum problema aqui no país. Aqui na Irlanda eles têm a religião deles e se a gente vai pregar às vezes eles nem aceita. Tem três irlandeses frequentando a Igreja, mas não se converteram ainda não. Eles, na verdade, vêm porque namoram com brasileiras. Eu convido meus amigos irlandeses pra vir à igreja e eles respondem que já têm a igreja deles e participam uma vez por semana, na missa domingo; à tarde eles tiram pra ficar com a família e diz que não tem tempo.

O objetivo da Igreja é ganhar almas pro reino de Deus, segundo Mauri:

Em um país desses, muitos da nossa nação vêm e se envolvem com vícios e o nosso trabalho é cuidar desses brasileiros. As maiores dificuldades que os brasileiros vivem aqui são os problemas financeiros, de três anos pra cá começou essa crise mais forte. Os brasileiros começaram a pedir mais ajuda pra igreja: para aluguel, alimentos e até ajuda pra poder ir embora pro Brasil. A igreja aqui tem contato com quase todas as cidades: Nass, Limerick, Athlone, Kilbeggan, Enis. São Assembleias de Deus de Ministério diversas. Visitamos outras igrejas e estamos sempre em contato, mais ou menos uma ou duas vezes ao mês. Não tem cultos em inglês. Aqui a gente tira uma vez a cada três meses, faz panfletos em inglês e distribui na cidade. Também temos o trabalho nos lares. Visitamos uma vez por semana. Domingo, terça, quinta e sábado temos cultos na igreja. Temos setenta membros na igreja. Igrejas em Gort hoje são quatro com salão estabelecidos: Assembleia de Deus Ministério Missão, Assembleia de Deus Madureira, Deus é amor, Universal do Reino de Deus e também existem os grupos de outras igrejas que se reúnem nas casas.

Em Kilbeggan participei de um culto em outra Igreja Assembleia, que aconteceu no sábado, dia 30 de abril de 2011. Ao contrário da Igreja de Gort, a de Kilbeggan não possui fachada indicativa e funciona numa sala alugada, na avenida principal da cidade. Fui a convite de Sal, 40, anapolina moradora de Tullamore, que frequenta a Igreja junto com os três filhos. O marido, funcionário de um frigorífico,

“ainda não aceitou Jesus”, segundo Sal, mas “Deus já me deu a promessa”. Assim que cheguei e por ser a única visitante da noite, fui cumprimentada por todos os presentes.

Especialmente nesse culto o pastor da igreja, de nome Cristiano, estava viajando e Sal conduziria a celebração, motivo pelo qual se mostrava muito feliz. Na abertura do culto, que contava com a presença de 20 pessoas, entre crianças e adultos, Sal fez uma oração e depois leu um trecho do Gênesis, cujo tema era a família de Abraão e Sara. Outros membros da igreja também contribuíram com as palestras da noite; a temática família levou-os a abordar os parentes que estavam no Brasil e os problemas que a comunidade brasileira enfrentava na Irlanda, principalmente financeiros. O caso específico de uma mulher brasileira e de seus filhos, cujo marido havia sido deportado, motivou a arrecadação de alimentos e orações.

Além da família, a condição de imigrante e a ideia da missão dos evangélicos na terra estrangeira apareceram nas orações:

Deus pode tocar onde quiser, ele tocou naquele frigorífico e disse: é você que eu quero. Não escolheu gente rica, famosa e importante, escolheu você. Daqui a alguns anos vão dizer de nós: “chegaram uns brasileiros aqui na Irlanda e ganharam esse país para Jesus.” (Diácono Cláudio).

Durante as orações, dois preletores fizeram claras referências à minha presença sugerindo que eu estaria tendo uma oportunidade única: “Você que está vindo pela primeira vez, Jesus te trouxe até aqui não foi por acaso, ele tem um plano pra sua vida”. Em geral, nos cultos das igrejas evangélicas pentecostais, há um momento em que o dirigente pergunta se alguém presente na igreja gostaria de aceitar Jesus como seu único salvador. Nesse momento específico dedicado à conversão, todos no salão olharam na minha direção e eu permaneci olhando pra frente, tentando disfarçar o constrangimento. Quando o culto terminou, o diácono que estava substituindo o pastor veio me cumprimentar novamente e me convidar a voltar no próximo culto; disse ter certeza de que a minha vida poderia mudar se eu conhecesse a verdade. Enquanto eu falava sobre os objetivos da minha visita, ele insistia em me convidar a voltar deixando claro que tinha um grande interesse na minha conversão. Considerando que os pentecostais consideram que sua missão é “ganhar almas para Jesus”, como visitante não evangélica me tornei uma “alma a ser

ganha”. Ao mesmo tempo em que eu os via como informantes em potencial, eles me viam como evangélica em potencial.

Em relação aos evangélicos, tentei compreender como eles lidam com a ilegalidade, uma vez que “ficar ilegal” é um desrespeito às leis do país e conseqüentemente poderia ser compreendido como uma falta contra os princípios cristãos. Não observei nenhum tipo de conflito em relação a essa condição, além de descobrir que alguns pastores usaram documentos das igrejas para ajudar brasileiros a entrar na Irlanda, pois o documento de religioso raramente é questionado na imigração. A ilegalidade não é vista pelos evangélicos em questão como um crime, assim como viabilizar a entrada de outros “irmãos” no país pode ser manifestação de formas utilizadas por Deus para conduzir seus filhos à prosperidade:

Quando Deus tem um projeto pra vida da gente, ele levanta outras pessoas para te ajudar. Muitas vezes ele revela para essas pessoas o que deve ser feito. De repente chega um dinheiro que você tava precisando ou uma passagem. A oferta de hospedagem. É tremenda a forma como Deus levanta os irmãos pra ajudar a gente (Lourdes, 53).

Os evangélicos acreditam que a presença das suas igrejas na Irlanda reflete o caráter missionário que essas denominações devem assumir. Compreendem, ainda, que todos os processos que os levaram até o país são conduzidos por Deus. Nos cultos as menções à prosperidade são frequentes, convém ressaltar que na IURD esse tema ocupa toda a pregação. Oro (2003, p. 208), mostra que ao contrário das igrejas cristãs que se relacionam com o dinheiro de forma “dúbia”, as neopentecostais como a IURD atribuem ao dinheiro um sentido positivo, ao mesmo tempo em que estabelecem vínculos entre “o dom e a lógica do mercado”. Em síntese, quanto maior for a sua doação, maior serão as graças recebidas. Nas Assembleias de Deus predomina o tema da conversão, pois o grande objetivo dos evangélicos é “ganhar almas para Jesus”, o que pode incluir os irlandeses ou qualquer outra pessoa que se apresente no caminho. Como Deus estaria no comando de todas as coisas, ele também cria oportunidades para a conversão, a exemplo da oportunidade que, segundo o diácono citado, eu tive ao visitar a igreja em Killbeggan.

Enquanto os padres que trabalham com os brasileiros são, em sua maioria, herdeiros das concepções da teologia da libertação e comprometidos com a “opção

pelos pobres”, referências da igreja católica das ações da Igreja Católica na América Latina desde as conferências de Medelin e Puebla, as igrejas evangélicas pentecostais concebem a relação com a prosperidade de uma forma completamente diferente. Para muitos, ser próspero é uma promessa divina e nesse sentido os projetos que envolvem a busca da prosperidade, como a emigração, são conduzidos e abençoados por Deus, pois na verdade são projetos do próprio Deus para a vida dessas pessoas. Parafraseando um teólogo paulista, “enquanto a igreja católica fez opção pelos pobres, os pobres fizeram opção pelo pentecostalismo”.

Para alguns ex-imigrantes, a experiência de viver na Irlanda foi como uma prisão: o frio e a língua inglesa transformaram-se em grades e os privaram da experimentação plena do cotidiano, das paisagens e das relações sociais. Para outros, viver em terras distantes e diferentes foi uma possibilidade de crescimento pessoal e de experimentar a liberdade em seu sentido mais pleno, sem cobranças dos familiares e sem as pressões sociais. O certo é que as particularidades das experiências, apesar das interpretações e sentimentos variados, sugerem que ela desorganiza o sistema de referência dos imigrantes (Ferreira, 2005). Para reorganizá-lo eles tentam recriar espaços de sociabilidade que o devolvam aos significados conhecidos. Dessa forma a preferência pela agregação regional, a articulação de festas brasileiras, a abertura das igrejas evangélicas e a tentativa de manutenção dos hábitos alimentares tornam-se caminhos para que o imigrante tenha de volta partes do mundo que a emigração o fez perder, restituindo-lhe a segurança ontológica. Todo o processo de adaptação, no entanto, acrescenta e reorganiza referências, como podemos perceber nas leituras que esses imigrantes fazem da sua condição, dos seus projetos e de elementos culturais do país em que vivem ou viveram.

Não é novidade que a presença dos imigrantes em qualquer contexto opera transformações culturais e sociais. No caso em questão, a cidade de *Gort*, mais do que Tullamore e Kilbeggan, foi significativamente “afetada” pela presença brasileira, como todos os sinais indicados ao longo da tese podem confirmar. Não é possível apontar previsões sobre os impactos da emigração brasileira à Irlanda em longo prazo. Importa, sim, entender que as marcas que podemos reconhecer de imediato alteraram reciprocamente percepções culturais, permitindo aos brasileiros entender

que nem tudo na Irlanda é perfeito ou que na verdade não existem sociedades resolvidas.

A presença brasileira na Irlanda não é um fenômeno de destaque em função do número de imigrantes no país, se comparada a imigrantes de outras nacionalidades; o grupo de brasileiros corresponde a apenas dois por cento do total de imigrantes (Maher, 2010, p.02):

Brazilian immigrants account for a small percentage of the total number of labour migrants in Ireland. 2006 Census data suggest they comprised less than 2% of the 278.000 non Irish nationals in the labour market, with 4388 brazilian nationals in Ireland at the time, although some estimates at the time put the total numbers of brazilians at closer to 8.000.

Dados do Ministério das Relações Exteriores, no levantamento estimativo de 2011, sugerem que há dezoito mil brasileiros vivendo no país. Três mil a mais do que apontaram as estimativas de 2009. É preciso considerar, no entanto, que houve um incremento da oferta de cursos de inglês e intercâmbio para brasileiros na Irlanda, que contam com a atuação de várias empresas presentes simultaneamente nos dois países. Nesse caso, sugerimos que há um novo fluxo de brasileiros, cujo perfil é completamente distinto dos trabalhadores contratados pelos frigoríficos no final da década de 1990. Segundo o proprietário de uma empresa de intercâmbios na Irlanda, o custo de vida e facilidades como a concessão de visto estudantil, a autorização para trabalho e a segurança pública são pontos favoráveis para o crescimento do número de estudantes que escolhem o país para aprender inglês. Apesar de não existirem dados precisos sobre número de brasileiros que estão na Irlanda para estudar, a partir da observação de campo posso sugerir que a grande maioria está concentrada em Dublin. A maioria dos estudantes com os quais convivi em Dublin tem São Paulo como estado de origem no Brasil. Encontrei muitos outros do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná. Em geral eles trabalham nos setores de restaurantes, limpeza, vendas, *au pair* e entrega de jornal.

No que se refere às pessoas que deixam o Brasil para trabalhar, é importante ressaltar que a maioria nunca viajou de avião e desconhece todos os procedimentos de embarque, o que naturalmente causa insegurança, agravada pelo fato desses indivíduos terem que transitar em aeroportos internacionais sem falar o inglês. Soma-se a essa inexperiência o medo de que os “arranjos” para a entrada no país

não sejam aceitos pelos agentes da imigração e ele não seja admitido ou, após a entrada, seja deportado. Essa insegurança justifica-se, uma vez que em pesquisa realizada pela SNJ em 2006 (p. 51), o número de deportações de brasileiros que vivem ilegalmente na Europa aumentou, em função da adoção de políticas rigorosas de controle da imigração ilegal. No relatório, a Irlanda aparece como destaque nos depoimentos dos deportados e não admitidos, pelo “tratamento duro” dispensado aos migrantes. Os goianos, por sua vez, representam o maior número entre os deportados:

Deportados e não admitidos (as) por estado de naturalidade

Goiás	24
Minas Gerais	13
São Paulo	7
Paraná	7
Rondônia	4
Mato Grosso	3
Pernambuco	2
Santa Catarina	2
Espírito Santo	2
Mato Grosso do Sul	2
Roraima	2
Tocantins	1
Bahia	1
Distrito Federal	1
Rio Grande do Sul	1
Pará	1

Fonte: Secretaria Nacional de Justiça (2006)

Todas as barreiras encontradas no trajeto emigratório, além de causarem insegurança e medo, reforçam, muitas vezes, sentimentos de inferioridade, fazendo com que os emigrantes se vejam diminuídos e se sintam sujeitos sem direito. Na “terra alheia”, a insegurança que, entre outros problemas, é resultado da condição

de ilegalidade e do desconhecimento dos códigos culturais dominantes, impõe o silêncio diante de situações injustas ou de exploração. Muitos admitem reconhecer que estão sendo vítimas, mas preferem não reclamar. Outros reclamam, acionam e mobilizam a comunidade e entidades como o CABI para ajudá-los. É possível apreender dessas experiências que há atitudes que demonstram encantamento e receio diante das experiências vividas fora do Brasil. Nas narrativas em questão, a vida no exterior é apresentada como uma experiência significativa, simultaneamente vista como positiva e marcante, considerando que priorizam os dramas vividos, as privações, os desafios superados, as dores, os riscos e as humilhações, bem como as conquistas e os aprendizados.

No momento em que os imigrantes interpretam determinadas situações de violência, concepções arraigadas na mentalidade regional goiana, para não dizer na mentalidade nacional, vem à tona, como é o caso do brasileiro “traidor”, que “mereceu” ser esfaqueado, e da mulher “desonesta” que “mereceu morrer”. Longe da intenção de sugerir que os goianos que vivem na Irlanda são violentos, os acontecimentos citados apresentam que algumas formas de violência encontram justificativa na lógica desse grupo. Os comentários que ouvi sobre o assassinato de Joselita, a brincadeira que criou as condições para que José Cláudio matasse o amigo e o argumento usado para defender o esfaqueamento do “brasileiro traidor”, mostram que existem fronteiras de difícil transposição entre representações morais e leis. Repertórios arcaicos sobre relações de gênero e masculinidade permanecem marcantes nessas manifestações e, a despeito de qualquer experiência ou vivência “internacional”, continuam latentes, manifestando-se em momentos mais críticos como nos casos citados. Por outro lado, não me julgo no direito de tecer considerações mais amplas sobre os casos em questão, uma vez que para isso, acredito, seria preciso uma etnografia que os priorizasse, além de uma densa discussão acerca do conceito de violência. Nos limites da proposta desta tese, a intenção de registrar esses acontecimentos está associada à expectativa de mostrar um quadro das experiências, interpretações e dramas vivenciados por esse grupo de imigrantes.

No que se refere às relações entre brasileiros e irlandeses, os estranhamentos mais importantes acontecem por causa das diferenças relativas ao comportamento dos brasileiros e nacionais no espaço público da rua e no privado da

casa. Percepções dessas diferenças aparecem quando os brasileiros estranham a proibição de beber na rua e de realizar festas em casa ou o comportamento no trânsito. Uma irlandesa casada com um brasileiro, com quem tem dois filhos, disse ter ficado chocada quando viu que os brasileiros levam os filhos para as festas e na presença deles bebem e muitas vezes ficam bêbados. Para ela o horário das crianças estarem na cama é sagrado e isso o seu marido demorou a compreender. Esses estranhamentos e choques, comuns à experiência de viver fora da terra natal, também produzem transformações mútuas, ajustes e adequações. É certo, por outro lado, que há elementos da cultura que não são negociados, “jeitos de ser” que permanecem e crenças que não se diluem, como fazem crer as narrativas e casos citados nesse capítulo.

A vida dos imigrantes brasileiros na Irlanda e, especificamente, a postura dos irlandeses em relação aos imigrantes em geral, também devem ser consideradas diante das circunstâncias históricas que fizeram da Irlanda um país de emigrantes em potencial. A emigração é sempre uma possibilidade ou uma ameaça para os irlandeses, especialmente diante da crise recente que atingiu o país após trinta anos de sucesso econômico, trazendo de volta os fantasmas do desemprego e da falta de perspectivas. “Todo irlandês tem parentes que vivem fora, nossos antepassados também emigraram e por isso entendemos porque os brasileiros e poloneses, por exemplo, deixem seus países para buscar emprego aqui”, disse a professora Mary, 45, que vive e leciona irlandês em *Gort*.

As observações também me sugeriram que alguns goianos de Anápolis estabeleceram redes de solidariedade cuja base é religiosa, articulando seus contatos a partir das igrejas evangélicas que fundaram na Irlanda. Festas, congressos religiosos, reuniões de oração e de cura, *shows* com cantores de música evangélica, jantares com comida típica goiana e churrascos regados a guaraná Antártica são eventos frequentes que agregam os brasileiros goianos no país. A comunidade brasileira de *Tullamore* conta com um número maior de católicos, segundo o CABI. Nessa cidade há também brasileiros do interior de São Paulo; um deles referiu-se aos goianos de *Gort* como os crentes: “lá tem muito crente e eles não se misturam muito com os outros brasileiros”.

Um goiano que viveu em *Gort* por seis anos afirma que os evangélicos ajudam a manter a boa imagem dos brasileiros na Irlanda, pois não se envolvem em brigas,

não bebem e não criam problemas com as autoridades. Elizabeth Santos, 29, moradora de *Gort*, goiana e evangélica, afirma ter vergonha dos problemas que os brasileiros causam:

Aqui em *Gort* a maioria dos brasileiros é evangélica. Nós não chamamos a atenção com brigas em bares e envolvimento com problemas. Graças a Deus temos uma comunidade forte aqui e Deus tem salvado muita gente.

Alguns pastores responsáveis pelas igrejas evangélicas na Irlanda interpretam a presença dos brasileiros no país como “resultado da mão de Deus”, compreensão também partilhada por muitos imigrantes, evangélicos ou não. A crença de que havia uma força superior conduzindo esses sujeitos ao processo emigratório aparece em muitas narrativas sobre o momento de passagem pela imigração. Paulo, 43, que não é evangélico, define sua chegada à Irlanda como vontade de Deus:

Eu vim porque soube que tinha uma mulher indicando gente pra trabalhar aqui na Irlanda. O nome dela é Tereza, na época ela pegava quarenta reais de cada pessoa e prometia que ia organizar tudo. Eu arrumei todos os meus documentos, mas ela enganou todo mundo. Eu já estava com os documentos todos ok. Então pedi ao meu sogro que conseguisse dinheiro emprestado pra que eu viesse. Eu disse pros meus amigos e partimos: eu vou e vou abrir caminho pra todo mundo. Fomos um grupo aqui de Anápolis. Na hora de fazer o *chek-in*, já viu como é goiano, nunca viajou pra lugar nenhum né, nem de avião, trocaram os voos e separaram a gente. Eles foram na minha frente e eu fui em um voo logo depois. Conclusão: os que foram antes de mim foram todos deportados (inadmitidos), todo o grupo, só eu que cheguei depois é que consegui entrar. Então eu fui separado pra poder entrar. Isso é Deus ou destino, não sei, mas parece que tava escrito que eu tinha que conseguir entrar.

Para Paulo todos os acontecimentos que envolvem sua emigração estavam determinados; ele estaria predestinado a ir para a Irlanda, por isso organizou documentos, conseguiu dinheiro emprestado e foi separado do grupo que seria barrado no aeroporto de Dublin. Mesmo podendo ser interpretado como empecilho e definitivamente desmotivá-lo, o fato de ter sido ludibriado pela intermediária, ao contrário, o animou, motivando-o a persistir. São muitos os relatos de imigrantes que consideram que sua emigração fazia parte de um projeto alheio às suas decisões pessoais. A crença de que viver na Irlanda foi uma decisão superior não é exclusiva dos evangélicos. Muitos que assumem não frequentar nenhuma igreja também compartilham a mesma crença, o que me leva a sugerir que entre os imigrantes a

representação cristã de que Deus estaria no controle é um argumento importante na interpretação que esses sujeitos elaboram sobre a trajetória migrante.

Por outro lado, o número significativo de igrejas evangélicas pentecostais em Goiás e a grande adesão dos goianos a essas igrejas podem contribuir para que compreendamos a convicção que sem dúvida move os imigrantes: a tese de que é possível alcançar a prosperidade, ainda que para isso tenham que deixar a terra natal e cruzar o oceano. A goiana Milza, 49, está em Gort há nove meses e já abriu um salão de cabeleireiros na praça central. Ela é membro da Igreja Assembleia de Deus em Gort e, apesar de não ter autorização de trabalho, conseguiu abrir o pequeno empreendimento em seu nome:

Meu filho já estava aqui em Gort. Eu tinha um salão muito bom em Goiás, sou cabeleireira há muitos anos. Nunca tinha pensado em vir para a Irlanda, até que Deus me falou que eu tinha uma missão aqui. Foi a mão de Deus que me trouxe, foi a mão de Deus que me ajudou a abrir esse salão e ter todos esses fregueses. Tenho mais freguesa irlandesa do que brasileira.

Milza não demonstra ter dúvidas sobre as razões da sua emigração para a Irlanda. Disse, ainda, ter a certeza de que todos os caminhos estariam abertos, pois o projeto é de Deus e não dela. Afirmou que gosta muito dos irlandeses, que é muito bem tratada e está tentando aprender o inglês. Nos dias em que a acompanhei no salão, observei que mesmo sem falar a língua das freguesas, as habilidades de Milza com a tesoura e o secador e o largo sorriso mostravam-se muito eficientes, fazendo com que o salão estivesse sempre movimentado. Durante as nossas conversas, a cabeleireira confessava que estava ganhando um bom dinheiro na Irlanda, ao que atribuía às mãos divinas:

Quando a gente entrega a vida da gente pra Deus você tem que fechar os olhos e confiar. Deus não ia me fazer largar tudo no Brasil pra vir aqui passar dificuldades, não faz sentido se fosse assim. Eu já declarei a vitória em nome de Jesus, pois a minha vida é conduzida por ele.

Oro (2011), ao discutir os imaginários religioso e político na América Latina, cita que entre os principais enunciados religiosos presentes no continente está o “Deus nos governa do céu”. Na Irlanda, como citei ao longo do trabalho, muitas narrativas dos imigrantes diziam que “entraram na Irlanda por vontade de Deus” ou sugerindo que “eles haviam sido escolhidos para entrar”, como mostra Paulo. Há

nessa perspectiva a forte manifestação de um imaginário religioso que, somado aos outros objetivos apontados para a emigração, fundamenta a decisão de emigrar ao considerá-la também como um projeto divino, assim como o alcance da prosperidade e o sucesso econômico, frequentemente atribuídos à ajuda divina.

Toda a estrutura material e humana que mantém a emigração em Goiás existe em função de um terreno fértil, cultivado desde a década de 1980 pelas narrativas dos trabalhadores que foram e voltaram do exterior e dos que permaneceram morando fora. O ex-imigrante é alguém que “volta por cima”, em condições melhores. Em Anápolis me chamou a atenção a leitura de Jaqueline, 22, uma atendente de panificadora da Vila Fabril, acerca dos que deixam o país e voltam para o bairro:

A pessoa fica mais branca, a pele fica diferente, o tom da pele, sem mancha nem espinha. Também muda o jeito de ser, alguns deixam de reconhecer os amigos, se torna metido, arrogante, tipo: eu cheguei da Irlanda, eu posso. As mulheres nem tanto, mas os homens passam a sair pras baladas, só querem saber de festa, bebida. Meu namorado foi, nós ficamos namorando um ano, com ele na Irlanda, depois terminamos. Ele voltou comprou caminhão, lote e casa. Eu tenho vontade de ir pra fora trabalhar. Lá na Irlanda você consegue mais rápido, um conforto melhor. Aqui no Brasil você não consegue com tanta facilidade.

Assim como afirma Hannerz (1998) ao se referir à cultura global, não constatei traços de homogeneização cultural ao realizar a etnografia para essa tese. Pelo contrário, como é possível apreender das palavras de Elizabeth Santos, 27, que vive em Gort, o apego ao local de origem torna-se a referência mais sólida e o desejo de voltar a maior certeza:

Quando eu cheguei aqui me senti mais brasileira do que nunca. A gente começa a valorizar e até chorar por causa da bandeira do Brasil ou das músicas brasileiras. Sempre encontramos um jeito de comer nossa comida, de fazer nossas festas, parece que o Brasil ficou mais bonito, mais amado. Eu sei que meu tempo aqui é marcado. Eu vou voltar logo.

A partir dos relatos apresentados, podemos sugerir que muitos imigrantes necessitam considerar a experiência de viver fora como passageira, uma vez que eles se consideram vivendo “na terra alheia” e submetidos às dificuldades dessa condição. O sentimento de que estariam fora de lugar traduzido na expressão “boi na terra alheia é bezerro”, só se torna suportável pela crença de que a situação não é definitiva, de que uma vez alcançados os objetivos, poderão retornar e realizar os

sonhos que os motivaram a emigrar. As constatações também apontadas mostram que a inquietação desses sujeitos se mantém quando eles retornam. Muitos, por terem gasto o dinheiro que pouparam vivendo fora do Brasil, afirmam que pretendem voltar. Na interpretação de Josefa, 49, que trabalha em frente ao Frigorífico Friboi em Anápolis, GO:

As pessoas quando voltam da Irlanda não se aquietam mais, meu filho mesmo ficou perdido, não tá trabalhando. Casou com uma moça que é professora e a vida dele é ficar levando e buscando ela no trabalho. Não sei por quanto tempo esse dinheiro vai durar e nem quanto tempo ele vai aguentar ficar parado.

As considerações de Josefa sugerem que os sujeitos que voltam se sentiriam também deslocados. Associo esse deslocamento ao tempo em que os imigrantes estiveram fora. Esse tempo estabeleceu uma distância entre esses sujeitos e o seu local de origem, além de um estranhamento mútuo. Essa distância manifesta-se, muitas vezes, no medo do retorno. Em *Gort*, João, 38, já com as malas prontas para voltar ao Brasil disse, de certa forma, temer pela volta:

Tudo que eu quis aqui eu consegui. Viajei, conheci pessoas diferentes, fiz amizades, agora vou embora, mas deixo dois trabalhos e as portas abertas para quando eu quiser voltar um dia. Estou indo embora porque o tempo faz a gente esquecer as pessoas. Meu filho, minha mulher, minha mãe estão me esperando, se eu ficar aqui mais tempo vou esquecer deles. Quando a gente chega aqui a gente se sente livre, sem ninguém para te cobrar nada. Você faz sua vida, organiza tudo por você. Acho que vou estranhar demais. Se a mulher me cobrar muito eu volto pra trás.

André, 43, que vive na Irlanda há seis anos, afirmou que só volta ao Brasil depois que alcançar todos os seus objetivos: “Às vezes eu sonho que voltei e fico desesperado no sonho. É como se eu tivesse perdido a grande oportunidade da minha vida, pois no sonho eu sei que não posso mais voltar, pois estou ilegal aqui”.

A partir da defesa de que se cultivaram em Goiás fluxos emigratórios sustentados em redes informais de parentesco, redes religiosas, de vizinhança e amizade, acredito que é possível, à luz das análises de Hannerz (1998) e Appadurai (2009), questionar a ideia, muito difundida, que evoca a globalização como “a entidade” responsável pelos movimentos de circulação internacional, bem como por um processo de homogeneização cultural sem precedentes na história. É evidente que a estruturação de relações econômicas globais e a interdependência dos mercados diminuíram as distâncias entre os povos. Não podemos deixar de considerar, no entanto, as agências locais que articulam a emigração e as formas

com que os imigrantes “reiventam” sua localidade nos espaços onde passam a viver, conforme analisa Feldman-Bianco (2009, p. 22). Paraphrasing the author, I suggest that the exacerbation of regionalism by part of the Goian immigrants in Ireland evidences a “dynamic inter-relationship between globalization and localisms”.



Produtos Alimentícios da culinária Goiana. Loja Real Brazil, Gort, Galway. Foto: Reijane Pinheiro



Carros de Imigrantes brasileiros na Irlanda (Destaque para o equipamento de som).

Foto: Álbum de família



Quadrilha brasileira em Gort, Junho de 2004. Foto: M. Tavares



IURD, Gort, Galway (Vista externa). Foto: Reijane Pinheiro da Silva



Vista Interna, IURD em Gort, Galway. Foto: Reijane Pinheiro



Fachada Loja Real Brazil, Gort, Galway. Foto: Reijane Pinheiro

BOTECO BRASILEIRO PRESENTS:

AUGUST 05

SERTANEJA

WITH **CARLÃO & FABIANO**

+ DJ RENA BRASIL
PUCCL
 WITH FABIO LEAL
 DJING THE BEST
 HOUSE AND ELETRO.

ADMISSION FREE
 TILL 11PM
 AFTER €5

BRAZILIAN FOOD 1
 COXINHA, QUIBE, EMPADA
 PÃO DE QUEIJO, ETC. FROM €
 + LOADS OF DRINKS PROMOS

TURK'S HEAD PUB (TEMPLE BAR) • 9PM – 3AM
 MORE INFO: RENATO PASSOS • 0876468029 - RENATA BRASIL • 0870520541 - VICTOR AMARAL • 0872766845

 LEINSTER COLLEGE	 BRAZUKAS	 BULMERS Original	 FEIJOADÃO Brazilian Food
 Real transfer	 SANTO IRISH.com	 DIEGO EXPRESS 087 094 1016 www.diegoexpress.com	 Portuguese Language Centre Dublin - Ireland
 Kiosk Brazil	 COPACABANA BICYCLES		

Folder Convite Boteco Brasileiro

VI

As mulheres imigrantes: agências e interpretações

Nas análises clássicas das migrações, as mulheres aparecem como coadjuvantes ou vítimas. Vítimas quando abandonadas pelos companheiros que migraram ou coadjuvantes quando migram para acompanhá-los. As migrações regionais brasileiras, principalmente as empreendidas em massa pelos migrantes nordestinos em direção ao sudeste, produziram representações de gênero claramente permeadas pelo abandono de mulheres no sertão, obrigadas a criarem sozinhas os seus filhos ou a também migrarem, como alternativa à miséria imposta pelo meio. Nas teorias das migrações internacionais, em geral, as mulheres não são consideradas de acordo com suas particularidades. Subsumidas na categoria família ou trabalhadores, suas perspectivas desaparecem na generalidade dessas referências. Considerar os trajetos e experiências dessas mulheres a partir de um olhar que considere o gênero como condição em torno da qual já estão estabelecidas representações e expectativas pode ajudar a entender que outras motivações levam à migração e qual o lugar dessas mulheres nos movimentos de emigração para o exterior.

O processo que mobiliza indivíduos a migrar possui faces múltiplas que podem ser visibilizadas por perspectivas amplas, como as teorias macroestruturais, a exemplo das que inserem os trabalhadores migrantes no dinamismo da reestruturação do capital e das forças produtivas, mas também por análises que considerem as particularidades e os anseios dos indivíduos envolvidos. É nessa direção que consideramos as informações de que o início do fluxo migratório de trabalhadores e trabalhadoras brasileiros para a Irlanda teve como motivação específica o fechamento provisório de um frigorífico em Anápolis insuficientes para apreender toda a complexidade desse movimento migratório que se manteve

constante por cerca de dez anos. Ressaltamos que as experiências dos indivíduos que migraram esclarecem tanto quanto as teorias macroestruturais, uma vez que nos permitem acessar sentidos e subjetividades inapreensíveis por caminhos que desconsiderem os sentimentos em questão. No que se refere às trabalhadoras migrantes, as justificativas para a migração indicam mais claramente motivações afetivas, se comparadas ao que revelam os trabalhadores. Relatos de situações de depressão, decepções amorosas, preocupação com o futuro dos filhos ou dos pais e até mesmo a esperança de que um grande amor pode ser encontrado fora do Brasil, são frequentemente somados aos motivos financeiros das migrações. Outro apontamento comum é a justificativa de ter ido ao encontro do marido ou namorado, na expectativa de conseguir uma colocação e contribuir com a poupança destinada à melhoria de vida da família.

As migrações de brasileiros para o exterior, como já apontamos, têm sido objeto de pesquisas de variadas áreas do conhecimento. Muitos trabalhos também têm se voltado para o campo das migrações femininas e das relações de gênero nos movimentos migratórios. Como apontamos na introdução deste trabalho, o estado de Goiás tem registros expressivos de migração de trabalhadores para os Estados Unidos e Europa, mas não havia até então a identificação de gênero desses sujeitos. Dados do IBGE⁶¹ divulgados em novembro de 2011 indicam que 53,8% dos emigrantes brasileiros são mulheres, ao passo que 46,1% são homens. A ausência desses dados sugeria que o imigrante seria “homem”. O que o campo e os dados dizem, no entanto, é que os migrantes são homens e mulheres, e apesar de terem alguns objetivos comuns, veem o mundo em que passam a viver com expectativas e sensibilidades diferentes, além de serem percebidos também de forma diferente.

A cristalizada representação da sensualidade da mulher brasileira parece ser uma marca de difícil superação; muitas trabalhadoras reclamaram da “má fama” das brasileiras no exterior e dos incômodos que essa representação causa. Outras afirmaram que as mulheres, de certa forma, são mais respeitadas fora do Brasil e depois de “provarem” que são “sérias”, contribuem para quebrar essa “má fama”. As referências constantes nos noticiários sobre prostituição de goianas no exterior construíram um imaginário negativo no estado, especialmente quando se trata da presença de mulheres goianas na Espanha. Considerando que os primeiros

⁶¹ Censo 2010: mais da metade dos emigrantes brasileiros são mulheres. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso: 16 de novembro de 2011.

movimentos de brasileiros para o exterior iniciaram-se na década de 1980 e teve como principal destino os Estados Unidos, convém ressaltar que é a partir da década de 1990, com os fluxos migratórios direcionados para a Europa, que ganha repercussão a considerável presença das mulheres de Goiás no mercado sexual europeu. A revista *Veja*, do dia 02 de março de 2005 (Nascimento, 2005, p.52, 53), fez circular nacionalmente uma reportagem sobre a cidade de Uruaçu, em Goiás, chamando a atenção para as atividades econômicas movimentadas na cidade com o dinheiro das mulheres que se prostituem na Espanha:

Foi-se o tempo em que a economia da cidade goiana de Uruaçu, a 192 quilômetros de Brasília, era movida apenas pela fabricação artesanal de terços e rosários de bolinhas de madeira. Nos últimos tempos, uma atividade bem mais lucrativa levou o município a ingressar no pequeno grupo de cidades brasileiras que têm um naco de sua riqueza produzido por remessas de dinheiro de moradores que vivem no exterior. Não se trata de subempregados trabalhando de forma clandestina nos Estados Unidos, como ocorre com Governador Valadares (MG), ou de kasseguis que fazem jornadas de sessenta horas semanais em indústrias japonesas, como é visto em Maringá (PR). A movimentação econômica em Uruaçu, onde vivem 33.000 pessoas, é fruto do trabalho das mulheres da cidade que se prostituem na Espanha. A prosperidade alcançada por elas é tão grande, para os padrões locais, que fez submergir o preconceito. O que sempre foi uma profissão de alcova se transformou em uma atividade aberta como qualquer outra. Muitos pais sabem o que as filhas fazem. Os filhos sabem o que as mães fazem. Aparentemente, isso não é um problema. As uruaçuenses foram aceitas com tanta naturalidade que são chamadas carinhosamente de "espanholas". Elas são as principais clientes dos salões de beleza, proprietárias de um terço de todos os imóveis disponíveis para alugar e praticamente monopolizam o bairro mais chique da cidade. Cátia Sirley Moreira, 23 anos, filha de um mecânico, resolveu tentar a vida em um clube noturno do Principado de Astúrias, na Espanha. Depois de cinco anos de trabalho, ela voltou para Uruaçu e virou dona de duas empresas de moto táxi, construiu uma casa, comprou dois terrenos e, em breve, vai abrir uma loja de roupas. "Os homens de lá são horríveis, pinguços, drogados e fedorentos, mas você ganha um bom dinheiro", conta ela, que acaba de embarcar para a Espanha, onde ficará por mais uma temporada. Alzino Aquino, dono de uma mercearia e católico fervoroso, daqueles que andam de camisa abotoada até o pescoço e crucifixo no peito, não se incomoda mais com a profissão escolhida pelas duas filhas. Elas foram para Palma de Mallorca há sete anos. Depois disso, já construíram quatro casas, uma delas com piscina, a única do bairro. "Eu nunca gostei da idéia, mas elas não tinham emprego aqui", diz o comerciante. "É melhor elas irem para lá do que ficarem aqui pegando homem casado", diverte-se Carmem Lúcia Morais, coordenadora do Colégio Nossa Senhora Aparecida, escola de freiras em que estudam filhos cuja mãe está na Espanha. As histórias das mulheres bem-sucedidas acabam criando um efeito multiplicador. A New York School, uma das escolas de idiomas da cidade, resolveu montar uma turma de espanhol que já conta com 34 alunos, dos quais doze irão à Espanha para encontrar a mãe. A ascensão socioeconômica das "espanholas", porém, é apenas um aspecto da questão. Há casos de escravidão e maus-tratos. As mulheres normalmente são aliciadas por agentes de viagens. Chegam à Espanha devendo passagem, hospedagem e alimentação e acabam envolvidas num ciclo que não acaba nunca. Muitas procuram as autoridades em busca de ajuda. "Algumas voltam desesperadas contando as desgraças e as formas aberrantes de sexo que tiveram de praticar para ganhar dinheiro", conta o padre Odair José Guimarães, que tem fama na região de ser quase um psicólogo e confessor das "espanholas". "Precisaremos achar uma forma de mostrar os exemplos ruins, daquelas que tiveram problemas sérios, e deixar

claro às mulheres que elas estão se envolvendo com uma rede criminosa, que muitas vezes se confunde com tráfico de drogas e outros crimes", diz a secretária nacional de Justiça, Cláudia Chagas. Uma amarradeira de rosário em Uruaçu recebe 11 centavos por peça montada. Trabalhando o dia todo, ela consegue juntar 150 reais por mês – menos da metade do que fatura uma "espanhola" por vinte minutos de trabalho. É degradante, triste, mas é a realidade.

O tom da reportagem sugere que moradores de Uruaçu e familiares das goianas que estão na Espanha trabalhando com prostituição encaram com tranquilidade o fato. As trabalhadoras, por sua vez, não sofreriam nenhum tipo de preconceito ao assumirem sua condição. A tese de que o dinheiro ganho na Espanha seria bem-vindo na cidade e que, por isso, toda a representação negativa associada à prostituição desapareceria se mostra inverossímil, uma vez que não há dados suficientes para comprovar essa possibilidade. Por outro lado, há uma extensa literatura acerca do caráter neutralizador do dinheiro, caminho mais plausível para que aceitemos a possibilidade de que haja uma tolerância relativa ao dinheiro enviado pelas prostitutas, o que nem de longe indica que em uma cidade do interior de Goiás, como Uruaçu, elas estejam livres de atitudes desrespeitosas e excludentes. A reportagem apresenta a ideia que a origem do dinheiro seria subsumida nos benefícios que ele estaria trazendo às famílias e à sociedade de Uruaçu, na contramão do que afirma Oliven (2001), ao mostrar que enquanto nos Estados Unidos o dinheiro é um fato social total e intermediador legítimo de todas as esferas da vida, no Brasil a relação com o dinheiro é completamente distinta. Nos Estados Unidos “o dinheiro é coisa limpa”, no Brasil ele pode ser facilmente visto como sujo, “poluente” nas palavras de Oliven (2001, p.13). Se no Brasil é fácil associar dinheiro a sujeira, o que diríamos do dinheiro vinculado à prostituição no imaginário de uma cidade do interior de Goiás, que por sua vez é considerado um estado do interior do Brasil? A repercussão da reportagem na cidade de Uruaçu foi extremamente negativa, a ponto de um grupo de doze mulheres ingressarem com uma ação por danos morais contra a revista. O chefe de gabinete da prefeitura e o padre citado utilizaram a seção “cartas”, da edição 1895, de 09 de março de 2005, para contestar as informações (Silva, 2005), (Guimarães, 2005):

Uruaçu, como tantos outros municípios brasileiros, enfrenta o mesmo "adversário": a quebradeira que assola esses entes federativos e trazem em seu bojo trágicos problemas sociais, que fazem com que seu povo perca sua já parca auto-estima. Mesmo assim, nosso município possui muitas riquezas e com muita luta busca o desenvolvimento e a garantia do mínimo de dignidade para seu povo. Vale lembrar

que nossa economia nunca foi "movida apenas pela fabricação artesanal de terços e rosários de bolinhas de madeira" e muito menos está agora ancorada na "riqueza" produzida pela prostituição de suas múnicipes. Uruaçu se compõe de homens e mulheres, pais e mães de família, que vivem e trabalham aqui, com muita dignidade, sem necessidade de se prostituir. Possuímos indústrias que empregam milhares de pessoas, direta e indiretamente, e mais de 50.000 hectares de terra produzindo soja. Nosso comércio é forte e temos um grande rebanho leiteiro e de corte.

Evisio Silva (chefe de gabinete da prefeitura municipal)

Não sou psicólogo, tampouco confessor das "espanholas". Há mais de seis anos deixei de residir em Uruaçu, onde a maior parte das pessoas é honesta e dedicada ao bem-estar da família e do progresso local. Não somente Uruaçu padece com o tráfico de mulheres na região. Nisso a reportagem foi injusta com aquela sociedade.

Padre Adair José Guimarães, Mara Rosa, GO.

Casos envolvendo mulheres goianas assassinadas no exterior ganham repercussão com frequência e mantém o debate sobre as condições de vulnerabilidade às quais os imigrantes estão expostos. Muitos dos crimes contra as mulheres estão associados ao tráfico de seres humanos e à prostituição, mas convém ressaltar que, assim como no Brasil, as imigrantes também são vítimas da violência doméstica, sustentada nas velhas e persistentes concepções patriarcais, que legitimam a violência como um marcador de posse e dominação. Os assassinatos de Késia e Joselita corroboram essa afirmação.

6.1

Interpretações e narrativas femininas sobre as experiências da imigração na Irlanda: em busca de uma “vida melhor” para a família

Durante o trabalho de campo na Irlanda identifiquei basicamente três grupos de mulheres imigrantes. O primeiro é constituído pelas mulheres que emigraram para ir ao encontro do marido ou namorado que já estava na Irlanda e contribuir para que objetivos como comprar casa, carro ou abrir um pequeno empreendimento seja alcançado. Essas mulheres têm entre 26 e 46 anos e uma média de 6 anos de escolaridade. O segundo grupo é composto de mulheres que emigraram sozinhas para trabalhar, têm entre 22 e 40 anos e uma média de nove anos de escolaridade e o terceiro de estudantes de classe média que vieram estudar inglês no país, têm entre 18 e 27 anos, segundo grau completo, graduação iniciada ou concluída. Na convivência cotidiana com essas imigrantes chamou-me a atenção, mais uma vez, as particularidades de suas trajetórias e as interpretações que elaboram sobre sua

condição. Longe da ideia de que são vítimas de um sistema onde faltam oportunidades, a maioria delas se orgulha da decisão de emigrar e avalia de forma muito positiva tudo o que vivem e viveram no exterior. Algumas já haviam emigrado para outros países antes de chegar até a Irlanda, sempre em busca da estabilidade financeira. Muitas também assumiam sua intenção de encontrar um parceiro ou relataram suas experiências amorosas no exterior. Há também as que estão em relacionamentos estáveis com estrangeiros e as que pretendem encontrar um companheiro europeu.

O primeiro grupo de mulheres que etnografei corresponde às esposas dos trabalhadores dos frigoríficos *Dunbia* e *Kepak*, das cidades de Tullamore e Kilbeggan, County Offaly. Ao todo acompanhei cotidianamente dez famílias, todas oriundas de Goiás, principalmente da cidade de Anápolis. Essas famílias vivem em pequenos condomínios, os *states*, em casas grandes de dois andares, com três ou quatro quartos. Fazem parte do primeiro grupo de imigrantes e estão vinculadas à rede de Roseana e Longuinho, que, como citado anteriormente, intermediaram a contratação de trabalhadores de Anápolis para os frigoríficos da Irlanda. As informantes, durante a pesquisa, ressaltavam com frequência as diferenças entre a vida no Brasil e na Irlanda e as condições que desfrutam no país onde vivem. Moradia, educação e saúde são os principais elementos de comparação. “Quem no Brasil pode morar nunca casa como essa? Só gente rica, classe média alta. Aqui as diferenças são menores. Quem trabalha legalmente pode viver bem, com conforto”, disse Sal, 40. Ela nasceu e cresceu em Anápolis e antes de ir para a Irlanda trabalhou como doméstica e, segundo os relatos, passou toda sorte de privações, desde a infância. Emigrou em 2005 e desde então trabalha com limpeza em Tullamore, além de serviços de cabeleireira e manicure a domicílio. Tem três filhos, uma menina de dez anos, um adolescente de quatorze e o mais velho de dezoito. A casa onde vivem, num dos *states* em Tullamore, tem dois andares e quatro quartos e, na definição de Sal, é impossível mantê-la organizada. Na primeira vez em que fui visitá-la, ela mostrou-me toda a casa e depois sua coleção de sapatos e roupas. Como os armários não comportavam, havia sapatos espalhados em todos os lugares do *closet*: “São mais de noventa pares, muitos deles compro nos brechós, não dá pra acreditar cada sapato e roupa que encontro por um ou dois euros, novinhos, muitos com etiquetas”. Depois de visitar toda a casa pude concluir que,

apesar do tamanho, não há espaço suficiente para todas as mercadorias compradas semanalmente pela família: as roupas ficam espalhadas por toda a casa, bem como os sapatos e bolsas. Os armários da cozinha também não são suficientes para todos os alimentos estocados e percebi que muitos deles acabam perdendo a validade, sendo então jogados no lixo. Percebi que boa parte das famílias brasileiras em Tullamore tem assinatura da TV Globo Internacional, outra forma de manter os elos com o Brasil. As famílias que não possuem a assinatura acompanham a Record Internacional.



Casa de imigrantes brasileiros na Irlanda (State). Foto: álbum de família

Sal é definida pelas amigas como consumidora compulsiva, mas não atestei grandes diferenças entre os comportamentos de consumo das outras mulheres e de seus familiares. As casas onde vivem as famílias do grupo pesquisado assemelham-se no tamanho e na dificuldade de dispor mercadorias e alimentos comprados. Em todas é possível encontrar sapatos, roupas, brinquedos, escovas de cabelo, livros, telefones celulares, utensílios domésticos e até alimentos espalhados por todos os cantos, o que me sugeriu a sensação de famílias que consomem sem planejamento,

incentivadas pelas imensas diferenças dos preços de mercadorias entre o Brasil e a Irlanda, pelas ofertas que ocorrem entre as passagens de estação, quando as roupas da estação anterior são vendidas a preços muito baixos e, principalmente, pela possibilidade de comprar roupas de marca e alimentos inacessíveis no Brasil. Sempre que essas famílias visitam os parentes no Brasil levam dezenas de malas com roupas e presentes.

Os meses em que realizei a etnografia em 2011, abril, maio e junho, coincidiram com a organização da viagem de férias do grupo pesquisado. Em função das férias escolares na Irlanda, as famílias brasileiras geralmente viajam na primeira quinzena de junho. Essa viagem, em particular, foi organizada pela proprietária da Apoio Internacional para o dia dezessete de junho e incluía um *tour* por Paris. Acompanhei as compras para a viagem ao Brasil e a organização da malas com os presentes. Em geral roupas, sapatos, e alguns eletroeletrônicos compuseram as malas. Cada passageiro teve direito a duas malas pesando até vinte e três quilos e uma mala de mão com até sete quilos. A família de Sal, por exemplo, com quatro passageiros, levou oito malas grandes e mais três de mão. As famílias com cinco passageiros levaram dez malas grandes e mais as cinco de mão. O grupo foi composto de 10 mães, todas com filhos, o que os levou a alugar um ônibus para o trajeto entre Tullamore e o aeroporto de Dublin.

Descrevo esses detalhes para ressaltar a importância dessa viagem anual para essas famílias estabelecidas na Irlanda e em especial para as mulheres, pois esse é o momento onde é possível, além de voltar ao Brasil e rever familiares, mostrar aos que ficaram que a família ascendeu socialmente e vive bem. Além de tudo, pude ouvir de muitas dessas mulheres que seus filhos “fazem o maior sucesso” ao falar inglês entre os parentes. Uma delas disse que sua mãe paga às crianças para que eles conversem em inglês, outra disse que “a filha fala inglês tão rápido como se fosse um deles”. Sal disse que sua família passou a tratá-la melhor depois que ela mudou pra Irlanda e principalmente agora quando ela volta com os presentes: “são interesseiros, eu sei, mas é minha família e gosto de ajudar”. As malas não voltam vazias para a Irlanda: “trazemos coisas que a gente não encontra aqui ou que são muito caras, como por exemplo, pequi e pimenta, às vezes calcinhas, pois as da Irlanda ou são muito grandes ou são muito pequenas”.

A chegada ao Brasil é sempre muito comemorada pelos familiares, muitas vezes com faixas e balões no aeroporto ou festas de recepção nas casas. Viver fora do Brasil em condições de legalidade e num processo de integração familiar com a sociedade irlandesa se constitui para essas imigrantes como uma “vitória”, como definiu a informante: “A gente tá vencendo aqui na Irlanda e a gente lutou por isso, aqui trabalho na limpeza, mas tenho tudo que eu quero e meus filhos têm do melhor. Meu marido também trabalha na limpeza do frigorífico, mas a gente tem carro e vive muito melhor do que no Brasil”. Ela é uma defensora da permanência da família na Irlanda. O marido “até gostaria de voltar ao Brasil, pois o trabalho é muito duro, mas se depender de mim a gente não volta”. Quando conversamos sobre o futuro na Irlanda ela disse que sabe que precisariam economizar e talvez até pagar a previdência no Brasil, mas “não pensa muito nisso”. Disse que quando chegou à Irlanda era mais fácil encontrar trabalho e eles pagavam dez euros por hora.

Eu ganhava dez euros por hora de faxina. Eu arrumava a casa, passava roupa. Eles contratam por hora, você não pode ultrapassar a hora, tem que fazer o que pode pra terminar dentro do prazo combinado. Esses dias eu larguei uma faxina porque eu não aguentava mais. Chegava lá era um nojo, encontrava até cueca de criança na pia, comida babando de sujeira. Lá ela me pagava quatro horas. Aqui os produtos são fortes, pois a gente não usa água. De vez em quando a gente que é brasileiro joga uma aguinha. Aqui eles gostam da faxina brasileira, dizem que a gente é asseado. Engraçado eles gostaram de asseio e serem sujos. Por mim e pelos meus filhos a gente vai morrer aqui. Pelo meu marido não, por ele a gente ia embora. Meus filhos vivem de igual por igual com os colegas. Eu disse a eles pra gente ir embora e eles me responderam “a senhora leva meus amigos?” Agora que a gente vai passear no Brasil eles ficam doidinhos pra vir embora.

Outro argumento para a defesa de que a família deve permanecer na Irlanda é a “faculdade das crianças”, ou o “colégio”, como muitas se referem ao traduzir literalmente a palavra *College*. Para essas mães a expectativa dos filhos estudarem e voltarem ao Brasil com um diploma europeu “justifica todos os sacrifícios”. Nenhuma tem clareza sobre a necessidade de reconhecimento dos diplomas no Brasil, acreditam que um curso superior na Europa “teria mais valor” pelo fato de ser “do exterior”. “Imagina meu filho voltando pro Brasil com um diploma da Irlanda”“? “Vai conseguir emprego com certeza”, disse Dil, 40, que vive com o marido e os dois filhos em Tullamore.

A informante Eliane, de 36 anos, veio encontrar o marido que estava na Irlanda trabalhando legalmente no frigorífico *Kepak*, de Dublin. Está na Irlanda há dez anos e se diz adaptada ao “estilo de vida” no país. Trabalha como faxineira e

afirma que não pretende voltar ao Brasil, pois as filhas foram alfabetizadas na Irlanda, em inglês e segundo ela “são mais irlandesas do que brasileiras”. Sirlene, 37, cujo marido trabalha no *Kepak*, tem um único filho. Preocupada com a interação do menino à família no Brasil e também por considerar a alternativa de retorno, enviou o garoto para que fosse alfabetizado em português, temendo que ele tivesse dificuldades futuras:

Meu filho ficou um ano no Brasil para aprender português. Sei que se eu deixasse pra mais tarde talvez ele não conseguisse, pois a nossa língua é muito difícil. Pensei que se um dia a gente voltar, o que vai ser do meu filho, ele não pode ser um analfabeto no Brasil. Se a gente voltar daqui a alguns anos, o que seria dele no Brasil?

Essa preocupação não é partilhada pelas outras mulheres do grupo e percebi, durante a pesquisa, que as crianças se comunicam em português em casa, mas não são alfabetizadas na língua materna, uma vez que a maioria já estuda na Irlanda por um período médio de dez anos. Do ponto de vista da convivência familiar, nas circunstâncias de retorno ao Brasil, isso não causa nenhum problema, mas podem ocorrer constrangimentos no contato dessas crianças com outras que já estejam dominando a norma culta no Brasil. Apesar de não me dispor a trabalhar com especulações sobre o futuro desses brasileiros-irlandeses, pelo menos no espaço desta tese posso sugerir que poderão ter dificuldades de adaptação, caso os pais retornem ao Brasil antes do ingresso dessas crianças no ensino superior.

O MRE, através do projeto “Brasileiros no Mundo”, tem tomado iniciativas junto às comunidades brasileiras no exterior voltadas para a alfabetização em português das crianças que vivem fora. Em Gort a Associação de Brasileiros chegou a articular aulas de português na escola primária da cidade. No momento em que a Associação deixou de existir, o que ocorreu em 2009, as aulas foram suspensas. Há no entanto perspectivas de que sejam retomadas no segundo semestre de 2011, por uma brasileira voluntária, que é pedagoga e trabalha junto com o marido em uma *Lan House* no centro da cidade. Em Dublin a Associação de Mães Brasileiras na Irlanda (AMBI) atua, entre outras atividades, na difusão da língua e cultura brasileiras:

Varias mães Brasileiras encontravam-se informalmente em suas próprias casas para se conhecerem, trocarem informações e pras crianças brincarem juntas. Havia varios grupos separados e dispersos. Como os grupos foram crescendo, a ideia de formar a AMBI (Associação de Mães Brasileiras na Irlanda) tinha como objetivo unir os grupos,

tornar os encontros mais frequentes e ampliar a participação das famílias. Vimos também a oportunidade de proporcionar aos nossos filhos uma chance de vivenciar a cultura Brasileira e a Língua Portuguesa, mesmo longe do Brasil. A Associação nasceu em Outubro de 2010, nosso primeiro encontro "oficial". Temos reuniões mensais voltadas para as famílias e já contamos com 60 famílias cadastradas na nossa lista de endereçamento. Nossa Associação não tem fins lucrativos e é formada por mães voluntárias. A média de famílias por encontro é de 10-15. As famílias são de vários estados Brasileiros. Atualmente estamos tentando desenvolver um projeto de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira com as crianças acima de 4 anos, por enquanto chamado de Projeto Alfa. A ideia principal é familiarizar essas crianças (de maneira mais estruturada) com a língua e cultura Brasileiras, e a partir dos 7 anos, iniciar um processo de alfabetização. Recebemos um kit da Embaixada, que por sua vez foi fornecido pelo MEC. Também contamos com a participação de 3 professoras Brasileiras, que provavelmente vão desenvolver material de apoio adicional.

As reuniões da AMBI acontecem em Dublin, onde também vivem todas as participantes. As rápidas conversas que tive com a fundadora foram suficientes para perceber que o perfil das mães participantes é completamente diferente do grupo de mulheres que etnografei. Professoras, psicólogas, pequenas empresárias e profissionais liberais entre 27 e 40 anos predominam no grupo. Como é possível perceber no depoimento apresentado acima, há uma preocupação como a formação cultural dessas crianças binacionais. As brasileiras com as quais convivi no interior não sabiam da existência da AMBI e não manifestavam, pelo mesmo de forma objetiva, a preocupação com a integração de suas crianças à cultura brasileira. Ao contrário: a grande maioria se mostrava orgulhosa da inserção dos filhos no cotidiano do país e diziam que esses se achavam mais brasileiros que irlandeses. Dila, 40, pediu ao filho de 09 anos que me falasse qual é sua nacionalidade. Ele, sem titubear, afirmou: "sou irlandês, nasci em Dublin". Apesar de saber que essa definição de nacionalidade para filho de imigrantes é muito complexa e tem sido exaustivamente discutida nas ciências sociais, pude perceber que as mães em questão veem com bons olhos a inserção dos seus filhos em uma cultura europeia e não é difícil saber porque: a representação dominante que a Europa é superior ao Brasil estende-se a todos os países do continente, até à Irlanda, cuja história é marcada pela fome e emigração.

Em Tullamore e Kilbeggan não identifiquei nenhuma iniciativa comunitária em funcionamento voltada para o aprendizado do português. Para todos os imigrantes brasileiros, no entanto, foram oferecidos cursos de inglês em Tullamore, por iniciativa do CABI, mas as aulas se encerraram em função da baixa frequência e das desistências. Apenas duas das mulheres que acompanhei falam inglês. Chamou-me a atenção, no entanto, o fato de a maioria não ver o fato de não falarem inglês como

um grande problema. Apesar de viverem num país de língua inglesa, todas conseguem levar seu cotidiano sem grandes dificuldades. Isso pode ser explicado pelo fato de que as famílias que vivem em Tullamore e Kilbeggan convivem intensamente, encontram-se com muita frequência e estabeleceram vínculos comunitários muito fortes, como definiu Dila, 40:

Aqui somos uma família, uns pelos outros, isso aconteceu naturalmente. Os brasileiros que chegaram primeiro sofreram muito, mas agora temos com quem contar. Vivemos muito juntos. Sempre há uma desculpa pra fazer festa e todos os brasileiros são convidados e todo mundo aparece. Quase todo final de semana tem o aniversário de alguém pra comemorar, o batizado ou a primeira comunhão, crisma, seja lá o que for a gente tá junto. No dia-a-dia também. Se alguém tem algum problema recorre ao outro pra ajudar. Na *Garda*, no hospital, mandar coisas pro Brasil, telefonar pra resolver serviços seja de luz ou água, quem não fala inglês pede pra quem fala ou pra quem se vira melhor.

As consultas médicas ou a renovação de documentos junto à imigração irlandesa são acompanhadas por amigos ou até pelos filhos que dominam a língua. Essa é uma dependência que elas assumem aparentemente com tranquilidade, como disse Sal: “Eu fui na classe aqui, de inglês, duas horas por semana, mas não aprendo. Dou conta não, só Deus mesmo. Quando preciso ir ao açougue ou comprar alguma coisa a gente vai na base da mímica da galinha, bate nas asas, faz mímica do boi, igual minha amiga Luciene”. Quando questionada sobre a participação na vida escolar dos filhos ela disse ir às reuniões sim, mas quando o filho ou as amigas podem acompanhá-la: “De vez em quando eu vou nas reuniões da escola, quando o Mateus (filho) pode ir comigo. Quando ele não pode eu não vou, pois eu não falo né. A Dila me ajuda também, ela é o meu braço direito”.

Recentemente o órgão irlandês correspondente ao Ministério da Saúde proibiu que crianças acompanhassem os pais ou qualquer outra pessoa no serviço de tradução das consultas, principalmente porque envolve a intimidade dos pacientes e o sigilo médico. Os questionamentos se davam também pelo fato de que as crianças não têm maturidade suficiente para ter acesso a determinados diagnósticos ou, mais seriamente, pelo risco de traduzirem orientações ou informações de forma errada, em função das diferenças entre o vocabulário médico e o vocabulário cotidiano utilizado por elas. A orientação é que os hospitais ou centros médicos utilizem tradutores reconhecidos pelo Estado, mas a oferta desses profissionais é, segundo o ex-presidente da Associação Brasileira de Gort, muito

aquém da demanda, o que deixa os profissionais e imigrantes sem alternativas. Nessas circunstâncias os médicos são obrigados a aceitar os filhos dos pacientes, amigos ou tradutores pagos pelos interessados.

As mulheres imigrantes com as quais convivi mostram uma postura firme na decisão familiar de permanecer no país, pelo menos diante de condições favoráveis dadas pela legalidade e conseqüentemente pela permissão de trabalho para elas e para os maridos. Mostram que seus projetos de emigração sofreram alterações no curso dos anos, desde a chegada delas à Irlanda. O que inicialmente seria “um tempo para ganhar dinheiro e voltar ao Brasil” tem se tornado definitivo:

Quando meu marido veio trabalhar no *Kepak* ele queria juntar dinheiro, comprar nossa casa no Brasil e abrir um negócio pra viver mais tranquilo. As coisas foram mudando, pois o dinheiro que ele mandava desaparecia nas contas. Ele também tava sofrendo muito sem a gente. O frigorífico, no começo, não queria que os funcionários brasileiros trouxessem as famílias. Vê se pode. Então a gente veio meio que por debaixo dos panos. Eu vim com meu filho e trabalho aqui. No Brasil a gente não conseguiu comprar nada, mas aqui a gente vive bem. E a família tá junta, que é o mais importante. Quero voltar um dia, mas não agora (Sir).

Sair do país da gente pra ir pra outro país é experiência muito boa. A vida no Brasil era muito sofrida. Desde que eu nasci comecei a sofrer. Meu marido tava pra cá e a gente tava lá de favor na casa dos outros, até ele consegui comprar nossa casa. Lá eu tinha muita solidão. O Osmar ficou aqui cinco anos e eu pai e mãe desses meninos sozinha. (Sal).

As diferenças entre as perspectivas das mulheres cujas famílias vivem legalmente e as que estão ilegais são muitas. A legalidade é o passaporte para que a família se estabeleça e sonhe com as possibilidades de ascensão para os filhos, livres de qualquer entrave burocrático e documentados. Além disso, o fato de poderem ir ao Brasil uma vez por ano contribui com a acomodação dessa família à vida no exterior. Por outro lado, construir uma base financeira no Brasil, permitindo à família retornar, torna-se impossível diante das novas demandas de consumo que se impõe na vida dessas famílias. Elas analisam criticamente essa nova condição e apresentam as justificativas que tornam o retorno ao Brasil inviável:

Aqui a gente gasta muito. O dinheiro parece que vem mais fácil, porque é semanal. Sei que se eu gastar essa semana, na próxima vou ter dinheiro de novo. Aqui tenho a oportunidade de dar aos meus filhos o que eu não tive. Roupas boas, boa alimentação, escola, viagens, passeios, brinquedos. É com isso que a gente gasta. Não sobra pra investir no Brasil, não dá. A vida aqui consome tudo que a gente ganha (Sir).

Questionamentos sobre o futuro e as possibilidades de retorno parecem descartados e substituídos pela opção pragmática de viver o cotidiano. Por outro lado, a crise econômica que afeta a Irlanda desde 2008 e tem se agravado, não é vista como uma ameaça para essas mulheres. Todas ainda contam com o auxílio do governo para as crianças matriculadas na escola e a palavra crise não faz parte das preocupações diárias. Apesar da redução de horas de trabalho dos maridos e dos aumentos de impostos para todos os trabalhadores, a vida na Irlanda segue e se projeta para essas famílias como uma opção definitiva. O povo irlandês, segundo Dila, 40, “não sabe o que é crise de verdade”:

A Irlanda para muito era como um garimpo. O garimpo acabou e muitos brasileiros foram embora sem pensar nas crianças que estavam bem na escola, estudando. E agora eles terão que se adaptar ao Brasil de novo. Aqui a pessoa é respeitada por trabalhar, não interessa se ela é faxineira. O povo aqui reclama de barriga muito cheia. O que acontece é que alguns deixaram de viajar nas férias, diminuíram o consumo, pois eles sabem ser pão duros quando querem. Crise igual no Brasil não tem, pois o governo ajuda todo mundo. O governo aqui não deixa ninguém passar fome. Tem muita gente vivendo do governo que fica em casa o dia todo de pernas pra cima, não quer trabalhar. Isso é a crise deles.

O fato de que são respeitadas como mães de família, de viverem em casas confortáveis no mesmo condomínio que profissionais de outras áreas faz com que essas mulheres não se sintam diminuídas por serem faxineiras. Sal busca os filhos na escola com um carro caro para os padrões brasileiros, da mesma forma que as mulheres irlandesas, sejam elas professoras, vendedoras, médicas, advogadas, etc. Algo impensável no Brasil, onde as fronteiras sociais são rigorosamente estabelecidas e o trabalho doméstico é desvalorizado e associado à baixa escolaridade. Os marcadores das diferenças sociais entre nacionais e imigrantes estão obviamente dados pelas barreiras institucionais e pela impossibilidade de participação efetiva na vida do país e nas decisões que afetam a todos, não só pelo fato de não falarem a língua, mas principalmente pela condição de imigrante. Essas mulheres e suas famílias, no entanto, têm ao seu dispor o acesso a uma educação gratuita, assistência médica e a bens de consumo que asseguram o que elas definem como “vida melhor”:

Uma vida melhor pros filhos, aqui eles não se sentem pior do que os outros, pois podem fazer tudo que as crianças irlandesas fazem, não tem tanta diferença como no

Brasil, onde algumas crianças têm tudo, saúde, educação, passeios, cultura e outras têm uma escola pública onde às vezes o teto cai na cabeça das crianças.

6.1.2

Os desafios, experiências e aprendizados das imigrantes “ilegais”⁶²

Em Gort, onde a maioria dos brasileiros vive ilegalmente, como apresentei no primeiro capítulo, por paradoxal que pareça eles estão mais integrados aos locais do que em Tullamore e Kilbbeggan. As mulheres, conseqüentemente, transitam mais facilmente por espaços comunitários como clubes, associações e igrejas, além de contribuírem significativamente com os movimentos de integração entre brasileiros e irlandeses. Duas anapolinas, em especial, fizeram história na pequena cidade. Den, 38 e Ros, 35, deixaram Anápolis em 2000 e vieram juntas para Gort, motivadas pelas notícias do fluxo de trabalhadores anapolinos para o país. Na imigração, segundo Den, foi muito difícil convencer os agentes a autorizarem a entrada. Como estavam tentando entrar com o visto de turista, um dos agentes resolveu checar se elas tinham dinheiro na conta do cartão apresentado por ela. Nesse momento, segundo Den, o destino e a sorte agiram para que elas entrassem na Irlanda:

O cara da imigração me levou até um caixa eletrônico e pediu que eu inserisse meu cartão, que era de uma conta cancelada no Brasil, para ver se tinha grana. A máquina acusou cartão não aceito. Eu, por ousadia, pedi a ele que também inserisse o cartão dele, sempre com gestos. Ele inseriu e, por Deus, por sorte ou sei lá, o dele também foi recusado. Eu olhei pra ele, fiz o sinal negativo com a cabeça, fiz o sinal de dinheiro com as mãos e apontei o polegar pra baixo. Ele entendeu que eu quis dizer “você também não tem dinheiro” e riu. Assim, depois de muitas perguntas, eles deixaram a gente entrar, pois tinha que ser.

Ao chegar à Irlanda a dupla foi direto para Roscomonn, onde já em 2000 haviam brasileiros de Goiás. Depois resolveram tentar trabalho em Gort e, segundo Ros, foram as primeiras mulheres brasileiras a chegar à cidade. A princípio moraram em um *flat* com quatorze pessoas, onde dormiam no chão. Foram assediadas pelos colegas brasileiros e até perseguidas por não cederem às investidas masculinas. Assim que chegaram a Gort, ambas conseguiram trabalhar no frigorífico *Sean Duffys*. Ros trabalhou na matança de porco e na balança. Inicialmente disse ter tido

⁶² Definição nativa para a condição de indocumentado.

muitos pesadelos com o sangue. Nas narrativas de Ros, a grande dificuldade inicial do trabalho no frigorífico era a língua. No entanto, acatando a sugestão de um americano, Ros começou a aprender no mínimo duas palavras em inglês por dia, o que ao final da semana acrescentaria quatorze palavras ao vocabulário. Segundo ela havia um tradutor no frigorífico *Sean Duffys* que prejudicava os brasileiros deliberadamente, o que eles só descobriram depois que Ros passou a entender inglês e contar aos brasileiros as mentiras do tradutor. O grupo então exigiu que ele fosse demitido. “Eles abusavam um pouco porque a gente não sabia falar a língua, os irlandeses gritavam, xingavam e todo mundo em silêncio. Isso por um lado era muito bom pra eles, pois éramos trabalhadores quietos”, analisou. A vida na cidade foi facilitada para os brasileiros, de acordo com ela, pelo carinho e abertura dos irlandeses da cidade. As mudanças e a movimentação pela presença brasileira impulsionaram a cidade em todos os sentidos, como constata a informante:

Quando eu cheguei achei que não ia suportar ficar em uma cidade tão pequena. Eu acho que nós brasileiros somos muito bem-vindos em Gort. A maioria das pessoas aqui faz tudo para receber bem, pois a cidade mudou por nossa causa. Hoje temos nove ou dez conjuntos de casas que foram construídos para acolher a comunidade brasileira de imigrantes. A interação dos irlandeses conosco é muito boa, só não é melhor por causa da língua. A *Garda*, por exemplo, me pediu pra traduzir um folheto apresentando os policiais novos aqui. Eles meio que se desculparam por ter que parar os brasileiros de vez em quando, mas se ofereceram para ajudar. Em nenhum lugar os brasileiros são tão bem tratados como aqui. Em Roscomon eu cheguei a me esconder no guarda-roupa com medo da imigração

Segundo constatei, o fechamento do frigorífico *Sean Duffy* ocorreu após um incêndio que inviabilizou o funcionamento e trouxe grande prejuízo aos proprietários, pois a indenização demorou a ser paga. Os cerca de cento e cinquenta brasileiros desempregados foram contratados por outros frigoríficos e em lojas da cidade, pois “os irlandeses gostam muito do trabalho dos brasileiros”, como também afirmou Ros. Nesse sentido o fechamento do frigorífico não impactou muito a vida dos brasileiros, uma vez que a maioria conseguiu recolocação em outras cidades.

Principal articuladora das festas de quadrilha em Gort, Ros afirmou que a iniciativa surgiu porque os brasileiros queriam se divertir e dançar, o que os *pubs* da cidade não ofereciam. Ela então deu a ideia de iniciar as festas brasileiras nos *pubs*:

A gente fazia a noite brasileira aqui nos bares da cidade. Nós frequentávamos os *pubs* aqui e achávamos sem graça, então não tinha aonde ir, tava todo mundo doido pra dançar forró e então falamos com o dono do bar e ele autorizou. Dançamos forró

a noite inteira e todos pediram pra fazer outras festas. Depois fizemos mais duas e surgiu a ideia de fazer a quadrilha. A primeira foi em 2004, foi na praça central aqui e os irlandeses ficaram muitos felizes. Queríamos mostrar nossa cultura. A gente abre a festa ouvindo o hino nacional e olha nunca senti tanta emoção com o hino nacional no Brasil, ouvir ele aqui parece dá um sentimento na gente que não consigo explicar. Depois de 2004 fazemos a quadrilha todo ano e o povo adora. Vem a imprensa, as televisões e sempre aparece uma nota nos jornais.

A informante tornou-se famosa em todo o país por ter sido a primeira imigrante e brasileira a trabalhar no Corpo de Bombeiros da Irlanda. Depois de superar candidatos e obter excelente aproveitamento no curso da corporação, ela foi trabalhar num grupo onde só havia homens e nele permaneceu por dois anos e meio. Foi entrevistada pelos principais jornais da Irlanda e tornou-se uma espécie de “celebridade” entre os bombeiros, o que, segundo ela, acabou incomodando alguns. Ela analisa o tempo que ficou na corporação como muito positivo, mas ao mesmo tempo se sentia presa, pois ela poderia ser requisitada a qualquer momento, uma vez que os acidentes não acontecem “apenas em horário comercial”. Foram dois anos de muito trabalho numa rotina estafante e isso fez com que ela solicitasse o seu desligamento. Depois de onze anos vivendo na cidade, Ros considera Gort como “minha casa longe de casa”, o que sugere um pertencimento a dois lugares, duas casas. Algo que nem sempre é bem resolvido como no caso de Ros, que “tem documentos” e pode ir e voltar ao Brasil sempre: “Se eu pudesse eu gostaria de ficar três meses por ano no Brasil”. Como constatei, a maioria dos brasileiros em Gort vive na ilegalidade, o que não os impede de trabalhar e até abrir empresas na cidade. Impede-os, sim, de viajar para fora das fronteiras irlandesas, dado o risco de terem a entrada recusada na volta e, conseqüentemente, de terem que retornar ao Brasil. A companheira de viagem de Ros, Den, 38, cresceu em Goiás e antes de vir para a Irlanda trabalhava como garçõete em um *Shopping Center*. Na Irlanda aprendeu o ofício de classificadora de bois, função geralmente exercida por veterinários:

Quando nós chegamos em Roscomon ficamos desesperadas e chegamos a pedir ajuda pra voltarmos pro Brasil, a intérprete chegou a escrever uma carta pra sermos deportadas. Resolvemos contar nossa história pra esposa do intérprete do frigorífico que conseguiu emprego pra gente. No *Sean Duffys* eu lavava boi, matava boi e as inspeções federais que acontecia só eu matava, pois eu sabia o lugar certo de apertar a pistola de ar. A pistola é pesada. Eu tinha que levantar o alçapão com a perna e empurrar, quando ele emperrava. Eu não conheço mulher que mata não, só eu. É muito difícil. Você tem que colocar o boi no alçapão, que é pesado. Teve um dia que eu caí lá dentro no alçapão. Sorte que o boi desmaiou e eu saí correndo de lá. Eu aprendi tudo, pois eu tinha muita curiosidade. No frigorífico eu sei de tudo. Trabalhei

na limpeza, lavando banheiro, raspando sangue. Ajudei no controle de qualidade, fazendo anotações, vendo temperatura, etc. Eu fiz classificação de boi, uma coisa que talvez você não acredite, que só profissional faz. Você tem que olhar todo o boi e classificar, eu que dou a qualidade do preço do boi. Os fazendeiros me ofereciam dinheiro pra classificar o boi, o dono do frigorífico me oferecia também. Alguém sem estudo fazer um serviço desses, ninguém acredita. Eu tenho até os certificados.

Sobre os incômodos de trabalhar em um frigorífico, Den disse que não se sentia bem, pedia perdão a Deus por ter que matar, tinha dó, mas dizia a Deus que “precisava do trabalho”. Ao sofrer um acidente com a pistola de ar, “que estourou no rosto”, desistiu de trabalhar na matança e depois de ameaçar deixar o trabalho caso o frigorífico não mudasse sua função, foi realocada para a limpeza e desossa. Quando o frigorífico foi fechado, Den foi morar na Irlanda do Norte, em Belfast, em um frigorífico segundo ela “muito grande e muito chique”, onde atuava na inspeção e no empacotamento. Em Belfast foi vítima dos conflitos entre protestantes e católicos por repetir um gesto comum aos católicos em Goiás: adornar o carro com um crucifixo abençoado nas missas de Trindade⁶³.

Minha mãe é católica e me mandou um crucifixo. Na Irlanda do Norte tem guerras e eu não sabia. Eu coloquei o crucifixo no meu carro e estacionei em um lugar de protestantes lá em Belfast. Quando eu levantei pra trabalhar eles tinham explodido meu carro, um corsa novinho. Foi em 2004. O povo lá é doido. Eu saí de lá e vim pra Balinasloe pra outro frigorífico.

Encontrei muitos imigrantes que estão há oito, dez ou onze anos sem voltar e sem ver a família. Caso de La, 39, que estava com retorno definitivo marcado para a primeira semana de junho de 2011. Após oito anos trabalhando como faxineira em Gort ela decidiu voltar, principalmente por já ter comprado uma casa em Goiás e ter alcançado os objetivos iniciais. Pude ouvir de algumas pessoas que os patrões dela estão lamentando a decisão da imigrante. Segundo Ros já fizeram várias festas de despedida. O mesmo aconteceu com outras imigrantes que estavam com viagem de volta marcada e cuja decisão causou consternação entre os patrões e patroas irlandeses. A proprietária de uma farmácia da cidade, em entrevista, já lamentava perder a brasileira Mar, 43, que está na Irlanda há dez anos e que pretende voltar definitivamente ao Brasil em outubro de 2011. “Eu não vou contratar ninguém pro lugar dela, pois sei que ela vai voltar. Estou tentando conseguir os documentos pra

⁶³ Trindade está localizada a 18 km de Goiânia. Possui uma basílica dedicada ao Divino Pai Eterno e, todos os anos, recebe milhares de romeiros por ocasião da “Festa da Trindade”, que acontece no final do mês de junho.

ajudá-la a ir e voltar ao Brasil quando ela quiser. Ela volta, tenho certeza. Ros considera que sua decisão de emigrar foi em todos os sentidos uma decisão acertada. “A maior angústia que eu tinha era de ficar longe da minha filha, depois que eu consegui os meus documentos e a residência, pude trazê-la e hoje ela vive aqui comigo. Tenho trabalho e sou respeitada pelas pessoas aqui. O que mais eu poderia desejar?”

Outra imigrante brasileira que viveu na Irlanda passou por uma experiência muito dolorosa ao descobrir um câncer na perna, enquanto vivia naquele país. Maria Eunice, 38, mudou-se para Goiânia em 1996, quando veio fazer parte do noviciado das irmãs Palotinas, no bairro Rio Formoso, na periferia da cidade. Deixou o noviciado, mas permaneceu atuando junto às pastorais da Igreja Católica, onde conheceu Gisely e Ciaran Leonard. Ainda no Brasil, ela passou a cuidar das filhas do casal, três garotas com idades de 1, 3 e 7 anos. O casal mudou-se para a Irlanda, terra natal de Ciaran. Logo convidaram Maria Eunice, que trabalhava em Goiânia como assessora parlamentar, a morar na Irlanda. Durante o período que esteve no país, Maria Eunice trabalhou como faxineira, cuidadora de idosos e babá. Acometida pela doença, ela recebeu toda a assistência médica necessária e foi submetida a uma cirurgia, mesmo estando ilegal. De volta ao Brasil em 2009, a imigrante relatou emocionada sua experiência no país, o acolhimento e apoio recebidos pelas famílias irlandesas com as quais morou, o atendimento da rede de serviços de saúde e os momentos desagradáveis da prisão e deportação:

Estive na Irlanda por quatro anos e meio, fui em 2002, por um ano, voltei ao Brasil, fiquei três anos e retornei a Irlanda em 2006. As duas vezes que saí do Brasil foram para ajudar uma amiga que em ambos os momentos estava precisando de auxílio. Em 2002 fiquei legal no país apenas por três meses. Em 2006, consegui um visto de acompanhante, pois minha amiga estava com depressão profunda e suas crianças, com o qual sempre convivi aqui no Brasil, precisavam de apoio. Nesse período um tumor maligno se desenvolveu no meu organismo (melanoma, câncer de pele). Fui ao médico local, pequeno consultório, para primeira consulta, que me encaminhou para o Hospital Regional, onde tem especialistas nas mais diversas áreas. O processo de espera para a consulta no Hospital Regional é que foi mais demorado, cerca de um mês e meio. A partir daí tudo foi muito rápido, o médico solicitou e encaminhou os exames com extrema urgência. Em 20 dias, todos os exames estavam prontos, inclusive uma tomografia computadorizada (CT SCAN), muito caro, que ele solicitou à rede pública. Diante do resultado, ele me encaminhou à capital para um professor oncologista, especialista em câncer de pele. A consulta foi marcada com 15 dias e após uma semana já tinha sido realizada a cirurgia. Todo tratamento foi realizado pela rede pública, a única taxa que paguei foi a primeira consulta e a “estadia do hospital”, uma taxa que eles cobram por noite. Fiquei internada 10 dias, por ser considerada uma cirurgia de grande porte. Logo em seguida, confirmado câncer, solicitou-se o cartão de saúde, este que dá direito a tratamento de saúde, remédios e

internações pela rede pública. Este cartão só adquire quem tem doenças crônicas, quem precisa de acompanhamento médico constante. Fui encaminhada para um tratamento de imunoterapia por um ano, o cartão médico assumiu tudo, nem remédio para dor eu comprava. Nesse período o meu visto venceu, meu amigo solicitou a renovação do visto, alegando que me encontrava em tratamento médico, mas não recebi resposta, nem positiva e nem negativa, fiquei na minha. Após dois anos após o pedido, chegou uma carta perguntando sobre a minha situação. O cartão médico venceu depois de o visto vencer, foi solicitado a renovação do cartão. Para fazer o pedido haviam solicitado a carta de autorização de permanência no país e o passaporte. Para renovar, não lembro direito, pois meu amigo foi quem encaminhou tudo, só sei que não fizeram muita exigência e liberaram por mais um ano. Morei o primeiro ano com essa amiga, brasileira, casada com Irlandês, o qual encaminhou toda a documentação que necessitei durante o tempo que estive no país, depois me mudei para uma família irlandesa, pois a minha amiga estava melhor, então fui cuidar de crianças. Tenho muita gratidão a essa família irlandesa, pois, mesmo sabendo das minhas limitações me deram todo apoio e auxílio necessário para a continuação do tratamento, além de ter aprendido inglês, que é a língua local. Nessa família fiquei por um ano, e como a mãe das crianças passou a trabalhar meio período, e eu apenas com acompanhamento médico a cada três meses, resolvi mudar de cidade, e então fui fazer faxinas e logo em seguida cuidar de uma idosa, onde trabalhei por mais um ano. Nesta última família, cuidando dessa idosa, percebi que mesmo eles não valorizando financeiramente o trabalho dos brasileiros, eles gostam de tê-los como funcionário, pois são, na maioria dos casos, responsáveis e bons de serviço.

A experiência sem dúvida dolorosa de adoecer longe da família fez com que Maria Eunice transferisse seu carinho para a família irlandesa com quem trabalhou e que a apoiou nos momentos difíceis. Por outro lado, ter sido atendida pelo sistema de saúde de forma eficiente contribuiu para que ela reconhecesse os pontos fortes do sistema irlandês de saúde, o que não a impediu de perceber o que ela aponta como falhas:

Para mim, o sistema de saúde da Irlanda ainda tem muitas falhas, principalmente quando não se é detectado doenças crônicas, pois eles querem que o paciente aprenda a superar as pequenas doenças, dores, naturalmente, sem viciar em remédios e em médicos, e assim, muitas vezes não investigam a fundo um problema, o que muitas vezes colocam pessoas em risco de vida. Mas depois que se é diagnosticado doenças crônicas, o tratamento é muito bom, rápido e preciso. Eu saía do hospital com uma carta com a data da próxima consulta, mesmo que fosse para seis meses depois, e quinze dias antes recebia outra carta lembrando a consulta. Por eu não ter retornado à Irlanda, perdi duas consultas. O médico da capital enviou uma carta para o médico regional, que encaminhou para o médico local, que encaminhou para a residência, querendo justificativa por eu não ter comparecido à consulta.

Depois de dois anos aguardando a renovação da permanência, Maria Eunice resolveu visitar os amigos e parentes no Brasil, onde ficou por dois meses consecutivos. Ao tentar voltar, no entanto, foi barrada no aeroporto, detida e obrigada a retornar ao Brasil como não admitida. Após a mal sucedida tentativa de entrar na Irlanda, Maria Eunice resolveu morar em Salvador, Bahia, onde

atualmente trabalha na recepção de um hotel. Os vínculos anteriores com a cidade, onde cultivava amigos e uma aproximação com o Candomblé, fizeram com que ela se adaptasse com muita facilidade. Como muitos dos imigrantes, considera que seu tempo de ficar na Irlanda tinha sido marcado por forças alheias ao seu controle e hoje entende que “eu não entrei na Irlanda de novo porque os Orixás não deixaram, era o momento de começar a trabalhar pra eles, meu tempo de Irlanda já tinha passado”.

Encontrei Vilma, 43, e o marido irlandês Cormac, 73, na casa da cozinheira Júlia, que vende comida goiana na cidade há oito anos. Vilma veio para Gort em 2006. Trabalhava no frigorífico de Anápolis, na desossa. Aprendeu o ofício na unidade do antigo Friboi de Anápolis, onde passou dos serviços gerais para a desossa e depois para o abate. Está trabalhando em frigoríficos há 23 anos. Ficou três anos no abate, “quebrando cabeça de boi”. Hoje está casada com um irlandês que, segundo sua interpretação, lhe foi dado por Deus em resposta às suas orações:

Quando eu entrei no frigorífico eu tinha quatorze anos. Trabalhei no Goiás Carne seis anos. Peguei o acerto e vim pra Irlanda. Eu sempre quis trabalhar em frigorífico aqui, mas eu não tinha documentos, não podia. Aqui trabalhei olhando uma criança. Conheci meu marido no New Castle, ele era segurança de um supermercado. Eu conheci ele e eu era só, sozinha. Eu pedi a Deus pra me ajudar. Eu olhei pra Deus e disse “Deus me dá um velho que tivesse ao menos um carro. Deus disse: Eu vou te dar um velho que tem é três carro, não só um. Então eu conheci, contei minha vida pra ele. Eu disse a ele que nós podia casar. Ele disse, te dou mil euros pra você não falar mais em casamento pra mim. Então ele me deu os mil euros e eu fiquei quieta né. Depois eu voltei a falar sobre casamento, ele me disse de novo, te dou mais mil euros pra você não falar mais sobre isso então ele me deu o dinheiro de novo. Eu não sabia porque, depois ele me falou que recebia pensão da mulher e se casasse a pensão seria suspensa. Eu então orei a Deus e pedi, Deus eu quero casar com esse homem, é pecado ficar só amigado assim. Uma semana depois ele disse “você quer casar mesmo, então mandar vir seus documentos pra que eu veja se você é solteira mesmo”. Os documentos veio, nós casamos e eu consegui estampa quatro. Logo fui no frigorífico e consegui emprego. Aqui é tranquilo. Não sinto preconceito de trabalhar ao lado de homens não. O frigorífico aqui é mais tranquilo do que no Brasil. Lá no Brasil se você piscar a banda de boi passa e você tem que correr atrás dela. O encarregado briga com a gente. Eu já tive um acidente no Brasil. Uma amiga cortou meu dedo, ele mandou a faca. Ela foi pegar uma carne e bateu a faca no meu dedo e meu dedo ficou pendurado. Fui para a enfermaria. Ela chorou muito, a moça que me cortou.

O casamento permitiu a ela permanecer na Irlanda e realizar a vontade de voltar a trabalhar em frigorífico, uma vez que hoje as empresas só contratam imigrantes “com estampa quatro”, como ela explica. Além do contrato legal de trabalho, a maior vantagem é a segurança, como ela definiu apontando o marido que a acompanhava: “Esse velho aqui é um tesouro pra mim, ele me ajuda com minhas

filhas e meus netos lá no Brasil. Nós vamos sempre pra Anápolis e ele já me ajudou a reformar minha casa lá. Ele adora o Brasil e minha família adora ele”. Depois do casamento, Vilma diz que vive tranquila, sem as ameaças de deportação e sem o risco das pessoas “invejosas” a denunciarem, como aconteceu uma vez:

Deus é tão bom que me salvou de ser deportada. Eu fui denunciada pra *Garda* e eu já tava namorando o Cormac. Eles chegaram na casa onde eu trabalhava, em um lugar bem longe da cidade, por isso eu sei que foi denúncia. Disseram que eu tinha duas semanas pra deixar a Irlanda. Agora tô casada com esse Anjo que Deus me deu e ninguém me ameaça mais.

Ao ser questionada se tinha ideia de quem havia feito as denúncias, Vima diz: “Eu sei quem foi, mas não tenho prova. Aqui se você tá ilegal e tem um rixa com alguém, a pessoa já te ameaça de denunciar. Os brasileiros aqui, nem todos são seus amigos, a gente precisa ter cuidado”. Pude confirmar, em várias situações, que as observações de Vilma estavam corretas. John Goiano mostrou-me vários e-mails anônimos denunciando brasileiros ilegais. Foi possível identificar que a grande maioria deles foi enviada por mulheres, incomodadas com o comportamento de ex-amigos ou motivadas por brigas passionais. Sempre que alguém é barrado na imigração, tentando retornar ou tentando se juntar aos parentes na Irlanda, os imigrantes atribuem o fato a denúncias, mesmo quando há motivos suficientes para a não admissão, como permanência anterior ilegal ou utilização de serviços de saúde, que podem ser controlados pelo *PPS Number*. Quando eu apresentava essa argumentação eles contra-argumentavam com os exemplos de outras pessoas que também viveram em condição de ilegalidade e conseguiram entrar e sair muitas vezes. De qualquer forma, histórias de fofocas, traição e denúncias fazem parte do cotidiano de todos os imigrantes, e alimentam relações fortemente personalistas, caracterizadas pelo intenso envolvimento comunitário entre os imigrantes.

6.2

“Os filhos da Irlanda”

Muitas das imigrantes goianas ao emigrarem deixaram os filhos sob os cuidados dos avós no Brasil, o que em Anápolis fez surgir um grupo de crianças

denominado “os filhos da Irlanda”. Segundo a professora Adriana, 25, que leciona numa escola municipal da Vila Fabril:

É fácil reconhecer essas crianças, eles em geral dão muito trabalho, pois os pais tentam compensar a ausência deles com roupas de marcas e tênis caros, além de celulares, computadores e outros eletrônicos. Na verdade ao ficarem sob os cuidados dos avôs elas ficam sem limites, pois os avôs nem sempre conseguem ocupar o lugar dos pais.

Também fazem parte do grupo “os filhos da Irlanda” as crianças com dupla nacionalidade, ou seja, com cidadania irlandesa adquirida em função da cidadania de um dos pais, uma vez que naquele país as leis referentes à naturalização estão baseadas no *jus sanguinis*, ou seja, no direito à nacionalidade pela descendência. Apesar de não ter etnografado o grupo de crianças em questão, foi possível o contato com parte da realidade em que eles vivem durante o trabalho de campo. Um garoto de 13 anos, neto de um casal de ex-imigrantes e cujo pai trabalha em um frigorífico irlandês, me chamou especialmente a atenção. Ao tomar conhecimento de que eu iria para a Irlanda, ele mostrou-se muito ansioso e passou a falar sobre o tempo em que morou no país, sobre a separação dos pais que o obrigou a retornar com a mãe ao Brasil e dos bens já adquiridos pelo pai: caminhões, casas, carro, ressaltando certo orgulho. Disse também que gostaria de voltar e morar com o pai na Irlanda, o que ele acredita que logo seria possível. Sem dúvida o “ir e vir” dos imigrantes também envolve os seus filhos, o que sugere dificuldades de adaptação e readaptação, principalmente em fases da vida como a infância e a adolescência, onde a estabilidade em todos os sentidos é apontada como fundamental para o crescimento e desenvolvimento equilibrado. Como apontei anteriormente, uma criança que é alfabetizada em inglês, fala português porém não pratica a escrita, podendo sofrer ao voltar ao Brasil ou se sentir desestimulado com a escola. Apresento essas considerações a fim de situar mais alguns desafios das goianas imigrantes, uma vez que o papel de educar e cuidar dos filhos é, em grande medida, uma responsabilidade feminina em todo o Brasil, além das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, apontarem que há cada vez mais lares brasileiros chefiados por mulheres.

Muitas dessas imigrantes arriscaram a empreitada de emigrar pelos filhos, para garantir a eles confortos e oportunidades que elas não tiveram. Mar, 43, afirma,

no entanto, que essa dedicação, no caso dela e do marido, foi exagerada e mais atrapalhou do que ajudou:

Estamos há dez anos aqui, eu e meu marido, trabalhando sem parar, no frio, na chuva, longe da família. Já ganhamos muito dinheiro aqui e eu me pergunto sempre, onde foi parar esse dinheiro? Teve mês que nós enviamos trinta mil euros pro Brasil. Tudo pros filhos, sustentando viagem, roupas caras, carro. Agora eu quero voltar e nem uma casa para os meus pais que estão velhos eu consegui comprar. Sinceramente, eu me cansei de trabalhar aqui, meus filhos precisam cuidar da vida deles. Até quando a gente precisa ficar se matando aqui e eles no bem bom no Brasil? Chega, em outubro eu volto, se o pai deles quiser ficar, que fica, a Irlanda vai separar a gente.

Muitas mulheres solteiras que conheci em Gort afirmaram ter encontrado na Irlanda uma liberdade antes desconhecida no Brasil. Elas se referiam especificamente à distância da família que sobre elas exercia cobranças e controle. Uma imigrante que se assume homossexual afirmou que em função da liberdade que sente, não pretende voltar ao Brasil:

Aqui ninguém interfere na minha vida, mesmo que falem de mim, eu tenho meus amigos, meus relacionamentos, bebo as minhas cervejas e me sinto mais livre para viver o que eu quiser aqui. A única pessoa que me importa, que é minha filha, eu trouxe comigo. Voltar pro Brasil, eu não volto. Lá eu não poderia ser o que sou aqui.

Quando questionada se sentia algum tipo de preconceito por ter assumido sua identidade sexual ela afirmou:

Os irlandeses não se interessam muito pela vida particular da gente. Eu trabalho para uma mulher que gosta do meu serviço e para ela pouco importa o que eu sou. Quanto ao meu povo, meus amigos, os brasileiros como eu, eles fazem umas brincadeirinhas e eu devolvo na mesma moeda. No Brasil isso não acontece. Eu considero meus amigos aqui a minha família, que me aceita e aqui o povo parece que muda o jeito, não discrimina tanto.

No momento em que eu estava fazendo o reconhecimento de campo em Gort, a fim de identificar os informantes que poderiam me conduzir no processo de pesquisa, também me chamou a atenção a naturalidade com que os brasileiros faziam referência à identidade sexual dos conterrâneos, muito diferente do que ocorre frequentemente no Brasil. As mulheres homossexuais que conheci são respeitadas, vista como profissionais, admiradas, ocupam seu lugar na cidade, muitas trabalham nos frigoríficos e frequentemente se destacam no trabalho. Não notei nenhum comentário jocoso ou desrespeitoso, nada que contribuísse para

desmerecê-las. Não é possível obviamente sugerir que o contexto da imigração faça com que os preconceitos enraizados nas perspectivas dos indivíduos desapareçam. Acredito, no entanto, que esse contexto interfira de alguma forma nos processos de aceitação de algumas diferenças, como no caso em questão. O fato de estarem “todos no mesmo barco”, como me disse Paulo, 46, coloca outras preocupações em jogo e aproxima os que navegam com o mesmo objetivo. Seria possível afirmar que as particularidades da vida dos imigrantes em Gort, especialmente a alardeada tolerância e aceitação dos ilegais, tenha se estendido a outros aspectos relativos à subjetividade desses imigrantes? A condição de homossexuais e toda a carga discriminatória que essa condição carrega teria sido subsumida na valorização da postura profissional e do sucesso que essas mulheres alcançaram na Irlanda? Como não tive contato com brasileiros homossexuais masculinos, não foi possível identificar se com eles a postura dos imigrantes seria diferente. É importante ressaltar que nos códigos associados à condição “de homem” em Goiás estão a virilidade, a coragem e a força, aspectos negados nas representações que são construídas sobre os homossexuais. Como afirmei na introdução desta tese, além de lançar luz sobre os processos que permitiram a esse grupo de pessoas emigrar, também apresento novas questões dadas pelo campo, garantindo assim que as possibilidades de pesquisa sobre as identidades regionais e a emigração permaneçam nos desafiando.

A construção de novas oportunidades ou o “fracasso” e o sucesso dos filhos é um ponto de partida fundamental para a avaliação que as imigrantes em geral fazem da sua experiência emigratória. As mulheres recorrem ao fato de que suas “crianças” aprenderam o inglês e se tornaram capazes de transitar com facilidade na sociedade irlandesa. Mostram-se orgulhosas por terem oferecido a elas oportunidades inacessíveis à maioria das crianças brasileiras e vislumbram, conseqüentemente, a possibilidade de que eles ingressem em uma Universidade e alcancem ascensão social. Para muitas dessas mulheres, principalmente para as que estão vivendo legalmente, o capital que pode ser alcançado pelos seus filhos tem mais importância do que dinheiro que poderiam porventura levar ao Brasil. Como propõe Bourdieu (1992), que amplia a análise do capital para além do seu valor monetário, tanto o capital social como o cultural envolvem posses socialmente incorporadas aos

indivíduos, tornam-se *habitus* e refletem também mecanismos de disputa nos campos estruturados da vida social.

A inserção em espaços de consumo antes impossíveis, como por exemplo o de roupas e calçados de marca, é um indicador importante para mães, pais e filhos de que “a vida melhorou”. São também esses sinais que “os filhos da Irlanda” ostentam na Vila Fabril a fim de serem reconhecidos. Acredito que uma pesquisa específica sobre as condições de adaptação dessas crianças que voltam ao Brasil pode lançar luz sobre o processo complexo de passar a pertencer a dois mundos, tão comum aos tempos em que vivemos e que afetam um número cada vez mais significativo de pessoas.

A viagem de férias ao Brasil, possível às famílias que vivem legalmente no país, é um momento importante para a afirmação da nova condição em que vivem os imigrantes. Os presentes que são entregues aos familiares e amigos possuem um papel fundamental, pois além de uma forma de manifestação de carinho, sem dúvida esses presentes comunicam sobre o novo *status* que o grupo familiar alcançou, carregando consigo mensagens do sucesso da família de imigrantes, cuja presença na terra natal é celebrada com muito entusiasmo. Esses presentes testemunham a nova condição, ao mesmo tempo em que exigem também novo tratamento e reconhecimento. Por outro lado, como mostra Mauss (1974), criam a expectativa da retribuição, que no caso diz respeito ao reconhecimento e a própria “festa” no momento da chegada da família, assim como as visitas, os convites para churrascos e outros eventos. Todo o tempo despendido com a compra dos presentes, a organização das malas e a logística de transportá-las se justificam a partir do poder que eles têm de fazer circular sentimentos e comunicar elementos da nova realidade vivida pelos imigrantes, que nem sempre pode ser conferida *in loco* pelos que ficaram no Brasil.

Sal e Sir disseram ter sempre a agenda cheia quando estão no Brasil, o que faz “o tempo passar mais rápido”. São convites dos vizinhos, dos amigos, visitas, jantares, passeios onde as crianças em geral se tornam o centro das atenções e, como já apresentei, são motivadas a falar inglês, fazendo com que todos se mostrem admirados e as mães se sintam mais orgulhosas. Em alguns momentos, na convivência com essas famílias em Anápolis, pude perceber que as comparações entre Brasil e Irlanda são muito frequentes e às vezes causam certa

antipatia, provocando reações e comentários duros, como este: “depois que tá morando na Irlanda nada no Brasil presta mais, né?”. Ou frases mais agressivas do tipo “tá limpando privada na Irlanda e chega aqui se achando”. As imigrantes imediatamente tentam emendar o que disseram, buscando na verdade demonstrar que elas adquiriram outras referências e experiências que as permitem fazer tais comparações.

Um dos aspectos mais significativos para as mulheres estabelecidas na Irlanda refere-se a viver no país em condições que correspondem às de mulheres da classe média no Brasil. Mesmo sendo faxineiras ou babás, seus filhos estudam nas mesmas escolas que os filhos das advogadas, professoras e médicas irlandesas. Moram em casas confortáveis, têm carros e consomem como as famílias de classe média. Ainda que não estejam completamente integradas ao país, se orgulham pela integração dos filhos. Não se envergonham de trabalhar com limpeza, pois no país isso não é desabono e nem um critério tão objetivo de discriminação ou exclusão social como ocorre no Brasil. Com certeza esse lugar que passam a ocupar e as possibilidades de transitar entre os dois mundos as fazem demonstrar grande contentamento com “a nova vida”, o que tem um peso grande na decisão familiar de permanecer na Irlanda ou voltar.

Para as ilegais outro cenário se apresenta. O medo da deportação, as ameaças e a impossibilidade de voltar são realidades que desafiam a permanência no país, além da tão lamentada separação dos filhos. Muitas, no entanto, têm conseguido os seus documentos de permanência que podem ser solicitados pelos patrões. Algumas trabalhadoras em Gort chegaram na condição de ilegais e em função de se destacarem no trabalho regularizaram sua situação através da intermediação dos empresários para os quais trabalhavam. Outras brasileiras se casaram com irlandeses, como é o caso de Vilma, cujo depoimento registrei. Constatei que há brasileiras casadas com poloneses, lituanos, portugueses e com europeus de outras nacionalidades, o que lhes dá direito à cidadania europeia. Também tomei conhecimento dos casamentos arranjados e de pessoas que estavam vendendo casamentos. Uma delas era brasileira com cidadania italiana e estava cobrando cinco mil euros para se casar, o mesmo valor cobrado por seu irmão.

A valorização da “liberdade” de viver na Irlanda mostrou-se uma recorrência comum às mulheres com as quais convivi. A cultura da terra de origem poderia ser vista, nessa direção, como uma cultura que aprisiona e impede que elas vivam sua vida “sem cobranças e pressões”. Emigrar dessa forma extrapola os objetivos econômicos imediatamente apresentados e se revela uma possibilidade de experimentar outros mundos e muitas vezes de realizar potencialidades aprisionadas por algumas estruturas sociais, a exemplo da goiana Den que, nas palavras dela, nunca sentou “numa cadeira de escola”, mas na Irlanda trabalhou como classificadora de bois, função quase exclusiva de veterinários. Ou de Ros que se tornou a primeira imigrante a fazer parte do corpo de bombeiros da Irlanda.

Perspectivas semelhantes pude apreender das narrativas das anapolinas Jary e Jane, citadas anteriormente, que viveram nos Estados Unidos. Jane, ao definir seus sentimentos em relação à experiência, ressaltou a liberdade que sentia no país:

Lá o americano ele é educado, não é preconceituoso, tanto faz ser faxineiro ou babá, eles não se importam de namorar com uma faxineira. Falam sempre por favor, obrigada. Respeitam muito quem fala inglês, respeita seu espaço, eu tinha muito mais liberdade lá do que aqui. Eu tinha liberdade pra ir e vir, eu era cem por cento livre. Eles não estão preocupados com a sua vida. Eu voltaria. Não programei ainda. No começo eu odiava os Estados Unidos, demorei a me adaptar, mas depois passei a gostar muito. Me cansei de viver lá pelo tipo de trabalho, mas tinha uma parte de mim que não queria mais voltar. Quando voltei senti que essa cultura não é completamente minha. Me sinto mais americana do que brasileira. Hoje eu não preciso mais trabalhar, vivo dos investimentos que fiz aqui, mas não me sinto livre. E a falta de respeito com o espaço do outro é o que mais me incomoda.

Para Jary, “a falta de educação do brasileiro” é o mais difícil. Ela diz ter consciência de que “quando estamos longe do nosso país, ele parece perfeito, a distância faz com que a gente esqueça as coisas ruins”. Não se conforma, no entanto, com o desrespeito às filas e falta de cavalheirismo:

Eu ficava irritada quando voltei ao Brasil, pois estava acostumada com pessoas que seguram a porta pra você passar. Experimentei a boa cultura. Prefiro o modo de lá, de me vestir, me sinto um pouco deslocada. Por outro lado, voltei mais disposta a falar dos meus sentimentos e dos meus direitos. Lá as leis existem pra ser cumpridas. As empregadas domésticas são mais bem tratadas lá do que aqui. Não existe essa hierarquia como aqui. Lá você não precisa ter vergonha de ser empregada ou babá, não existem esses sentimentos de “eu sou melhor” do que uma empregada doméstica. Eu gosto muito de me sentir respeitada.

Quando voltou ao Brasil em 2007, depois de cinco anos nos Estados Unidos, Jary resolveu investir tudo o que ganhou em imóveis na cidade de Palmas, no Tocantins. Durante o período em que viveu nos Estados Unidos teve uma filha e afirma “ter se arrependido de voltar ao Brasil, pois nos Estados Unidos minha filha teria uma educação melhor”. Por outro lado, pondera que voltou ao Brasil pra ser mãe, uma vez que a renda dos imóveis alugados que possui permite a ela viver bem, sem precisar trabalhar, dedicando todo o tempo à educação da criança. Jary afirmou: “detesto as pessoas ficarem tocando em mim nos espaços públicos. O brasileiro age com muita intimidade, não há respeito. Odeio essas músicas altas nos sons dos carros, como se todo mundo precisasse gostar da mesma música”. Ambas, no entanto, afirmaram ter sentido falta dos laços de amizade e da família. Diziam sentir muita saudade do Brasil quando estavam longe e, na conclusão de Jane, “depois de viver fora, a gente fica uma pessoa dividida, alguém de dois lugares”. Casos como o de Jary e Jane apontam outro aspecto do impacto da experiência de imigrante sobre os indivíduos, reforçando as particularidades dessa experiência e sugerindo a possibilidade de comparar os imigrantes a partir de elementos como escolaridade, função que exerciam no Brasil antes de viajar e expectativas com a viagem. Jary e Jane já tinham concluído o curso superior antes de emigrarem e leem a experiência a partir de constatações não apontadas por outros imigrantes, como a adesão a princípios claramente individualistas e cosmopolitas, como o respeito ao espaço e as diferenças entre o comportamento público de brasileiros e norte americanos.

No entanto, alguns pontos das reflexões apresentadas por Jane e Jary também ressaltam a ausência de discriminação associada ao trabalho, os mesmos apresentados pelas brasileiras que vivem ou viveram na Irlanda. Jary afirma que para “o americano, trabalho é trabalho e deve ser valorizado”. Outro elemento evidente é o que aponta “o sujeito dividido entre duas culturas” e a sensação do indivíduo que passa a ser alguém de dois lugares. Esse sentimento sugere que o impacto da experiência vivida fora do Brasil produziu uma identidade disposta ao trânsito, uma vez que ficou claro nas conversas com as duas irmãs que, estando elas nos Estados Unidos, vão sentir falta das coisas boas do Brasil e, estando no Brasil, gostariam de usufruir das vantagens de viver nos Estados Unidos. Jary e

Jane dizem estar dispostas a voltar e afirmam ter estabelecido vínculos com o país, pois também sentem “saudades de viver lá”.

É possível notar, nas interpretações femininas sobre a experiência na Irlanda, que além do *status* alcançado pelo acesso ao consumo, as oportunidades de crescimento pessoal e a preocupação objetiva com a educação dos filhos se destacam quando comparadas às interpretações masculinas. As mulheres que acompanhei, estando legais ou não, ressaltavam a alegria de ver os filhos estudando em uma escola europeia e, mais do que os homens, se mostravam orgulhosas da desenvoltura que eles alcançavam no contexto irlandês. Além dos bens adquiridos ou do *status* de poder transitar entre a Irlanda e o Brasil trazendo histórias e fotografias dos países visitados, a formação dos filhos se mostra o capital mais valorizado nesse contexto (Bourdieu, 1992). O fato de serem vistas também como ponte para outros que pretendem trilhar os mesmos caminhos, faz com que elas, bem como os outros imigrantes, sejam valorizadas, celebradas, como mostrei neste capítulo.

Para as imigrantes goianas que vivem na Irlanda, as relações de gênero e as expectativas em relação aos filhos e à família permanecem profundamente associadas ao jeito de viver em Goiás. É óbvio que os filhos dessas famílias que estão crescendo e estudando na Irlanda construirão outras formas de ver e outras formas de se relacionar com a nova pátria, uma vez que, estando na escola e dominando a língua inglesa, eles se aproximarão de forma mais densa dos códigos dominantes na cultura irlandesa. Ao se tornarem sujeitos que transitam entre duas culturas, repetirão a história de milhares de imigrantes em várias partes do mundo e em todas as épocas.

Considerações Finais

“A Irlanda e o sertão têm populações que se ligam muito ricamente com a palavra. Uma vez que você está na trilha, você está resolvido. Passa a ter uma identidade. A vida é tua e sempre vai ser rica”. (Maurren Bissiliat, In: Mengozzi, 2011).

Afirmo na introdução desta tese que meu objetivo principal seria entender como elementos da identidade regional dos imigrantes são reforçados, negados ou negociados no contexto da imigração. Procurei identificar, ainda, o impacto dessa experiência nas leituras que esses imigrantes elaboram acerca do lugar ao qual pertencem e dos lugares pelos quais transitam. Em outras palavras, o caminho que escolhi tem como eixo a identidade regional em relação com a experiência migratória. As pesquisas sobre os imigrantes brasileiros no exterior, em geral, partem da ideia já naturalizada de que nesses contextos a identidade nacional se sobrepõe às identidades regionais, como afirma Ribeiro (2000, p. 232):

As identidades regionais, por exemplo, tão importantes dentro do país, são subsumidas sob a nacional. Na verdade, ninguém sabe onde fica Goiás nos Estados Unidos. Mas Brasil significa feijoada, futebol, capoeira, samba, carnaval e fio dental. Não é, portanto, uma coincidência que no desfile de carnaval realizado em São Francisco todos os anos no mês de maio, uma grande quantidade de goianos assumam papel de foliões, cabrochas e carnavalescos.

Considero que esta tese faz sentido quando estão em jogo as relações entre países e seus cidadãos, bem como nas formas de classificação a que somos submetidos fora do Brasil. Por outro lado, como apresentei no segundo capítulo deste trabalho, o termo “brasileiros no exterior” não diz muito se as particularidades que os caracterizam não forem consideradas. São múltiplos os motivos, as leituras e os contextos que envolvem a emigração de brasileiros para várias partes do mundo, assim como também são múltiplas as identidades regionais ou as partes que formam o todo Brasil (Oliven, 2006).

Já nas primeiras etapas da pesquisa de campo na Irlanda, me chamou a atenção a opção dos imigrantes pela convivência entre os conterrâneos, bem como todas as marcas da identidade goiana presentes nos espaços pelos quais os imigrantes circulavam e viviam. Percebi que para elaborar qualquer quadro da experiência de brasileiros no país, eu precisaria considerar a origem regional dos envolvidos. Considero que essa escolha é resultado do que antropólogos, como Peirano (1995), definem como o confronto constante entre nossas perspectivas e interpretações com o que o campo nos revela, através das idéias e interpretações nativas.

O ir e vir, sem dúvida, permite que esses indivíduos elaborem uma leitura sobre esse mundo com o qual se deparam. São essas leituras que particularmente tentei registrar, uma vez que, alheias às perspectivas cosmopolitas, podem nos permitir inferir sobre como o “local”, no caso o interior de Goiás, interior do Brasil, interpreta o “global”, ou pelo menos aspectos desse global: o trânsito de pessoas, a impessoalidade dos aeroportos, as relações nas grandes empresas, a convivência com os nacionais, as leis, entre outros aspectos.

É preciso considerar que um evento específico desencadeou o fluxo para a Irlanda, mas esse evento, obviamente, encontra respaldo no que poderíamos chamar de formação de uma cultura de emigração, que nos últimos 30 anos ganhou força em todo o estado e fez com que os goianos se espalhassem pelos Estados Unidos e pela Europa, chamando a atenção dos pesquisadores e das instituições governamentais. Entre as pesquisas sobre migrações publicadas num dossiê da revista Estudos Avançados da USP⁶⁴, desenvolvidas (ou em desenvolvimento) no Brasil, a maioria faz referência às presenças mineira e goiana no exterior, apontando a cidade de Governador Valadares, MG, como a primeira em saída de emigrantes. Os últimos dados do IBGE (2011) referentes à emigração de brasileiros mostram que, proporcionalmente, os goianos se destacam entre os que deixaram o país. A constatação de que Goiás é o estado de onde voltam o maior número de deportados também reafirma o significativo número de regionais imigrantes.

Para entender como se formou essa cultura da emigração no estado é preciso avaliar o impacto do trânsito dos imigrantes sobre os que ficam ou que ficaram. Sugiro que o sucesso financeiro alcançado, exaustivamente ostentado, e também as

⁶⁴ Revista estudos avançados. Dossiê migrações. USP: 2006. Vol.20, número 57

representações que moldaram uma identidade idealizada como a do sertanejo vencedor, rico e moderno, disposto a enfrentar distâncias e obstáculos, a “aventurar-se” a exemplo dos seus antepassados mineradores e criadores de gado, configuram possibilidades interessantes para compreender o fenômeno. No caso dos brasileiros que foram para a Irlanda com contrato de trabalho, a notícia de que estariam morando “em um castelo” (na realidade um mosteiro em que ficaram alojados os primeiros trabalhadores contratados) contribuiu para motivar muitos outros a se arriscarem, mesmo sem contrato, alimentando as viagens de anapolinos àquele país.

Estaríamos, portanto, diante de um movimento que em Goiás se fortaleceu e alimentou a prática de emigrar, sustentada na crença de que o acesso aos bens de consumo se faz fundamental para que os indivíduos sejam sujeitos vencedores e tenham o reconhecimento inerente a essa condição. Uma vez estabelecidas as bases do movimento emigratório, há uma cadeia de elementos que o alimenta, entre eles as representações e as narrativas dos que conhecem ou conheceram alguém que foi, dos parentes que mudaram de vida após a experiência fora do Brasil e das constantes referências a esses sujeitos como pessoas corajosas. Importante ressaltar que, a despeito do tipo de trabalho a que se dedicou fora do Brasil, nas rodas de conversa a experiência do ex-imigrante é sempre valorizada como algo muito importante. Sair do país confere um *status* que, somado ao dinheiro que o permite ter acesso a bens aos quais anteriormente não tinha, faz desse sujeito, sem sombra de dúvida, um vencedor, um *self made man*.

De acordo com a experiência etnográfica em Gort, Tullamore, Kilbeggan e em Anápolis, percebemos que a condição de imigrante e de ex-imigrante é interpretada pelos indivíduos de maneiras totalmente distintas. Nas conversas na Irlanda, muitos dos imigrantes diziam estar ansiosos pra voltar ao Brasil e contando os dias e meses para o retorno. Afirmavam que a vida no lugar não estava mais “compensando”, que o sacrifício era muito grande e que havia muita diferença cultural entre brasileiros e irlandeses. Em Anápolis muitos disseram estar dispostos a emigrar novamente, pois não estavam se adaptando ao trabalho ou não conseguiram fazer os investimentos corretos. Alguns inclusive já estavam articulando o caminho de volta, apesar da crise econômica que a Irlanda enfrenta. Segundo alguns parentes dos ex-imigrantes, “eles se acostumaram a ganhar muito

dinheiro e agora não sabem mais viver com pouco”. Ao conversar com ex-imigrantes goianos que viveram nos Estados Unidos, descobri que o dilema do ir e vir é comum a todos. O dinheiro, que a duras penas conseguem poupar fora do Brasil, muitas vezes se esvai em investimentos equivocados ou despesas diárias.

Esses brasileiros imigrantes tentam “levar o Brasil” para as cidades em que moram. Ressalto: levam o Brasil que conhecem, no caso dos goianos levam Goiás, através da música sertaneja, dos alimentos regionais, das igrejas evangélicas, das festas de quadrilha, das novenas católicas, das festas realizadas nas casas dos amigos. A representação de país do carnaval, sem dúvida está estabelecida no exterior e também na Irlanda acontecem “os carnavais brasileiros”, mas é possível apontar outras representações que têm sido forjadas pela presença imigrante no país. Os goianos de Gort e Tullamore são conhecidos pelas igrejas que levaram e também pela música sertaneja que ouvem. Os jornais locais ressaltam a origem do grupo de trabalhadores brasileiros que foi contratado pelos frigoríficos, em função das habilidades desses trabalhadores para a lida com o corte de carne. Muitos indicam Goiás como um estado do Centro-Oeste com vocação econômica para as atividades agropecuárias. Sugerimos que a presença desses trabalhadores na Irlanda fez com que um outro Brasil passe a ser também conhecido. Esse Brasil prefere a música sertaneja ao samba e não está disposto a imitar o “brasileiro que os gringos querem ver”.

Seguir o ir e vir dos imigrantes, experimentar seus trajetos e suas paradas, além de ouvi-los em trânsito ou ansiosos para emigrar novamente, foi fundamental para eu compreender que a empreitada emigratória, pelas condições em que ocorre, produz desassossegos nos indivíduos que a encaram, na medida em que atinge suas certezas sobre o que é viver bem, o que é um bom país e se vale a pena sacrificar a convivência com os familiares, muitas vezes com os filhos, em nome do sucesso econômico. A aproximação com a complexidade do movimento migratório, tanto do ponto de vista dos impactos econômicos, sociais e psíquicos, sobre os imigrantes, foi facilitada pela etnografia multissituada. Perceber que os discursos e as perspectivas mudavam conforme o lugar em que o imigrante se encontrava me fez constatar que os olhares sobre os lugares, os países e as paisagens também estavam sujeitos a uma mobilidade. O imigrante provisório e os provisórios-permanentes (Sayad, 1998) partilham a perspectiva de voltar ao Brasil. Ambos

consideram sua condição de imigrante como uma etapa da vida. Alguns imigrantes já estabelecidos, que se casaram no país ou adquiriram documentos de permanência definitiva, a exemplo de Gisele Leonard, disse: “eu não vou morrer na Irlanda, vou voltar pra casa”. Outros afirmam que só voltam quando os “filhos estiverem na Universidade”. Quando a pesquisa de campo se concentrou no Brasil, a grande maioria afirmou que pretendia voltar à Irlanda na próxima oportunidade, justificando a pretensão porque a vida no Brasil era dura demais ou porque “lá fora é mais fácil de ganhar dinheiro.” Comparar os olhares dos imigrantes em contextos distintos possibilitou a identificação de uma disposição ao trânsito, justificada por sentimentos de que sempre “no outro lugar” as coisas estariam melhores.

As possibilidades que passam a se apresentar para os imigrantes os desafiam em muitos aspectos. O acesso a determinados bens como carros, casas, roupas, eletroeletrônicos, etc, muitas vezes adia a volta ao Brasil. A vida na terra estrangeira impõe a eles a condição da falta. O retorno os desassossega porque os devolve para um lugar ao qual não pertencem mais completamente. São impactados pela experiência imigratória e dessa forma impelidos a manter o “ir o vir” da emigração internacional. Ulisses dos nossos tempos, sertanejos errantes desassossegados.

Constatei que elementos sólidos da identidade regional são vivenciados no lugar de destino, a exemplo da sociabilidade rural, identificada quando participei do convívio dos imigrantes em Tullamore, Gort e Kilbeggan. Diante disso acredito que é importante apontar alguns limites das teses de que globalização ou a modernidade impõem às identidades e à vida social um processo de diluição sem precedentes na história (Bauman, 2005, 2007). Para Hall (2006), por exemplo, a globalização “tem um efeito pluralizante sobre as identidades” fazendo com que elas se tornem “menos fixas, unificadas e trans-históricas” (p.95). As identidades não são categorias fixas, são construídas, como também propõe o autor, através de discursos e práticas institucionais específicas, em contextos históricos específicos. Por outro lado, a indicação de que elas se tornam “menos fixas” e menos “trans-históricas” não correspondem aos processos em curso no mundo contemporâneo. Como constata Oliven (2006, p. 12, 13) ao fazer referência aos conflitos identitários no contexto denominado “mundialização da cultura” ou “globalização da economia”: diante do “esfacelamento de países e o surgimento de novos”, o nacional e o

regional adquirem uma nova proeminência, processo que tem na tradição sua “variável-chave”, além de se constituir como “pano de fundo de movimentos ligados à construção de diferentes identidades sociais”. Compreendo ainda, de acordo com o que propõe Hannerz, que o conceito de mundialização cultural se mostra inadequado ao contexto em que nos encontramos, marcado pela ampliação da diversidade e que, por isso mesmo, demanda leituras que a considerem. Dessa forma volto a ressaltar as particularidades que caracterizam os movimentos de brasileiros para o exterior e, em especial, o fluxo de brasileiros de Goiás para a Irlanda.

A centralidade dos elementos rurais na vida goiana permanece configurando os sentidos que os indivíduos atribuem ao mundo que os cerca, mesmo quando se deslocam para outros espaços geográficos e mesmo quando se deparam com outras formas de viver e pensar o mundo. Nesse sentido, a tradição permanece como uma referência central da vida. Ao levarem sua música sertaneja para a Irlanda, a comida típica regional, as festas de quadrilha, o berrante e as danças *country*, esses imigrantes colocam no jogo das negociações identitárias sua regionalidade, mostrando um Brasil que não é só carnaval, samba e futebol. Apesar da força dessas representações, é certo que a presença imigrante contribui para que a diversidade brasileira seja conhecida. Dessa forma, a convivência cotidiana torna-se espaço de aprendizados mútuos entre nacionais e imigrantes. Um dos traços mais significativos da cultura nacional, segundo Holanda (1999), qual seja a rejeição ao individualismo e o predomínio da cultura do personalismo, conformam e legitimam as formas de interação desses imigrantes na Irlanda. Não há espaço para a impessoalidade ou para posturas cosmopolitas de despreendimento e desapego. Ao comparar cosmopolitas e locais no contexto da, chamada por ele, cultura global, Hannerz (1998, p. 263) reflete sobre os viajantes e sua relação com os lugares que passam a habitar apontando que “algumas pessoas, como os exilados ou os trabalhadores migrantes, são realmente afastados das bases territoriais da respectiva cultural local, mas procuram inserir-se numa certa aproximação da mesma”.

Os cosmopolitas teriam uma postura de defesa da diversidade que circula na cultura global, uma vez que percebem o local como espaço das coisas mais “simples e francas”, uma espécie de nostalgia de um “passado pré-cosmopolita”. A casa para

os locais seria, nas palavras do autor, “um lugar de fisionomias familiares” que eles perdem ao viajar. Por outro lado, essa viagem específica da migração para o trabalho e poupança, como é possível inferir da experiência etnográfica, faz com que os sujeitos experimentem um cosmopolitismo que é simultaneamente negado e admirado.

Feldman-Bianco (2009) mostra que as conexões entre os locais de origem dos imigrantes e os locais em que passam a viver permanecem, em longo prazo, produzindo o que a autora denomina de enclaves étnicos, a exemplo dos imigrantes portugueses em New Bedford. A presença imigrante reiventou a cidade, conforme apresentou a autora, que analisou a presença portuguesa em um período amplo de tempo, identificando o apogeu e o declínio econômico de New Bedford e situando o papel dos imigrantes nesse processo. A presença portuguesa, que anteriormente relegava a cidade “a alcunha de capital da gangue de estupradores da América” (p. 44), passa a ser uma marca positiva, explorada através da comercialização da diversidade cultural. Essa diversidade comercializada, por sua vez, é o mecanismo através do qual a cidade é reposicionada economicamente no contexto das transformações neoliberais impostas pelo cenário econômico globalizado. Acredito que essa perspectiva apresenta um caminho fundamental para que as interações entre local e global, no contexto contemporâneo, sejam esclarecidas. Interações, conexões e trânsitos, inerentes aos processos migratórios, impõem transformações que permanecem nos desafiando. A etnografia sobre a imigração de brasileiros para a Irlanda evidenciou a importância da identidade regional no processo de “reivenção da localidade” desses imigrantes no exterior. Por outro lado, também apresentou inúmeros questionamentos. São eles que me fazem acreditar na necessidade de um projeto que considere um olhar a longo prazo sobre o fenômeno, bem como seu impacto nas pessoas e nos lugares.

Notas Finais

Grande foi a minha surpresa ao encontrar traços do sertão na Irlanda. Talvez por ter ignorado a máxima de Guimarães Rosa de que “ele está em toda parte e que é do tamanho do mundo” (Rosa, 2001). Não o encontrei obviamente na paisagem, mas nos sertanejos goianos que, ao emigrarem, o levaram consigo e o partilharam nas relações com os nacionais e com os conterrâneos. Encontrei-o na forma de lidar com as dificuldades e na valorização da coragem como elemento fundamental da identidade dos que emigraram. “O sertanejo é antes de tudo um forte” (Cunha, 1991), o imigrante nas palavras de muitos deles “um corajoso”. Ao percorrer as cidades irlandesas onde havia comunidades de brasileiros e ao etnografar o cotidiano de imigrantes em Goiás e na Irlanda, além de constatar os sinais materiais da goianidade na alimentação, no vestuário, nas festas, nas músicas, percebi muito evidentes o jeito de ser e a sociabilidade, caracterizada pelas relações de compadrio e pessoalidade.

Como apresentei anteriormente, pude imediatamente identificar nas comunidades goianas que, em primeiro lugar, ser goiano é um critério fundamental para o acolhimento de quem chega. Os grupos se estruturam e convivem a partir de referências regionais. Ser goiano é como ser um parente, o que é mais significativo do que ter a mesma nacionalidade. Conflitos com brasileiros de outras regiões são muito comuns, especialmente no ambiente dos frigoríficos.

Apesar de serem todos brasileiros na Irlanda, o cenário identitário que se formou entre esses imigrantes é fortemente marcado pela regionalidade. O pertencimento regional é um fator considerado para que o brasileiro conte com a confiança do grupo. Parafraseando Oliven (2006), a identidade brasileira na Irlanda também passa primeiro pela identidade regional. Estar entre os conterrâneos é reorganizar estruturas de sentido que ameaçaram ser quebradas com a emigração. A desconfiança goiana em relação aos brasileiros de outras regiões também é sintomática da preferência pela agregação regional. Essa agregação se manifesta mais fortemente no interior do país, uma vez que é onde a grande maioria dos goianos está. Da mesma forma que a origem comum dos imigrantes é um elemento de atração para outros emigrarem, ela também se torna uma motivação para a permanência, uma vez que os laços com os conterrâneos ajudam na superação das

dificuldades inerentes à vida no exterior. Entre os imigrantes há troca de informações sobre trabalho, reuniões festivas, o trânsito de informações entre Irlanda e Goiás e, inevitavelmente, fofocas e conflitos inerentes às relações de intensa proximidade.

As redes sociais tornaram-se centrais para a viabilidade da emigração. Essas redes só existem porque os indivíduos acreditam e vivem laços sustentados na pessoalidade, valorizam as relações de proximidade e alimentam a reciprocidade, diferente das culturas onde predominam o individualismo e a impessoalidade. A crença de que “o exterior seria como um garimpo” ou de que “com a emigração é possível juntar dinheiro para realizar sonhos” contribui para manter o fluxo de emigrantes em Goiás e muitas vezes impede que esses brasileiros busquem oportunidades no Brasil.

Essa disposição de sair do país, por sua vez, se apoia no *ethos* do sertanejo errante, aventureiro, “movediço, (Ramos, 1917) “que não conhece limites”, destemido, disposto a ir em “busca do ouro”, que também pode assumir a representação da fartura, para uma aproximação do que propõe Lima (2003), ou da liberdade, como sugere Velho (1995). As imagens do sertão e dos sertanejos evocam sempre a travessia. Os retirantes nordestinos (Ramos, 1980), os “fanáticos” de Conselheiro (Cunha, 1991), ou os jagunços de Riobaldo (Rosa, 2001) estão sempre a caminho. A travessia demanda superação e envolve esperança. Dessa forma o sertanejo se mantém na “trilha”. A trilha realiza sua errância, ela é um dos elementos da sua identidade. Identidade essa que tem como marca fundamental a crença de que para superar dificuldades é preciso coragem: “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (Rosa, 2001).

Referências

ABREU, I. Capistrano de. **Capítulos da história colonial**. São Paulo: Ed. da USP, 1988.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “Brasiguaios” entre os limites nacionais**. Horizontes Antropológicos. Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, Porto Alegre, n.31, p. 137-166, 2009.

ALEM, João Marcos. **Caipira e country: a nova ruralidade brasileira**. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade de São Paulo. São Paulo: 1996.

ALENCAR, Maria Izaura. **Jornal Opção**. Goiânia, GO, 14 de outubro de 1995.

Americano é preso acusado por crime de ódio contra brasileiros. Disponível em: www.brasileirosnos Estados Unidos.com. Acesso em: 16 de setembro de 2010.

APPADURAI, Arjun. **Disjuncture and Difference in the Global and Cultural World**. Public Culture, n 2 p. 1-24, march, 1990.

_____ **Modernity at large: cultural dimensions of globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

_____ **Place and voice in anthropological theory**. Cultural anthropology, n 3, p. 16-20, february, 1988.

_____ **O medo ao pequeno número: ensaios sobre a geografia da raiva.** São Paulo: Editora Iluminuras, 2009.

ARAGÃO, Luiz Tarlei de. **Perspectivas de ocupação do cerrado na região de Brasília ou Notas para uma antropologia do sertão.** Brasília: Universidade de Brasília, 1988. (Série antropologia).

A Saga Global dos Caubóis de Anápolis. Disponível em: www.exameabril.com.br/a-saga-global-dos-caubois-de-anapolis-m0154. Acesso em: 20 de setembro de 2011.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira.** Brasília: Ed. da UNB, 1963.

BARRET, Alan. **Irish migration: characteristics, causes and consequences. Economic and social research.** Dublin: CEPR, paper 97, 1999.

BATESON, Gregory. **Form, substance and difference.** In: Steps to an Ecology of Mind. Chicago: The University of Chicago Press, 2000, p.454-471.

BAUMAN, Zygmunt. **Párias e Arrivistas.** In: O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997.

_____. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BELLINO, Ricardo R; MEIHY, José Carlos. **O estado dos emigrantes: o 28º estado brasileiro, um mercado de U\$ 60 bilhões.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

BHABHA, Homi K. **The Location of Culture.** London: Routledge, 1994.

BILAC, F. D. Gênero, família e migrações internacionais. In: PATARRA, N.L. (Coord). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p.65, 77.

Bilingual Community Newsletter. Associação de Brasileiros em Gort. Gort, Ireland, 2006.

BIZZOTO, Márcia. **Nova lei na Europa facilitará expulsão de imigrantes ilegais**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story>. Acesso: 20 de outubro de 2010.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. In: CASTRO, Celso (org). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br**. São Paulo: Duas cidades, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOYD, Monica. **Family and Personal Networks in International Migration: recent developments and new agendas**. International Migration Review. Volume xxiii, n.3, 1989, p.639- 669.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Assistência a brasileiros**. Disponível em: www.itamaraty.gov.br. Acesso em: 21 de julho de 2010.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria nacional de justiça. COLARES, Marco (Coord). **I diagnóstico sobre o tráfico de seres humanos**. São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás e Ceará. Brasília, Secretaria Nacional de Justiça, 2004, 42 p.

_____. Organização das Nações Unidas, Organização Internacional do Trabalho. COLARES, Marco (Coord). **3º estudo – Tráfico internacional de pessoas e imigrantes**. Brasília: Secretaria Nacional de Justiça, 2008, 60 p.

_____. Ministério da Agricultura. **Instrução Normativa número 3**, Brasília, DF, Janeiro de 2000.

Brasil é o país que vê imigrante de forma mais positiva: Disponível em: www.noticias.uol.com.br/bbc/2011/08/05/brasil. Acesso: 20 de setembro de 2011.

Brasileiros que vivem no Japão pedem mais apoio do governo. Jornal O popular. Notícias Mundo. Goiânia, GO. 17 de abril de 2011.

Brasileiros viajando para a Irlanda. Disponível em: www.dfa.ie/home. Acesso: 21 de maio de 2010.

_____. **Brasileiros no mundo: estimativas**. Brasília, DF, 2009. 32 p.

BREAKING NEWS. Disponível em: www.breakingnews.ie/ireland. Acesso: 23 de novembro de 2011.

CADERNOS Adenauer, n.2, 2003.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional: 1965.

_____. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

CARVALHO, J. A. M. de. **O saldo dos fluxos migratórios internacionais no Brasil na década de 80: uma tentativa de estimativa**. In: PATARRA, N.L. (Coord). Migrações internacionais: herança XX, agenda XXI. Campinas: FNUAP, 1996. p. 227-38.

Carta aberta do SGEB à comunidade brasileira. Disponível em: www.brasileirosno mundo.mre.gov.br. Acesso em: 23 de agosto de 2011.

Central Statistics Office Ireland (CSO). Disponível em: <http://www.cso.ie/census 2006results.htm>. Acesso: 01 de junho de 2011.

CHAUL, Nasr F. **Goiás: da decadência à modernidade.** Ciências Humanas em Revista, Goiânia, n. 6, v.2, p. 11-26, 1995.

_____ **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade.** Goiânia, Ed. da UCG; Ed. da UFG, 1997.

CITIZENS INFORMATION. **Social partnership agreements.** Disponível em: www.citizens informations.ie/categories/government-ireland. Acesso: 01 de setembro de 2010.

CLIFFORD, James. MARCUS, George E. (eds). **Writting culture: the poetics and politics of ethnography.** Berkeley: University of Califórnia Press, 1986.

COMPARATO, Bruno Konder. **Muros da vergonha.** Revista Discutindo a Geografia. São Paulo, ano 3, n.15. p. 43 a 47, Agosto de 2009.

COSTA, Breno. **Irlanda barra e prende estudantes brasileiros.** Folha de São Paulo: 28 de março de 2008. Disponível em: www.folhauol.com.br/folha/cotidiano/folha. Acesso: 11 de maio de 2011.

CUNHA, Euclides. **Os sertões.** 35. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.

CUSACK, T. **A countryside bright with cosy homesteads: Irish nationalism and the cottage landscape.** In: National Identities, v, 13, n3, November, 2001, p.221-238.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DANTAS, Cláudio; VILLAMÉA, Luiza. **Chacina na Fronteira**. Revista Istoé. São Paulo, ano 34, n, 2129. p. 94, 95, Setembro de 2010.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE TRÂNSITO (DENATRAN). **Frota Municípios**. Disponível em: www.denatran.gov.br/frota.htm. Acesso: 22 de agosto de 2010.

DIAS, Juliana Vergueiro Gomes. **O rigor da morte: a construção simbólica do animal de açougue na produção industrial brasileira**. Dissertação (mestrado em antropologia social) Programa de pós-graduação em Antropologia Social. Universidade de Campinas, 2009.

DIEGUES JÚNIOR, Manoel. **O Centro-Oeste extrativista e pastoril**. In: Regiões culturais do Brasil. Rio de Janeiro: INEP, 1960.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

EMBAIXADA DA IRLANDA. **Ireland in brief**. Brasília, 2009, 49 p.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2007.

Espanha desarticula rede de prostituição de homens brasileiros. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias>. Acesso em: **31 de agosto de 2010**.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura global: Nacionalismo, globalização e modernidade**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais. Horizontes Antropológicos**. Revista do programa de pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS, Porto Alegre, n.31, p. 137-166, 2009.

_____. **Brazilians in Portugal, portuguese in Brazil: constructions of sameness and difference**. Identities: studies in politics and culture, v.4, n.4, p.607-650, 2001.

_____ALMEIDA, M. V.; BASTOS, C. **Trânsitos coloniais: Diálogos Críticos Luso-Brasileiros**. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. V. 1. 448 p.

_____CAPINHA, G. **Identidades: Estudos de Cultura e Poder**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2000. 175 p.

FERNANDES, Duval Magalhães. NUNAN, Carolina. **O imigrante brasileiro na Espanha perfil e situação de vida em Madri**. Trabalho submetido para seleção ao XVI Encontro Nacional de estudos populacionais – ABEP – Caxambu, 2008.

FERREIRA, Ademir Pacelli. **A psicanálise no terreno do outro**. In: FERREIRA, Ademir Pacelli. NETO, Helion Povoas. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

FLEISCHER, Soraya. **Passando a América à limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachussets**. São Paulo: Anablume, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro. LTC editora. 1978.

_____ **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GODINHO, Jávier. **O prefeito cai do cavalo**. Diário da Manhã, Goiânia, GO, 02 de outubro de 1995.

GROS, Daniela. **BBC Brasil**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/11/2011>.

GROS, Daniela. **BBC Brasil**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/11/09112>;

GUERIN, Pat. **Racism and the media in Ireland: setting the anti-immigration agenda**. In: LENTIN, Ronit. MCVEIGH, Robbie. Racism and anti-racism in Ireland. Belfast: Beyond the Pale, 2002.

GUIMARÃES, Adair José. **Revista Veja**, n, 1895, 09 de março de 2005. Seção Cartas.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

_____ **Quem precisa de identidade**. IN: SILVA, T. T. (ORG). Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2000.

HANNERZ, Ulf. **Cosmopolitas e locais na cultural global**. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura global: Nacionalismo, globalização e modernidade*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____ **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional**. Mana, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p.1-16, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das letras, 1999.

How many Irish people live abroad. Disponível em: www.ean.ie. Acesso: 03 de abril de 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Questionário 2010 – Censo**. Disponível em www.censo2010.ibge.gov/questionários.php. Acesso em: 21 de julho de 2010.

_____. **Censo 2010: mais da metade dos emigrantes brasileiros são mulheres**. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 16 de novembro de 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE) Madri, Espanha, s/d. Disponível em <http://www.ine.es>. Acesso: 25 de agosto de 2010.

Ireland Immigrant meat workers. Disponível em: <http://www.meattradenewsdaily.co.uk/news>. Acesso em: 20 de outubro de 2010.

JACKSON, J. A. **Migration.** London: Cambridge University Press, 1969. p. 60-73.

JANSEN, Clifford. **Some sociological aspects of migration.** In: JACKSON, J. A (ed.). *Migration.* London: Cambridge University Press, 1969. p. 60-73.

JENSEN, Richard. **No Irish need apply: a myth of victimization.** *Jornal of social history.* Baltimore, Maryland, EU, v. 36, n. 2, p. 405 – 429. December, 2002.

JORNAL CINCO DE OUTUBRO. **Caderno Cidades.** Goiânia, 16-23 out. 1995.

JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ. **Seção Cartas do Leitor.** Goiânia, 2 out. 1995.

_____ **Seção Cartas do Leitor.** Goiânia, 8 out. de 1995.

_____ **Seção Cartas do Leitor.** Goiânia, 14 out. 1995.

JORNAL DA IMPRENSA. **A marca da Goiânia.** Caderno de artigos. Goiânia, 7 out. 1995.

JORNAL OPÇÃO. **Somos Jecas, o leitor debate.** Goiânia, 6-14 out. 1995.

JORNAL O POPULAR. **Página principal.** Goiânia, 22 maio 1941.

_____ **Caderno 2,** artigos. Goiânia, 19 out. 1995.

JUNIOR, Suzuki. **Revista Rodeo Life.** São Paulo, 1993, p. 5.

Justiça brasileira é incompetente para julgar e processar ação fora do território brasileiro. Disponível em: www.direito.net.br. Acesso: 28 de abril de 2005.

KAWAMURA, L. **Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão.** 2.ed. rev. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

KINANE, Lia. **Compulsory Irishness**: *continuity and change in the Irish Rural Idyll*. *Conference proceedings: thinking gender*, 21, 22, June, 2006. University of Leeds, UK.

KING, Tara. **Locals refute claims of Brazilian crime**. The Galway Voice. 17 March, 2008.

KNEAFSEY, Moya. **Tourism and place identity: a case study in rural Ireland**. In: *Irish Geography*, v, 32, n2, p. 111-123. June, 1998.

LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Unesp, 1997.

Lei no Arizona almeja deter imigrantes ilegais. Disponível em: www.brasileirosnosestadosunidos.com Acesso em: 16 de setembro de 2010.

LENTIN, Ronit. MC Veigh, Robbie. (Org.). **Racism and Anti-Racism in Ireland**. Beyond the Pale Publications: Belfast, 2002.

LESSA, Antônio. *Jornal da Imprensa*, **Seção Cartas do Leitor**, Goiânia, GO, 07 de outubro de 1995..

LIMA, Nei Clara. **Os crespos do sertão**. *Revista O público e o privado*, v 4, n 7, Janeiro a junho de 2006, p. 151- 169.

_____. **Narrativas Oraís: uma poética da vida social**. Brasília: Editora da UNB, 2003.

LIMA, N. C.; SENA, C. S. **Regiões e regionalismos**. In: Ana Maria S. Moura, Nelson Sena Filho. *Cidades: relações de poder e cultura urbana*. Goiânia: Vieira, 2005, v., p. 35-48.

MADDEN, F.J.M. **Understand Irish History**. London: Bookpoint, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MACHADO, Abê. Jornal **O Diário da Manhã**, 20 de outubro de 1995.

MACHADO, Igor José de Renó. **Dentistas brasileiros em Portugal** (Entrevista). Comciencia Revista Eletrônica de Jornalismo, Campinas, v. 17, 2000.

_____. **Cárcere público**: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto. Campinas, 2003. Tese (Doutorado) PPGAS – Universidade Estadual de Campinas.

_____. **Imigração em Portugal**. Estudos Avançados. Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP, São Paulo, n.57, p.119 - 135, 2006.

_____. REIS, Ellen Saraiva. **Algumas conclusões acerca do fluxo de Valadarenses para Portugal**. Teoria & Pesquisa, v. 16, p. 153-166, 2007.

MAHER, Garret. **A transnational migrant circuit: remittances from Ireland to Brazil**. Irish Geography, v, 43, n, 2, July, 2010, p. 177-199.

MARANDOLA JR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. **Ser migrante**: implicações territoriais e existenciais da migração. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Vol. 27. No. 2. São Paulo: Julho e dezembro de 2010.

MARGOLIS, Máxime. **Little Brazil**. Princenton University Press, 1993.

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos**: um estudo sobre imigrantes em Massachussets. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MASSEY, Douglas. **Theories of international migration**: a review and appraisal. Population and development review. Vol. 19, n. 3. p. 431-466, 1993.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____ Sociologia e Antropologia. V. II, São Paulo, Edusp, 1974.

McDONALD, Henry. **Irish government to pay immigrants to go home.** In: *The observer*. Dublin, IE, p. 23, 15 nov, 2009.

McVEIGH, Robbie. Nick, **Nack, Paddywhack: anti-irish racism and the racialisation of irishness.** In: LENTIN, Ronit. MC Veigh, Robbie. (Org.). *Racism and Anti-Racism in Ireland*. Beyond the Pale Publications: Belfast, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York.** São Paulo: Parábola editorial, 2004.

MENGOZZI, Frederico. **Conversa com Maurren Bissiliat.** Disponível em: www.memorial.sp.gov.br/revistanossaamerica/21/port/64-brasilidade.htm. Acesso; 18 de novembro de 2011.

Mensagem do senhor presidente da República aos brasileiros que vivem no exterior. Disponível em: www.brasileirosnomundo.mre.gov.br. Acesso: 16 de setembro de 2010.

MENEZES, Cláudia. **A mudança: análise da ideologia de um grupo de migrantes.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MITCHELL, Christopher. **As recentes políticas de imigração dos Estados Unidos e seu provável impacto nos imigrantes brasileiros.** São Carlos: Edufscar, 2002.

NASCIMENTO, Solano. **A cidade goiana das espanholas.** Revista Veja, 02 de março de 2005. p. 52-53.

NAKAGAWA, K. Y. **Crianças envolvidas no movimento de kassegui.** São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em serviço social) – Pontifícia Universidade Católica.

NOGUEIRA, Néia. **Festa do peão de boiadeiro: onde o Brasil se encontra.** São Paulo, SP: Ícone, 1989.

NUNES, Heliane Prudente; FUNES, Antônio Eurípides. **Resenha: Goiás 1800-1850: um período de transição da mineração à agropecuária.** *Cadernos de Pesquisa do ICHL*, n. 3. Goiânia, GO, 1991. (Série Estudos Regionais).

OECD. **Economic Surveys Ireland 2008.** Paris: OECD publishing, 2008.

OLIVEIRA, A. T. R. de et al. **Notas sobre a migração internacional no Brasil na década de 80.** In: PATARRA, N.L. (Coord). *Migrações internacionais: herança XX, agenda XXI.* Campinas: FUNUAP, 1996. p. 239-57.

OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil- nação.** 2.ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2006.

_____ **A antropologia de grupos urbanos.** 6.ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 2007

_____ **De olho no dinheiro nos Estados Unidos.** *Revista Estudos Históricos*, Rio de janeiro, v. 15, 2001, p. 206- 235.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Relatório da comissão mundial sobre as migrações internacionais.** Lisboa, 2005, 86, p.

ORO, Ari Pedro. STEIL, Carlos. (Org.) **Religião e globalização.** Petrópolis: Vozes, 1997.

_____ **Imaginários religiosos e políticos na América Latina.** REB. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 282, p. 488-500, 2011.

_____ **Neopentecostalismo, dinheiro e magia.** In: *Anuário Antropologia social y cultural em Uruguay.* Montevideo: 2002, 2003. p. 202-214.

ORTIZ, Renato. **Modernidade-mundo e identidades.** In: *Um outro território. Ensaios sobre a mundialização.* São Paulo: Olho D'água. 2000.

PARK, Robert E. BURGESS, Ernest. MACKENZIE, Roderick. **The city**. Chicago: University of Chicago press, 1967.

PATARRA, Neide Lopes. **Migrações internacionais: teorias, políticas e movimento sociais**. Estudos Avançados. Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP, São Paulo, n.57, p. 7 a 24, 2006.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 1995.

PIORE, Michael J. **Birds of passage: migrant labor and industrial societies**. Cambridge, Mass., Cambridge University Press, 1979.

PIMENTEL, Sidney Valadares. **O chão é o limite: a festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão**. Brasília, DF, 1996. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de Brasília.

PORTES, Alejandro. BAROCZ, Józsej. **Contemporary immigration: theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation**. International migration review. Vol. 28. n. 3. p. 606-630, 1989.

POTTER, George. **To the golden door: the story of the Irish in Ireland and America**. Boston: Little, Brown & Co, 1960.

PRADO, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. 12. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1972.

Projeto Itamaraty Itinerante é lançado em colóquio promovido pelo NETP-GO. Disponível em: www.mpe.go.gov. Acesso: 15 de agosto de 2010.

RAMOS, Hugo de Carvalho. **O interior goyano**. In: *A informação goyana*, v.2, n.3, p.35-37, 1917.

_____. **Tropas e boiadas**. Goiânia, GO: Ed. UFG, 1998.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

RAVENSTEIN, Ernest G. **The laws of migration.** Journal of royal statistical society. Vol. 48, n. 2, p. 167-235, 1885.

REIS, Rossana Rocha. **Migrações:** caso norte-americano e francês. Estudos Avançados. Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP, São Paulo, n.57, p. 59-74, 2006.

REVISTA Brazil Etc. Londres, Março de 2009, p. 72.

REVISTA Valor Econômico. Disponível em: <http://www.abccriadores.com.br>. Acesso: 19 de julho de 2011.

RIBEIRO, Gustavo Lins. FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia e Poder.** São Paulo. Unicamp. 2003.

_____ **A condição da transnacionalidade.** Série Antropologia, Universidade de Brasília, n, 223. 1997.

_____. **Cultura e política no mundo contemporâneo.** Brasília: Editora da UNB, 2000.

_____ **Goiânia, Califórnia:** Vulnerabilidade, ambigüidade e cidadania transnacional. Série antropologia, Universidade de Brasília, n, 235, 1998.

RICARDO, Cassiano. **Marcha para o Oeste:** a influência da bandeira na formação social e política do Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

ROLL, Eric. **História das doutrinas econômicas.** 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1962, pp. 185 - 188.

ROLLEMBERG, Denise. **Quando o real escapa pelos horizontes:** exilados, estrangeiros, apátridas. In: NETO, Hélio Pova. FERREIRA, Ademir Pacelli (org). Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROTH, J. H. **Brokered Homeland: japanese brazilian migrants in Japan**. Cornell University Press, 2002.

SAHLINS, Marshal. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SÁ, Maria José. **Goianos deportados driblam a imigração**. Disponível em: <http://www.mp.go.gov.br>. Acesso: 17 de março de 2011.

SALES, Teresa. **ONGS brasileiras em Boston**. Estudos Avançados. Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP, São Paulo, n.57, p. 75-91, 2006.

_____ **Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA**. In: Cenas do Brasil Migrante. São Paulo: Boitempo editorial, 1999.

SANDES, Noé Freire; RIBEIRO, José Eustáquio. **O estrangeiro**. Cadernos de Pesquisa do ICHL, Goiânia, n. 3, GO: 1991. (Série Estudos Regionais).

SASAKI, E. M. **Movimento de kassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão**. In: REIS, R R. SALES, T. (org.) Cenas do Brasil migrante. São Paulo: Boitempo, 1999. p.243 -274.

_____ **A imigração para o Japão**. Estudos Avançados. Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP, São Paulo, n.57, p.99 – 117, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. **A migração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da USP, 1998.

SCHILLER, N.G. FOURON, G. **Laços de Sangue: os fundamentos raciais do Estado-nação transnacional**. Revista Crítica de Ciências Sociais. No. 48, 1997, p. 33-66.

SEGALLA, Vinícius. **O Porto de Goiás**. Revista Veja especial cidades médias, São Paulo, edição 2180, n. 45, ano 43, p. 103, 01 de setembro de 2010.

SENA, Custódia Selma. **Regionalismos e sociabilidades**. Revista o Olho da História. N.14, 2010, p.1-17.

_____. **Interpretações dualistas do Brasil**. Goiânia: Editora da UFG, 2003.

Secretaria de planejamento do estado de Goiás (SEPLAN). **Assuntos Internacionais: objetivos e competências**. Disponível em: www.seplan.gov.br. Acesso: 16 de agosto de 2010.

SILVA, Evisio. **Revista Veja**, n, 1895, 09 de março de 2005. Seção Cartas.

SILVA, S. A. **Costurando sonhos**. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.

SILVA, Reijane Pinheiro da. **Aqui o sistema é bruto: o movimento country e a identidade goiana**. Goiânia, GO, 2001. Dissertação de mestrado em sociologia. Programa de Pós Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Goiás.

SILVA, Rosimar. Jornal **O Diário da Manhã**, Goiânia, GO, 08 de outubro de 1995.

SOUZA, Ana Carolina de. Jornal **O popular**, 19 de outubro de 1995, Caderno2, artigos.

SPRANDEL, Márcia Anita. **Brasileiros na fronteira com o Paraguai**. Estudos Avançados. Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP, São Paulo, n.57, p. 137-156, 2006.

STRAVIANOS, L.S. **The global redistribution of man**. In: SCOTT, F.D. (Org.) World migration in modern times. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1968.

SWEENEY, Paul. **O processo de reforma econômica da Irlanda – obstáculos e realizações.** In: Reformas das políticas econômicas: experiências e alternativas.

THOMAS, William. ZNANIECKI, Florian. **The polish peasant in Europe and América.** Chicago: University of Illinois Press, 1918 (1.ed), 1984 .

TOCQUEVILLE, Alexis. **Viagens à Inglaterra e à Irlanda.** São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

TORRESAN, Ângela Maria de Souza. **Quem Parte e Quem Fica:** Uma Etnografia sobre Imigrantes Brasileiros em Londres. Dissertação de mestrado- UFRJ. Rio de Janeiro 1994.

TUCANO, Marcos. **Tiro no cotovelo.** Diário da Manhã, Goiânia, GO, 18 de outubro de 1995.

VELHO, Otávio. **O cativo da Besta-Fera.** In: Besta-Fera: recriação do mundo. Ensaio de crítica antropológica. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 1995.

VIALLES, Noélie. 1987. **Le sang et la chair, les abattoirs du pays de l'Adour.** Éd. de la Maison des Sciences de l'Homme, Ministère de la Culture et de la Communication, Direct;

VICENTINI, Albertina. **O sertão e a literatura. Sociedade e Cultura.** Goiânia, v. 1, n. 1. Jan./jun. 1998.

_____**O regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos.** Goiânia, GO: Editora da UFG, 1997.

VIDAL, Marcelo de Oliveira. **Emigrantes brasileiros na Espanha:** fluxos, políticas e implicações sociais. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em estudos de populações. Escola Nacional de ciências estatísticas. Rio de Janeiro, 2009.

VILA, Pablo. **Border identifications:** *narratives of religion, gender, and class on the U.S. México Border*. Austin, TX: University of Texas press, 2005.

Weekend Festival Brings samba flavour of Brazil to Gort. The Connacht Tribune. Galway, 10 de junho de 2011, p. 21.